# ATIVIDADES DE AVENTURA NO CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA (CBAA) E NO CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA (CIAA)

LEL – LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO LAZER

Foto: A Árvore, o Espinhaço e a Via Láctea

Local: Serra do Espinhaço entre Diamantina e São Gonçalo do Rio das Pedras

Data: 03/07/2019

Autor: Vinicius Dias Wilson

Instagram - https://www.instagram.com/V_W_Photos/

**ANA PAULA EVARISTO GUIZARDE TEODORO**

**GISELLE HELENA TAVARES**

**LEONARDO MADEIRA PEREIRA**

**JOSÉ PEDRO SCARPEL PACHECO**

**TIAGO AQUINO DA COSTA E SILVA**

**GISELE MARIA SCHWARTZ**

# ATIVIDADES DE AVENTURA NO CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA (CBAA) E CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA (CIAA)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Atividades de aventura no Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA) e Congresso Internacional de Atividades de Aventura (CIAA) [livro eletrônico] / Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro...[et al.]. -- São Paulo : Editora Supimpa, 2020.
PDF

Outros autores: Giselle Helena Tavares, Leonardo Madeira Pereira, José Pedro Scarpel Pacheco, Tiago Aquino da Costa e Silva, Gisele Maria Schwartz
ISBN 978-65-87625-00-3

1. Congressos 2. Educação 3. Educação física 4. Esportes radicais 5. Lazer 6. Saúde I. Teodoro, Ana Paula Evaristo Guizarde. II. Tavares, Giselle Helena. III. Pereira, Leonardo Madeira. IV. Pacheco, José Pedro Scarpel. V. Silva, Tiago Aquino da Costa. VI. Schwartz, Gisele Maria.

20-37075 CDD-796.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Congressos : Atividades de aventura : Esportes 796.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

**UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI – UFVJM**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - FCBS**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEFI**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

**INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS/DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**LEL – LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO LAZER**

# ANAIS

## 11º ENCONTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFVJM

## 10º CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA

## 4º CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA

## 10º EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA

## + 17 CAPÍTULOS SOBRE ATIVIDADES DE AVENTURA DE CONVIDADOS ESPECIAIS

## ORGANIZAÇÃO GERAL

LEL – Laboratório de Estudos do Lazer, Departamento de Educação Física/IB/UNESP– Rio Claro/SP

DEFI – Departamento de Educação Física, FCBS/UFVJM – Diamantina/MG

DEL – Divisão de Esportes e Lazer – Pro Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis/UFVJM

## PRESIDÊNCIA

Dr. Leonardo Madeira Pereira – Presidente - UFVJM

Dra. Gisele Maria Schwartz – Vice-Presidente - UNESP

## SECRETARIA

Dra. Hilton Fabiano Boaventura Serejo - UFVJM

## DIVULGAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Drd. Juliana de Paula Figueiredo - UDESC

## INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA

Dr. Marco Fabrício Dias Peixoto - UFVJM

## EVENTOS CULTURAIS E CERIMONIAL

Drd. Juliana Nogueira Pontes Nobre - UFVJM

## FINANÇAS E PATROCÍNIOS

Ms. Rony Carlos Las Casas Rodrigues - UFVJM

## COMITÊ CIENTÍFICO

Ms. Amanda Mayara do Nascimento-Cardoso - UEMG/CEMES

Dra. Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro - UNESP

Drd. Cintia Regina de Fátima - UFVJM

Dra. Claudia Mara Niquini - UFVJM

Drd. Elisangela Gisele do Carmo - UNESP

Dr. Flávio de Castro Magalhães - UFVJM

Dra. Giselle Helena Tavares - UFU

Ms. José Pedro Scarpel Pacheco - UNESP

Drd. Juliana de Paula Figueiredo - UDESC

Drd. Juliana Nogueira Pontes Nobre - UFVJM

Dr. Leonardo Madeira Pereira - UFVJM

Dra. Marília Martins Bandeira - UFJF-GV

Drd. Nara Heloisa Rodrigues - UNESP

Drd. Priscila Regina Lopes - UFVJM

Drd. Raiana Lídice Mor Fukushima - UNESP

Dr. Raoni Perrucci Toledo Machado - UFLA

Drd. Renata Laudares Silva - UNESP

Dr. Vinicius Dias Wilson - UFVJM

Dra. Viviane Kawano Dias - UNIJALES

## TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS

Emerson André Nogueira - UFVJM

Eufrosina Ribeiro Lopes da Silva - UFVJM

Gilton de Jesus Gomes - UFVJM

Patrícia de Fátima Batista – UFVJM

## DISCENTES

Alice Cunha Gonçalves - UFVJM

Allan Silva Aguiar - UFVJM

Gabriel Tameirão Fonseca - UFVJM

Jesse Pereira da Silva Gonçalves - UFVJM

Jessica Fernanda de Oliveira - UFVJM

Jhonathan Rocha Andrade - UFVJM

Julia Alves de Andrade - UFVJM

Matheus Augusto de Assis Gonçalves - UFVJM

Marcus Vinicius Baracho Santos Araujo - UFVJM

Messias Machado Viana - UFVJM

Nicolly Meira dos Santos – UFVJM

# SUMÁRIO


| | | |
|---|---|---|
| **1.** | **PARTE 1 – EVENTO PRESENCIAL** | **10** |
| 1.1 | Apresentação | 11 |
| 1.2 | Programação | 12 |
| 1.3 | Mini currículos dos Convidados e Palestrantes | 14 |
| 1.4 | Comunicações Orais | 17 |
| 1.5 | Pôsteres | 47 |
| **2.** | **PARTE 2 – EVENTO ONLINE** | **121** |
| 2.1 | Apresentação | 122 |
| 2.2 | Programação | 123 |
| 2.3 | Mini currículos dos Convidados e Palestrantes | 126 |
| 2.4 | Comunicações Orais Online | 131 |
| **3.** | **PARTE 3 - CAPÍTULOS REFERENTES AOS ESTUDOS PARTICIPANTES** | **193** |
| **4.** | **PARTE 4 - DEPOIMENTOS** | **287** |

# PARTE 1

# EVENTO PRESENCIAL

## 11º ENCONTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFVJM

## 10º CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA

## 4º CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA

## 7 A 10 DE NOVEMBRO DE 2018

## DIAMANTINA - MG

## 1.1. APRESENTAÇÃO

O 11º Encontro de Educação Física da UFVJM, evento científico e cultural promovido pelo Departamento de Educação Física da UFVJM, em 2018, ocorreu concomitantemente ao 10º Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA) e 4º Congresso Internacional de Atividades de Aventura (CIAA). O tema "Aventura e Saúde: Desafios e Possibilidades" foi discutido de 7 a 9 de novembro de 2018, no campus JK da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri em Diamantina-MG. O principal objetivo do evento é apresentar e debater o conhecimento da Educação Física na região, estimulando o intercâmbio acadêmico-científico e pedagógico em seus diferentes campos de atuação e discutir a temática da aventura na natureza como proposta pedagógica para a educação, o lazer e a saúde. Durante este período a cidade recebeu acadêmicos de diversos Estados do Brasil, tais como SP, RJ, MG, PA, ES, RS, e de diferentes Instituições de Ensino Superior, públicas e privadas. Como referência, a palestra de abertura contou com transmissão ao vivo pela internet, e o evento contou com oficinas, minicursos, mesas redondas e apresentações de trabalhos que movimentou a cidade de Diamantina e deixou um legado, a inserção das atividades de aventura nas escolas, a sua consolidação no turismo local e no lazer regional.

## 1.2. PROGRAMAÇÃO

| Horário | Atividade/ Descrição |
|---|---|
| Quarta-Feira – 07/11/2018 – Campus JK – Departamento de Educação Física | |
| 8h00 - 19h00 | ATIVIDADE PRÉ-CONGRESSO<br><br>Credenciamentos Pré-congresso |
| 8h00 - 18h00 | Curso Práticas de Aventura na Escola –<br>Prof. Igor Armbrust (30 vagas)<br>Sala 330 e Ginásio Poliesportivo |
| Quinta-Feira – 08/11/2018 | |
| 8h00 às 16h00<br><br>Dia Livre | Vivências de atividades de aventura na região de Diamantina - Escalada em rocha e Trekking<br><br>Parque Estadual do Biribiri |
| 17h00 às 18h30 | Abertura da Secretaria e Credenciamentos<br><br>Anfiteatro do Campus 1 |
| 18h30 às 19h00 | Solenidade de Abertura e recepção aos convidados |
| 19h00 às 20h30 | Palestra Magna: Gisele Maria Schwartz – UNESP-RC |
| 19h30 às 20h00 | Bate papo com palestrante e discussão |
| 20h00 às 20h10 | Apresentação cultural |
| 20h30 às 21h30 | Palestra: Fúlvio Rodrigues Valeriano - FAB |
| 21h30 às 22h00 | Bate papo com palestrante e discussão |

| | |
|---|---|
| A partir de 22h00 | Confraternização no Centro Histórico |
| Sexta-feira – 09/11/2018 – Campus JK pela manhã e Campus 1 a tarde | |
| 8h00 às 12h00 | Minicursos<br><br>Treinamento funcional para escalada – Rafael Tuller Ramalho – Terra de Gigantes (40 vagas)<br><br>Avaliação e prescrição do Treinamento no Mountain Bike - Sidney José Costa – PMMG (40 vagas)<br><br>Corrida de Aventura: Logística e Estratégias – Fúlvio Rodrigues Valeriano – FAB |
| 12h00 às 14h00 | Intervalo para almoço |
| 14h00 às 16h00<br><br>Campus 1 | Mesa Redonda<br><br>Escalada: Fisiologia e Treinamento<br><br>Dr. Vinicius Dias Wilson – UVJM – 14h00 às 14h40<br><br>Drd. Edgardo Alvares Campos de Abreu – UFMG – 14h40 às 15h20<br><br>15h20 – 16h00 Discussão |
| 16h00 às 18h00 | Apresentações presenciais de Trabalhos<br><br>16h15 as 17h15 – Orais<br><br>17h15 as 18h00 - Pôsteres |
| 18h00 às 19h00 | Coffee Break |
| 19h00 às 20h00 | Palestra Internacional – Dr. Aymeric Valentin Gaurat – FRA |
| 20h00 às 20h30 | Discussão |
| 20h30 às 21h00 | Homenagens e Encerramento Oficial |
| A partir de 21h00 | Confraternização no Centro Histórico |

## 1.3. MINICURRÍCULOS DOS CONVIDADOS E PALESTRANTES

**Gisele Maria Schwartz** - Licenciada em Educação Física pela Universidade de São Paulo (1975), Mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (1991), Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (1997) e Livre Docente em Atividades Expressivas pela Universidade Estadual Paulista (2004). Pós-Doutorado na Université du Québec à Trois-Rivières-Canadá (2011). Visiting Fellow na University of Birmingham-Reino Unido (2013), Estágio Senior/CAPES - Universidade de Lisboa - Portugal (2016). Professor Adjunto na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, com atuação no Programa de Pós-graduação em Ciências da Motricidade, linha de pesquisa Educação Física, Esporte e Lazer e no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, linha de pesquisa Tecnologias, Corpo e Cultura, atuando, principalmente, com os seguintes temas: psicologia do lazer, atividades de aventura, ambiente virtual, e-tourism, eSports, educação física, atitude e conduta lúdicas, gestão do esporte, gestão da informação sobre lazer. Coordenadora do LEL - Laboratório de Estudos do Lazer.

**Vinicius Dias Wilson** - Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Especialização em Treinamento Esportivo pela UFMG. Mestrado em Biologia Integrada ao Exercício e Movimento pela Université de Paris XIII (Paris) Mestrado em Respostas Biológicas ao Exercício pela Université Devry Val Dessonne (Evry), França. Doutorado (PhD) em Biologia e Saúde na Escola de Medicina da Université de Montpellier, França. Professor Visitante da DEL/PROACE com experiencia Escalada em Rocha, Treinamento Esportivo e Fisiologia do Exercício.

**Edgardo Alvares Campos de Abreu** - Graduado em Educação Física pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (2005) e mestre em Ciências do Esporte pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014). Atua desde 2008 como treinador e preparador físico de escalada esportiva. Atualmente é doutorando na UFMG, membro da Sociedade Brasileira de Biomecânica e da International Rock Climbing Research Association.

**Fúlvio Rodrigues Valeriano -** Mestre em Psicologia - 2011 (UFSJ), Especialista em Treinamento Esportivo - 2005 (UFMG), Bacharel em Educação Física – 1998 (UFV) e Licenciado em Educação Física – 1998 (UFV).

Tenente da Força Aérea Brasileira com especialidade em Educação Física. Coordenador do curso de Educação Física UNIPAC / NEVES (2005 a 2008). Organizador da Primeira Corrida de Aventura na cidade de Diamantina, realizada nos dias 3 e 4 de Maio de 2008, Biker Minas nas Trilhas do Diamante - Diamantina Organizador da Corrida de Aventura na cidade de São João Del Rei e Tiradentes realizada nos dias 18, 19, 20 e 21 de Abril de 2009. Organizador de Corridas do Esporte Orientação Pedestre e Moutain Bike. Traçador de Percursos e Árbitro pela Confederação Brasileira de Orientação. Presidente do Conselho de Arbitragem da Federação Mineira de Orientação na gestão 2009/2010. Treinador do Esporte Orientação Pedestres da Equipe da Academia de Polícia Militar do Estado de Minas Gerais no período de 2011 e 2012. Professor do Curso de Formação de Oficiais no período de 2011 a 2013. Participação no programa Globo Esporte em Julho de 2003 no quadro: Aventuras no Cipó como integrante da Equipe Tabuleiro; classificada em Segundo lugar entre 05 equipes. Aprovado em quarta colocação no concurso público para Professor Adjunto ou Assistente na UFVJM, edital Nº 147 de 23 de Agosto de 2010. Aprovado em concurso público de Provas e Títulos para provimento de Cargos na Área da Educação (Educação Física), regidos pelo edital 01/2001, publicado em 12 de junho de 2001, para o cargo de professor nível 3 e nível 05 da Capital e da Região Metropolitana de Belo Horizonte / MG.

**Igor Armbrust** - Graduado em Educação Física (Uninove-2005), com Especialização em Ciências Aplicadas aos Esportes de Prancha (Unimonte-2008). Mestrado em Educação Física: Educação Física, Escola e Sociedade (USJT-2011). Leciona em pós-graduações e conteúdo de Práticas Corporais Alternativas; Atividades e Esportes de Aventura; Psicologia da Aprendizagem e do Esporte; Lutas e Didática (FMU e Estácio de Sá). Coordena eventos de Esportes de Aventura nos âmbitos do lazer, da educação e treinamento empresarial. Realiza Consultorias Educacionais. Trabalhou no Instituto Esporte e Educação com formação de professores e gestores na temática do Esporte Educacional pelo Brasil. Foi Consultor Esportivo pela UNESCO em parceria com a Secretaria Municipal de Esporte de São Paulo e desenvolveu material didático de Educação Física para os Anos Iniciais para a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (CEFAI - SEE - 2016).

**Rafael Tuller Ramalho** - Graduado em Educação Física, sócio proprietário da T*erra de Gigantes Esporte e Natureza*, Especialista em Socorro e resgate em áreas remotas National Outdoor Leardship School - NOLS. Condutor de atividade de aventura com cursos da ABETA.

**Sidney José Costa** - Possui graduação em Educação Física e em Nutrição pela UFVJM com especialização em Treinamento Esportivo. Atleta de Mountain bike, de corrida de aventura e corrida em trilha.

**Aymeric Valentin Gaurat** - Formado na área de engenharia mecânica em uma faculdade especializada em automóvel e transportes. Treinado para realizar todos tipos de trabalhos em desenho técnico até mesmo de outras áreas. Possui conhecimentos avançados em dinâmica do veículo e suspensão, devido ao seminário que fez com o OptimumG. Também participou do desafio Fórmula Student na Europa, com experiência em chassis. Após concluir a graduação, teve uma primeira experiência de desenhista na PSA Motorsports. Nessa empresa, teve a oportunidade de trabalhar com uma equipe de engenheiros experientes em um Rally. Depois dessa experiência, teve interesse em melhorar sua capacidade de dirigir grupos e com isso, foi gerente de projetos de uma divisão do grupo PSA Peugeot Citroën. Com uma visão geral, atualmente, possui uma boa experiência na concepção, no desenho e na gestão de projetos.

# 1.4. COMUNICAÇÕES ORAIS

## COMUNICAÇÃO ORAL 1

### BUNGY JUMP NA NOVA ZELÂNDIA LAZER NA OCEANIA

Marlon Teodoro Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: teodoroufmg@yahoo.com.br

Este trabalho consiste num relato de experiência sobre a atividade física de aventura Bungy Jump em Queenstown na Nova Zelândia. Pude vivenciar diferentes experiências ao comprar esse produto e quero mostrar o meu olhar sobre a maneira com que esse serviço é vendido.

Não quero transmitir uma visão puramente mercadológica dessa experiência, mas sim dialogar numa perspectiva crítica que promovam reflexões sobre a atuação no campo do lazer. Acredito que entender novas culturas amplia o nosso olhar como pensadores críticos durante a atuação profissional. Entendo que esse conteúdo serve como complemento para ampliar o nosso universo cultural sobre essas práticas.

O Bungy Jump, como é conhecido hoje, foi inspirado em um ritual milenar praticado pelos nativos da ilha de Pentecostes em Vanuatu. Para comemorar a colheita do inhame, eles saltam de uma altura de aproximadamente 30 metros com um cipó amarrado no tornozelo. Um jornalista da National Geographic chamado Alan John Hackett ao presenciar esse ritual decidiu reproduzi-lo de maneira que outras pessoas pudessem praticá-lo de maneira recreativa. Após vários anos de estudo, ele construiu um modelo experimental e em 1987 ele executou um salto da torre Eiffiel. Esse feito ganhou notoriedade mundial e foi o início daquilo que conhecemos hoje como Bungy Jump[1].

O primeiro lugar no mundo onde se praticou essa modalidade foi na Nova Zelândia e por alguns anos os neozelandeses detinham o recorde de maior Bungy Jump do mundo (Nevis Bungy tem 134 metros de

[1] Disponível em: http: <http://nzhistory.govt.nz/page/aj-hackett-bungy-jumps-eiffel-tower>
Acesso em: 12/07/2018

queda)[2]. Apesar desse recorde ter sido superado pela África do Sul, 216 metros[3], e pela China, 233 metros[4], a Nova Zelândia ainda é a principal referência em Bungy no mundo.

Hackett decidiu criar uma empresa para atuar com Atividades Físicas de Aventura na Natureza. A empresa A.J. Hackett Bungy oferece três tipos de serviço e eles estão bem definidos no website oficial. O acesso ao website é muito simples e ao selecionar a aba destinada ao Bungy Jump, é possível ver quais são as possibilidades disponíveis em diversas cidades da Nova Zelândia. Vale a pena ressaltar que todas as informações disponíveis no site podem ser adquiridas diretamente nos locais físicos onde estão as sedes. Os valores desse produto podem variar entre 165 e 275 dólares. Existem pacotes promocionais que reduzem o valor inicial e, além disso, serviços paralelos são vendidos como: Filmagens, fotos e brindes extras. Dentro do pacote básico existe: Seguro, transporte, brinde e certificado.

Conforme dito antes, o site oficial possui uma linguagem simples e o seu acesso é bastante fácil mesmo para quem não domina muito bem o idioma inglês. As informações estão muito claras e o sistema de marketing é bastante sedutor. Os idiomas disponíveis no site são inglês e mandarim, entretanto existem funcionários de diversas nacionalidades para atender clientes de diversos países.

A loja física é um espaço gigantesco. Além de ter uma loja de souvenir, eles permitem que outras empresas concorrentes montem quiosques no mesmo ambiente. Logo percebi que as relações de concorrência estabelecidas entre as empresas que oferecem o mesmo serviço são diferentes das que eu já presenciei no Brasil.

A primeira impressão que se tem ao chegar no local é que o espaço da empresa é um universo de possibilidades para aventurar-se. A música ambiente é contagiante e os vídeos promocionais seduzem muitos clientes e transeuntes. Diversos funcionários circulam entre as pessoas para bater papo informal, pois eles não tentam seduzir e sugerir a compra de nenhum produto. Como todos os funcionários estão aparentemente felizes e receptivos, os clientes que estão no ambiente fazem as abordagens e não o contrário.

[2] Disponível em: http: <http://www.estudenovazelandia.com.br/bungy-jump/nevis-bungy-jump> Acesso em: 12/07/2018

[3] Disponível em: <http://www.amandaviaja.com.br/africa-sul-bungee-jump> Acesso em: 12/07/2018

[4] Disponível em: <https://www.macautower.com.mo/tower-adventure/tower-adventure/bungy-jump> Acesso em: 12/07/2018

Muitas empresas que possuem quiosques no mesmo local se beneficiam das pessoas que estão lá apenas para a prática do Bungy, pois eles acabam atraindo esses aventureiros para praticar outras modalidades. Digo isso porque foi o que aconteceu comigo.

Ao efetuar o meu cadastro para executar o salto, um funcionário solicitou diversas informações. Assinei o contrato, o termo de responsabilidade e, além disso, aferiram o meu peso e me forneceram um número que foi escrito em minha mão. Enquanto esperava o transporte em uma sala bastante confortável, assistia vídeos promocionais de outros serviços prestados pela mesma empresa. Esses vídeos foram construídos para seduzir os telespectadores de maneira bem sutil. Uma propaganda perfeita sobre as vantagens de consumir outras atividades oferecidas.

Ao receber a informação de que o transporte chegou, fomos ao ônibus. Era um veículo poderoso. Uma espécie de Jeep em forma de ônibus. Ao ver aquele "tanque de guerra" pensei que passaria por diversos lugares de difícil acesso, pois aquilo não era um veículo comum, entretanto observei que o deslocamento se passou por rodovias comuns e estradas de terra bem conservadas. Percebesse ali mais uma estratégia de marketing já que um veículo comum atenderia aquela demanda.

Dentro do ônibus foi divulgado mais um vídeo sobre a história do Bungy e o criador da empresa. Ao chegar no local do salto, formos recebidos por vários funcionários. A empresa conta com um sistema parecido com o que conhecemos como: intranet[5]. Isso porque todas as informações tinham sido transmitidas antes de chegarmos ao local do salto. Os dados foram reconferidos, o número confirmado e o peso novamente aferido. Nesse local havia uma lanchonete bem convidativa e outra loja de souvenir com produtos diferentes dos vistos na primeira loja. Novamente pude perceber um ambiente extremamente agradável com uma música ambiente que convida a se entregar aos esportes de aventura. Existe uma espécie de sala de star voltada para a janela onde é possível ver os saltos de Bungy e a prática de outra modalidade parecida com uma gangorra gigante (Swing - a maior gangorra do mundo). Muito me impressionou as estratégias de marketing adotadas para incentivar o consumo de maneira indireta. Isso porque em nenhum momento os funcionários ofereceram nada, porém os praticantes compravam e consumiam tudo como se estivessem embalados pela atmosfera local.

Ao me deslocar de bondinho para o salto, os funcionários que me receberam numa cabine e já sabiam todas as minhas informações. Novamente percebi uma música bastante motivadora em um ambiente alegre.

[5] É uma rede local de computadores circunscrita aos limites internos de uma instituição na qual são utilizados os mesmos programas e protocolos de comunicação empregados na Internet.

Eles pareciam ter sido treinados para tirar o medo das pessoas. O conhecimento técnico sobre práticas verticais era evidente em todos que estavam envolvidos nos procedimentos de segurança. Digo isso porque prático escalada e outras atividades inerentes às AFANS[6]. O fato de estar envolvido diretamente com atividades físicas de aventura na natureza me faz ser bastante crítico quando compro algum serviço e naquele ambiente me senti confortável, pois era claro perceber a maestria dos profissionais envolvidos no processo do salto.

Após o salto retornei para a sala de espera e todos os vídeos tinham sido editados por uma equipe profissional. Fiquei impressionado, pois mesmo que não havia solicitado esse serviço, pode ver o resultado das imagens. Muitas pessoas mudaram de ideia e decidiram comprar após ver o produto concluído. E caso alguém decida comprar as imagens em um momento futuro, basta encaminhar um E-mail fornecendo a data do salto e o respectivo número. Eles conseguem localizar os arquivos e efetuar a venda.

Outro fato surpreendente foi quando recebi um certificado de conclusão do salto ao final do processo. Tudo isso é feito de maneira harmoniosa durante uma rotatividade grande de clientes, pois as pessoas não param de chegar. Apesar de muitas pessoas estarem circulando o ambiente, o processo do salto é bastante rápido e isso não gera ociosidade durante a espera.

Essa vivência me apresentou outros olhares sobre a atuação profissional com atividades físicas de aventura. Ao contrário do que já tinha visto, lá observei empresas concorrentes trabalhando juntas. Fiquei muito surpreso ao ver uma empresa "X" fazendo propaganda e vendendo produtos para a empresa concorrente "Y". Ao ver vendedores que não fazem o papel de convencer o cliente de maneira direta também fiquei surpreso.

Entendo que recortar esse modelo de trabalho e tentar reproduzi-lo no Brasil não seria uma maneira interessante de entender esse relato de experiência. Entretanto refletir sobre essa diferente realidade e absorver alguns elementos como complemento daquilo que já existe aqui pode ser uma alternativa interessante para aqueles que trabalham com atividades físicas de aventura.

[6] Todas essas polêmicas e controvérsias remetem-nos a um termo cunhado por Javier Olivera Betran (2003), e que tem sido largamente aceito e utilizado, que é o conceito de "Atividades Físicas de Aventura na Natureza" sintetizados na sigla: AFAN. DIAS, C. A. Notas conceituais sobre os esportes na natureza, 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd114/notas-conceituais-sobre-os-esportes-na-natureza.htm>. Acesso em: 12/07/2018.

# COMUNICAÇÃO ORAL 2

## A REPRESENTAÇÃO DO ESPORTE DE AVENTURA NO CANAL OFF

Marcelo Faria Porretti; Monique Ribeiro De Assis

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

(CEFET/RJ)

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE-UERJ), Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: marceloporretti@gmail.com

**INTRODUÇÃO**

A atualidade, a globalização, o pós-moderno também envolve as imagens e concepções que as mídias nos oferecem, em que a mídia televisiva de canais por assinatura procura dirigir ao telespectador valores e representações de uma cultura midiática do bem, da valorização a natureza, da sustentabilidade, da promoção da saúde e culto ao corpo. As mídias buscam um espectador/consumidor cada vez mais específico, involuntariamente prestigiasse a uma mídia social, onde os lucros são consideráveis (NETO, 2006).

Betti (2003, p.96) descreve que “a escola deve tornar-se explícita e intencionalmente, mais um contexto de mediação que se interpõe entre alunos e as mídias”. Desta forma, devemos estabelecer um diálogo entre escola/educação física entendendo os sentidos da cultura corporal do movimento, que na contemporaneidade encontra-se influenciada pela perspectiva do que Bauman (2001) chama de modernidade líquida, em que as modificações de ideias e ideais são atropeladas pela velocidade de informações que nós estamos sendo submetidos a cada dia, a cada avanço tecnológico e sobre influência da mídia (BAUMAN, 2001).

Neto (2006) fala que a mídia comportasse de maneira profissional, com calendários previamente estabelecidos, critérios avaliados e estratégias de marketing muito bem definidas. Como diz o autor, o marketing do “faz bem” agrega a iniciativa privada e fidelizam seus consumidores, o que é chamado de “mídia social” especificamente atrai investimentos significativos. Neto (2006) narra que:

> está oficializada aí uma nova categoria editorial de programas e canais de comunicação fundamentos nas diversas plataformas sociais que objetivam gerar recursos para neutralizar as carências e a dor de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos portadores de deficiências diversas. Uma categoria que contempla editorialmente os diversos programas sociais e que, acima de tudo, reflete o interesse da própria população consumidora brasileira. (NETO, 2006, p.39).

Neste cenário descrito e previamente analisado em dezembro de 2011 surge na TV por assinatura um canal de esportes de aventura, o CANAL OFF, lançado pela Globosat, subsidiária da Rede Globo, desenvolvendo uma programação de esportes de aventura junto a natureza. Os esportes de aventura apresentados pelo canal trazem modalidades no ar, terra e água. Sendo o público alvo citado pelo site do canal, os jovens e adultos. O Canal OFF é disponibilizado através de sinal digital (SD) e *High Definition* (HD) pelas principais operadoras de televisão paga do Brasil, o slogan do Canal é sonhe, explore e descubra.

Este Canal irá configurar nosso objeto de estudo, em que, sabendo da influência da mídia na formação da opinião pública, associando os esportes de aventura e o desenvolvimento sustentável o Canal desenvolveu um vídeo de duração aproximada de 2 minutos, que foi ao ar durante o ano de 2015, duas a três vezes por dia. Exibido em formato de pílulas (segundo a programação do canal), estes vídeos relatam histórias de pessoas que desenvolviam atitudes transformadoras conectadas a preservação do meio ambiente, estilos de vida ativos e saudáveis, segundo o diretor do canal. O Coletivo OFF (nome do programa) se propôs a mostrar que se cada indivíduo fizer a sua parte a diferença será benéfica ao coletivo.

O Coletivo OFF pode se enquadrar no que Neto (2006) chama de mídia social, porém, nossa pesquisa debruça-se em investigar como se dá as relações entre a mídia e a prática de atividades físicas junto a natureza, identificando aspectos sociais e políticos veiculados pelo programa. Para isto, pretendemos analisar alguns vídeos do Canal OFF e um grupo de informantes composto por uma população jovem.

Paralelamente a estas questões as Escolas de Educação Física por todo o país durante a última década começaram a desenvolver disciplinas ligadas ao esporte de aventura ou radicais. Na educação física brasileira um dos primeiros autores a se debruçar sobre os estudos dos esportes radicais foi Uvinha (2001), em que descreve que por conta das mídias recebemos os primeiros contatos com estes esportes, e por conta disso a população de crianças e jovens foram as mais influenciadas.

Considerando o papel da mídia como formadora de opinião e detentora de informações utilizadas para gerar maior audiência e fidelização de seus espectadores (NETO, 2006); seu arcabouço cinematográfico pode ser capaz de valorizar e robustecer determinados status e performances em detrimento de questões políticas e sociais que se apresentam no cotidiano da população, influenciando o pensamento na realização das práticas de atividades físicas junto à natureza. A educação física pode apropriar-se desta temática como área de conhecimento que desenvolve a cultura corporal do movimento, refletida em uma população jovem.

**JUSTIFICATIVA**

Esse estudo tem sua significância em procurar compreender e investigar as abordagens midiáticas relativas aos sentidos atribuídos à prática de atividades físicas junto à natureza, onde se constata que ainda são poucos os estudos relativos a esta temática abordando a educação física (CÂNDIDO et al., 2016).

Recentemente o COI (Comitê Olímpico Internacional) anunciou as modalidades que irão fazer parte da próxima olimpíada, e dentre elas encontram-se três modalidades que podemos classificar segundo Pereira e Armbrust (2010) como de aventura: escalada, skate e surfe (PORTAL BRASIL, 2016). Sendo assim, podemos entender que não se esgota o crescimento destas atividades, merecendo que a educação física venha a realizar pesquisas que envolvam desde as condições físicas e treinamento até as variáveis sociológicas que envolvem os praticantes dos esportes de aventura, pois, muitas interrogações ainda persistem.

**OBJETIVO GERAL**

Nossos objetivos são analisar como os alunos do ensino médio do CEFET/RJ Campus Petrópolis, da Fundação Osório e universitários da UERJ e do CEFET/RJ, representam a programação do Canal OFF e do Coletivo OFF, além de identificar a trama de relações entre a mídia e a prática de atividades físicas em seus aspectos políticos e sociais veiculadas pelo programa.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

**TIPO DE ESTUDO**

Esta pesquisa será de caráter qualitativa descritiva, onde a escolha deste método ocorreu pela possibilidade da evocação de respostas que venham dar evidências e sentidos a base estruturante desta

pesquisa (FLICK, 2009; GIL, 1995). Entendemos os questionamentos e respostas dos pesquisados como expressão de reflexões e não necessariamente como números e quantificações.

Compreendemos que a subjetividade é uma das características marcantes da pesquisa qualitativa, podendo ainda recorrer a múltiplas abordagens metodológicas e apoiamos nossos pensamentos em Thomas, Nelson e Silverman (2007), Flick (2009), Alves-Mazzotti (2002) e Gil (1995).

**POPULAÇÃO E AMOSTRA**

O grupo de informantes será composto de alunos de três Instituições Ensino, mais precisamente alunos do ensino médio da Fundação Osório, localizada no bairro do Rio Comprido no município do Rio de Janeiro e do CEFET/RJ *Campus* Petrópolis. Os universitários serão também do CEFET/RJ *Campus* Petrópolis (alunos do curso de Turismo) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (alunos do curso de Educação Física) estas Instituições foram escolhidas por conveniência pelos pesquisadores para a coleta dos dados, o que, segundo Alvez-Mazzotti (2002) facilita o acesso às informações a serem coletadas.

O processo de escolha se deu através do público alvo do Canal OFF, escolhemos como referência alunos de ensino médio e graduação levando em consideração a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) da Juventude de 2010, em que ficou delimitada que a população jovem varia de 15 a 29 anos (PEC 138/03).

**PROCEDIMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DOS DADOS**

Os dados que irão fomentar esta pesquisa partirão de entrevistas realizadas em grupo focal e vídeos do Canal OFF.

Cada grupo de entrevistados será constituído de 6 a 12 participantes (FLICK, 2009; MORGAN, 1997; NETO, 2002) o que segundo os autores oferece maior possibilidade de participação dos sujeitos pesquisados evitando repetição nas respostas. A dinâmica da entrevista irá ocorrer através de perguntas semiestruturadas (apêndice A) que mediarão o debate, sem a intenção de determinar respostas. As perguntas serão utilizadas para o aparecimento de novos questionamentos, que surgirá no grupo.

A entrevista irá ocorrer após a exposição de vídeos do Canal OFF e do programa Coletivo OFF, para não influenciar as respostas será somente explicado que se trata de vídeos de um canal de televisão. Os dados coletados através das entrevistas gravadas por áudio serão transcritos dando abertura a um debate cheio de sentidos e significados explícitos na análise dos dados e discussões.

Utilizaremos a teoria da análise do conteúdo proposta por Bardin (1977) para compreensão, organização e categorização dos dados coletados através das entrevistas, conjuntamente para análise das representações sociais surgidas no discurso dos entrevistados e para a análise do Canal OFF será utilizado os processos de objetivação e ancoragem de Moscovici (2003).

Para análise do Canal OFF será realizado um reconhecimento da programação do Canal OFF e dos vídeos do programa Coletivo OFF que se encontram disponíveis no site canaloff.globo.com e no Youtube. Em seguida, os vídeos e programas serão selecionados para exibição aos alunos de acordo com Bardin (1977) considerando as seguintes regras: regra da exaustividade, regra da representatividade, regra da homogeneidade e regra da pertinência. Através deste *corpus* documental pretendemos organizar em categorias os dados levantados, que servirão de base para reflexões.

Para o processo de análise midiática iremos recorrer ao modelo utilizado por Cândido et al. (2016), onde serão estruturadas as etapas: “Identidade visual, quem fala, o que é dito, o intermediário e os modos de dizer do discurso”.

## RESULTADOS ESPERADOS

Esperamos fornecer dados relevantes para a área de educação física e a sociedade de uma forma geral, através de respostas às questões aqui levantadas, completando espaços existentes na área abordada.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: RETO, Luís Antero; PINHEIRO, Augusto. São Paulo: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: DENTZIEN, Plínio. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BETTI, Mauro. Imagem e ação: televisão e a educação física escolar. In: Betti, M. organizador. **Educação física e mídia**: novos olhares, outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003.

CÂNDIDO, Cássia Marques; PALMA, Alexandre; DE ASSIS, Monique Ribeiro. A representação da Educação Física no quadro MEDIDA CERTA/90 DIAS PARA REPROGRAMAR O CORPO exibido pela tv

Globo**. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*,** v. 30, n. 2, p. 345-357, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v30n2/1807-5509-rbefe-30-2-0345.pdf>

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Prefácio. In: SCHWARTZ, Gisele Maria. ***Aventuras na Natureza*:** consolidando significados. Jundiaí/SP: Fontoura, 2006, p. 13-14.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais:** *investigações em psicologia social.* Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

NETO, Angelo Frazão. **Midialização:** *o poder da mídia*. São Paulo: Nobel, 2006.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da Aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

PORTAL BRASIL. **Comitê olímpico anuncia cinco novas modalidades para os Jogos de Tóquio.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2016/08/comite-olimpicoanuncia-cinco-novas-modalidades-para-os-jogos-de-toquio>. Acesso em: 18 Nov. 2016.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Juventude, lazer e esportes radicais**. 1. ed. São Paulo: Manole, 2001.

# COMUNICAÇÃO ORAL 3

## PESQUISAR NA FINAL DO CAMPEONATO MUNDIAL DE PARAPENTE DE 2016 EM GOVERNADOR VALADARES: REFLEXÕES METODOLÓGICAS

Marília Martins Bandeira; Raquel de Magalhães Borges

Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Avançado de Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil

E-mail: marilia.bandeira@ufjf.edu.br; raquel.borges@ufjf.edu.br

Palavras-chave: esportes de aventura, voo livre, competição esportiva, pesquisa social, metodologia.

### INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A Confederação Brasileira de Voo Livre (CBVL) confirmou à Governador Valadares o título, autopromovido, de Capital Mundial do Voo Livre. Alguns aspectos fazem da cidade local muito adequado para o voo livre, são eles: a conformação geográfica propícia para decolagem da Ibituruna, montanha de 1123 metros de altitude, emoldurada pelo Rio Doce, no entorno dos quais a cidade se conformou; as condições climáticas da região com muito ar quente e seco na maior parte do ano, que permite voos frequentes e de longa distância; disponibilidade de uma área de pouso no centro da cidade, mantida por mutirões de pilotos, com rápido acesso à pé a hotéis; a proximidade do centro da cidade ao pico da montanha, que permite encaixar voos em dias úteis e em agendas de trabalho convencionais, a existência de empresas especializadas em suporte para a decolagem e resgate de pilotos e de duas associações de pilotos que se articulam para atender praticantes vindos de outras localidades e iniciação de futuros pilotos. Para além da inclusão constante de GV, como apelidaram seus residentes, na agenda de campeonatos regionais e nacionais, qualquer um que frequente a cidade pode testemunhar o grande fluxo de pilotos pelo centro, com seus parapentes em grandes mochilas, ou asas deltas nos tetos dos carros. O voo livre compreende estas duas modalidades, entretanto, desde a criação do parapente, pela facilidade de transporte do equipamento em seu formato compactado de mochila, ele tem superado a asa delta em número de adeptos.

Em Janeiro de 2017, foi realizada em Governador Valadares, a etapa final da *Paragliding World Cup* (PWC) 2016, com 125 competidores de 25 países. Uma etapa de mundial de parapente é realizada em uma

janela de 10 dias, mas o número de dias e tipos de provas varia com as condições climáticas. Nesta ocasião, pela primeira vez na história do evento, foi possível realizar provas todos os dias da janela e a etapa bateu o recorde de distância voada, o que fez os pilotos residentes da cidade reforçarem o mérito do título que se orgulham dela ter obtido.

Entretanto, alunos das disciplinas “Sociologia do Esporte” e “Lazer, Esportes de Aventura e Educação Ambiental” do curso de Educação Física da UFJF-GV afirmaram que a população em geral não conhece as regras e não compreende as provas. Além disto, muitos nunca estiveram no pico da Ibituruna, maior cartão postal local, por ser o caminho muito íngreme e não haver, na época, linha de ônibus, e manifestaram em aula o interesse por uma saída de campo para se aproximarem do evento. Propusemos então, realizar uma pesquisa, de maneira a não só observar o campeonato, mas também analisá-lo, como um exercício de iniciação científica atrelado ao conteúdo das duas disciplinas. Mas ainda, porque a interação dos alunos com os pilotos poderia ser uma oportunidade de conexão dos cidadãos com um esporte tão presente na cidade, mas ao mesmo tempo tão desconhecido.

O voo livre, por sua relação com a natureza, e o risco dado na lida com o incontrolável dos ventos e nuvens, pode ser classificado no conjunto de práticas que a literatura denominou preponderantemente de atividades de aventura. Entretanto, apesar das práticas de aventura serem identificadas pela literatura acadêmica pioneira (COSTA, 2001; SCHWARTZ, 2006 e BRUNHS, 2009) como relacionados a uma postura e/ou motivação pró ambientais, também há na produção científica mais crítica e recente uma preocupação com a real operacionalização do discurso pró ambiental e/ou o compromisso com o conhecimento e minimização por parte dos praticantes, do impacto ambiental das modalidades esportivas e de lazer em ambientes naturais por eles adotadas (HUMBERSTONE, 2009).

Notamos que a maioria das publicações brasileiras sobre voo livre (PIMENTEL, 2008; AZEVEDO, COCCHIARALE e COSTA, 2010; PAIXÃO, 2011 e SOARES, 2013) se ocupa da descrição das rotinas dos praticantes e suas dinâmicas sociais relacionadas à lida com o risco, a emoção e os acidentes possíveis nestas modalidades. Com exceção de Dias e Alves Junior (2007) que nos convidam a refletir sobre quem tem se beneficiado da potencialidade de um local em oferecer condições ideais para a prática do voo livre. Os autores nos instigam a pesquisar que tipos de pessoas procuram essas atividades para suas vivências de lazer e como essas atividades podem se converter em benefícios para a população local. Neste sentido, tomamos o sediar de uma final de Campeonato Mundial de Parapente em Janeiro de

2017, segunda vez que uma etapa internacional aconteceria na cidade, como oportunidade ímpar para a coleta de dados acerca destas questões.

Para tanto elaboramos um projeto exploratório com aplicação de questionário quali-quanti durante o evento com 4 objetivos: a) identificar o perfil socioeconômico do piloto de parapente competidor do PWC, b) investigar as motivações e significados da prática do voo livre entre eles, c) compreender a relação da modalidade com a educação ambiental, e, d) analisar o retorno deste tipo de evento para a comunidade local. A situação se apresentou como oportunidade única para reunirmos uma amostra global, o que permitiu traçar um panorama exploratório geral sobre como os competidores de parapente no mundo lidam com seus destinos de prática. Entretanto, o objetivo desta comunicação é problematizar a metodologia desenvolvida, como forma de registrar e compartilhar equívocos e estratégias alternativas que melhorem coletas de dados futuros durante eventos esportivos que envolvem atletas de diversas nacionalidades. Concordamos com May (2004) ao afirmar que, “tanto um pensamento inovador como uma atenção meticulosa para os detalhes da coleta de dados informam a prática da pesquisa social” (p.15). Assim, destacamos neste trabalho o “como fazer/proceder” num momento específico (evento esportivo de competição) com indivíduos em plena atividade esportiva, e que, embora tenham objetivos comuns e algumas semelhanças em seu perfil socioeconômico, se diferenciam culturalmente.

**MÉTODO**

Estruturamos um questionário em português e inglês (para pilotos estrangeiros) com cabeçalho objetivo socioeconômico e para caracterização do perfil dos praticantes ( nacionalidade, sexo/gênero, idade, tempo e frequência de prática, escolaridade, estado civil, se tem filhos, média de renda mensal, se recebe patrocínio ou bolsa atleta e se se considera atleta profissional) e 18 questões abertas organizadas em blocos de perguntas relacionados aos outros objetivos da pesquisa: 7 sobre sentidos da prática, 4 sobre o conhecimento do piloto sobre Governador Valadares, e 7 sobre a educação ambiental dos pilotos e sobre possível retorno do evento para a população local. Seguimos a ideia de que “as surveys medem fatos, atitudes ou comportamentos por meio de questões(...) Isso significa que elas devem ser transformadas em perguntas que os respondentes (as pessoas que respondem às perguntas) possam entender e sejam capazes de responder. Então, as respostas devem ser passíveis de categorização e quantificação” (MAY, 2004, p.112). As perguntas foram elaboradas conjuntamente em aula, mediante debate fundamentado pela revisão bibliográfica e documentários ”A História do Voo Livre: a chegada do parapente” e “Picos do Brasil: Parapente

em Governador Valadares" (episódio 12) do canal Off. Um total de 16 alunos mais uma das professoras fizeram incursões ao Campeonato Mundial de Parapente, que durou 10 dias, em 3 dias distintos de provas. Além disto, uma das professoras observou a abertura do evento com registro em caderno de campo e em 3 outras noites fez coletas de questionários na central do campeonato nos momentos de devolução dos equipamentos de GPS à organização e de jantar no restaurante do hotel onde hospedavam-se todos os organizadores e a maioria dos pilotos. Estas incursões em campo buscaram assegurar a participação dos pilotos, motivando-os e orientando sobre as questões do questionário, e, realizar o registro cuidadoso e ético das respostas, conforme descreveu May (2004) citando Fowler (1988) sobre o papel do entrevistador. No entanto, alguns desafios no cumprimento deste papel foram encontrados e estão descritos a seguir.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Como uma primeira imersão num evento mundial de Voo Livre, buscamos nos apropriar da dinâmica e programação do evento junto a organizadores, antes da entrada em campo. No entanto, mesmo assim, tivemos dificuldade em nos colocar nesta dinâmica como pesquisadores, sendo um ponto chave para a realização das coletas, o momento de abordagem dos pilotos. Consideramos este ponto delicado, sendo importante registrar como ocorreu a coleta nos seguintes momentos: Antes da Decolagem - pareceu menos estratégico visto que estavam atentos às condições climáticas e já concentrados na prova. Após o pouso - também se mostrou inadequado, pois muitos chegavam exaustos, com desidratação, fome, queimaduras de sol, precisando usar o banheiro ou se higienizar pelo suor, a poeira e visto que alguns utilizam fraldas geriátricas em provas longas. Entre os que aceitaram participar da pesquisa neste momento, notamos as mãos trêmulas para o preenchimento do questionário e tiveram a letra mais difícil de compreender. Alguns pediram um tempo para se recompor ou que o aplicador do questionário o preenchesse; Entrega do aparelho GPS para organização do evento – os pilotos demonstraram-se preocupados em checar seu tempo e pontuação, o ranking, ter informações sobre seus conhecidos ou companheiros de equipe, saber sobre aqueles que precisaram de resgate e atendimento médico e trocar impressões da prova entre si; Pós-jantar no restaurante do hotel – consideramos o momento mais apropriado de abordagem, com os pilotos mais disponíveis para responder ao questionário, possibilitando melhor participação. Outra situação referente à abordagem dos pilotos, é o domínio da língua inglesa tanto por parte dos aplicadores como por parte dos pilotos não anglófonos. Apenas dois alunos se sentiam aptos a realizar a coleta em inglês e às vezes os pilotos aceitavam responder o questionário enquanto checavam ou guardavam o equipamento, pedindo assim

que o aplicador lesse as perguntas e escrevesse as respostas. Muitos alunos se sentiam aptos a compreender o inglês escrito, mas não em lê-lo em voz alta e transcrever as respostas e muitos pilotos de países não anglófonos não se sentiam proficientes o suficiente em inglês para participar da pesquisa. Com relação ao instrumento (questionário) percebemos que: muitos participantes da pesquisa reclamaram da extensão do questionário e/ou esqueceram ou não perceberam as perguntas do verso. Aqueles que se atentaram ao verso na virada e troca de documentos entre Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e questionário tiveram dificuldade com o vento da área de decolagem na manipulação dos papéis. Estas circunstâncias nos fizeram repensar o instrumento após o primeiro dia de coleta, compilando perguntas semelhantes, eliminando espaços e margens, enxugando o TLCE à um parágrafo e incorporando-o no começo da mesma face da folha, reduzindo o instrumento à uma página. Entretanto, diante de muitas negativas em participar e com muitos alunos parados no dia em que a turma de aplicadores foi maior, achamos por bem aceitar a sugestão de alguns competidores de abordarmos seus amigos que estavam menos ocupados com a prova, pois estavam ali para voar sem participar do campeonato. Alguns deles mostraram interesse em colaborar com a pesquisa espontaneamente e entendemos que seria rude e possivelmente não estratégico para a continuidade da pesquisa rejeitar tal disponibilidade. Pensamos em um primeiro momento que seria interessante ter este outro grupo de pilotos representado para fazer uma comparação das respostas entre pilotos competidores e não competidores. Entretanto, muitos dos que não estavam competindo naquele mundial, competem em outros eventos ou já competiram anteriormente, ou são pilotos que tem como objetivo aprender com a observação desta competição para competições futuras. Isto abriu como possibilidade de continuidade para a pesquisa, realizar coletas em próximas ocasiões como campeonatos locais, regionais e nacionais e em dias sem provas e comparar a elite mundial, os competidores de outros níveis e os pilotos que não competem por opção. A amostra desta primeira fase da pesquisa se encerrou com 47 competidores do mundial e 16 não participantes do mundial.

A questão sobre a renda dos pilotos foi a de mais difícil elaboração, aplicação e análise. Devido às diferentes moedas de cada país, pensamos não ser estratégico o formato múltipla escolha por faixa de renda. Mas pedimos que indicassem o valor em dólares americanos. Entretanto, somado ao pedido de identificação imposto pelo formato do termo de consentimento, a percepção de que esta pergunta era indiscreta e invasiva fez com que o número de respostas sobre a renda mensal fosse muito baixo.

Uma importante observação diz respeito às questões éticas da pesquisa. Alguns pilotos estrangeiros manifestaram não fazer sentido para eles a obrigatoriedade de assinar o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido já que o mesmo garantia que lhes seria concedido o anonimato. Alguns que assinaram por extenso acabaram por não responder à pergunta sobre renda e vice-versa. Alguns pareceram utilizar de uma rubrica sem divulgar seu nome completo por extenso. Além da questão com o nome completo, os participantes também demonstraram desconforto por perguntarmos no cabeçalho o seu número de prova, número que é afixado no parapente para identificar o piloto. A intenção era ter o número, para que o mesmo piloto não fosse incomodado por mais de um aplicador depois de já ter respondido o questionário. Entretanto, o receio dos participantes foi que o número nos permitisse acessar o seu nome completo na lista de inscritos no evento. Identificando por consequência sua renda.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em situações de campeonatos e principalmente em nível internacional e em uma final, é necessário total conhecimento dos pesquisadores sobre a dinâmica do evento, traçando estratégias eficientes de coleta de dados, tanto com relação à abordagem dos participantes como com a elaboração do instrumento a ser utilizado. É importante que a organização do evento coopere com a pesquisa e não apenas autorize a coleta, permitindo que o/a pesquisador/a responsável explique a investigação na abertura e, de preferência vincule o preenchimento do questionário à confirmação da inscrição no evento antes das provas começarem. Esta dinâmica talvez seja mais adequada e perturbe menos a rotina dos pilotos evitando prejudicá-los em alcançar seu objetivo, que é uma boa colocação nas provas. Isto inclui debatermos os limites da insistência de um pesquisador para a adesão à pesquisa. Visto que esta preocupação deve fazer parte do tratamento ético do projeto. Precisamos também repensar o TCLE na pesquisa sociocultural de maneira a conferir anonimato ao participante da pesquisa desde a coleta e eliminar burocracias que não fazem sentido para os voluntários e apenas tornam o processo de coleta mais lento e controverso aumentando as negativas e desistências. Em tempos de questionários digitais e pesquisas online em que o consentimento se dá no clicar um botão de “aceito”, sem necessidade de qualquer identificação, o estranhamento dos pilotos internacionais ao modelo de TCLE exigido por nossos comitês de ética mostra que o Brasil necessita avançar para viabilizar melhor participação.

**APOIO**

Instituto de Ciências da Vida da UFJFGV por autorizar o transporte dos alunos até as áreas de pouso e decolagem.

**REFERÊNCIAS**

AZEVEDO, Sergio; COCCHIARALE, Ney Felippe; COSTA, Vera Lucia. A influência do risco-aventura no processo de coesão das diferentes comunidades do voo livre. **Movimento**; Porto Alegre, v. 16, n.3, jan. 2010, p. 257-276.

DIAS, C. A.; ALVES JUNIOR, E. O voo livre no Rio de Janeiro: uma visão panorâmica. **Revista Digital EFDeportes.** Buenos Aires: ano 11, n. 105, fev. 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd105/ovoo-livre-no-rio-de-janeiro-uma-visao-panoramica.htm>, acesso em 8/8/17.

HUMBERSTONE, B. Inside/outside the Western 'Bubble': The nexus of adventure, adventure sports and perceptions of risk in UK and Mauritius. In: ORMROD J. & WHEATON, B. (Eds). **On the edge: leisure, consumption and the representation of adventure sports.** Eastbourne: Leisure Studies Association, 2009, p. 97-112.

MAY, Tim. Pesquisa social: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 3.ed, 2004.

MOURA, Diego Luz; SOARES, Antonio Jorge. Os acidentes no voo livre: uma análise dos motivos nos relatos de atletas. **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.3, set. 2013, p. 1-20.

PAIXÃO, J. Voo Livre: Práticas Aventureiras e Condutas De Risco Por Entre As Montanhas De Minas. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.2, jun/2011, p.1-17.

PIMENTEL, Giuliano. Ritos e risco na prática do vôo livre. **Movimento**; Porto Alegre, jan. 2008, p. 13-32.

# COMUNICAÇÃO ORAL 4

## O ENSINO DE CIÊNCIAS E AS ATIVIDADES DE AVENTURA GERANDO EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Elizandro Ricardo Cássaro[7]

Vilmar Malacarne[8]

João Fernando Christofoletti[9]

**INTRODUÇÃO**

O ensino de Ciências nos anos iniciais no Ensino Fundamental em nosso país vem se constituindo em um desafio para educadores, pesquisadores, autoridades e a sociedade. Segundo Lorenzetti (2002, p.01) "A importância do ensino de ciências é reconhecida por pesquisadores da área em todo o mundo, havendo uma concordância relativa à inclusão de temas relacionados à Ciência e à Tecnologia nas séries iniciais".

Desta forma o ensino de Ciências deve oportunizar aos alunos, através do conhecimento científico, a possibilidade de compreender as relações com a natureza, bem como os recursos tecnológicos desenvolvidos pela sociedade. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, e os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (BRASIL, 1997) o ensino de Ciências é entendido como sendo:

> [...] mostrar a ciência como um conhecimento que colabora para a compreensão do mundo de suas transformações, para reconhecer o homem como parte do universo e como indivíduo, é a meta que se propõe para o ensino da área na escola fundamental (BRASIL, 1997, p. 24).

[7] Especialista em Educação Física na Educação Básica pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Aluno do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

[8] Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Educação / Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática (PPGECEM) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

[9] Doutor em Educação pela Universidade de Londres (UL-Inglaterra). Docente do curso de graduação em Educação Física da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Neste sentido nos PCN's, (BRASIL, 1997) para o ensino de Ciências, foram sistematizados três eixos: o primeiro aspecto é o ambiente; o segundo o ser humano e a saúde e o terceiro os recursos tecnológicos. No primeiro há a perspectiva da capacitação por parte do aluno para que posteriormente construa o conhecimento acerca do meio ambiente e dos recursos naturais. Já no segundo é abordado o conhecimento sobre o desenvolvimento do corpo e o cuidado com a própria saúde, que envolvem os hábitos de higiene. No terceiro os alunos deverão desenvolver o conhecimento acerca da relação do homem com as tecnologias desenvolvidas pela sociedade.

**OBJETIVOS**

Diante do conhecimento acerca da Ciência, nos deparemos com a disciplina de Educação Física escolar no Ensino de Fundamental que está associada ao conhecimento tanto das Ciências Naturais e quanto das Ciências Humanas, uma vez que esta engloba o corpo e suas relações com os diversos ambientes. No que diz respeito a esta, nosso interesse recaia sobre as possibilidades de explorar o universo das Atividades de Aventura e suas relações com a Educação Ambiental. As Atividades de Aventuras (SCHWARTZ e MARINHO, 2005) são consideradas práticas contemporâneas e emergentes, que podem ser abordadas com uma disciplina no âmbito escolar e acadêmico, mostrando-se como importante o conteúdo da área de Educação Física, de modo de facilitar a aproximação da sociedade com o meio ambiente, além de possibilitar a perspectiva de mudanças de valores e atitudes. Assim a ampliação do conhecimento no campo da área Educação Física escolar pode favorecer e apropriar novas práticas de Atividades de Aventura que contribuam para atitudes e condutas relacionadas com a natureza e o ambiente natural.

**MÉTODO**

Este estudo foi realizado no município de Maringá-Paraná em escolas municipais de Ensino Fundamental. A Atividade de Aventura utilizada foi a modalidade slackline, sendo aplicada na Escola Municipal Deputado Federal Dr. Ulysses Guimarães, em 2015 com alunos da Educação Integral no período da tarde, totalizando 144 alunos divididos em 6 turmas (A, B, C, D, E F) com faixa etária de 5 a 9 anos de idade. Posteriormente, em 2016, foi aplicado na Escola Municipal Odete Ribaroli Gomes de Castro no Ensino Fundamental, com alunos que correspondem o ciclo do 4º ano e 5º ano no período da manhã, totalizando cerca 120 alunos divididos em 4 turmas (A, B, C e D) com faixa etária de 9 a 12 anos de idade. A metodologia

utilizada ao abordar a Atividade de Aventura slackline, no contexto escolar, baseou-se nos estudos de Darido (2005) e nos PCN's (BRASIL, 1997), tentando abarcar as três dimensões do conteúdo: Conceitual, Procedimental e Atitudinal. A dimensão conceitual, apontado por Darido (2005), se refere ao conhecimento que o aluno deve saber sobre os fatos, os conceitos e princípios que norteiam a prática da modalidade em si. Neste aspecto, foi utilizado como recursos a oralidade e o quadro negro na explanação dos conceitos e princípios, subsequentemente os desenhos e a escrita sobre os conceitos, definições, história da modalidade regras da modalidade, técnicas especificas de cada modalidade, medidas de segurança de cada estilo, além de um planejamento sobre exercícios pedagógicos e circuito motor pedagógico que visam a parte motriz do conhecimento de cada esporte.

Ao estabelecer relações com a Educação Ambiental, foi utilizado questões relacionadas a flora e a fauna, e posteriormente a degradação do ambiental (desmatamento, poluição, queimadas), pelos agentes poluentes (embalagens plásticas, metal, papelão, pilhas, lâmpadas, vidros, óleo de cozinha, óleo de combustível de veículos motorizados, agrotóxicos, etc.), os desequilíbrios climáticos, a erosão, os excessos de chuvas, excesso de sol, as perfurações no solo por meio de grandes construções e edificações, etc. Para tal foram utilizados equipamentos de multimídia (datashow, projetores), na elaboração de slides e fotos, vídeos da internet, canal de Youtube, para explanação dos conteúdos abordados, além de atividades de registros, trabalhos e pesquisa escolar referente aos conteúdos que envolvem a Atividade de Aventura na modalidade slackline à Educação Ambiental.

Na dimensão procedimental, para Darido (2005), o aluno deve saber fazer a contextualização da prática, da teoria, dos fatos, conceitos e princípios, desde a ação motora, neste caso na modalidade slackline, os itens de segurança que envolve a ancoragem do kit de slackline, a tensão correta da fita, a ancoragem e a proteção ao local de instalar a catraca, e a própria preservação do ambiente em que está sendo realizada a Atividade de Aventura.

Já na dimensão atitudinal, para o autor, observa-se se o aluno aprendeu e assimilou, seja em normas, valores e atitudes, e o que isso contribui em seu crescimento fora do ambiente educacional, sendo um fato importante para prática social em seu cotidiano. Neste aspecto aponta-se que o fator primordial está relacionado às atitudes e condutas que os alunos devem apresentar após o ensino das Atividades de Aventura. Segundo Schwartz e Marinho (2005) relatam em seus estudos que a diferença básica entre atitudes e condutas está que a primeira não é efetivamente expressas, ao contrário das condutas, que são expostas, podendo ser ou não mediadas pelos valores e crenças.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A Educação Ambiental (BRASIL, 2012) se refere em uma dimensão da educação, sendo uma atividade intencional da prática social e que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos para que se potencialize a atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental.

Ao abordamos estudos que relacionam a Educação Ambiental na Educação Física se utilizando como estratégia as Atividades de Aventura (MARINHO, 2004; TAHARA; DIAS; SCHWARTZ, 2006) torna-se imprescindível novas reflexões e debates que visam enriquecer diferentes abordagens e estratégias metodológicas relacionando com aventura, o ambiente natural e a relação com o ser humano. As características das Atividades de Aventura (SCHWARTZ, 2009) são capazes de desencadear mudanças axiológicas, devido ao impacto afetivo-cognitivo que elas podem causar. Tais impactos se referem a possíveis alterações e construção de novos valores ambientais, sendo, portanto, favorável à interferência direta do ambiente natural na perspectiva de alteração de atitudes e condutas pró-ambientais que vem desde o contato com a natureza, seja na prática esportiva, como na preservação desse ambiente natural por meio da escola.

Fotos I, II, III e IV – Processo ensino e aprendizagem no slackline – Escola Municipal Deputado Federal Dr. Ulysses Guimarães, em 2015. Fonte: autores

Fotos I, II, III e IV – Trilha ecológica – explorando os espaços pelo ensino da ciência – Escola Municipal Odete Ribaroli Gomes de Castro, em 2016. Fonte: autores

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebemos que os alunos, além de vivenciar a pratica das Atividades de Aventura na modalidade slackline, tanto como parte integrante do ensino de Ciências como conteúdo pedagógico no Ensino Fundamental e na Educação Integral, proporcionaram uma maior relação com o próprio meio natural, no qual as questões de Educação Ambiental vão além de reciclagem de embalagens plásticas, metal, papelão, pilhas, lâmpadas, vidros, óleo de cozinha, mas se voltou para a preservação ambiental. Torna-se importante o desenvolvimento de novos estudos na disciplina de Educação Física que visa a área das Ciências e Atividades de Aventura que possam ampliar por meio dessa práticas na natureza despertando nos alunos um maior interesse em promover e preservar um ambiente mais sustentável. Além dos alunos desenvolverem a Atividades de Aventura na modalidade slackline que envolvem diferentes abordagens que vão desde o esporte, as técnicas, os itens e medidas de segurança à Educação Ambiental que os hábitos, atitudes, valores e condutas por meio dessas práticas corporais de aventura possam proporcionar aos alunos à refletir, usufruir os benefícios que o contato com o ambiente natural podem contemplar, tendo oportunidade de vivenciar momentos prazerosos e significativos em meio à natureza. Estes fatores podem representar um bom indicativo, no sentido de uma atuação pautada no compromisso ambiental, uma vez que as atitudes pró-ambientais já estiverem internalizadas e a possibilidade desse conteúdo de Atividades de Aventura nas aulas de Educação Física possam ampliar futuras discussões sobre as questões ambientais. Diante destas considerações, é imprescindível refletir sobre o ensino de Ciências e como as Atividades de Aventura podem repercutir nos alunos, pois, se os mesmos não se preocuparem com o ambiente natural e físico, dificilmente estarão preocupados com a possibilidade de internalização de valores, atitudes e condutas que impõem aspectos sensitivos que as modalidades e vivências das Atividades de Aventura podem proporcionar devido

o contato direto com a natureza. Cabe aos professores de Educação Física e aos responsáveis pelo desenvolvimento do ensino de Ciências estarmos atentos em desenvolver perspectivas relacionadas diretamente no processo de Educação Ambiental, no sentido de despertar a sensibilização, construindo valores, atitudes e condutas pró-ambientais e, neste aspecto, indicamos as Atividades de Aventura como mais uma possibilidade.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais** /Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 2 de 15 de junho de 2012. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**.

Diário Oficial da União, Brasília, 18 de jun. de 2012, Seção 1 – p. 70. Disponível em: <http://conferenciainfanto.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em 01 agos. 2017.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

LORENZETTI, Leonir. O Ensino de Ciências Naturais nas Séries Iniciais. **Revista Virtual: Contestado e Educação**, Caçador-SC, v. 02, p. 1-15, 2002. Disponível em: <http://www.pg.cdr.unc.br/RevistaVirtual/NumeroDois/Artigo1.htm>. Acesso: 01 agos. 2017.

MARINHO, Alcyane. Atividades na natureza, lazer e Educação Ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. **Motrivivência,** Florianópolis, ano 16, n. 22, p. 47-69, jun. 2004.

MARINGÁ. Prefeitura do Município de Maringá. **Base de dados**. Disponível em: <http://www2.maringa.pr.gov.br/educacao/> Acesso em: 01 agos. 2017.

SCHWARTZ, Gisele Maria; MARINHO, Alcyane. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires , ano 10, n. 88, p. 1-1, set. 2005. Disponível em:<http://www.efdeportes.com/efd88/ avent.htm> Acesso em: 02 jun. 2017.

SCHWARTZ, Gisele Maria. Atividades de aventura e pró-atividade no lazer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 4ed, 2009, Mucugê. **Anais**. Mucugê: Laboratório de Estudos do Lazer, 2009, p. 114-115.

TAHARA, Alexander Klein; DIAS, Viviane Kawano; SCHWARTZ, Gisele Maria. A aventura e o lazer como coadjuvantes do processo de Educação Ambiental. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 1-12, jan./jun. 2006.

TAHARA, Alexander Klein; CARNICELLI FILHO, Sandro; SCHWARTZ, Gisele Maria. Meio ambiente e atividades de aventura: significados de participação. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 59-64, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ motriz/article/view/61/42>. Acesso em: 02 jun. 2017.

# COMUNICAÇÃO ORAL 5

## O ACAMPAMENTO COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA NA ESCOLA

Luis Gustavo Nicacio; Phillip Jorge de Souza; Marlon Teodoro Silva

E-mail: luiz.nicacio.ef@gmail.com

A presença das Práticas Corporais de Aventura (PCA) nas escolas, tem sido cada dia mais objeto de investigação do meio acadêmico. Na medida em que a sociedade veio se aproximando de tais práticas, a escola também tem feito um exercício de apropriar-se e refletir sobre elas. Segundo Pereira et al (2008),

> As mudanças sociais advindas de todos os campos das relações humanas: globalização, tecnologia, meio ambiente, comportamento, entre outras, se refletem na Educação Física tanto quanto em outras áreas. Atualmente um aspecto que tem chamado à atenção são as atividades de risco praticadas como lazer, esporte ou educação em que o movimento é o elemento central dessa cultura. (p.20)

Esse quadro exposto pelos autores não é diferente ao refletirmos sobre a Educação Física Escolar (EFE). A presença delas na escola para o ensino fundamental é inclusive pautada num documento de âmbito nacional desde dezembro de 2017, a Base Nacional Curricular comum. Como dito por Forquin (1993), o papel da escola é o da transmissão cultural e cada vez mais estas práticas têm feito parte da realidade da sociedade, seja com vivência, seja como desejo a partir de um conjunto de premissas associadas a elas.

Ao falar do trato das PCA na escola, Franco et al (2014) destacam que ainda que elas sejam vivenciadas de maneira adaptada as características, estruturas e possibilidades de cada escola e localidade, essas podem ser processos formativos por meio de experiências únicas. Neste sentido, este texto buscará apresentar e discutir uma das possibilidades de ação pela escola no trato com as PCA, o acampamento.

Ao fazer um exercício de reflexão sobre acampamentos, Stoppa (2004) traz a dois termos o acampamento e acantonamento, é importante diferenciar essas duas práticas, uma vez que elas possuem dinâmicas distintas e proporcionam experiências formativas diferentes. A pessoa que se acomoda em barraca,

ou em local aberto, estará em um acampamento, contudo, todo aquele que permanecer em local com uma infraestrutura préconstruída, mesmo que rústica, realizará um acantonamento (AWAD, 2006).

A partir do relato de experiência de três acampamentos, organizados em três diferentes escolas, buscamos analisar os caminhos percorridos para organizar, as demandas de trabalho e estudo dos professores responsáveis pela organização e as possibilidades de formação humana no contexto escolar proporcionadas pelo acampamento aos alunos.

**SOBRE AS ESCOLAS, OS PROFESSORES E ALUNOS**

Qualquer análise que for feita desconsiderando o contexto e os sujeitos da realidade investigada perderá em sentido e relevância, por isso, entendemos primeiramente ser importante apresentar as escolas e seus atores.

A escola número um é uma escola privada, localizada na cidade de Belo Horizonte, na região da Pampulha e que atende um público de classe média alta. A inserção do acampamento se deu concomitante a inserção das PCA no currículo da escola, no ano de 2012, momento que antecede bastante a formulação e homologação da BNCC. O acampamento ocorreu com alunos do 9º ano do ensino fundamental. O professor desta escola a época do acampamento já possuía mestrado completo e experiência pessoal e profissional com as PCA em diversas dimensões, inclusive sobre acampamentos.

A segunda escola é um campus de instituto federal, localizada na região dos Inconfidentes em Minas Gerais, região rica em espaços naturais utilizados para diferentes vivências das PCA. Pelo fato de a entrada na escola ocorrer por meio de vestibular, o perfil dos alunos era bastante diversificado, contudo, com uma parcela significativa de menor poder aquisitivo. O projeto político pedagógico da EFE nesta escola já contemplava a presença das PCA, antes do acampamento aqui registrado, realizado no ano de 2016, tendo inclusive outras experiências de acampamento promovidas por outros professores. O acampamento ocorreu com alunos do 3º ano do ensino médio técnico integrado. O professor responsável pelo acampamento analisado é o mesmo da escola número um. Por fim a terceira escola, localizada na cidade de Santa Luzia, região metropolitana de Belo Horizonte, pertence à rede estadual de Minas Gerais. Os alunos são em geral de famílias de classe média /baixa. A inserção do acampamento se deu num momento em que o professor responsável tinha apenas um ano como servidor desta escola e buscava formação para atuar com as PCA. Os alunos que participaram do acampamento eram de 8º e 9º ano do ensino fundamental. O professor desta

escola não tinha experiências anteriores à proposição de realizar o acampamento nesta escola e foi orientado durante o processo pelo professor que organizou o acampamento das outras duas escolas.

**SOBRE A ORGANIZAÇÃO E AS EXPERIÊNCIAS DOS ACAMPAMENTOS**

Cada acampamento teve em seu processo de organização nuances que só fazem sentido em suas respectivas realidades e seus próprios atores. Podemos resumir o caminho percorrido em itens de uma lista a ser brevemente comparada.

Primeiro as condições financeiras para realização, tanto das escolas como suporte, quanto dos alunos como quem faria um investimento para viver a experiência. Aqui cabe destacar o acampamento como uma ação, que ainda que não esteja desvinculada da EFE foi, em todos os casos, de participação livre, o que deu a atividade um caráter de lazer. Isso nos permite pensar o acampamento escolar como veículo e objeto de educação do lazer, ou seja, ao mesmo tempo em que houve um processo de formação para o acampamento, o acampamento também foi um processo de formação para outros objetivos de aprendizagem, (MARCELLINO, 2007). Assim, enquanto possibilidade de lazer na escola, a participação no acampamento esteve susceptível as barreiras do lazer, em especial a barreira financeira. Na escola número um, o pagamento dos custos do acampamento ficou completamente por conta dos alunos. Após elaboração do projeto e levantamento do orçamento de todos os custos o professor definiu um valor por aluno que cobriria as despesas. Ainda que a escola atenda majoritariamente famílias de classe média alta, havia vários estudantes bolsistas que não puderam participar. No caso da escola número dois, houve a possibilidade de um enorme subsídio para organização, com a cessão de ônibus para o deslocamento, bolsas para os alunos para cobrir os custos com alimentação, entrada no parque nacional onde foi realizado acampamento, compra de materiais para kit de primeiros socorros entre outros. Aos alunos coube apenas custos com alimentação durante o deslocamento entre a escola e o local do acampamento, que ficava a 300km da escola. Mesmo com o subsídio da escola, alguns alunos não puderam participar do acampamento por questões financeiras, uma vez que já trabalhavam e esse trabalho era essencial para o complemento do sustento das famílias e não poderiam faltar. Por fim a escola número três, em que o professor atuou de maneira intenção junto à comunidade escolar para viabilizar financeiramente a organização do acampamento. Conseguindo a alimentação junto aos recursos disponíveis com a escola, viabilizando a presença de uma ambulância durante todo o acampamento em parceria com empresa que com sede no entorno da escola, presença de uma enfermeira que atua como professora na escola. Utilizando da orientação do outro professor para viabilizar a

adaptação de equipamentos para os alunos que não podiam comprar, como por exemplo, o uso de papelões como isolantes térmicos. A realização dos acampamentos só foi possível devido à intensa atuação dos professores responsáveis, lendo e intervindo de acordo com cada realidade.

Sobre as experiências dos alunos, cabe aqui destacar que a diversidade do perfil dos alunos proporcionou diferentes expectativas entre os alunos e os professores, o que revelou a amplitude da dimensão formativa de um acampamento. Destacando o estranhamento/alegria de um aluno da escola número um, apenas por ver uma vaca, lagartos e cachoeiras de perto, neste caso um encontro com a natureza até então cerceado a esse adolescente pela dinâmica do cotidiano urbano em que vive. Em contrapartida no caso da escola dois em que a grande maioria tinha na ida a cachoeiras próximas a cidade momentos de lazer, a caminhada até o pico e a noção de coletivo revelaram outro elemento formativo do acampamento. A adversidade pelo clima frio, a longa caminhada na madrugada potencializou o sentimento de aventura e de coletivo daquele grupo de alunos. A relação estabelecida no trabalho em comissões proposto nas três escolas, trouxe um protagonismo aos alunos que se estendeu durante todo o processo da organização do acampamento e ajudou a compreender elementos como o risco e educação ambiental. Divididos em comissões responsáveis pela alimentação, montagem e desmontagem de barracas, segurança e logística os alunos se colocaram no lugar de responsáveis pela sua formação e experiência de lazer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar as três experiências nos parece pertinente compreender o acampamento como uma forma de atuar em espaços fora da escola, destacando que, os professores devem ter um olhar sobre as dimensões deste trabalho como um processo a ser construído como ação da escola como um todo e não da EFE.

Ao conduzir os alunos como autores e protagonistas da organização dos acampamentos, se evidencia ainda mais o duplo aspecto educativo do lazer, o que pode favorecer objetivos de aprendizagem que tenham como alvo questões como a educação ambiental, sustentabilidade e as próprias experiências de lazer da vida dos alunos.

Ainda que haja inúmeras aproximações entre os objetivos almejados e alcançados nas diferentes escolas, a realidade de cada uma delas e de seus alunos proporciona que o acampamento, utilizando das ideias de Bondía (2002), “toque” a cada um deles de diferentes maneiras. Isso pode ser um elemento gratificante para os professores que se propõe a organizar um acampamento em sua escola.

A forma de lidar com a organização de um acampamento ainda que orientada por alguém mais experiente, inevitavelmente trará elementos do conhecimento de cada professor sobre sua escola e seus alunos. Esses elementos não devem ser negligenciados, uma vez que apenas o professor da escola tem arcabouço suficiente para compreender limites e potencialidades de seus alunos, escola e comunidade para organização do acampamento.

Por fim, ainda que alguns autores como Franco et al (2014); Pereira et al (2008); Marinho (2013) ao falar sobre as PCA nos provoquem a pensar sobre o interesse nas PCA como uma busca da natureza em função de um afastamento dela. Qualquer escola pode realizar um acampamento, desde que observe e trabalhe numa perspectiva que reconhece seu contexto e dialoga com ele.

**REFERÊNCIAS**

AWAD, Hani Zehdi Amine. **Brinque, jogue, cante e encante com a recreação**. 2. ed. São Paulo: Fontoura, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: Junho de 2018.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. [online]. 2002. n.19, pp.20-28.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas. 1993.

FRANCO, Laércio Claro Pereira; CAVASINI, Rodrigo; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas Corporais de Aventura. In: GONZALEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli. **Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura**. Maringá – EDUEM, 2014. p.101 -136.

MARINHO, Alcyane. Introdução aos estudos das atividades de aventura: características, concepções e conceitos. In: BERNARDES, Luciano Andrade (Org.). **Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física**. São Paulo – Phorte, 2013.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus. 2007. 12ª Edição.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis Prado. Esportes Radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, vol.12, n.1, 18-34, jan/jun, 2008.

STOPPA, Edmur Antonio. Acampamento. In: GOMES, Chistianne Luce (Org). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte – Autêntica. 2004.

# 1.5 PÔSTERES

## PÔSTER 1

### MEMÓRIAS DE ATENAH: TRAJETÓRIAS DE MULHERES BRASILEIRAS NA CORRIDA DE AVENTURA

Fabiana Duarte e Silva; Ludmila Nunes Mourão; Marília Martins Bandeira

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: fabiduartes@hotmail.com

Palavras-chave: corrida de aventura, gênero, trajetória, mulheres, transgressão.

**INTRODUÇÃO E OBJETIVOS**

A corrida de aventura (CA) pode ser definida como uma competição multiesportiva que combina trechos de *mountain bike*, *trekking,* canoagem, técnicas verticais e orientação cartográfica. Ainda é um esporte pouco conhecido e de pouca divulgação na mídia. Acredita-se que isto ocorra devido a uma logística complexa, ao fato de se desenvolver em ambientes selvagens e com provas de longa duração.

A CA, normalmente é praticada em equipes de duas a quatro pessoas. O quarteto misto, formação exigida no campeonato mundial, tem a obrigatoriedade de ter pelo menos um membro de sexo oposto aos demais. A formação com três homens e uma mulher, é a mais tradicional nas principais competições do Brasil e do mundo. Por esse motivo, Joanne Kay e Suzanne Laberge (2004), sugerem que o campo da CA se constitui em um lugar de legitimação da dominação masculina no esporte, a partir do momento em que as equipes são formadas em conformidade mínima com a regra de gênero, na configuração de apenas uma mulher, e nunca de três mulheres e um homem, por exemplo.

Entretanto, neste esporte dominado por homens, uma equipe chamou atenção. A equipe brasileira Atenah (nome inspirado na deusa grega da sabedoria), formada exclusivamente por mulheres ou três mulheres mais um homem, competiu de 2000 a 2009. Esta pesquisa propõe investigar a trajetória de vida destas mulheres, atletas de corrida de aventura, integrantes desta equipe, única de que se tem notícia no Brasil, até hoje, formada exclusivamente ou em maioria por mulheres.

Assim como a equipe Atenah, os estudos de Gênero contribuíram para desconstruir o chamado determinismo biológico, que, em muito, dificultou e restringiu a prática de esportes considerados viris, de força e de contato, por parte das mulheres.

As corridas de aventura geralmente acontecem em locais de natureza exuberante e pouco explorada pelo ser humano, muitas vezes em lugares inóspitos. Segundo Barbara Humberstone (2001), na natureza, comumente, as hierarquias de gênero tradicionais são reforçadas. Mas, também pode, em alguns casos, oferecer oportunidades de transgressão, resistência e desafio de ideologias.

Este estudo se insere, portanto, na categoria dos estudos feministas e de gênero, e visa dar visibilidade às mulheres, neste caso, as integrantes da equipe Atenah, que transgrediram a ordem de gênero nos esportes de aventura e fizeram história na Corrida de Aventura.

**MÉTODO**

Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de mestrado, qualitativa de caráter descritivo, que segue os princípios dos estudos de histórias de vida/trajetórias (MONTAGNER, 2007). A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, elaborada sob os preceitos da história oral temática (MEIHY, 1994). As entrevistadas foram realizadas com cinco 5 (cinco) mulheres integrantes da equipe Atenah, que competiram em nível nacional e internacional.

Como as atletas residem em lugares diferentes, duas em São Paulo, uma na França, uma na Nova Zelândia e outra na Espanha, optou-se em realizar as entrevistas por meio de chamada de vídeo no WhatsApp, aplicativo que permitiu pesquisadora e informante se ver e ouvir em tempo real, porém, somente o áudio das entrevistas foram gravados, com uso de um gravador da marca Olympus, modelo VN-6200 PC. Embora haja algumas desvantagens de entrevistar por este meio, como eventuais problemas técnicos, são vantagens de entrevistas *on-line*, a capacidade de alcançar informantes distantes, permitir espaço seguro e conveniente para os participantes (como sua própria casa) e a abertura para repetir respostas e perguntas (SEITZ, 2016).

As entrevistas foram realizadas após parecer favorável do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora, aprovado em 07 de novembro de 2017, sob o número 2.369.017. As participantes foram esclarecidas da natureza da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, enviado por *e-mail*. Dada a representatividade das entrevistadas no esporte, perante a situação investigada, somada a intenção de melhor contextualizarmos a análise, solicitou-

se a autorização do uso de seus nomes nas publicações resultantes deste estudo. A s entrevistas foram transcritas de acordo com o Manual Básico do Centro de Memória do Esporte (GOELLNER, 2012) e analisadas a partir dos preceitos da Análise de Conteúdo (AC) (BARDIN, 2008).

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Encontramos nas narrativas quatro eixos principais: experiências esportivas na infância e juventude; surgimento/ formação da equipe Atenah; dificuldades enfrentadas no esporte e estratégias utilizadas para superá-las e, por fim, a dispersão da equipe.

As atletas entrevistadas relataram que na infância e juventude praticaram diversos esportes, convencionais e ao ar livre, além de atividades na natureza, como campismo hipismo e outras. Todas as informantes obtiveram apoio e incentivo da família à prática esportiva, o que parece ter sido de fundamental importância para suas trajetórias na corrida de aventura, como demonstra o trecho abaixo:

> E.A.: Ah, sempre gostei de esporte. Quando eu era pequena meu pai tinha uma fazenda então eu vivia sempre *outdoor*, sempre me aventurando [...] nadava, de pequena... Bicicleta e... Sempre gostei de estar ao ar livre, praticando atividade física, acampando [...]

Outro ponto importante a ser observado é que, a partir dos relatos, foi possível perceber que as informantes nasceram em famílias de classe média e alta, fato que corrobora com os estudos de Luciana Abdalad e Vera Lúcia Costa (2009), de que, de um modo geral, a inserção das meninas e mulheres no esporte ocorreu de forma lenta, porém significativa, principalmente para as mulheres mais ricas. Este fato também é observado nos esportes de aventura, cujos equipamentos necessários para a prática são de elevado custo financeiro. Este aspecto explica o motivo pelo qual esses esportes sejam, normalmente, praticados por mulheres com um maior poder aquisitivo (ABDALAD; COSTA, 2009).

Esta questão de classe foi claramente exposta na maioria das entrevistas, como é demonstrado, por exemplo, no trecho que segue:

> K.L.: [...] uma coisa que não dá pra negar que em corrida de aventura é um esporte mesmo, assim de gente rica [...] Então a gente sempre tinha né, em último dos casos, os pais atrás né, pra qualquer coisa. Sempre.

A origem familiar abastada, revelada pelas mulheres da Equipe Atenah, entretanto, não lhes confere mérito menor em seus feitos. Elas “transgrediram” a “norma” num território de masculinidades hegemônicas, notadamente presente nos espaços de natureza, onde a mulher é o “outro” (HUMBERSTONE, 2001) e, especificamente em uma modalidade muito exigente, que demanda expertise em diferentes técnicas e tem provas extremamente longas, na maioria das vezes com pernoite em ambientes externos incontroláveis, com exposição à riscos diversos.

O desejo de formar uma equipe exclusiva de mulheres surgiu pelo descontentamento delas com o desempenho dos homens. Ironicamente, constituindo um paradoxo com o histórico da participação das mulheres na maioria dos esportes de aventura na natureza, nos quais, comumente, elas são vistas como mais fracas e menos competentes que os homens.

> S.G.: [...] no final de 99 os franceses vieram pro Brasil pra anunciar [...] uma corrida que teve em 2000 [...] uma prova francesa que teve no nordeste. E aí eles vieram conversar com a gente, eu estava com um monte de amigas, a gente reclamando dos homens na corrida né, tipo, ah os caras têm bolhas, os caras não aguentam [...] E eles falaram assim “porque vocês não montam uma equipe feminina?” [...] A gente virou e falou assim: É, mas pode? Pode só de mulher? Ele falou: “Na minha prova pode” Aí a gente falou, nossa, vamos fazer [...]

Quando questionadas se sofreram preconceitos pelo fato da equipe ser formada exclusivamente por mulheres, a maioria das atletas relatou que não perceberam preconceito direto, exceto no início, em casos isolados.

> E.A.: Não... Ah, no começo tinha é, um pouco, de “ah, é mulher” [...] quando nós formamos a Atenah [...] as equipes de apoio durante o evento, durante a prova, faziam apostas pra quando a equipe, a nossa equipe ia desistir. Então, se você ver isso tem um pouco de preconceito. Acho que na verdade serviu com mais como uma piada, mas se você for ver a fundo, pode ser chamado de preconceito.

> S.G.: Então, no comecinho também teve uma corrida que a gente ganhou e aí rolou uma mentirada, assim, a galera começou a dizer que a gente estava pagando pra alguém mostrar caminho. Teve uma vez, que foi, uma corrida só, que foi a segunda corrida que a gente ganhou

> de todas as equipes, só com uma mulher [...] a galera saiu matando, assim, os atletas mesmo, dizendo que a gente estava roubando... Que não era possível a gente ter ganhado... Enfim, mas depois a gente provou que a gente ganhou mesmo [risos].
>
> E.M.: Não, não existia preconceito não, acho que existia um pouco mais de... Ah... Como é que eu falo? Às vezes um pouco de inveja, assim, porque a gente conseguiu juntar quatro atletas fortes... Então... Algumas equipes masculinas falavam: Nossa todas... As quatro melhores brasileiras estão ali, então é... [riso]. Isso, mais ou menos, era uma sacanagem pra eles, eles viam assim entendeu? De certa forma, os homens [riso]. E a gente não, pra gente era uma coisa muito natural.

As narrativas corroboram com os achados de Joanne Kay e Suzanne Laberge (2004), em estudo denominado '*Mandatory Equipment: Women in Adventure Race'*. As pesquisadoras utilizam as concepções de 'campo' e 'poder simbólico' de Pierre Bourdieu como arcabouço teórico para explicar a CA como processo social dotado de um sistema simbólico construído simultaneamente por discurso e prática. Conquanto a regra da competição garante a permanência das mulheres no esporte, enredada por um discurso igualitário, na prática, a naturalização da diferença-fraqueza das mulheres e o privilégio da força física (atribuída aos homens) como 'capital dominante no campo' legitimam a dominação dos homens na CA.

Entretanto, enquanto nos estudos de Kay e Laberge (2004) as mulheres de equipes tradicionais utilizavam-se de 'estratégias de conservação' para acumular diferentes formas de capital simbólico (físico, social, cultural, econômico etc), reificando sua própria subordinação, as atletas da Atenah, ao formar uma equipe exclusiva de mulheres, utilizaram-se de 'estratégia de subversão', travando, mesmo que inconscientemente, uma luta por poder, no campo da CA.

Segundo Bourdieu, mesmo que essas estratégias sejam orientadas por interesses, elas não são o resultado da escolha racional e sim, gerados pelo que o sociólogo chamou de "sentido prático" ou "sentir pelo jogo", ou seja, a forma prática como os agentes sociais respondem às oportunidades e restrições de uma determinada circunstância de acordo com sua posição de poder, em um campo (Bourdieu, 2012). Portanto, a formação da Equipe Atenah foi possível pois as atletas gozavam de capital simbólico (físico, financeiro e social).

Como estratégias para superar as dificuldades, algumas atletas utilizaram a palavra resiliência e, mesmo no discurso das informantes que não utilizaram esta palavra, foi possível perceber que possuem características de resiliência. A estratégia de equipe e de prova também pode ser entendida como uma estratégia para manterem-se no esporte, já que foi fator fundamental para os bons resultados da equipe nas competições:

> M.T.: [...] essa história de resiliência psicológica [...] a gente aprendeu na prática que em vários casos as meninas, a gente sofreu pra caramba e que foram super resilientes e [...] assim, aprendi que cada mínimo detalhe conta e a sua cabeça tem que estar cem por cento naquele negócio, comprometida em todo momento, no nível mais alto. E é isso que faz a diferença.

> S.G.: [...] Estratégia sempre foi nosso gancho né. Estratégia e eficiência em transição, tomada de decisão. São as coisas que mais, é... Fazia a gente ganhar tempo. A gente sempre teve transições muito rápidas. E a gente sempre foi muito rápida em tomada de decisão [...]

Jason Laurendeau e Nancy Sharara (2005), examinaram no paraquedismo e *snowboard,* as maneiras como as mulheres negociam espaço nessas arenas dominadas pelos homens. Apesar da participação das mulheres nessas atividades ser limitada, para conquistar espaços para si próprias nestes contextos desportivos, estas mulheres investem em estratégias baseadas em noções liberais de resistência de classe-média ("*middle-class and liberal notions of resistance*"). O maior destes exemplos é o que os pesquisadores chamaram de "agência reprodutiva."

Algumas estratégias, no entanto, parecem exemplificar "agência resistente" (DWORKIN; MESSNER, 1999). Os autores questionam até que ponto tais estratégias podem realmente resultar em mudanças significativas no que tange às relações de gênero nos esportes. Os termos "*reproductive agency*" e "*resistant agency*" foram descritos originalmente por Shari L. Dworkin e Michael A. Messner (1999).

> *The kind of collective women's agency that emphasizes the building of institutions such as rape crisis centers, domestic violence shelters, and community women's athletic leagues is a resistance agency through which women have empowered themselves to fight against and change the institutions that oppress them. In contrast, individual women's agency expressed as identification with corporate consumerism is a reproductive agency that firmly situates women's*

> *actiions and bodies within the structural gender order that oppresses them.* (DWORKIN; MESSNER, 1999 p. 21, 22).

É curioso observar que existe um paradoxo nas estratégias utilizadas pela equipe Atenah. Ao mesmo tempo em que elas utilizaram uma ‘estratégia de subversão’, configurando uma ‘agência resistente’, na formação da equipe exclusiva de mulheres, as estratégias acima, caracterizam ‘estratégias de conservação’ ou ‘agência reprodutiva’, pois possuem como único objetivo, a manutenção da posição das mulheres no campo, legitimando assim, sua subordinação. Este fato fica claro no trecho de entrevista a seguir:

> M.T.: [...] Tiveram várias etapas de remo na Croácia e [...] remo é uma modalidade que pra mulher é muito difícil [...] E a gente sofreu pra caramba nos trechos de remo e buscava vantagem nos trechos de *trekking* e de *mountain bike.* [...] Essa prova, assim... A gente chegou... na verdade a gente chegou em terceiro lugar, mas eles arrumaram um jeito de dar uma zona lá nos resultados e colocar a gente em quarto, pra não pagar premiação, mas a gente foi super bem e... Apesar dessa limitação. Era tipo sessenta e cinco por cento da prova era remo. Então... A gente fez um milagre, sabe?
>
> F.S.- Mas você acredita... Nessa questão do resultado. Você acredita que foi pelo fato de serem mulheres? Uma equipe exclusiva de mulheres? (Fabiana Silva – Pesquisadora).
>
> M.T.- Não. Eu acho que... Ele convidou, na verdade a equipe, então ele deu a inscrição pra gente então... É... Eu acho que ele queria premiar em dinheiro aqueles que tinham pago... É... Pagado pra fazer a prova, sabe? Então... A gente... A gente foi lá mais por *marketing,* que ele não convidou nenhuma outra equipe. Todas as outras pagaram pra fazer inscrição. Mas foi super legal. Foi fantástica a experiência. Pra nós quatro. Foi demais.

Segundo Joanne Kay e Suzanne Laberge (2004), a CA constitui um sistema simbólico de classificação social, servindo como instrumento de dominação, legitimando a hierarquização social, estimulando, como explica Bourdieu, os dominados a aceitar as hierarquias existentes no campo. Desta forma, pelo discurso das atletas, é possível observar que elas jogam o jogo da CA, ao não perceber, ou fingir não perceber as regras

da manutenção da hierarquia de gênero, pormenorizando as dificuldades enfrentadas, frente às experiências positivas vividas no esporte.

Sobre o fim da equipe, as atletas apontaram algumas questões individuais de suas vidas, como mudança de país, falta de recursos financeiros para continuar competindo, como a falta de patrocínio, necessidade de trabalhar, entre outras. Porém, os motivos que apareceram com maior frequência foram o casamento e o nascimento dos filhos, como observado nos trechos de entrevistas:

> S.G.: Cada uma foi pra um canto, daí todo mundo foi ter filho. Eu tive filho, a Nora teve filho [...] Mas a gente em breve vai fazer uma reedição da Atenah, agora que os filhos estão crescendo [...] Eu demorei até... Eu acho que eu me casei tarde por causa disso, corrida de aventura [risos]. Certeza [risos]. Passei muito tempo rodando o mundo aí em vez de procurar marido [risos].

> K.L.: Porque a vida... A gente... Envelheceu, começou a ter filho... A Nora foi morar na Nova Zelândia, ela conheceu um neozelandês... Eu vim morar na França... E a Shubi ficou no Brasil [risos] [...]

Questionada sobre o que de fato garante a permanência de mulheres na CA, uma atleta respondeu:

> M.T: É o espírito mais independente mesmo [...] A proposta da corrida de aventura, tal, mas a mulher ela tem que ser realmente mais independente e tem que bancar essa história sozinha, ela tem que ter uma posição de liderança na família. Em casa. É perfil! Eu acho que... Quem sabe, garante. É uma seleção natural de mulheres mais independentes e autônomas.

Pesquisa com abordagem feminista pós estruturalista, investigou mães praticantes de *snowboard*, mostrando que elas superaram as expectativas sociais criadas pelo que os autores chamaram de “ideologia da maternidade” e redefiniram o significado de “boa mãe”. Também encontrou que o apoio de parceiros e membros da família é essencial para a permanência das mães neste esporte (Spowart, L.; Burrows, L.; Shaw, S.,2010).

Esses achados sugerem que o casamento e a maternidade podem estar relacionados a dificuldades de mulheres se manterem competitivas na CA.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A *Atenah* transgrediu a norma, num esporte dominado por homens. Com uma equipe só de mulheres competindo contra equipes formadas majoritariamente por homens, derrubou o determinismo biológico conquistando pódios e chegando ao topo dos *rankings*. Assim, mesmo que nem sempre vencendo a competição, vencia a disputa por espaço, num lugar de masculinidade hegemônica, comumente associada aos esportes de aventura.

Mas por mais que tenham sido pioneiras, transgressoras e excepcionais no seu esporte, a análise dos motivos que levaram ao fim da equipe sugere que o engajamento da mulher na corrida de aventura pode ser ameaçado pelas instituições do matrimônio e da maternidade. Entretanto, há necessidade de novos estudos para investigar a relação de gênero, maternidade e envolvimento de mulheres neste esporte.

**APOIO**

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio da concessão de dois meses de bolsa de estudos.

Prefeitura de Juiz de Fora, por meio de licença remunerada para aperfeiçoamento profissional da primeira autora.

**REFERÊNCIAS**

ABDALAD, L.S; COSTA, V. L. M. A Participação das mulheres nos esportes de vôo livre: um estudo sobre as práticas de aventura e risco. **Revista Gênero**, Niterói, v. 10, n. 1, p. 121-145, 2. sem., 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 226p.

BOURDIEU, P. (1930-2002) **O Poder Simbólico**/ Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 322p.

CARVALHO, C. Memórias de uma Atenah. **Revista Go Outside**. São Paulo: 2011. Disponível em:<http://gooutside.com.br/699-memorias-de-umaatenah/>. Acesso em: 26 jan. 2017.

DWORKIN, S.; MESSNER, M. Just do . . . what? Sport, bodies, gender. *In*: MARX, F.; LORBER, J; HESS, B. (Org.). **Revisioning gender.** Thousand Oaks: Sage, 1999. p. 341-361.

GOELLNER, S. V. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da educação física. *In:* DORNELLES, P.G.; WERNETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Org.). **Educação Física e Gênero**: Desafios educacionais. Ijuí: Editora Unijuí, 2013. p. 23-43.

GOELLNER S. V. Projeto Garimpando Memórias: **Manual Básico do Centro de Memória do Esporte**. Porto Alegre, 2012.

HUMBERSTONE, B. 'Transgressões de gênero e naturezas contestadas'. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.28, n.3, p.21-38, 2007.

KAY J.; LABERGE S 'Mandatory equipment'. Women in adventure racing. In: Wheaton, B **Understanding lifestyle sports.** Consumption, identity and difference. London: Routledge, 2004. p.154-174.

LARENDEAU J.; SHARARA N. Women could be every bit as good as guys. Reproductive and resistance agency in two 'action' sports. **Journal of Sport and Social Issues,** Alberta, v. 32, n.1, p. 24-47, 2008.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 2005. 290p.

MONTAGNER, M.A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias** [online]. 2007, n.17, p.240-264.

SEITZ, S. Pixilated partnerships, overcoming obstacles in qualitative interviews via skype: A research note. **Qualitative Research**, 2016, n.16, p.229–235.

SPOWART, L.; BURROWS, L.; SHAW, S. Snowboarding mums carve out fresh tracks: Resisting traditional motherhood discourse? **Annals of Leisure Research**, 2008, v. 11, n.13, p.187-204.

# PÔSTER 2

## "A VERDADEIRA AVENTURA": RELATO DE UMA MÃE-ATLETA DE CORRIDA DE AVENTURA NA ETAPA DO CAMPEONATO MUNDIAL

Fabiana Duarte e Silva; Ludmila Nunes Mourão; Marília Martins Bandeira

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

E-mail: fabiduartes@hotmail.com

Palavras-chave: corrida de aventura, gênero, mães atletas, narrativas.

**INTRODUÇÃO E OBJETIVOS**

Esta pesquisa analisa a narrativa de uma mãe atleta de corrida de aventura (CA), sobre sua participação na etapa do campeonato mundial da modalidade. As narrativas são usadas constantemente por pesquisadores que se dedicam às investigações qualitativas para observar os processos vividos pelos envolvidos, pois tratam da representação da realidade dos sujeitos, constituindo assim, rico material para pesquisa sócio antropológica (CUNHA, 1997).

A CA pode ser definida como uma competição multiesportiva em que participam equipes formadas, na maioria dos eventos, por mulheres e homens, sendo exigência da regra ao menos uma pessoa de gênero distinto dos demais membros de sua equipe. A CA tem como objetivo percorrer longas distâncias em diferentes modalidades esportivas tal como *mountain bike, trekking,* canoagem, técnicas verticais e orientação cartográfica, no menor tempo possível, exigindo o máximo de resistência física e psíquica, por passar em locais selvagens (TOGUMI, 2017).

Estudo anterior que investigou uma equipe de CA composta exclusivamente por mulheres, ou que, em alguns eventos, participou com três mulheres e apenas um homem, sugere que o engajamento da mulher na corrida de aventura pode ser ameaçado pelas instituições do matrimônio e da maternidade. Discursos culturais sobre maternidade, relacionados ao esporte, podem interferir nas identidades de mães atletas ao produzir diferentes efeitos resultantes, como por exemplo, sofrimento, melhoria/ redução psicológica e de desempenho e desengajamento esportivo (MCGANNON; MCMAHON; GONSALVES, 2018).

Entendemos que as práticas esportivas não podem ser um espaço regido por normas comportamentais de masculinidade e feminilidade, tampouco um espaço de reprodução de papéis sociais culturalmente relacionados a homens e mulheres (LOURO, 1995). Os estudos feministas e de gênero, negam binarismos e exaltam as diversas formas de masculinidades e feminilidades (GOELLNER, 2013).

**MÉTODO**

Esta pesquisa qualitativa foi realizada por meio de análise de narrativa pessoal de Camila Nicolau, publicada no Blog da assessoria esportiva da própria atleta e de seu marido, que também é praticante de CA.

Camila produziu o relato após participação em uma etapa do campeonato mundial de CA, no Paraguai, onde, juntamente com seu marido Guilherme Paul, competiu completando o quarteto da equipe espanhola 'Columbia'. Seria apenas mais uma prova importante para o experiente casal de atletas, não fosse o fato da companhia de seu filho Kilian, na ocasião com quatro meses de vida. A análise dos relatos da atleta foi descritiva e apresentou os seguintes resultados.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Fica claro na narrativa abaixo que a mãe atleta vive um dilema entre priorizar a *performance* esportiva e manter os cuidados com o filho recém-nascido.

> "Aceitar o desafio de correr com uma das melhores equipes do mundo, a Columbia [..], já seria motivo suficiente para muita ansiedade e euforia. No entanto, esse seria também o meu retorno, após a gravidez, às provas de expedição e por isso, me questionei por alguns meses se seria mesmo capaz de dar conta desse time. Brigar pela vitória e amamentar nas áreas de transição de modalidade durante a prova são coisas completamente antagônicas. Priorizar meu filho em meio a competição poderia ser trágico para a nossa *performance*, mas mesmo assim, minha vontade era grande e esse era um time dos sonhos! Acreditei que daria certo". (Relato de Camila Nicolau, disponível na íntegra em: http://oficinamultisport.com.br/blog/18/averdadeira-aventura. Acesso em: 06 de julho de 2018).

Estudos evidenciam que normas culturais de 'boa mãe' e cuidados ideais com os filhos, podem dificultar o engajamento em atividade física das mulheres. Essas perspectivas normativas enfatizam que as

mulheres devem cuidar das crianças e colocar as necessidades da família acima das suas próprias (MILLER & BROWN, 2005).

Em outro trecho da narrativa, fica claro seu sentimento de culpa em relação à dedicação ao esporte.

> Logo após a largada me bateu um sentimento de “o que que eu estou fazendo aqui?!”. Me senti um pouco culpada, tipo a mãe desnaturada que abandona o filho, mas estava tudo muito bem combinado com o Arnaldo e qualquer coisa grave que acontecesse, o Kilian era prioridade.

Pesquisa que investigou mães praticantes de *snowboard*, mostrou que elas superaram as expectativas sociais criadas pelo que os autores chamaram de “ideologia da maternidade” e redefiniram o significado de “boa mãe”. Também encontrou que o apoio de parceiros e membros da família é essencial para a permanência das mães neste esporte (SPOWART; BURROWS; SHAW, 2010). Camila Nicolau também consegue redefinir o conceito de ‘boa mãe’, provando que é possível assumir identidade de mãe e atleta de alto rendimento, contando com o apoio e cooperação da família (no caso, o marido, que competia junto dela) e do amigo Arnaldo, que se encarregou dos cuidados com o bebê, enquanto mãe e pai competiam.

A complexidade das estratégias (“logística com o Kili”) utilizadas pela mãe atleta para desempenhar a dupla função, pode ser sintetizada neste trecho da narrativa:

> A logística da prova estava relativamente simples e nos organizamos facilmente para a largada. O mesmo não pude dizer da **logística com o Kili**. Começando porque não pude congelar meu leite no freezer do primeiro hotel que ficamos e todo ele descongelou [...] A logística da prova estava realmente fácil perto dessa outra... (Grifo nosso).

Estudo sugere que mães precisam fazer ‘malabarismos’ para manter a prática esportiva, o trabalho e os cuidados com os filhos. (MCGANNON; MCMAHON; GONSALVES, 2018). Emma Belforth (2013) estudou mães atletas de elite em esportes de *endurance.* Os dados foram analisados utilizando Boudieu e seu conceito de ‘*Habitus*’ e ‘Campo’. Concluiu que as mães têm um forte *‘habitus’* esportivo, mas dividem partes de suas identidades do esporte, já que este não é mais o único capital social; o amor e a relação com os filhos é um importante capital social e contribui de uma forma positiva para o seu campo nos esportes. Camila também demonstra encontrar motivação no filho, sabendo que o encontraria nas áreas de transição (AT) da prova, como observamos no trecho a seguir:

> Eu os veria uma vez ao dia para amamentar e movida a esse encontro diário me motivei mantendo o foco e em boa sintonia com o time[...] Ao escurecer do primeiro dia havíamos deixado pra trás 11km de canoagem, 7km de orientação a pé, mais 20km de canoagem e 42km de trekking num total de 80km. No final do trekking de 42km encontrei pela primeira vez com o Kili e ele mamou vorazmente meus dois peitos que estavam bem empedrados do leite parado lá por muito tempo, foi um alívio!

A equipe de Camila venceu a prova, e a mãe atleta fez história ao subverter a norma, provando que é possível conciliar maternidade e esporte de alto rendimento.

> Sem pressa, pude amamentar e relaxar. Tudo havia passado e de agora em diante voltava para a verdadeira aventura da minha vida que é ser mãe.

De acordo com os estudos de Emma Belforth (2013), seu filho Kilian, e seu novo papel em seu novo campo de mãe, conferiram à Camila um novo 'capital simbólico' (Bourdieu, 2012). Ela agora possui alto capital simbólico em dois campos e seu desafio é equilibrá-los.

A narrativa de Camila Nicolau demonstra que, apesar de ser possível conciliar maternidade e esporte de *endurance* de alto rendimento, há muitas barreiras a serem enfrentadas pelas mães atletas nesta sociedade patriarcal em que vivemos. Para que isto se torne possível, o apoio do companheiro, família e amigos é fundamental nesse processo.

Embora alguns atletas provem que é possível voltar a competir no nível de elite após o parto, e fazê-lo com ótimos resultados, representam uma minoria. A maioria das atletas prefere não retornar aos esportes de elite depois de dar à luz (BELFORTH, 2013).

> Entretanto, há necessidade de novos estudos para investigar mães atletas e até mesmo mulheres que optaram em abandonar o esporte competitivo após o parto, para maior conhecimento neste campo.

**APOIO**

Esta pesquisa recebeu apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio da concessão de dois meses de bolsa de estudos. Também recebeu apoio da

Prefeitura de Juiz de Fora, por meio de licença remunerada para aperfeiçoamento profissional da primeira autora.

**REFERÊNCIAS**

BELFORTH, E. The elite endurance athlete as a mother - A case study of four elite endurance sporting women. **Göteborgs universitets publikationer - elektroniskt arkiv**, **2013.** p. 43. Disponível em: <https://gupea.ub.gu.se/handle/2077/34408>. Acesso em 29 de julho de 2018.

BOURDIEU, P. (1930-2002) **O Poder Simbólico**/ Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 322p. C U N H A, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **R. Fac. Educ**, São Paulo, v.23, n.1/2, p.185-195, jan./dez. 1997.

GOELLNER, S. V. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da educação física. In: DORNELLES, P.G.; WERNETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Org.). **Educação Física e Gênero**: Desafios educacionais. Ijuí: Editora Unijuí, 2013. p. 23-43

LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, v.20. n.2, p.101-132, jun./dez. 1995.

MCGANNONA, K. R; MCMAHONB, J.; GONSALVESA, C.A. Juggling motherhood and sport: A qualitative study of the negotiation of competitive recreational athlete mother identities. **Psychology of Sport & Exercise**, Tasmania, v. 36, p.41–49, 2018.

SPOWART, L.; BURROWS, L.; SHAW, S. I just eat, sleep and dream of surfing: When surfing meets motherhood. **Sport in Society**, n.13, 2010.

TOGUMI, W. A corrida de Aventura. In. FONSECA, C. **Corrida de Aventura**: A natureza é nosso desafio. São Paulo. Editora Labrador, 2017. p.13-25. Disponível em: <http://oficinamultisport.com.br/blog/18/a-verdadeiraaventura>

# PÔSTER 3

## A AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM QUESTÃO: DIÁLOGOS SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Luiz Gustavo Nicacio; Amanda Fonseca Soares Freitas; Marlon Teodoro Silva

E-mail: luiz.nicacio.ef@gmail.com

A presença das Práticas Corporais de Aventura (PCA) na escola não é uma grande novidade em várias escolas do país. Entretanto, até dezembro de 2017, quando foi promulgada a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), não havia um documento norteador de âmbito nacional ou em Minas Gerais que levantasse especificamente a presença das PCA como conteúdo das aulas na Educação Física Escolar (EFE). No que diz respeito aos percursos formativos na licenciatura em Educação Física, Portela (2013) aponta que 71,81% dos professores entrevistados em seu trabalho nunca tiveram uma disciplina que tratasse especificamente do tema durante a graduação. Em breve levantamento sobre as universidades federais em Minas Gerais, pudemos identificar que entre as 11 existentes no estado, nove ofertam graduação em Educação Física, entre elas há duas que possuem ofertas em campus presentes em distintas cidades o que leva a um total de 11 cursos de graduação ofertados, destes apenas cinco, ou seja, menos da metade, ofertam alguma disciplina em sua matriz curricular de forma obrigatória ou como optativa regular. O quadro relatado na pesquisa de Portela, associado ao breve levantamento sobre a presença de disciplinas que tematizem as PCA na formação de professores de Educação Física em diálogo à tão recente existência de um documento norteador que indique as PCA como conteúdo da EFE, nos levou a refletir sobre possibilidades para o processo formativo de novos docentes que poderiam ao mesmo tempo ter um papel de formação continuada para professores já atuantes na educação básica.

Nesta perspectiva, no primeiro semestre de 2018, foi ofertada a disciplina Atividades Físicas de Aventura, Educação e Lazer na graduação em Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A disciplina teve como premissa o diálogo com professores atuantes na educação básica que se propusessem a dialogar em diferentes dimensões com os alunos da disciplina e desenvolvendo ações com as PCA que poderiam ser unidades didáticas, projetos, trabalhos de campo ou visitas técnicas, sempre respeitando a autonomia e autoridade docente dos professores que receberam os alunos que cursavam a

disciplina. Neste processo foram parceiras quatro escolas, uma da rede municipal de Santa Luzia, uma da rede Estadual de Minas Gerais, o Colégio Técnico da UFMG e Centro Pedagógico da UFMG. Foram desenvolvidos diferentes trabalhos em cada uma delas e para este texto optamos por destacar as ações desenvolvidas no Centro Pedagógico da UFMG (CP). Esta escolha se deu em função do ineditismo no trato com o tema para a professora que recebeu os alunos, pela presença das PCA no Projeto Político Pedagógico da Educação Física nesta escola e pelo fato desta escola ser uma escola de aplicação o que dialoga diretamente com a perspectiva da disciplina proposta.

## ESTRUTURA DA DISCIPLINA E O DIÁLOGO COM A ESCOLA

A disciplina foi oferecida como optativa para o curso de Educação Física de um modo geral. Aqui cabe destacar que ainda que ela não tenha se detido no que é pertinente à licenciatura, seu foco era a formação para a atuação na EFE. Cursaram a disciplina um total de 27 alunos. O semestre esteve dividido em três grandes eixos que se entrelaçaram ao longo das aulas: a fundamentação teórica no âmbito das PCA, a experiência de algumas PCA e o diálogo com professores atuantes na educação básica.

No que diz respeito a fundamentação teórica foram abortados conceitos como o perigo e risco, sustentabilidade, educação ambiental, direito a cidade e PCA, história conceitos de algumas PCA específicas. Sobre as vivências a disciplina ofereceu associadas ao estudo teórico as práticas de Parkour, Slackline, atividades de Orientação, Skate, Windsurf, Stand-up Paddle, Canoagem e Remo. E ao longo do semestre o diálogo com professores de quatro diferentes escolas da região metropolitana de Belo Horizonte.

No primeiro dia de aula, cada aluno deveria se comprometer ao diálogo com uma escola entre as que haviam se proposto a receber alunos da disciplina. A escolha das escolas se deu por meio de um conjunto de informações acerca delas sem que o nome e localização fossem informados. Esse processo teve por objetivo que os alunos escolhessem a escola, preferencialmente, baseados em critérios didático pedagógicos como temas a serem tratados nas aulas, faixa etária dos alunos, possibilidade de trabalho de campo, experiência docente com o tema, formação e titulação docente. No caso do CP os temas seriam definidos em conjunto com os alunos da disciplina, as aulas seriam com alunos de nono ano do ensino fundamental, havia perspectiva de uma prova de enduro de regularidade como trabalho de campo e a professora tutora trataria o tema das PCA pela primeira vez. O grupo que se comprometeu com o CP era composto por seis alunas e um aluno.

Feita a escolha da escola o grupo e professora agendaram uma reunião na escola para se conhecerem e definir o desenvolvimento de uma unidade didática. Neste encontro optaram por um conjunto de 12 aulas, divididas em três temas: parkour, slackline e provas de orientação. Além disso, ficou em aberto a possibilidade de um trabalho de campo envolvendo provas de orientação em um parque público de Belo Horizonte. Todo o trabalho foi desenvolvido com turmas do 9ºano do ensino fundamental.

Aqui cabe uma discussão que esteve presente na disciplina e no diálogo entre os alunos e a professora. Ainda que haja um fator facilitador para inserção das PCA na escola por sua presença na BNCC, há um conjunto de críticas que precisam ser feitas a esse documento. Segundo o mesmo, as PCA devem estar presentes nos anos finais do ensino fundamental e divididas entre práticas da natureza e práticas urbanas, estas últimas devem compor as aulas do oitavo e nono ano. No caso do CP as aulas propostas coincidiram com o que a BNCC propõem, todavia, no diálogo entre professora e estudantes surgiu à possibilidade da organização de um acampamento, tema que se enquadraria nas PCA na natureza que estão alocadas nos 6º e 7º anos.

A proposta da professora ao acolher os alunos da disciplina passava por uma perspectiva de ressignificação da "forma escolar" [10] entendendo-a como uma determinada maneira de se promover as noções de ensino aprendizagem, em que há uma hierarquia não restrita ao espaço da escola. Ao compreender os alunos da disciplina sobre as PCA como sujeitos que estavam com determinada bagagem sobre o tema, a professora os delega a responsabilidade de propor os temas e subsidia-la com materiais, propostas de aula e materiais a serem usados, ao mesmo tempo em que situada à importância de sua trajetória docente para mediar esses conhecimentos no dia-a-dia das aulas. Não foi possível aos alunos da disciplina estar presentes nos dias em que as aulas ocorreram, associado a isso não foi possível a realização do trabalho de campo. Isso gerou uma quebra nas expectativas dos alunos de graduação, todavia, ao mesmo possibilitou uma reflexão sobre os tempos escolares e a dinâmica escolar e suas especificidades.

No desenvolvimento do tema Slackline a organização se deu em quatro aulas divididas em dois encontros geminados. No primeiro encontro o foco foi apresentação das modalidades, a montagem e desmontagem de diferentes fitas e formas de ajuda. Essa organização se aproxima daquilo que a BNCC destaca como sendo o que caracteriza e diferencia das demais práticas da EFE, que seriam a vertigem e o risco controlado. Compreender a dinâmica de que o risco deve ser controlado ou calculado como dito por

[10] Para maiores informações ler "Sobre a história e teoria da forma escolar", VICENT, LAHIRE & THIN, 2001.

David Le Breton (2006), que seria o bom risco que pode trazer sensações e emoções associadas a um grau satisfatório de segurança. Ao mesmo tempo a aula trouxe a noção de que a ideia de aventura está intimamente relacionada com as percepções de cada sujeito.

De acordo com Pereira e Armbrust (2010) a palavra aventura deriva do latim “adventura”, significando “o que está por vir”, nos remetendo ao desconhecido ou a algo imprevisível. Esse desconhecido é muito relativo e as sensações dos alunos de 9ºanos podem ser bastante distintas se pensarmos em crianças do primeiro ciclo por exemplo. Medos e inseguranças podem se aproximar mais de questões sociais do que propriamente ligadas ao risco físico. Houve interessante adesão dos alunos as aulas que se dedicaram ao Slackline, bem como as dedicadas ao Parkour.

No que diz respeito ao Parkour, a professora, a partir das propostas dos alunos de graduação, também organizou dois encontros de aulas geminadas desenvolvendo uma apresentação sobre o Parkour e proporcionando a experiência de movimentos e exploração de espaços da escola que normalmente não eram vislumbrados para as aulas. A adesão de meninas e meninos foi interessante. No caso do Parkour a questão do risco levantou mais oportunidades de se pensar às relações corpo e prática / corpo e cotidiano. Pequenas distâncias ou elevações já causavam ansiedade e medo, associadas às angústias sociais citadas anteriormente.

Em função da dinâmica escolar o tema de orientação não foi trabalhado, uma vez que pelo adiantar do calendário no momento em que a proposta se iniciou, outras demandas já tradicionais, além de outras administrativas dificultaram tanto a sequência do trabalho. Neste ponto cabe a reflexão sobre a constituição de tradições escolares que podem com o tempo conter experiências ligadas às PCA.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de tentar promover um diálogo mais aproximado entre formação inicial e atuação docente trouxe importantes reflexões. Ao tratar um tema em que a experiência profissional e pessoal estava muito a margem em comparação com outros conteúdos da EFE, o próprio fazer docente torna-se uma aventura e levou a professora a um lugar de insegurança, que pode ser minimizado a partir do diálogo com os alunos de graduação que trouxeram um arcabouço teórico-prático da disciplina que estavam cursando.

Os alunos da graduação, ainda que tenham conseguido propor aulas, ver seus esforços e estudos materializados nas aulas da professora, sentiram-se em parte não contemplados nos seus anseios. Muito por não poder ter a experiência do desenvolvimento das aulas em função de outros compromissos. Isso nos indica

que em outras disciplinas que proponham dinâmicas semelhantes, é importante assegurar um tempo para a presença dos alunos na escola junto com os docentes que os acolham.

Por fim, ao refletir a imersão das PCA na EFE nos parece importante ter em vista o processo formativo tanto inicial quanto continuado dos professores da Educação Básica. Compreender que a inserção destas práticas num documento com a BNCC não é suficiente para sua presença nas escolas, é necessário um diálogo entre universidades e escolas para pensar e atuar nesta formação. As escolas de aplicação podem ter papel importante nesse movimento de pensar esses processos de formação.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: Junho de 2018.

LE BRETON, David. Risco e Lazer na Natureza. In: MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Heloisa Turini. **Viagens, Lazer e Esporte**: o espaço da natureza. Barueri: Manole, p. 94117, 2006.

PORTELA, Andrey. **O esporte de aventura na educação física**: formação e atuação dos professores. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2013.

VINCENT, Guy.; LAHIRE, Bernard.; THIN, Daniel. Sobre a história e teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-48, jun. 2001.

PEREIRA, Dimitri Wuo.; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis Prado. Esportes Radicais de Aventura e Ação, conceitos, classificações e características. **Corpoconsciência.** Santo André – SP, FEFISA, v. 12, n. 1, 2008, p. 37 - 55.

# PÔSTER 4

## ANÁLISE CRITICA QUANTO A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM LAZER

Maksilane Eudilene Bento

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil

E-mail: maksilanebento@gmail.com

Este texto fundamenta-se na discussão de currículo e formação profissional em lazer que a professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - Marlucy Alves Paraíso – traz em sua visão e contextualização sobre currículo, cultura e lazer e como tais conceitos se relacionam no contexto social em caráter geral e como ambos influenciam a formação profissional do lazer.

Para iniciar esta resenha parto da explicitação do objetivo da autora, que busca compreender e questionar como "*questões e discussões no campo curricular podem ser úteis nas discussões sobre a formação profissional em lazer, apontando possibilidades de encontros entre esses objetos"* por ela destacados (PARAÍSO, 2010, pág. 3).

Assim para corroborar com objetivo central do trabalho, foram expostas algumas questões norteadoras, o que possibilitou uma linha de discussão fundamentada no âmbito da cultura como possibilidade de ligação entre currículo e lazer, constituindo assim o trabalho proposto. Seguindo essa linha de pensamento, o trabalho propõe conceituar currículo e cultura como um ponto inicial ligação com o lazer. Sendo assim quando se fala de currículo a primeira palavra que se pensa é educação, motivo de grade discussão e problematização em nosso País, marcados por dois pontos principais: o primeiro ponto em destaque é para as mudanças políticas voltadas ao ensino fundamental, a chamada reforma curricular no sistema de ensino brasileiro nos anos 90; em segundo ponto destaque para as análises curriculares que além das modificações que proclamavam um parâmetro curricular a ser rigorosamente seguido, agora torna-se necessário também o currículo dar conta também os campos sociais, uma forma de representação política, ou seja um trabalho interdisciplinar, no qual todas as disciplinas devem além de suas especificidades devem apresentar questões de gênero, etnia, sexualidade, entre outros, denotando assim a complexidade que se tornou a teoria curricular após tal reforma.

Após destacar os fatores que demarcaram o caminho do currículo, foi possível perceber que o currículo agora passa a ter atuação sobe o viés cultural, em que se promove intensa "*produção, problematização"* e alargamento na teoria cultural e filosófica contemporânea do campo do currículo. Isso possibilitou ampliar o pensamento de que currículo se relaciona ao lazer por meio dos "*aportes*" culturais. *"A centralidade da cultura está no fato de que ela perpassa todos os acontecimentos das nossas vidas, as representações que fazemos desses acontecimentos e os entendimentos que temos das coisas da vida."* (PARAÍSO, 2010, p. 5). A cultura neste trabalho realizado, portanto passou a ser apreendida como uma prática discursiva, um complexo de significados, integrados a relação de poder de diferentes tipos, presentes em todas as relações sociais. Por isso,

> "Explorar os aspectos substantivos da cultura na formação profissional em lazer significa atentar para o lugar dado a ela em um determinado currículo ou nas diferentes práticas de lazer, e observar o seu funcionamento na própria definição do que é considerado bom, verdadeiro e adequado. Significa também mostrar seu lugar na organização das atividades de lazer, na distribuição de tarefas, nas múltiplas linguagens usadas nessas práticas para falar do mundo, do social e dos povos. Atentar ao seu peso epistemológico no lazer significa trabalhar para explicitar, por exemplo, a posição que tem a cultura na definição do que é um bom profissional em lazer, que conhecimentos precisam ter acesso, quais são suas funções, como devem proceder etc. Atentar ao seu peso epistemológico no lazer significa também explicitar a posição que exerce a cultura na definição do que é uma boa atividade de lazer; o que ela nos proporciona e quais são as posturas consideradas adequadas tanto do profissional como do usuário do lazer."

Por fim, ao apreender mais sobre cultura e currículo pode-se perceber que a relação existente entre lazer e currículo perpassa pelas significações dadas à cultura. Sendo assim para compreensão de currículo em relação ao lazer como campos de cultura é preciso observar de qual epistemologia se percebe e se defende tais conceitos, de que forma eles estão postos num contexto social e qual a visão crítica e o que se pretende divulgar e implementar como verdades com o intuito de ensinar ou transmitir conhecimento sobre a vida, o mundo, política, entre outros. Neste sentido pensar o currículo formal ou não formal e atividades de

lazer é pensar a prática cultural como forma de produção cultural, ação produtiva para as relações de formação humana. Portanto, a formação profissional em lazer requer um currículo que promova a capacitação do indivíduo para atividades crítica-analítica para que este possa atuar com texto cultural.

Diante de toda essa discussão parte-se agora para a apreensão de como esses componentes (currículo e lazer) podem compor o indivíduo, ou seja, como podem contribuir para a formação profissional em lazer, pensando no sujeito atuante.

Inicialmente antes de uma formação profissional é preciso conhecer o indivíduo na sua totalidade e como este foi concebido ao contexto social. Isso significa dizer que o indivíduo é nada mais do que o compõe, ou seja, ele é tudo aquilo que se expressa em linguagem verbal ou não verbal, é efeito de suas relações com outro e com o mundo. A autora defende a teoria de sujeito de Michel Foucault, no qual ela diz:

> "Operar com a compreensão de sujeito foucaultiana demanda entender que nos constituímos em meio a uma variedade de discursos, de práticas, de exercícios, de experiências, de táticas e estratégias, de tecnologias particulares pertencentes a tradições culturais heterogêneas e descontínuas. [...] Somos indivíduos disciplinados pelo poder, sujeitos produzidos pelas práticas discursivas, em diferentes processos de subjetivação. E o processo de *subjetivação* – aquilo que nos faz sujeitos de certos tipos – na sociedade contemporânea é, sobretudo, heterogêneo, múltiplo, plural, divergente, como o é, também, nossa própria *subjetividade* ou *identidade*" (PARAÍSO, 2010, p. 14).

Esclarece-se assim, portanto, a subjetividade humana, esta pautada nas experiências vivida pelo indivíduo. Em contrapartida é possível a compreensão de identidade a partir daquilo que o indivíduo constrói no seu cotidiano, nas suas relações sociais, na relação com a contestação daquilo que ele é em relação ao outro, ou seja, na diferença, sendo identidade aquilo ocorre em processos de *construção*.

Não basta entender o que é sujeito, é preciso perceber, discernir, compreender quem é este sujeito e em que espaço ele se encontra na proposta de atividade de lazer em que o currículo o qual pretende seguir e aplicar está de fato em acordo com aquilo que se pretende ensinar a este sujeito. Será que esta atividade possui relevância a este sujeito, ou seja, adequar a atividade de lazer proposta pelo currículo ao sujeito. Essa foi outra problematização importante destacada pela autora.

Outro questionamento citado neste trabalho relaciona-se a noção de poder, não somente aquele de regime civil representado pela união, pelo governo, estado ou fronteiras. Mas também aquele poder encontrado no contexto social que diz respeitos as regras de comportamento do ser social. Vale a pena problematizar o sentido e o significado da palavra poder, uma vez que esta traz consigo infinitas definições e compreensões, o caso é que não são apenas os espaços públicos ou empresariais que exercem as práticas de poder, o saber também é uma forma de poder e condução de pensamentos.

Sendo assim existem dois grandes campos de ação pelo qual ocorre a formação profissional em lazer: uma delas o campo da teoria das culturas e o outro a relação com o poder. Ambos relacionam currículo e lazer com o objetivo de pensar e atingir o sujeito como forma de entretê-lo e ensiná-lo algo mais sobre relações humanas e o seu posicionamento social no mundo contemporâneo. “Dados os efeitos do currículo na produção de sujeitos, a escolha sobre que saberes selecionar, que significados priorizar, que estratégias adotar tem efeitos importantes no tipo de sociedade que contribuímos para construir” (PARAÍSO, 2010, pág. 20). Ou seja, nada é engessado ou então não haveria espaço para trabalho no campo do lazer, cultural, social e educacional. Tudo é passível de processo de construção de novos sentidos e significações.

**REFERÊNCIAS**

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e formação profissional em lazer. In*:* ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Lazer em Estudo:** Currículo e formação profissional. Campinas, SP: Papirus, 2010. p. 27-58.

# PÔSTER 5

## JOGOS E BRINCADEIRAS PARA AVALIAÇÃO DA ATENÇÃO EM CRIANÇAS COM QUEIXAS DE TDAH NA CIDADE DE DIAMANTINA-MG

Cristiany Nely Pereira; Flávia Gonçalves Silva; Nubia Gonçalves Ferreira; Regiely A. Fernandes Santos; Sandro H. V. Almeida

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil

E-mail: cristianynely@hotmail.com

Palavras-chave: atividades lúdicas; TDAH, desenvolvimento.

### INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

O presente trabalho se refere primeira etapa de um projeto de extensão em andamento, que tem como objetivo identificar e desenvolver jogos e brincadeiras que promovam o desenvolvimento da atenção voluntária de crianças com queixa de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), matriculadas em uma escola pública do município de Diamantina (MG). A partir desse projeto, serão propostas estratégias pedagógicas que possam ser utilizadas pelo professor de Educação Física na escola que possam ajudar no desenvolvimento da atenção voluntária. A primeira etapa consistiu em avaliar, por meio de atividades lúdicas, o desenvolvimento da atenção voluntária das crianças.

A concepção de desenvolvimento, aprendizagem e atividades lúdicas que orientam esse projeto será a partir da psicologia histórico cultural.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento é entendido como o surgimento de algo novo, que possibilita formas de agir no mundo mais elaborada que a etapa anterior. A aprendizagem, processo de apropriação dos elementos culturais, impulsiona o desenvolvimento, mantendo uma relação de interdependência com este (VYGOTSKI, 1984, 1991).

Sobre a atenção, esta pode ser definida como o esforço para focalizar em determinada tarefa e para isso é necessário concentração e interesse na atividade (LURIA, 1979). O desenvolvimento da atenção se inicia com mecanismos involuntário, automático e não conscientes, ou seja, o objeto que capta a atenção é arbitrário, e depende de suas características (intensidade, tamanho, cor). A partir desse tipo de atenção, que

é involuntária e inata, desenvolve-se a atenção voluntária, que é mais complexa e superior à primeira. Conforme o indivíduo se apropria do mundo, a atenção gradativamente ganha a dimensão voluntária, que implica no indivíduo direcionar sua atenção para determinada situação ou objeto de forma intencional, por isso, ela deve ser aprendida e estimulada ao longo do desenvolvimento, desde o nascimento até o fim da vida.

Desse modo, o desenvolvimento do sistema psicológico depende diretamente dos estímulos e atividades que a criança desenvolve, considerando seus interesses, motivos e possibilidades psíquicas. O mesmo se aplica para o desenvolvimento da atenção. Cunha (2012, p. 61) afirma que “as crianças com TDAH, possuem certas dificuldades como falta de atenção em tarefas, mesmo que em atividades lúdicas, demonstram um comportamento dispersivo”. Ou seja, o que é chamado de TDAH é a predominante dificuldade no desenvolvimento da atenção voluntaria.

De acordo com Assumpção et al (2011) numa perspectiva Histórico-Cultural, a educação física pode ajudar no desenvolvimento dos sujeitos diagnosticados com TDAH, pois as atividades lúdicas proporciona novas formas de aprendizagem, e atividades que desenvolve a atenção, memoria e outras funções psicológicas são fundamentais pode melhorar o desempenho das crianças na escola, possibilitando a mudança da visão organicista sobre o TDAH.

## MÉTODO

Participam do projeto 14 crianças, matriculadas no 2º e 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Diamantina, que tinha queixa de TDAH por parte de professores. As crianças foram escolhidas pelas professoras, a partir dos seguintes critérios: queixa de desatenção, sem necessidade de diagnóstico médico; identificação da desatenção ao longo de 2017.

A partir da definição das crianças, foram feitas reuniões com os professores para entender as queixas (em quais situações o professor observava a desatenção e hiperatividade, quais intervenções foram desenvolvidas, qual o rendimento escolar das crianças, estratégias de avaliação que foram empregadas, relação da criança com os colegas e com a família). Também foi feita observação na sala de aula onde as crianças estudam para compreender melhor a queixa das professoras e analisar a infraestrutura, materiais pedagógicos e recursos humanos. O comportamento das crianças em sala de aula observado foi registrado em diário de campo, ao longo de duas semanas. Para avaliar o processo de atenção das crianças, foram propostas diferentes atividades lúdicas, como jogo dos 7 erros, das cores proibidas, das sombras e labirinto.

Em todos eles, foram ofertados jogos em que a criança não recebeu qualquer auxílio para sua realização e com auxílio (dicas verbais, demonstração de movimentos, gestos) para que conseguisse alcançar o objetivo do jogo. Tal procedimento seguiu a proposição vigotskiana sobre a zona de desenvolvimento próximo, pois era necessário avaliar não apenas como estava o processo de atenção voluntária, mas suas potencialidades.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

As avaliações com as crianças foram realizadas por dois monitores, onde um escrevia as respostas das crianças e outro explicava e auxiliava quando necessário nos jogos, teve um jogo com auxilio e o mesmo sem auxílio. A maior parte das crianças não conheciam os jogos que são de fácil acesso, por isso o auxílio foi necessário para maioria deles. Além disso os alunos demostraram pouco repertorio no conhecimento das cores. De modo geral, as crianças desenvolveram bem os jogos, resolvendo os problemas de forma bastante rápida (média de 2 a 3 minutos), tendo em vista a ausência de contato com estes (quanto as regras e estratégias para alcançar os objetivos). Os jogos propostos poderiam ser trabalhados na escola desde a educação infantil, mas os alunos relataram que não há muitos momentos para essas atividades e o espaço também não é adequado. Após as crianças terem realizado os jogos percebeu-se que eles não possuem problema de tdah e sim na motivação, pois as atividades que não lhes eram interessantes mantiveram um tempo significativo nas atividades propostas, tanto sem auxílio como com auxílio do tipo verbal. Tendo em vista o período do desenvolvimento, tais resultados corroboram o que a psicologia histórico cultural preconiza sobre a atenção ser dirigida pelo motivo da atividade e não mais pelas características do estímulo, o que possibilita o controle voluntário da atenção. A oferta de auxílios evidenciou a potencialidade do desenvolvimento e de consolidação da aprendizagem de determinadas habilidades, o que orienta os planejamentos das atividades lúdicas ao longo do projeto.

Na escola, o que eles falam que gostam de fazer é brincar, mas, nas observações, foi verificado que não há muitos momentos para isso, e o espaço também não é adequado. De acordo com Cunha (2012, p. 58) “faz-se necessário que o professor elabore aulas interessantes e diversificadas, saindo da rotina e que explorem diferentes habilidades nos educandos, o que trará benefícios significativos para suas vidas”. Nas atividades propostas na brinquedoteca e na ginástica mantiveram a atenção dirigida para a tarefa num tempo bastante significativo, sendo necessários poucos auxílios verbais para direcioná-la. Com isso, verificamos que quando as atividades são atratividades, as crianças demonstram motivação e gostam de realizá-las, e conseguem manter um bom nível de concentração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas avaliações que foram realizadas por meio de jogos e brincadeiras, podemos perceber que as crianças não têm TDAH. A hipótese é que as atividades desenvolvidas na escola não são motivadoras, o que acaba dificultando as crianças dirigirem voluntariamente a atenção para elas.

O projeto está na segunda etapa em que planos de trabalhos com os jogos de tabuleiro, jogos coletivos, jogos cooperativos, jogos e brincadeiras tradicionais da cultura brasileira, jogos com a ginástica e criação de jogos pelas crianças participantes do projeto foram elaborados e estão sendo desenvolvidos. Percebe-se que das diferentes práticas corporais realizadas com as crianças que exigem atenção dos movimentos, do conhecimento das regras e controle do comportamento para se submeter a elas, as crianças apresentam concentração da atenção de forma consistente, tendo dificuldades em alguns momentos, relacionadas a imperícia do movimento.

## APOIO

PROEXC/UFVJM e Secretaria Municipal de Educação de Diamantina.

## REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Maiara Pereira; FILHO, Irineu Aliprando Tuim Viotto; MASTROIANNI, Edelvira de Castro Quintanilha. **Desnaturalizando o TDAH: O professor como sujeito essencial no processo de aprendizagem da atenção voluntaria.** X CONPE (Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional), Maringá, p. 1- 14, 3 a 6 julho 2011.

CUNHA, Ana Cristina Teixeira. **Importância das atividades lúdicas na criança com Hiperatividade e Défice de Atenção segundo a perspectiva dos professores**, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, p. 1-105, Setembro de 2012. Acesso em: 28/10/17. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2585/1/TeseAnaCunha.pdf>.

LURIA, Alexander Romanovich. **Curso de Psicologia Geral**. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

# PÔSTER 6

## O LAZER NÁUTICO NA REGIÃO DE BELO HORIZONTE: UM RELATO SOBRE A APRENDIZAGEM DO WINDSURF

Randley Ray de Castro Cruz

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: randleycastro@ufmg.br

### INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

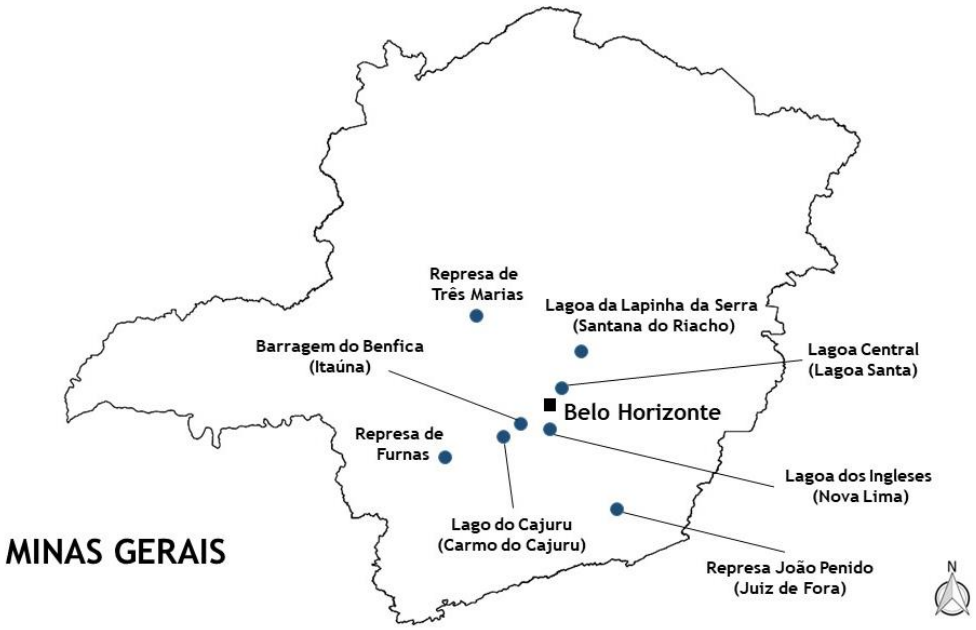
O *windsurf,* esporte caracterizado pela combinação da prancha de *surf* com uma embarcação à vela (CRAVITO, 1982), é uma das atividades de aventura que, embora encontre um número significativamente superior de praticantes no litoral, consegue obter boas condições climáticas em algumas lagoas, represas e barragens de Minas Gerais, de modo que num raio de 400km de Belo Horizonte é possível identificar oito locais adequados para sua prática (*ver mapa abaixo*).

A presença deste esporte num estado não litorâneo valida indagações sobre o contexto social em que ele surge e sobre seus sujeitos, já que, para Ingold (2000), são através destes engajamentos práticos, sociais e de entrelaçamento das habilidades técnicas e culturais que as pessoas são construídas e sustentam seu caminho de habitar o mundo.

O projeto aqui apresentado é um recorte do trabalho original orientado pelo Prof. Dr. José Alfredo Debortoli, e se norteia pelo aprofundamento nos sentidos da prática do windsurf nas imediações da capital mineira, constituindo-se num exercício de compreender as singularidades dos modos de habitar o mundo dos moradores locais dentro da perspectiva do esporte e do lazer na natureza.

O objetivo é entender os significados atribuídos por praticantes de *windsurf* à sua vivência nas águas abertas das proximidades de Belo Horizonte.

**Lagoas, Represas e Barragens adequadas para a prática do Windsurf num raio de aproximadamente 400km de Belo Horizonte**




## MÉTODO

É proposto para esta pesquisa o uso da observação participante e da entrevista semiestruturada como metodologias de investigação. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais sendo aprovado sob o código CAAE 8846418.5.0000.5149.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante seis meses o pesquisador realizou uma observação na Lagoa dos Ingleses, no município de Nova Lima – MG, onde tem sede um clube náutico e uma escola de windsurf. A observação constituiu na produção de vínculo do pesquisador com os sujeitos envolvidos na prática desse esporte através de sua matrícula no curso ofertado pela escola.

A prática regular da modalidade deixou evidente as dificuldades de acesso do praticante à natureza em seu tempo de lazer. Isto evidenciou a indisponibilidade da natureza para o cidadão comum, já que seu pleno usufruto exige, grande parte das vezes, a posse de facilitadores de mobilidade, como o automóvel.

Ademais, o aprendizado do windsurf permitiu desmistificar o romantismo culturalmente associado à natureza e às práticas corporais nela realizadas, a partir do momento em que a modalidade impôs desafios de ordem física, emocional, ambiental e de relações interpessoais ao pesquisador, de maneira que a realidade

da natureza enquanto espaço social mostrou-se menos acolhedora que as idealizações produzidas pelo senso comum sobre ela.

A primeira fase da pesquisa resultou na produção de um relatório de observação. Sua sequência aponta para problematizações acerca do lazer na natureza, subsidiadas pelo trabalho de Marcelino (1987); e para aprofundamentos teóricos no campo da aprendizagem, da técnica e da habilidade na abordagem antropológica do movimento humano, ancorando-se principalmente em Ingold (2011), Leroi-Gourhan (2002), Wacquant (2002) e Debortoli e Satchuk (2013).

FOTO: LUÍSA MACHADO

**REFERÊNCIAS**

CRAVITO, C. **O windsurf é assim**.... Presença: Lisboa, 1982.

DEBORTOLI, J.A.O; SATCHUK, C.E. Técnica, corpo e arte: Aproximações entre antropologia e motricidade. **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.2. 2013.

INGOLD, T. **Estar vivo:** Ensaios sobre o movimento, conhecimentos e descrição. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. INGOLD, T. **The perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.

LEROI-GOURHAN, A. **O gesto e a palavra 2:** Memórias e Ritmos. São Paulo: Almedina, 2002.

MARCELLINO, N.C. **Lazer e educação.** Campinas: Papirus, 1987.

WACQUANT, L. **De corpo e alma:** Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2002.

**AGRADECIMENTOS**

Prof. Dr. José Alfredo Debortoli, André Maciel, Felipe Arthur Martins, Paula Fialho, Danilo Ramos, Prof. Dr. Cléber Dias, UaiWind Windsurf & Kitesurf, Iate Clube Lagoa dos Ingleses, Luísa Machado, Rosinery Castro e Adimilson Cruz.

# PÔSTER 7

## O PERFIL E AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE AS ATIVIDADES DE AVENTURA E A COMUNIDADE ACADÊMICA DA UFMG - CAMPUS PAMPULHA

Vanessa Mariana da Cruz Gomes Coutinho; Natália Cristina da Costa Perpétuo

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: nessamcoutinho@gmail.com

Palavras-chave: atividades de aventura, comunidade acadêmica, praticantes.

**INTRODUÇÃO E OBJETIVOS**

A prática de atividades de aventura é aqui compreendida como uma atividade de lazer, realizada à escolha do indivíduo e com auxílio de equipamentos tecnológicos que permitem uma maior interação entre o praticamente e o meio (MARINHO, SCHWARTZ; 2005), seja ele de natureza ou urbano, sendo diferenciada entre outros interesses físico-esportivos já tradicionais. Visto isso, observa-se um considerável aumento no número de praticantes e, por mais que seja necessária uma preparação prévia por conta de seus riscos, vem ganhando espaço em escolas e ambientes universitários.

Pensando no ambiente universitário, o presente estudo traz como foco a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que conta com cerca de 72 mil estudantes espalhados em seus diversos campus. No contexto do Campus Pampulha, buscou-se compreender a interação, seja ela existente ou não, entre sua comunidade acadêmica e as atividades de aventura, relacionando-a com o perfil socioeconômico dos participantes.

Assim, este trabalho teve como objetivo investigar o perfil dos praticantes da comunidade acadêmica da Universidade Federal de Minas Gerais - Campus Pampulha e suas relações estabelecidas com as atividades de aventura.

**MÉTODO**

A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário via Google Forms e enviado por meio de mídias sociais e E-mail para a comunidade acadêmica da UFMG, tendo uma amostra de 28 participantes que também responderam ao Termo de Consentimento Livre e Declarado.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A amostra foi composta por 14 mulheres (50%) e 14 homens (50%), tendo como idades mais recorrentes 20 e 23 anos de idade, mas com idade máxima de 60 anos e mínima de 19 anos, e com predominância da Educação Física nos cursos estudados, contendo também estudantes de Fisioterapia e Física. Quanto a renda familiar total, a maioria declarou estar acima dos R$5000,00, seguidos pela faixa de R$2500,00 a R$5000,00 e, em terceiro, por aqueles que preferiram não declarar, tendo também participantes com renda total entre R$1000,00 e R$2500,00 e abaixo de R$1000,00, estes sendo a minoria dos participantes.

Quando questionados quanto a prática regular de atividade física, 85.7% relataram praticar regularmente, enquanto 14.3% não praticam regularmente. Em seguida, quando questionados acerca do conhecimento de alguma atividade de aventura, todos responderam positivamente, citando o Trekking, a escalada, o Parkour, o Rapel, o Surf, o mergulho, entre outros.

Ademais, ao serem perguntados sobre o contato, ou seja, se alguma vez já praticaram alguma atividade de aventura, 85.7% responderam que sim, enquanto 14.3% responderam que não. Já sobre a vontade de praticar regularmente alguma atividade de aventura, 71.4% responderam que têm interesse, enquanto 28.6% responderam não ter vontade. Para aqueles que responderam positivamente a essa pergunta anterior, foi questionado os motivos pelos quais essa prática regular não é realizada, a resposta mais frequente foi por falta de tempo, surgindo também respostas como falta de contato com outros praticantes, falta de dinheiro, ofertas escassas e dificuldades de deslocamento.

Tendo em vista todas essas respostas, é possível notar que há um conhecimento unânime sobre as atividades de aventura, entretanto o contato não foi totalitário e o número de interessados em praticar regularmente é ainda menor, ainda que haja um interesse acima da faixa dos 70%. Observando os motivos supracitados, pode-se perceber que as obrigações cotidianas tornam um obstáculo a prática regular de atividades de aventura, principalmente considerando as dificuldades de locomoção, uma vez que a falta de tempo foi o principal motivo citado.

Além disso, pensando nesses impedimentos, é possível supor duas razões para seu estabelecimento: o desconhecimento das atividades de aventura que podem ser praticadas em um contexto urbano (como o parkour e a escalada, citados pelos próprios participantes) e/ou a falta de espaços populares dedicados a essas práticas em espaços próximos à Universidade e a Belo Horizonte (considerando seu perímetro urbano). Apesar da maioria informar uma renda maior que R$5000,00, a falta de dinheiro também é posto como um influente fator de exclusão das práticas de atividades de aventura, uma vez que, como dito, envolvem tecnologias que muitas vezes são de alto custo, esse também envolto pela mão de obra influenciada pelo fator de risco, tornando essas práticas mercantilizadas e pouco populares para a população em geral num contexto regular.

Por fim, é interessante a importância do fator social para a prática de atividades de aventura, como demonstrado por MONTEIRO (2004, p. 85) no caso do montanhismo:

> (...) As relações de amizades suscitadas neste contexto tendem a ser cultivadas e bastante valorizadas, pois oferecem amparo, sobretudo pela intensidade e emoção que é compartilhada nas experiências singulares de lazer vividas na montanha. Por outro lado, elas tendem algumas vezes a extrapolar o espaço mais restrito do grupo e a compor a vida cotidiana e o estilo daquelas pessoas, criando novas redes de relações, muito embora a referência comum mais forte seja a vivência conjunta das práticas ligadas ao montanhismo.

Visto isso, é interessante propor o uso das redes sociais para a formação e confraternização de grupos com os mesmos interesses em relação às atividades de aventura, promovendo, assim, um positivo ambiente de promoção da sua prática regular, minimizando essas dificuldades apresentadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como exposto, as atividades de aventura, praticadas como uma vivência de lazer para além dos interesses físico-esportivos tradicionais, tem ganhado espaço na comunidade acadêmica, ainda que muitos não as pratiquem regularmente. De forma a compreender melhor essas relações e o perfil de seus praticantes, foi realizado um questionário online dentre a comunidade acadêmica da Universidade Federal de Minas Gerais.

Destarte, foi possível observar que a maioria prática atividade física regularmente e todos conhecem atividade de aventura, entretanto a prática regular dessas atividades possuí empecilhos citados pelos próprios

participantes, sendo o principal deles o tempo. Visto isso, evidencia-se a necessidade de explorar melhor essas novas oportunidades de lazer e de atividade física, de forma a torná-las acessíveis para a população em larga escala, expandindo as opções cotidianas para aqueles que buscam manter uma vida ativa.

**APOIO**

Agradecemos ao Programa de Educação Tutorial (PET) – Educação Física e Lazer pelo apoio na participação do 10º Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura/4º Congresso Internacional de Atividades de Aventura/11º Encontro de Educação Física da UFVJM.

**REFERÊNCIAS**

MARINHO, Alcyane; SCHWARTZ, Gisele Maria. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. **Revista digital EFDeportes**, Buenos Aires, N° 88, 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd88/avent.htm>. Acesso em: 05/10/2018.

MONTEIRO, Sandoval Villaverde. SUBJETIVIDADE, AMIZADE E MONTANHISMO: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza. **Motrivivência**, n. 22, p. 71-91 Jun./2004.

# PÔSTER 8

## RELAÇÕES ENTRE OBJETIVOS DE FORMAÇÃO E EXPECTATIVA DO MERCADO COM O FOCO NAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA EM BELO HORIZONTE

Marlon Teodoro Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: teodoroufmg@yahoo.com.br

Palavras-chave: AFAN, atividades físicas de aventura na natureza, mercado de trabalho, formação e atuação, Belo Horizonte.

**INTRODUÇÃO**

Pretende-se neste estudo destacar a importância do lazer diante do contexto atual em que o trabalho é supervalorizado. Ainda recorrendo a Victor de Andrade Melo, o mesmo destaca que o não reconhecimento da importância do lazer frente à "supervalorização do trabalho" é um desafio tanto aos debates acadêmicos, quanto para a formulação de políticas públicas, que uma vez institucionalizadas, serão capazes de absorver os profissionais do lazer. O autor lembra ainda que como direito social, o lazer está previsto na Constituição Federal de 1988. E a partir de uma pesquisa na plataforma Lattes, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), observa também o caráter multidisciplinar do lazer e o fato de o envolvimento multiprofissional ser uma realidade (MELO, 2013).

Nos últimos anos, durante conversas informais com gestores da área, fui provocado a refletir e pensar sobre o que as instituições de ensino poderiam fazer para melhorar o processo de formação e atuação profissional no âmbito das Atividades Físicas de Aventura na Natureza. Levando-se em consideração o crescente número de pessoas envolvidas direta e indiretamente com essas atividades, o que as instituições de ensino têm feito ao longo desses últimos anos? É sabido que é inviável delegar a uma instituição de educação superior a responsabilidade de capacitar um profissional para atuar com total competência em quaisquer áreas dentro das Atividades Físicas de Aventura na Natureza. Apesar disso, neste estudo serão elaboradas provocações tendo como base a seguinte reflexão: O que as instituições de ensino têm feito

nesses últimos anos, o quanto elas podem contribuir nesse processo de formação nos dias de hoje e o que pode ser feito para melhorar esse processo no futuro?

**OBJETIVO GERAL**

Investigar relações existentes entre as expectativas do mercado de trabalho e as propostas de formação presente nas ementas das disciplinas inerentes às Atividades Físicas de Aventura na Natureza em instituições de ensino superior nos cursos de Educação Física presenciais na cidade de Belo Horizonte.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

• Analisar a percepção dos gestores, que atuam no campo das Atividades Físicas de Aventura na Natureza, sobre a relação entre o mercado de trabalho e a mão de obra disponível.

• Realizar uma análise documental das ementas das disciplinas relacionadas às Atividades Físicas de Aventura na Natureza nas instituições de ensino superior dos cursos de Educação Física presenciais na cidade de Belo Horizonte.

• Investigar qual a percepção que os professores responsáveis pelos processos de formação têm sobre o conteúdo das disciplinas, a dinâmica das aulas e o mercado de trabalho inerente às Atividades Físicas de Aventura na Natureza.

**MÉTODO**

Esse é um estudo de cunho qualitativo descritivo. Como abordado, o mesmo tem a proposta de investigar e descrever uma determinada realidade acerca do processo de formação e atuação dos discentes do curso de Educação Física no que diz respeito às Atividades Físicas de Aventura na Natureza. Assim como entender quais são as demandas deste setor de atuação profissional. O trabalho será constituído de revisão de literatura somada a dois instrumentos de pesquisa: a análise documental e entrevistas semiestruturadas.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Entender como se constrói o processo de formação dos profissionais que desejam atuar no campo das Atividades Físicas de Aventura na Natureza é de fundamental importância não só para gerar mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, mas também formar profissionais críticos que saibam lidar com questões inerentes ao lazer, à dimensão sociocultural e o respeito ao meio ambiente. Apesar deste estudo se

restringir à cidade de Belo Horizonte, é possível entender que ele servirá como referência para ser aplicado em outros lugares no Brasil.

Outro aspecto que aparece como importante relevância é investigar a coerência entre as propostas das ementas das disciplinas, quais são as prioridades inerentes ao conteúdo ensinado e quais as relações existentes com as necessidades do mercado. Para isso, entender quais são as bases formativas dos professores e as estratégias pedagógicas adotadas serão partes fundamentais deste documento.

Como este estudo ainda está em andamento, ainda não tenho os resultados.

**REFERÊNCIAS**

BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. IN: MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Heloisa. **Turismo, Lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p. 157 - 202.

MELO, V. A. de. Sobre o conceito de lazer. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 23, p. 16-35, set./dez. 2013. Disponível em: <http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/88286e76-10c5-459b-8e1eb1cdfd52f345/Revista+-+Sinais+Sociais_23_web.pdf? MOD=AJPERES&CAC HEID=88286e76-10c5-459b 8e1e- b1cdfd52f345>.

# PÔSTER 9

## PIPOCANDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM PARQUE AO AR LIVRE EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE DIAMANTINA, MG

Priscila Reginas Lopes; Juliana Nogueira Pontes Nobre; Claudia Mara Niquini;

Hilton Boaventura Serejo

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, MG, Brasil

E-mail: junobre@yahoo.com.br

Palavras-chave: educação Infantil, Atividades ao ar livre, brincar.

### INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

O presente estudo objetivou relatar o planejamento e construção de parque infantil com materiais alternativos na unidade I do Centro Municipal de Educação Infantil Bom Jesus (CMEI Bom Jesus), realizada por meio do projeto de extensão “Pipocando na Educação Infantil: possibilidades lúdicas das atividades gímnicas”, vinculado à Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

O projeto foi elaborado e está sendo executado pelo Grupo de Estudos e Práticas das Ginásticas (GEPG) da UFVJM, o qual também está desenvolvendo oficinas de formação continuada às professoras do CMEI Bom Jesus, como parte completar da proposta.

No intuito de oferecer oportunidades de estímulos corporais ao ar livre, a proposta se amparou no entendimento de que, no contexto da Educação Infantil (EI), geralmente, as atividades cognitivas são privilegiadas em detrimento das práticas corporais (SILVA, 2005). Somado às transformações ocorridas no mundo moderno, a inserção das tecnologias de tela, a redução dos espaços públicos nos quais aconteciam as brincadeiras como as ruas, as praças e as áreas livres (STRACKER; POLOCK, 2003; FERRARI et al., 2015), está o fato de que as crianças não têm acesso a aulas de Educação Física ministradas por professor especialista nesta fase do ensino (AYOUB, 2005).

Neste sentido, a construção do parque pretende contribuir com as ações destinadas ao desenvolvimento das atividades específicas da área da Educação Física no âmbito da EI.

A principal motivação para esta construção se amparou nas angústias compartilhadas entre diferentes grupos sociais (pais, professores, estudantes e docentes de cursos de licenciatura, dentre outros) acerca da escassez dos espaços descritos apropriados para as atividades corporais, principalmente ao ar livre na referida instituição, que atende crianças na faixa etária entre zero e três anos de idade. Salientamos ainda que a relação dos seres humanos com as práticas corporais ao ar livre, que pressupõe também aventura e desafio, faz parte da evolução das práticas corporais e entendemos que devem também ser desenvolvidas no contexto das aulas de educação física (TAHARA; DARIDO, 2016).

Partindo do entendimento que quando a escola de EI não tem um parque, em ambiente aberto, sem brinquedos que oportunizem o movimento (escalar, trepar, saltar, dentre outros) e sem o acompanhamento do professor de Educação Física, a estimulação motora fica insuficiente para o desenvolvimento infantil.

Amparados na literatura supracitada, o projeto “Pipocando na Educação Infantil” parte do pressuposto de que o corpo (em sua totalidade) precisa ter vez, precisa se constituir de sensações, de movimento e de experiência lúdica na EI (AYOUB, 2003; ARRUDA, 2009). Entendemos que o aprendizado, a socialização, a estimulação motora e os constituintes que permeiam o fato de a criança brincar ao ar livre, sob o sol, na areia, descalças, recebendo diferentes estímulos sensoriais favorecerão a ampliação de seu repertório motor (GALLAHUE; OZMUN, 2003), oportunizarão qualidade de vida (FERRARI et al., 2015) constructos que somam às questões educacionais. Nossa visão do ser humano se ampara numa dimensão integrada, multifatorial e dinâmica, conforme preconiza Black et al. (2016).

O projeto está em andamento, com previsão de finalização em Dezembro de 2018. Até o momento, a primeira etapa da construção do parque na unidade I do CMEI Bom Jesus foi completada (faltando a pintura dos brinquedos), sendo está o foco principal de análise neste estudo.

**MÉTODO**

Trata-se da apresentação de um projeto de pesquisa aprovado pelo comitê de ética da UFVJM (parecer 2.850.668) que objetiva compreender os impactos do processo de construção do parque infantil no ambiente escolar, cuja implementação perpassou quatro fases, a saber: 1) Apresentação da proposta às pedagogas e a diretora do CMEI Bom Jesus; 2) Apresentação da proposta à comunidade escolar (pais e responsáveis pelos alunos); 3) Levantamento de recursos financeiros para custeio dos materiais extra reciclados; 4) Planejamento e construção do parque.

Para fins de apresentação, este trabalho focou no detalhamento do item quatro e suas etapas.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após apresentada e aprovada a proposta de construção coletiva do parque (envolvendo a comunidade escolar), deu-se início ao planejamento das estruturas que seriam construídas.

Na primeira etapa, o planejamento do parque foi executado pelas docentes do Departamento de Educação Física da UFVJM, coordenadoras do projeto.

Neste momento, foi estipulado que o primeiro pré-requisito para definição das estruturas seria a possibilidade das crianças executares movimentos básicos da ginástica, de acordo com a proposta de Russel (2010). Desta forma, os brinquedos deveriam permitir, no mínimo, os seguintes padrões básicos de movimentos: aterrissar, saltar, rolar, deslocar, balançar, equilibrar, apoiar e suspender. Além das possibilidades gímnicas de se movimentar, nos preocupamos com o componente lúdico, imprescindível na EI. Assim, também foi inserida dentre as exigências, brinquedos que estimulassem a imaginação das crianças. Foi entregue à direção da escola imagens (retiradas da internet) com as estruturas que deveriam compor o parque, segundo os pré-requisitos definidos.

Na segunda etapa, a direção da unidade I da escola se reuniu com parte da comunidade escolar, a qual compunha a comissão de planejamento e, a partir das imagens, selecionou quais brinquedos seriam construídos, acrescentando outros de suas preferências. Esta etapa contou com a presença de um funcionário cedido pelo Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais (IEF-MG), pois o mesmo possuía habilidades para elaboração de brinquedos com pneus.

Na terceira etapa, houve a convocação da comunidade escolar para trabalhar na construção do parque que ocorreu durante sete dias (sendo seis dias úteis e um sábado). Participaram deste processo um funcionário do IEF-MG; um mestre obras funcionário da prefeitura de Diamantina (cidade onde se localiza a escola); uma coordenadora do projeto (docente da UFVJM); nove alunos da UFVJM (monitor e voluntários); 13 voluntários da comunidade externa da escola (sendo 11 membros do Grupo Encontro de Jovens com Cristo de Diamantina); a diretora da escola; oito membros da comunidade escolar.

As imagens a seguir se referem aos espaços da escola antes da construção do parque:

Primeiramente, foi feita a limpeza e nivelamento do local destinado à construção do parque. A seguir, apresentamos a imagem das estruturas construídas com a descrição das possibilidades gímnicas de se movimentar em cada um dos brinquedos:

1. Animais de montaria: estimular a imaginação; movimentos estacionários (equilíbrio e apoio)
2. Arremessos: (manipulação)
3. Balanço: balanços; rotação
4. Bicicleta coletiva: estimular a imaginação; movimentos estacionários (equilíbrio e apoio); deslocamentos
5. Carro: estimular a imaginação; movimentos estacionários (apoio)
6. Colmeia: deslocamentos
7. Cordas para suspensão: suspensão; rotação
8. Dona aranha: estimular a imaginação; movimentos estacionários (apoio)
9. Escalada para o escorregador: deslocamentos
10. Linha de equilíbrio: deslocamentos; movimentos estacionários (equilíbrio e apoio)
11. Minhocão: deslocamentos; movimentos estacionários (equilíbrio e apoio); saltos e aterrissagens
12. Moto: estimular a imaginação; movimentos estacionários (equilíbrio e apoio)
13. Trampolim: saltos e aterrissagens
14. Trepa-trepa vertical: deslocamentos

Fotos: Aline

A quarta etapa, a qual finalizará a construção do parque, está em andamento e consta da pintura decorativa do parque.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Consideramos que o projeto de extensão “Pipocando na Educação Infantil: possibilidades lúdicas das atividades gímnicas”, vem contribuindo de forma significativa para a melhoria da qualidade da formação das crianças do CMEI Bom Jesus. Oportunizar aos alunos da EI atividades lúdicas ao ar livre, é também investir na infância, pois melhora a qualidade do ambiente da escola, possibilita vivências motoras mais amplas, favorece a ludicidade, dentre outros fatores que enriquecem o desenvolvimento infantil global.

Além disso, a proposta do referido projeto tem permitido a aproximação entre diferentes setores da sociedade local: a UFVJM, por meio da extensão universitária; a escola pública; a comunidade escolar; a comunidade externa (comunidade diamantinense); a prefeitura de Diamantina.

Acreditamos que desta forma, a extensão universitária rompe com seu histórico papel exclusivamente assistencialista (GADOTTI, 2017; MAZZILLI, 2011), indo ao encontro de uma proposta mais dialógica (FREIRE, 1985; GADOTTI, 2017), condizente com as atuais diretrizes para este eixo da educação universitária (FORPROEX, 2012).

**APOIO**

Grupo de Estudos e Práticas das Ginásticas – GEPG.

**REFERÊNCIAS**

ARRUDA, K. M. F.; SILVA, E. A. A. Desenvolvimento motor na educação infantil através da ludicidade. **Revista Connection Line** , n. 4, p. 37-50,2009. Disponível em: <http://www.periodicos.univag.com.br/index.php/CONNECTIONLINE/article/view/131>. Acesso em: 20 jun. 2018.

AYOUB, E. **Ginástica geral e Educação Física escolar**. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

AYOUB, E. Narrando experiências com a Educação física na educação infantil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 143-158, maio 2005.

BLACK, M. M. et al. **Early childhood development coming of age:** science through the life course. The Lancet, v. 389, n. 10064, p. 77–90, 2016. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140673616313897>. Acesso em: 1 out. 2017.

FERRARI, G. L de M, et al. Association between electronic equipment in the bedroom and sedentary lifestyle, physical activity, and body mass index of children. **Jornal de Pediatria**, v. 91, n. 6, p. 574-582, 2015.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012. Disponível em: < https://www.ufmg.br/proex/renex/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf> Acesso em: ago 2016. FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GADOTTI, M. **Extensão Universitária**: Para quê?. 17 fev 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/noticias/557-extensao-universitaria-para-que Acesso em 28 mai 2018.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3 ed. São Paulo: Phorte, 2005.

MAZZILLI, S. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. **RBPAE,** v.27, n.2, p. 205-221, maio/ago. 2011.

RUSSEL, K. **Gymnastics Foundations**. Ruschkin Publishing, 2010.

SILVA, Eduardo J. S. da. A educação física como componente curricular na educação infantil: elementos para uma proposta de ensino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 127-142, mai. 2005.

STRAKER, L.; POLLOCK, C. Optimizing the interaction of children with information and communication technologies. **Ergonomics,** v. 48, n. 5, p. 506-521, 2005.

TAHARA, A., DARIDO, S. Práticas corporais de Aventura em aulas de Educação Física. **Conexões**, Campinas, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 113-136, abr./jun., 2016.

# PÔSTER 10

## ESPORTES DE AVENTURA EM CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Nathalia Larissa Evangelista da Silva; P. C. S. Santos; Ricardo de Oliveira Santos Junior

Universidade do Estado do Pará, Conceição do Araguaia, Pará, Brasil

E-mail: nathalialarissa1825@gmail.com

Palavras-chave: Esportes de aventura, Lazer e esporte, Esportes radicais.

### INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Com a ascensão das práticas corporais e a busca por melhor desempenho físico, muitas pessoas vão atrás de atividades que possibilitam uma maior relação de prazer, e tragam consigo um resultado desejado podendo ser físico ou emocional, envolvendo uma interação com o meio pelo fator social e suas ligações sejam elas pessoais e interpessoais.

Ao observamos uma procura maior por essas atividades identificamos que o risco-desejado pela aventura também influencia de forma positiva a expansão e aprimoração da mesma como diz SPINK (2005):

O risco-desejado vem sendo estudado na Psicologia como traço de personalidade que reflete a busca individual de sensações e experiências novas, variadas e complexas, e a disposição de correr riscos físicos e sociais para a realização dessas experiências.

Desta maneira é possível entender como se dá a apropriação do ser pelo ambiente, a busca pelo novo e suas novas formas de desafios, já que a sociedade consumista implica de certa forma uma influência para que possamos ser mais concorrentes e individualistas, tais formas ficam explícitas na fala de BAHIA, SAMPAIO (2007):

> A busca de esportes de risco e aventura pode ter uma íntima relação com a lógica atual vivida na sociedade, no que se refere ao aumento da incerteza política, econômica, social e cultural. Nesse mundo globalizado e individualista ao extremo, as pessoas passam a perceber mais o risco e conviver com este como resultado das múltiplas contingências sociais.

Ao adentrarmos no cenário onde essas práticas são executadas identificamos que elas por algumas vezes tendem a se tornarem apenas palco para um espetáculo, desconfigurando uma visão de preservação e manutenção dessas áreas.

O aumento na procura de práticas de lazer nesses ambientes naturais tornou-se uma preocupação do poder público e de organizações não-governamentais (ONGs) que dividem a administração desses espaços, com a tarefa de elaborar de forma urgente e prioritária planos de manejo que estabeleçam regras claras de uso público (BAHIA, SAMPAIO. 2007).

Contudo essa preocupação com o ambiente passa a ser necessário, pois o mal-uso desses locais podem gerar problemas futuros e impactos naturais, sociais e culturais. Já que o ambiente pode ser agredido por seus praticantes.

Ao nos deparamos com a realidade do município de Conceição do Araguaia - PA e a sua demanda por tais práticas de lazer e aventura, percebe-se que há uma demanda por certos empresários de criar um mercado em cima das atividades, sejam elas realizadas em outras épocas (carnaval, natal, festividades municipais, réveillon, entre outros) ou no veraneio onde se encontra maior número de pessoas pelo fato de ser uma cidade turística.

Com isso, entra o fator econômico, que inibem a prática de determinada classe sobre as atividades realizadas como: canoagem, trilhas, rapel, mountain bike, tirolesa e etc. Assim privilegiando um menor público e criando uma privatização secundária desses espaços, formando certas barreiras intraclasses sociais (MARCELLINO, 2006).

Entretanto, isso nos leva a pensar se essa aceitação da privatização ocorre por não haver conhecimento, da população local, das possibilidades de utilizar esses espaços de lazer em esportes de aventura ou quais são esses esportes.

Portanto, nosso objetivo é pesquisar as práticas dos esportes de aventura da cidade, seus desafios a serem praticados, possibilidades, a frequência com que são executados e o público que tem mais acesso.

**MÉTODO**

A presente pesquisa teve uma abordagem qualitativa, com uma análise de campo, no qual existe essas atividades de aventura, partindo de uma revisão bibliográfica e uma entrevista com o secretário de Turismo Esporte e Juventude do município de Conceição do Araguaia - PA. Utilizamos na mesma cinco questões subjetivas baseadas na autora Liziane Leidens Strey, 2012.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através dos meios utilizados, percebemos que o município não possibilita, de forma contínua, projetos que asseguram a sociedade práticas esportivas de aventura em todos os períodos do ano, no qual apenas um é desenvolvido sistematicamente em convênio com o Governo do Estado, através da Secretaria de Estado de Esporte e Lazer (SEEL) que é o Pará Aquático. Desta forma, fica evidente que apenas no período do veraneio, com a vinda dos turistas, as práticas esportivas e de aventuras são mais procuradas e o que se pode perceber é que existe uma privatização dessas práticas tornando-as privilégios para poucos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo visa buscar existência de esportes de aventura em Conceição do Araguaia – PA e a relação do público local com essas atividades, e estabelecer de que forma elas são fornecidas para a população – pública ou privada – novamente percebesse uma falta de políticas públicas que gera um descaso com a população, dessa forma entra as atividades da rede privada que proporciona essas práticas nos períodos de veraneio no município, privilegiando determinada classe, gerando a perca da possibilidade de vivência desses esportes pela outra parcela da população.

É necessário que a população tenha contato com essas atividades esportivas e de lazer. Esse trabalho busca contribuir para que haja uma valorização dos pontos turísticos da cidade, pois com a falta de conhecimento a população se auto exclui dessas práticas.

## REFERÊNCIAS

BAHIA, M. C.; SAMPAIO, T. M. V. Lazer – meio ambiente em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 173-189, maio 2007.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer:** uma introdução. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MARINHO, A. Lazer, Natureza e Aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Rev. Bras. Cienc. Esporte.** v. 22, n. 2, p. 143-153, jan. 2001.

SPINK, M. J. P.; ARAGAKI, S. S.; ALVES, M. P. Da Exacerbação dos Sentidos no Encontro com a Natureza: Contrastando Esportes Radicais e Turismo de Aventura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2005, 18(1), pp.26-38.

# PÔSTER 11

## MAQUETE COMO RECURSO DIDÁTICO NAS ATIVIDADES DE AVENTURA: APROXIMAÇÕES A PARTIR DOS ALUNOS

Elizandro Ricardo Cássaro[11]; Vilmar Malacarne[12]; João Fernando Christofoletti[13]

**INTRODUÇÃO**

A Educação Física escolar e os conteúdos estruturantes presentes nos PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), na LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996 e nas próprias Diretrizes e Bases da Educação do Estado Paraná na Educação Básica vêm se tornando frequentes na prática social dos alunos no ambiente escolar principalmente no eixo dos esportes, jogos e brincadeiras, ginásticas, danças e lutas, no processo de ensino e aprendizagem de cada nível de escolaridade.

Esses conteúdos também se configuram na Educação Física escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Maringá (MARINGÁ, 2012). Porém são organizados e sistematizados de forma a contemplar aspectos da cultura corporal de movimento e possibilitar tanto para o desenvolvimento físico e motor quanto o desenvolvimento cognitivo e social. Para tanto, proporciona-se ao aluno o conhecimento, o domínio e a consciência corporal que ampliem suas condições para autonomia motora e para construção de sua identidade corporal. Nesse processo, faz-se necessário que os movimentos e gestos motores tenham uma linguagem corporal que possibilite a interação por meio da socialização, o que,

[11] Especialista em Educação Física na Educação Básica pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Aluno do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

[12] Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Educação /
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática (PPGECEM) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

[13] Doutor em Educação pela Universidade de Londres (UL-Inglaterra). Docente do curso de graduação em Educação Física da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

por sua vez, foque numa aprendizagem que amplie o conhecimento das práticas corporais que são historicamente produzidas na e pela cultura em que a criança se encontra.

A partir dos estudos de Franco (2008, 2011), Pereira (2007, 2010), Armbrust (2009, 2010) e Paixão (2012, 2017) sobre as Atividades de Aventura nas aulas Educação Física escolar no Ensino Fundamental e o Ensino Médio, me deparei com a necessidade de abordar esse conteúdo de forma teórica com os alunos, mantendo-me ainda em acordo com o que é solicitado no próprio currículo da Educação Física da Rede Municipal de Maringá, o qual enfatiza o aspecto lúdico.

Segundo Marinho e Schwartz (2005), os conteúdos das Atividades de Aventura na Educação Física escolar visam ampliar o desenvolvimento que vai além do esporte, sejam eles nos aspectos motores e sensoriais, na própria ampliação da cultura corporal de movimento, e nas questões relacionadas à cidadania que envolvem a natureza e as relações humanas, sociais e ambientais, numa ampla Educação Ambiental. Proporcionar um novo significado no papel do ensino da Educação Física escolar requer amplas possibilidades de intervenção para superar a dimensão que visa apenas à parte motriz e imprimir uma dimensão histórica, cultural e social às práticas corporais vivenciadas nas aulas.

Nessa busca de introduzir e inserir as Atividades de Aventura como conteúdo nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de forma lúdica, nos baseamos nos estudos na área da geografia, principalmente na cartográfica, conforme sugerido por Simielli (1991), que afirma que o trabalho com maquetes não é apenas uma questão de sua confecção, mas a possibilidade de utilização de uma ferramenta para a correlação dos conhecimentos a serem adquiridos. A autora afirma que o desenvolvimento da maquete torna mais fácil o entendimento de correlações entre espaço físico e as ações humanas. Para Francischett (2004, p.133) a maquete é a “[...] perseguição do mundo das ideias, procurando trazê-las à realidade. Construir maquete é o desafio que traz o prazer de representar”. Nesse aprendizado, que passa pelas percepções dos espaços, na formação da imagem mental que proporciona e leva ao conhecimento e a compreensão dos elementos que constituem as transformações na paisagem e suas representações. Também se insere a possibilidade de se desenvolver habilidades motoras e certas práticas corporais cuja dimensão espacial é parte constituinte de tal atividade, seja ela de um espaço urbano ou natural.

**OBJETIVOS**

O principal objetivo desse estudo é apresentar o desenvolvimento da maquete como um recurso didático no processo de ensino e aprendizagem no desenvolvimento do conteúdo das Atividades de Aventura

nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. No primeiro momento espera-se que essa metodologia amplie a compreensão teórica sobre o conteúdo de Atividades de Aventura no tocante aos conceitos e classificações. Assim, têm-se o intuito de ampliar os conhecimentos dos alunos sobre tais práticas, de um modo de fácil assimilação e que respeite as características cognitivas de sua faixa etária escolar. No segundo momento, espera-se que essa metodologia lúdica, na elaboração, construção e confecções das maquetes, possa ampliar a socialização dos alunos a partir do desenvolvimento das questões afetas ao esporte, à aventura, à educação ambiental, à conservação e preservação ambiental, à própria utilização de materiais didáticos seja recicláveis ou alternativos nas aulas de Educação Física. Isso, ainda, de forma crítica e criativa, que seja prazerosa e divertida, também no que se refere à parte teórica do ensino.

**MÉTODO**

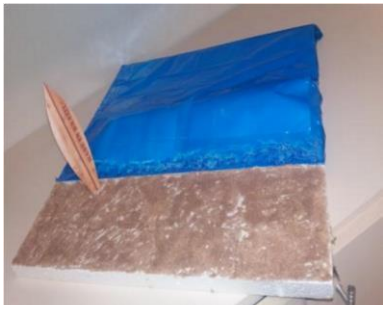
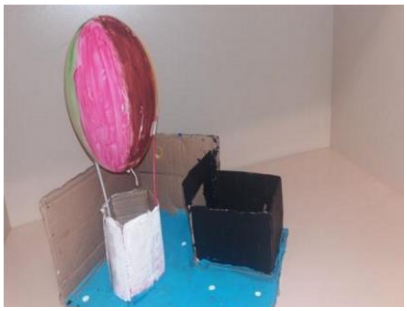
Este estudo foi realizado no município de Maringá-Paraná na Escola Municipal Odete Ribaroli Gomes que compreende o Ensino Fundamental em 2017, com o conteúdo de Atividade de Aventura, e foi aplicado com alunos que correspondem do 5º ano no período da manhã, totalizando cerca 55 alunos divididos em 2 turmas com faixa etária de 9 a 12 anos de idade. A metodologia aplicada em sala de aula dividiu-se em quatro momentos: no primeiro momento, os alunos, em grupos foram levados à quadra esportiva/ginásio poliesportivo da escola, onde começaram a identificar os conceitos das Atividades de Aventura que envolvem o ambiente e o local em que são desenvolvidas. Nessa socialização, os alunos levantaram as inquietações para o professor, ao dizer os locais corretos na prática das Atividades de Aventura. A partir desse momento, o professor apresentou, de forma explanatória, o que os autores Uvinha (2001) e Betrán (2003) categorizam como os ambientes terrestre, aquáticos e aéreos para as atividades de aventura, quando as modalidades são distintas e apresentam algumas divergências entre si. Nesse sentido, o professor permitiu a percepção que o princípio da classificação e conceituação das Atividades de Aventura é referente, principalmente, ao ambiente. Ainda avançamos essa compreensão a partir de Pereira & Armbrust (2010, p.17), que classificam o local da prática para além do terrestre, aquático e aéreo já citados. Eles incluem o “misto e urbano”. No segundo momento, os alunos retornaram à sala de aula e foram mencionando os materiais a serem utilizados para a construção e confecção das maquetes. Nesse ponto, o professor mencionou a importância dos materiais recicláveis, como caixa de sapato (papelão), revista e jornais (papel), embalagens plásticas e sacolas (plástico), isopor, metal e material orgânico (folhas, pedras, galhos), de forma a construir um referencial sobre tal tema e apontar possibilidades para os alunos. No terceiro momento, os alunos iniciaram, de forma

apressada, a separação dos materiais. O professor solicitou que as maquetes possam ser elaboradas juntamente como tarefa escolar e que os pais ou responsáveis possam cooperar na sua elaboração, construção e confecção.

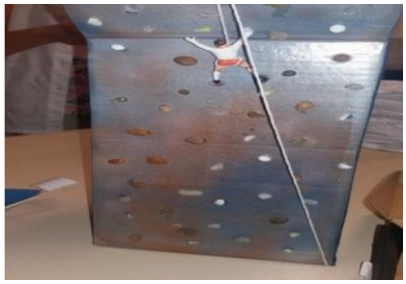
**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

De acordo com Francischett (2004), as maquetes proporcionam o desenvolvimento cognitivo referente ao estudo do espaço pelas representações o uso da linguagem. Já para Simielli (1991, p. 20), as maquetes são um “meio didático, através, do qual vários elementos da realidade devem ser trabalhados em conjunto”. Os resultados obtidos na utilização da maquete como instrumento pedagógico podem ser considerados já a partir do fato de que elas foram construídas pelos alunos, de forma de proporcionar um recurso didático para as aulas de Educação Física, no conteúdo de Atividades de Aventura. Considera-se que isso tem uma relevância quanto à o aspecto social e afetivo, proporcionado na realização dessa tarefa na escola e também fora dela, ampliando a socialização entre os alunos e família. Foi observado e constato a motivação dos alunos para a realização das maquetes. Destaca-se nisso a participação dos alunos, o entusiasmo, a sua própria autonomia, confiança, autoestima a frente do desafio desde a elaboração das modalidades até construção e confecção das maquetes das Atividades de Aventura. O uso desse recurso didático, por exemplo, permitiu ao aluno participar do processo de construção de conhecimento, percebendo a verdadeira relação entre o conhecimento científico e a vida cotidiana. Além disso, é uma alternativa acessível, de fácil elaboração, construção e confecção e manuseio por parte do aluno. Além de trazer e proporcionar nas aulas de Educação Física um caráter interdisciplinar e lúdico, de acordo com currículo da Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Maringá.

Percebemos que a maquete é uma alternativa acessível, de fácil elaboração, construção, confecção e manuseio por parte dos alunos, além de trazer e proporcionar nas aulas de Educação Física um caráter interdisciplinar.

Fotos I, II e III – Maquetes – Escola Municipal Odete Ribaroli Gomes de Castro, em 2017. Fonte: autores.



Fotos I, II e III – Maquetes – Escola Municipal Odete Ribaroli Gomes de Castro, em 2017. Fonte: autores.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para Nacke e Martins (2007), a maquete proporciona o processo de ensino e aprendizagem por levar à práxis, ou seja, por aliar a teoria e a prática, sendo uma ferramenta pedagógica e material, podendo dinamizar diversas discussões da turma, em sala de aula, e tornando os conteúdos mais dinâmicos e interativos. Cabe aos professores de Educação Física ampliar seus planejamentos, promovendo estratégias didáticas que estimulem o aluno a construir seus conhecimentos, os quais poderão ser aplicados, inclusive, em sua própria realidade, de forma autônoma, consciente, crítica e cidadã. A Educação Física, sendo uma disciplina que tem o corpo como foco de compreensão pelos alunos e as Atividades de Aventura como tema a ser trabalhado através de maquetes, proporciona e contribui de forma interdisciplinar, para contextualizar os saberes escolares em relação ao seu cotidiano, a partir desse conhecimento científico. Além de ser de fácil assimilação para os alunos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a didática por meio do uso de maquetes. Este relato através dos alunos possa levar o entendimento que o conteúdo teórico seja prazeroso de forma que estimule e leve ao aluno a necessidade de reflexão, seja por meio de ensino e aprendizagem que estabelecem de forma conceitual, procedimental e atitudinal, conforme os estudos de Darido (2005) e nos PCN's (BRASIL, 1997).

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/ pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2017.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **A Cartografia no Ensino de Geografia: a aprendizagem Mediada**. 20.ed. Cascavel - Paraná: EDUNIOESTE, 2004. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N14/Res1-n8-n14-Revista-Ensino-GeografiaSbardelotto.pdf> Acesso em: 02 fev. 2018.

PEREIRA Dimitri Wuo; ARMBRUST Igor. **Pedagogia da aventura:** os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. 1º ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

MARINGÀ. Prefeitura do Município de Maringá. **Currículo da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Disponível em: <http://www2.maringa.pr.gov.br/sistema/ arquivos/3c1871b9202b.pdf> Acesso em: 02 jun. 2017.

MARINHO, Alcyane; SCHWARTZ, Gisele Maria. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 10, n. 88, p. 1-1, set. 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd88/avent.htm>. Acesso em: 05 agos. 2017.

MARINHO, Alcyane; SCHWARTZ, Gisele Maria. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 10, n. 88, p. 1-1, set. 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd88/avent.htm>. Acesso em: 05 agos. 2017.

NACKE, Sonia Mary Manfroi; MARTINS, Gilberto. 2007. **A maquete cartográfica como recurso pedagógico no ensino Médio**. Cascavel, Unioeste, 28 p. Disponível em: <http:// www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/ arquivos/File/producoes_pde/artigo_sonia_ mary_manfroi_nacke.pdf> Acesso em: 02 fev. 2018.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. et al. **Do Plano Tridimensional: a Maquete como Recurso Didático**. Boletim Paulista de Geografia, Nº. 70. São Paulo: AGB, AGB, 1991.

# PÔSTER 12

## RELATO DE EXPERIÊNCIA: ACANTONAMENTO REALIZADO COM ALUNOS DE 8º E 9º ANO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO, SANTA LUZIA - MG

Isabela Guimarães Lima e Silva; Juliane Nunes Leal Lopes; Phillip Jorge de Souza;

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: isaguili22@gmail.com

Palavras-chave: Lazer; Aventura; Educação.

**INTRODUÇÃO E OBJETIVOS**

As práticas corporais de aventura têm se popularizado no país nas últimas décadas (Franco, 2011, p.91; França, 2016) tornando-se uma tendência no meio corporativo e também se destacando como objeto de estudo em pesquisas acadêmicas. Não há uma definição exata para esse o termo, mas alguns autores expõem características marcantes que são recorrentes nessas práticas, como a baixa previsibilidade, exposição ao risco, aproveitamento dos diversos espaços, contato com a natureza, entre outros (Pimentel, 2013; Dias, 2007; Almeida 2009 apud FRANÇA, 2016). No entanto, não é intenção deste trabalho debruçar-se sob essa discussão, mas apresentar a experiência de uma intervenção com alunos da rede pública de ensino.

No que se refere à educação básica, as práticas corporais de aventura são compreendidas como conteúdo da Educação Física Escolar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.” (Brasil, 2017). Neste documento, essas práticas são descritas como uma unidade temática que explora “expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador”. (Brasil, 2017)

Consonante a este contexto, no ano de 2017, o Professor Luiz Nicácio ministrou o curso Formação na prática - Atividades Físicas de Aventura, uma ação entre o grupo Pensando a Educação Física Escolar (Instituto Federal de Minas Gerais - IFMG) e o Grupo de Estudos em Educação Física Escolar (Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG). Participaram deste curso alunos de

graduação e professores de educação física das redes de ensino de Belo Horizonte e região metropolitana. Como resultado dessa ação, as (os) professoras (es) presentes na capacitação foram convidados para uma parceria entre as escolas em que atuam e a UFMG através de uma disciplina optativa ofertada aos alunos do curso de educação física.

Este artigo tem como objetivo relatar o trabalho desenvolvido na Escola Estadual José Maria Bicalho (EEJMB), localizada na cidade de Santa Luzia, sob responsabilidade do professor de Educação Física Phillip Souza. No decorrer do texto, será apresentado o relato do professor junto à reflexão dos alunos que participaram dessa experiência.

**MÉTODO**

O trabalho de campo determinado para esse projeto foi o acantonamento, uma atividade que se aproxima do acampamento, mas tem como diferencial a alocação dos campistas. Segundo Ávila (2008), acantonamentos são realizados em locais que possuam uma infraestrutura básica (cozinha, banheiro, luz, água corrente, quartos etc.), contudo, esse tipo de atividade também proporciona aos participantes um contato amplo com a natureza. Além disso, baseado no planejamento educativo, os participantes de acantonamentos são responsáveis por tarefas organizacionais que garantem o bom funcionamento da atividade.

Em dezembro de 2017, os professores Phillip Souza e Luiz Nicácio apresentaram a proposta de desenvolver um acantonamento com os alunos do 8º e 9º ano à direção da EEJMB, que apoiou e viabilizou a iniciativa. Posteriormente, Phillip expôs o projeto aos alunos e responsáveis, que compreenderam a importância da atividade para a formação dos estudantes.

Frente ao retorno positivo dos envolvidos, os conteúdos e conceitos relacionados ao meio ambiente e práticas corporais de aventura seriam trabalhados ao longo do ano letivo. No entanto, devido à greve de professores da rede estadual de ensino, as aulas que antecederam o trabalho de campo abordaram apenas a logística e segurança no acantonamento, vestimenta adequada e itens necessários para prática do paintball, trekking e slackline. Por fim, como parte do procedimento de segurança, todos os alunos preencheram um questionário sobre condições de saúde.

Participaram da atividade 40 alunos, alocados em quatro comissões organizacionais: alimentação, segurança, equipamentos e infraestrutura. Foi ressaltado que, para o bom funcionamento do projeto, todos deveriam contribuir ativamente com as tarefas propostas.

Inicialmente, os alunos da graduação deveriam colaborar com o processo de planejamento e execução da unidade didática. No entanto, a participação limitou-se ao acantonamento. A atividade ocorreu no Trilhas da Serra, localizado entre os municípios de Jaboticatubas e Santa Luzia – MG, o espaço possui área de camping, arena de paintball, trilhas e pista de mountain bike.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O acantonamento aconteceu em maio de 2018. Após chegar ao local, as comissões se organizaram para executar as funções delimitadas:

1. Alimentação – responsável por organizar as refeições.
2. Infraestrutura – responsável pela montagem/desmontagem e organização das barracas segundo mapa pré-estabelecido.
3. Logística – responsável pelo transporte e conferência dos equipamentos utilizados durante o trabalho de campo.
4. Segurança – responsável por garantir, sob orientação dos professores e monitores, a segurança de todos os alunos durante as atividades.

Vale ressaltar que alguns professores contribuíram, voluntariamente, com a execução do projeto. Franco (2011) chama atenção para o papel da escola na popularização das atividades de aventura, e ressalta que esse trabalho poderia ser muito mais efetivo se essas atividades fossem iniciadas na escola, com o amparo, não só da Educação física, mas de todos os possíveis canais interdisciplinares.

A primeira atividade foi o Paintball, o responsável pela arena explicou aos alunos o procedimento para a realização das partidas e frisou as questões de segurança. A maioria dos alunos nunca haviam tido contato com a modalidade e, de acordo com o professor Phillip,

> “Era possível ver o brilho nos olhos de todos que estavam jogando. Muitos relataram estar com o coração disparado, nervosos e sentindo aquele frio na barriga em participar das partidas de paintball. Confesso que fiquei feliz de ver a alegria e emoção dos meus alunos, afinal de contas, o meu maior objetivo era que eles pudessem se divertir.”

Ao fim da tarde, iniciou-se a trilha para o mirante, um trajeto de 2,4 km de distância, predominantemente, em mata fechada. Devido ao atraso de algumas pessoas na preparação para o trekking, foi necessário intensificar o ritmo da caminhada, elevando o grau de dificuldade do percurso. Do mirante foi possível observar o Mosteiro de Macaúbas, patrimônio histórico da cidade de Santa Luzia, e o pôr do sol. O retorno ao acantonamento ocorreu através de uma trilha noturna.

Como desfecho da programação, os alunos reuniram-se ao redor da fogueira para tocar violão e socializar as experiências, os sentimentos eram diversos, e muitos agradeceram por estar fazendo parte deste projeto.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com Civitate (2000), o acampamento é um método educativo eficaz para todas as idades e se constitui como uma microexperiência comunitária que cria a consciência dos direitos e deveres do cidadão dentro da macrocomunidade em que vive, ainda que sejam atividades díspares, essa caracterização também se aplica a acantonamentos. No trabalho de campo relatado, diferentes responsabilidades foram designadas aos alunos participantes para garantir o bem-estar do grupo e, além disso, eles também foram estimulados a desenvolver suas relações interpessoais, autonomia e a compreender conceitos essenciais às atividades de aventura.

As práticas corporais de aventura (PCA) foram incorporadas à BNCC recentemente, portanto, presume-se que a maioria dos professores que atuam na rede de ensino, ou mesmo aqueles em formação, nunca tenham vivenciado ou estudado os conteúdos relacionados à temática. Desse modo, ressaltamos neste trabalho a importância da formação de professores, Cristino (2007) afirma que;

> “(...) o professor não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e orienta (TARDIF, 2005) ”

Nesse contexto, podemos citar a formação continuada como uma ferramenta de auxílio ao exercício da docência que deverá oferecer subsídios às necessidades cotidianas dos professores sem, no entanto, ser compreendida como um procedimento para a resolução das dificuldades encontradas (CHIMENTÃO, 2009).

Para além disto, entende-se que as práticas corporais de aventura estão entre as inúmeras possibilidades de vivenciar um momento de lazer, compreendido neste trabalho como

> "(...) uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo. (GOMES, 2004, p. 125)"

Consoante ao último parágrafo, podemos recorrer ao duplo aspecto educativo do lazer[1] para justificar a importância de abordar esse conteúdo no âmbito escolar, uma vez que, nessa circunstância, estaria-se ampliando o conjunto de manifestações culturais que os alunos poderiam experienciar em diferentes contextos.

O projeto teve uma enorme repercussão na comunidade escolar, docentes, alunos e pais envolvidos demonstraram estar satisfeitos com o trabalho de campo e aqueles que não puderam participar expuseram grande interesse e ter essa experiência em uma nova oportunidade. Quanto aos alunos da graduação, estes ficaram motivados a participar de outros projetos semelhantes, estudar a temática e aplicá-la em seus espaços de atuação.

Marcellino (1996, p. 50) afirma que para a prática das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade.

**REFERÊNCIAS**

AVILA, Marco Aurélio. Segmentação de mercado: uma abordagem sobre o turismo em diferentes faixas etárias. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.105-114, out. 2008.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). **Base Nacional Comum.** Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 03 out. 2018.

BRASIL, Ministério Da Educação. **Base nacional comum curricular**: Terceira versão. Brasília: MEC, 2017.

CHIMENTÃO, Lilian Kemmer. O significado da formação continuada docente. In: **Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar**, 4., 2009, Londrina.

CIVITATE, H. **Acampamento:** organização e atividades. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

CRISTINO, Ana Paula da Rosa. **Um olhar crítico reflexivo sobre a formação continuada de professores de educação física da rede municipal de ensino de Santa Maria** (Rs). 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007. Cap. 2.

FRANCO, Laércio Claro Pereira. A adaptação das atividades de aventura na estrutura da escola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 5., 2010. **Entre o urbano e a natureza:** a inclusão na aventura. São Bernardo do Campo: Lexia, 2011. v. 1, p. 89 - 101.

FRANÇA, Dilvano Leder de. **Práticas corporais de aventura nas aulas de educação física: as possibilidades pedagógicas no 5º ano do ensino fundamental**. 2016. 220 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Cap. 2.

GOMES, C. L. Lazer – Concepções in**: Dicionário crítico do lazer**. Organizado por Christianne Luce Gomes. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 240 p.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

# PÔSTER 13

## A PARCERIA INTERDISCIPLINAR NAS TRILHAS EM AULAS DE CAMPO ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA E GEOGRAFIA: O PROJETO DE EXTENSÃO "EXPEDIÇÕES DO CEFET-RJ - CAMPUS PETRÓPOLIS"

Marcelo Faria Porretti; Fillipe Fernandes Rodrigues de Oliveira; Fernando Amaro Pessoa

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE-UERJ) e Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: marceloporretti@gmail.com

Em 2015 iniciou-se no campus Petrópolis do CEFET/RJ o Curso Técnico em Telecomunicações Integrado ao Ensino Médio e com ele desafios presentes em todo o processo educacional. A Educação Física, que no âmbito escolar é quase sempre vista como uma aula feita para os discentes extravasarem suas energias, fazendo-os sair da sala de aula, engajou-se nesse processo. Somando a proposta biopsicossocial, que entende a saúde dos indivíduos como decorrentes de diversos fatores, como biológicos, sociais, ambientais e profissionais (FARINATTI; FERREIRA, 2006).

O CEFET/RJ – *campus* Petrópolis encontra-se em um município que se destaca na questão ambiental, principalmente em relação ao percentual de fragmentos florestais e quantidades de áreas protegidas se comparado com os municípios de seu entorno, abrigando importantes remanescentes do bioma Mata Atlântica em unidades de conservação distintas, como por exemplo no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, um dos mais antigos do Brasil, e na Área de Proteção Ambiental de Petrópolis, a primeira criada em nosso país.

Nesse sentido, percebe-se uma necessidade cada vez maior de projetos que estejam de acordo com o paradigma ecológico atual, os quais podem ser desenvolvidos com grande potencial em instituições de ensino, aliando também a pesquisa e a extensão. Assim, a atividade de campo aparece como uma prática essencial e enriquecedora, proposta nesse projeto através de expedições mensais, apresentando-se como ferramenta de ensino/aprendizagem.

Tais expedições são realizadas tendo como público os corpos docente e discente do CEFET/RJ, além dos técnicos-administrativos e convidados externos ligados aos temas discutidos. Como essas visitas em sua maioria ocorrem em unidades de conservação, cabe ressaltar que essas possuem como base para a sua configuração paisagística a geodiversidade; entretanto, ocorre, na realidade, uma maior valorização e divulgação da biodiversidade, a qual corresponde ao palco para o surgimento e evolução da biodiversidade, debate ressaltado nas atividades do projeto, sendo somada questões relacionadas a saúde e atividade física que estão presentes em seu desenvolvimento.

**Visita técnica ao Castelinho**

As expedições são realizadas desde 2015, com a integração de diferentes públicos e visitação de diferentes áreas, envolvendo seus participantes em questões referentes ao paradigma ecológico atual através da integração de áreas da ecologia, geografia, saúde e práticas de atividade física, dentre outras.

As visitas em sua maioria ocorreram no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, dentro e fora de seus limites demarcados, visto a localização do CEFET/RJ Campus Petrópolis, o que foi um facilitador para o desenvolvimento das expedições. Na Serra dos Órgãos foram realizadas expedições ao Morro Meu Castelo (Castelinho), Travessia Petrópolis-Teresópolis, Travessia Cobiçado-Ventania, Travessia Uricanal e a famosa Travessia Petrópolis-Teresópolis. Algumas dessas atividades se repetiram, ampliando ainda mais o debate. Também realizamos expedições no Museu da Geodiversidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Monumento Natural dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca (RJ) e no Parque Estadual do Itacolomi – Ouro Preto, MG, durante o 7º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, dentre outras.

**REFERÊNCIAS**

FARINATTI, Paulo T. Veras; FERREIRA, Marcos Santos. **Saúde, promoção da saúde e educação física:** conceitos, princípios e aplicações. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

# PÔSTER 14

## TREINAMENTO INTERVALADO DE ALTA INTENSIDADE ACUMULADO VERSUS TRADICIONAL: EFEITOS DO TREINAMENTO E DESTREINAMENTO NA ADIPOSIDADE DE RATOS WISTAR

Jullia Alves Andrade; L.V. C. Pereira; C.S. Santos; B. F Mendes; Marco Fabrício Dias Peixoto

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Diamantina/ Minas Gerais

E-mail: jullia-alves@hotmail.com

Palavras-chave: HIIT, Treinamento, Destreinamento.

**INTRODUÇÃO E OBJETIVOS**

Devido à falta de tempo, considerada uma barreira à prática de atividade física da população mundial, o número de pessoas com sobrepeso e obesidade aumentou. Assim, uma alternativa tempo / eficiente que chama a atenção é o treinamento intervalado de alta intensidade (HIIT) O HIIT é caracterizado por breves e intermitentes períodos de atividade vigorosa, intercalados por períodos de repouso (descanso passivo) ou exercícios de baixa intensidade (descanso ativo). Além deste supracitado, atualmente estuda-se o treinamento acumulado realizado de forma fracionada em curtos períodos ao longo do dia, sendo esta uma alternativa para aumentar a adesão entre a população sedentária.

O objetivo é comparar os efeitos do HIIT tradicional versus acumulado na adiposidade de ratos Wistar machos.

**MÉTODO**

Foram utilizados para a pesquisa 72 ratos Wistar machos de 60 dias de idade e com ± 250g. Para o início do protocolo os ratos foram separados em três grupos: 1-Sedentário (SED), 2-HIIT Tradicional (HIIT) e 3-HIIT Acumulado (HIIT ACUM). O VO2max foi medido em uma esteira e foi estabelecido quando o consumo de oxigênio estabilizou apesar do aumento da velocidade de corrida. 24 ratos foram submetidos ao HIIT ou HIIT ACUM, enquanto 24 ratos controle foram mantidos sedentários. O treinamento foi de 5 dias por semana durante 8 semanas, conforme descrito: HIIT: 6 sessões de 1 min a 85- 100% da velocidade máxima

intercalada por 1 min de recuperação passiva em uma única sessão diária. HIIT ACUM: 3 sessões diárias ao longo de um dia separadas por 4 h com 2 sessões de 1 min a 85-100% da velocidade máxima intercalada por 1 min de recuperação passiva. Destreinamento: após o período de treinamento, os ratos foram mantidos sedentários por mais 4 semanas. A adiposidade foi avaliada pelo DEXA após o treinamento e após o período de destreinamento. A gordura visceral também foi removida após a eutanásia para análise. A gordura visceral foi considerada a soma do peso da gordura retroperitoneal e epididimal. Os resultados foram expressos como média ± desvio padrão e os testes ANOVA de Tukey e oneway post hoc foram utilizados para análise com nível de significância de $p < 0,05$.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Percentual de gordura após o treinamento: SED 26,31 ± 1,99a; HIIT 19,98 ± 0,71b; HIIT ACUM 19,55 ± 1,6b. Gordura visceral após o treinamento: SED 8,67 ± 1,56a; HIIT 6,03 ± 1,23b; HIIT ACUM 3,8 ± 1,63 g. Percentual de gordura após o destreinamento: HIIT DEST 24.41 ± 1.37b; HIIT; HIIT ACUM DEST 23,99 ± 1,12b. Gordura visceral após destreinamento: HIIT DEST 6,69 ± 1,47b; HIIT ACUM DEST 12.93 ± 1.71ag. A magnitude da mudança (destreinamento - treinamento) é apresentada como delta. Não houve diferença no delta para percentual de gordura entre os grupos HIIT (4,41 ± 1,59) e HIIT ACUM (5,96 ± 1,36). No entanto, o delta de gordura visceral foi maior no grupo HIIT ACUM (6,1 ± 2,05g) comparado ao grupo HIIT (4,2 ± 1,68g). Finalmente, após o período de destreinamento, ambos os grupos do HIIT apresentaram um percentual de gordura (HIIT DEST: 24,41 ± 1,37, HIIT ACUM DEST: 23,99 ± 1,12, SED: 31,26 ± 1,04) e gordura visceral (HIIT DEST: 6,69 ± 1,47, HIIT ACUM DEST: 10,76 ± 3,16, SED: 13,57 ± 2,25g) ainda menor que o grupo SED.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ambos os protocolos do HIIT foram eficientes na redução da adiposidade e após o período de destreinamento essa adaptação não foi completamente abolida.

**APOIO**

Capes, CNPq, FAPEMIG.

# PÔSTER 15

## TREINAMENTO INTERVALADO DE ALTA INTENSIDADE TRADICIONAL VERSUS ACUMULADO: EFEITOS DO TREINAMENTO E DESTREINAMENTO NA PRESSÃO ARTERIAL E FREQUÊNCIA CARDÍACA EM RATOS WISTAR

Ramona Ramalho Souza Pereira; L.V. Costa-Pereira; B.F. Mendes; Marco Fabrício Dias Peixoto

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina- MG, Brasil

E-mail: ramonasouza98@gmail.com

Palavras-chave: HIIT, Fisiologia Cardiovascular, Pressão Arterial, Frequência cardíaca.

**INTRODUÇÃO E OBJETIVOS**

O sedentarismo é uma das principais causas de mortalidade global, bem como sendo um fator de risco para doenças crônicas não transmissíveis (DCNT). No entanto, se houver atividade física e alimentação saudável, os riscos de doenças são reduzidos, assim como uma melhora no funcionamento cardíaco. E mesmo com os benefícios acima mencionados, a taxa de sedentarismo ainda é alta. Recentemente, nós descobrimos que o exercício acumulado (realizado em duas ou mais episódios curtos ao longo do dia) é tão eficaz quanto o exercício aeróbico realizado em uma única sessão diária na melhora dos fatores de risco cardiovasculares. Este estudo objetivou comparar os efeitos do treinamento e destreinamento com o HIIT acumulado (realizado em três sessões mais curtas ao longo do dia) e o tradicional (realizado em um único episódio diário) na Pressão Arterial (Pa) e Frequência Cardíaca (FC) de ratos Wistar.

**MÉTODO**

Utilizamos 72 ratos machos Wistar com 60 dias de idade que foram divididos em três grupos: 1- sedentário (SED), 2- HIIT e o 3- HIIT acumulado (HIIT ACUM). Avaliado no comitê de ética CEUA (031/2016). O $VO^2$ máximo foi medido utilizando a esteira, na qual a velocidade de corrida em que o $VO^2$ máximo obtido foi definido pela velocidade máxima. 24 ratos foram submetidos ao HIIT tradicional (HIIT) e o acumulado (HIIT ACUM) enquanto 24 ratos foram mantidos sedentários (SED). Sendo que o treinamento foi realizado 5 dias por semana durante 8 semanas: HIIT: 6 sessões de 1 min a 85-100% da velocidade máx intercalada por 1

min de recuperação passiva em uma única sessão diária. HIIT ACUM: 3 sessões diárias ao longo do dia separadas por 4 horas com 2 sessões de 1 min a 85-100% da velocidade máx intercalada com 1 min de recuperação passiva. Destreinamento: após o período de treinamento os ratos são mantidos sedentários por mais 4 semanas. A pressão arterial e a frequência cardíaca foram mensuradas pelo método não invasivo de Pletismografia Caudal antes e após o treinamento, bem como após o período de destreinamento. Os resultados são apresentados como média ± padrão desvio. Utilizou-se o teste One-way ANOVA seguido pelo teste de Tukey ($P<0,05$).

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como esperado, antes do treinamento não foram encontradas diferenças na PA (SED:115.4 ± 4.2; HIIT: 125.8 ± 13.05; HIIT ACUM: 120.2 ± 12.9 mmHg) e FC (SED: 400.1±30.75; HIIT: 389.6±36,38; HIIT ACUM: 375.2±18.13 bpm). Após o treinamento ambos os grupos de HIIT tiveram uma perda na PA comparado com o grupo sedentário (SED:135.3±6.21; HIIT: 123.8±9.17*; HIIT ACUM: 124.3±2.45* mmHg). O treinamento não modificou a FC (SED: 378.3±11.67; HIIT: 365.3±15.73; HIIT ACUM:374.8±14.76 bpm). Após 4 semanas de destreinamento observou-se um aumento na PA em ambos os grupos de HIIT (HIIT: 123.8±9.17 versus HIIT DEST: 144.6±7.42*; HIIT ACUM: 124.3±2.45 versus HIIT ACUM DEST: 136.8±12.07* mmHg) sem alterações na FC (HIIT: 365.3±15.73 versus HIIT DET:373,2±28,54*; HIIT ACUM: 374.8±14.76 versus HIIT ACUM DEST: 373.3±23.62* bpm). A magnitude de mudança (destreinamento-treinamento) é presente no delta. Não houve diferença no delta de PA (HIIT DEST – HIIT: 18.80±11.17 versus HIIT ACUM DEST – HIIT ACUM: 16.07±3.52 mmHg) e nem na FC (HIIT DET – HIIT:3.57±1.73 versus HIIT ACUM DET – HIIT ACUM: 2.87±1.81 mmHg) entre HIIT e HIIT ACUM. E por fim, nós encontramos que os valores da PA (SED:147.4±10.67; HIIT DEST: 144.6±7.42; HIIT ACUM DEST: 136.8±12.07 mmHg) e FC (SED: 352.9±30.889; HIIT DET: 373.2±28.54; HIIT ACUM DEST: 373.3±23.62 bpm) retornaram aos mesmos valores que o grupo sedentário.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nós concluímos que ambos os protocolos de HIIT são uma interessante estratégia tempo-eficiência para reduzir a Pressão Arterial e não haver alterações na Frequência cardíaca. No entanto, após um pequeno período de destreinamento as adaptações foram abolidas.

**APOIO**

Capes, CNPq, FAPEMIG.

# PARTE 2

# EVENTO ONLINE

## 10° EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA

## ONLINE E GRATUITO

## 7 A 10 DE NOVEMBRO DE 2018

## DIAMANTINA - MG

## 2.1 APRESENTAÇÃO

O crescimento de interesse pelas atividades de aventura se vê refletido, tanto no que concerne ao aumento de número de praticantes, quanto no expressivo volume de estudos acadêmicos voltados a esta temática, em suas mais variadas interfaces. Entretanto, para que a divulgação dessas pesquisas seja viabilizada adequadamente, torna-se importante a criação de eventos e publicações específicas, capazes de democratizar e aglutinar essas pesquisas.

Com base nessa perspectiva, o LEL – Laboratório de Estudos do Lazer, do Departamento de Educação Física/IB/UNESP– Rio Claro/SP, organizou, paralelamente ao evento presencial referente ao 10º CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA e 4º CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, uma edição desses eventos online. Os vídeos da edição online foram divulgados no Canal do *Youtube*® "Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura – CBAA", por meio do link: https://www.youtube.com/channel/UCTl1LrP7eaqRt6BtGruwe-Q. Esta iniciativa, certamente auxiliou a participação de pessoas que não puderam comparecer no evento presencial, ampliando as possibilidades de difusão dos estudos produzidos.

Os estudos apresentados nos eventos (presencial e online) estão divididos em duas partes, as quais são subsequentes à Parte 1, que foi equivalente aos resumos e estudos que fizeram parte dos eventos presenciais. As Partes 2 e 3, portanto, são referentes aos trabalhos submetidos ao evento online, sendo a Parte 2 representativa dos resumos (Comunicações Orais Online) e a Parte 3 está relacionada aos estudos na íntegra, os quais foram organizados em capítulos.

## 2.2 PROGRAMAÇÃO

| DIA | HORÁRIO | ATIVIDADE | CONVIDADOS |
|---|---|---|---|
| 07/11/2019<br>Quarta-feira | Das 18h as 18h10 | Cerimônia de abertura | Leonardo Madeira Pereira – UFVJM e Representante do LEL |
| | Das 18h10 as 19h | Palestra de abertura - convidado internacional | Franklin Castillo Retamal – UCM (Chile) |
| | Das 19h as 20h | Mesa redonda 1<br>Tema: aventura, alto rendimento e saúde | Roberta Stopa – atleta de MTB<br>Flávio Antônio Ascânio Lauro –atleta de *skate* |
| | Das 20h as 21h30 | Apresentação de trabalhos orais | Vídeos dos apresentadores, com 5 min cada |
| 08/11/2019<br>Quinta-feira | Das 18h as 19h | Mesa redonda 2<br>Tema: atividades de aventura no ensino superior | Priscilla Pinto Costa da Silva - UFRN<br>Dimitri Wuo Pereira - UNJ<br>Alexander Klein Tahara – UESC |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | Das 19h as 20h30 | Apresentação de trabalhos orais | Vídeos dos apresentadores, com 5 min cada |
| | Das 20h30 as 21h30 | *Cases* de sucessos | - Parque dos Sonhos<br>- Vaca Náutica<br>- Ecoação<br>- Alaya<br>- Projeto Jovem Montanhista<br>- MSV Adventure |
| 09/11<br>Sexta-feira | Das 18h as 19h | Mesa redonda 3<br>Tema: mulheres na aventura | Luana Mari Noda – UEM - atleta de balonismo<br>Fabiana Duarte – UFJF - atleta de corrida de aventura<br>Renata Laudares Silva – LEL/UNESP/RC |
| | Das 19h as 20h30 | Apresentação de trabalhos orais | Vídeos com 5 minutos dos apresentadores |
| | Das 20h30 as 22h | Depoimentos de ex-organizadores do CBAA-CIAA | Representantes das 10 Edições do CBAA |
| | Das 21h30 as 22h00 | Apresentação da cidade sede<br>Encerramento | Humberto Luis de Deus Inacio – UFG |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | | | Juliana de Paula Figueiredo - UFSC e Representante do LEL/UNESP/RC |

# 2. 3 MINICURRÍCULOS DOS CONVIDADOS E PALESTRANTES

## PALESTRA DE ABERTURA

**Franklin Castillo Retamal** (E-mail: fcastillo.fc@gmail.com)

Professor de Educação Física, Universidade Católica do Maule, Chile. Mestrado em Motricidade Humana, Universidade Autônoma do Chile (2010). Mestrado em Educação, Universidade La República (2007). Mestrado em andamento em Educação Ambiental (C), Universidade de Playa Ancha, Chile. Doutorando em Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, PR, Brasil. Atualmente trabalha na Faculdade de Ciências da Educação - Departamento de Ciências da Atividade Física, Universidade Católica do Maule - Chile, em cursos de graduação e pós-graduação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: motricidade, educação, aprendizagem, educação física escolar, formação inicial, atividades na natureza, curriculum, educação ambiental. Diretor da Escola de Educação Física da Universidade Católica do Maule (2014-2016). Integrante grupo de expertos em atividade física e saúde para a construção de políticas públicas convocado por os Ministérios de Saúde, Educação e Esportes do Chile (2015). Participa no grupo GEL (Grupo de Estudos do Lazer) e GEPPEFE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas para Educação Física e Esportes), da Universidade Estadual de Maringá.

## MESA AVENTURA, ALTO RENDIMENTO E SAÚDE

**Flávio Antônio Ascânio Lauro** (E-mail: flavioascanio@gmail.com)

Possui graduação em Educação Física (Licenciatura Plena) pela Universidade de Santo Amaro (1990), especialização em Fisiologia do Exercício pela Universidade Federal de São Paulo (1992) e mestrado em Reabilitação pela Universidade Federal de São Paulo (1997). Tem experiência na área de Fisiologia Humana com ênfase em Fisiologia do Exercício (principalmente em Avaliações Funcionais) e, experiência no desenvolvimento de metodologias para o ensino de esportes de prancha. É skatista profissional desde 1982 e snowboarder amador desde 1995. Comentarista de skate e snowboard para a ESPN desde 2008 e de

snowboard para a Globo e a SporTV desde 2014. Seis vezes Campeão Amador de Snowboard (Big Air – 2018, 2015 e 2009; Slopstyle -2011,2 010; Snowboard Cross – 2012.)

**Roberta Stopa** (E-mail: falecom@robertastopa.com.br)

Natural da cidade de Juiz de Fora - MG, nascida em 1980, Campeã Brasileira nas modalidades Cross-Country (XCO) e Maratona (XCM). Envolvida com esporte, na pré-adolescência, participou de jogos colegiais, dessa forma descobriu seu deslumbrante sentimento competitivo e espírito esportista. Por bicicletas, sempre teve excelente afinidade. Convidada por colegas do colégio, Stopa se interessou por competições, e afirma ser uma paixão infinita. Depois de um passeio de bike, Roberta aos 14 anos, deu início a sua carreira de ciclista. Após 5 anos, Roberta Stopa conquistou o título de Campeã Brasileira na modalidade Downhill. Em seguida, Stopa direcionou seus treinos para o Cross Country Olympic, modalidade que a atleta não perde a oportunidade de dizer que MTB (Mountain Bike) é o sangue que bombeia seu coração.

## MESA ATIVIDADES DE AVENTURA NO ENSINO SUPERIOR

**Priscilla Pinto Costa da Silva** (E-mail: laprisci@gmail.com)

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba (2008). Mestrado em Educação Física pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE / UFPB (2011) e Doutorado pelo mesmo programa (2016). Atualmente é Professora da Universidade Federal do Rio Grande no Norte - UFRN. Tem experiência na área de Educação Física com ênfase em estudos socioculturais, lazer e aventura.

**Dimitri Wuo Pereira** (E-mail: dimitriwuo141@gmail.com)

Doutor em Educação pela Universidade Node de Julho (UNINOVE). Mestre em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu, especialista em Administração Esportiva pela FMU e graduado em Educação Física pela EEFEUSP. Doutorando em Educação pela Universidade Nove de Julho, participante do GRUPEFE - Grupo de Estudos em filosofia da Educação da Universidade Nove de Julho. Professor universitário com enfoque nos estudos sobre esportes radicais e de aventura no âmbito da graduação na

Universidade Nove de Julho e coordenador do Grupo de Estudos em Esporte de Aventura Escolar (GEEDAE) da Universidade Nove de Julho.

**Alexander Klein Tahara** (E-mail: alexipatinga@yahoo.com)

Possui Graduação em Bacharelado em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Rio Claro (2001), Mestrado em Ciências da Motricidade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Rio Claro (2004) e Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Rio Claro. Desde 2007 é Docente (Prof. Assistente - B) do Curso de Licenciatura em Educação Física da UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus/BA. É Membro Pesquisador do LETPEF - Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física, da UNESP/Rio Claro.

## MESA MULHERES NA AVENTURA

**Luana Mari Noda** (E-mail: luasns@gmail.com)

Possui Especialização em Personal Trainer pela Universidade Estadual de Maringá (2010). Graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (2008). Atualmente é membro do Observatório de Educação Física e Esporte (OSE), integrante do Grupo de Pesquisas Estudos do Lazer - GEL (UEM/CNPq) e aluna de mestrado do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física (UEL/UEM). Tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: Atividades e Esportes de Aventura, Lazer e Educação Física Escolar. É atleta e instrutora de balonismo.

**Fabiana Duarte e Silva** (E-mail: fabiduartes@hotmail.com)

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora/ Universidade Federal de Viçosa. Graduada em Educação Física e Desportos pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2003). Pós-graduada em Treinamento Desportivo pela Universidade Gama Filho (2004). Especialista em Aspectos Metodológicos e Conceituais da Pesquisa Científica pela UFJF (2008). Mestranda do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física e Desportos da UFJF/ UFV. Pesquisadora na área de Esportes Radicais e de Aventura. Atualmente é Supervisora de Preparação e Qualificação

Profissional, da Secretaria de Desenvolvimento Social da Prefeitura de Juiz de Fora. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação Física para grupos especiais, Personal Trainner, Treinamento Funcional Resistido e Treinamento Desportivo em Esportes de Aventura.

**Renata Laudares Silva** (E-mail: renata.laudares@gmail.com)

Doutoranda pelo Programa Desenvolvimento Humano e Tecnologias, do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP; Mestre em Ciências da Motricidade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004) (UNESP) e Bacharel em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000) (UNESP). Lecionou como professora substituta do Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente é integrante do Laboratório de Estudos do Lazer (LEL) e tem experiência na área de Educação Física, com ênfase nos seguintes temas: lazer, esportes de aventura, atividade física, corfebol/korfball, jogos e brincadeiras, recreação, gênero, empoderamento.

## ENCERRAMENTO

**Humberto Luis de Deus Inácio** (E-mail: betoinacio@gmail.com)

Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (1993), Mestrado em Educação (1997) e Doutorado em Sociologia Política (2007) pela mesma instituição. Realizou estágio Pós-doutoral na Facultad de Ciencias del Deporto de la Universidad de Murcia, Espanha (2012). Professor Associado da Universidade Federal de Goiás, na Faculdade de Educação Física; Coordenador e professor no Mestrado Profissional em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG; Licenciado em Educação Física; atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Física Escolar, Educação Física Escolar e práticas corporais de aventura, lazer, meio ambiente, ecologia; Líder do GEPELC-Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Lazer e Comunicação (UFG), e membro do Laboratório Physis de Pesquisa em Educação Física, Sociedade e Natureza (UFG). Sócio pesquisador do CBCE - Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Atualmente encontra-se em estágio pós-doutoral na Universidade de Granada-Espanha, sob a tutoria do Prof. Dr. Antônio Beana-Extremera.

**Juliana de Paula Figueiredo** (E-mail: julianapfig@hotmail.com)

Doutoranda em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Ciências da Motricidade pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Rio Claro/SP) (2012). Graduada em Educação Física (Licenciatura Plena e Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas/SP) (2009). Membro pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física (LAPLAF/CEFID/UDESC/CNPq) e do Laboratório de Estudos do Lazer (LEL/UNESP/Rio Claro-SP). Sócia fundadora da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Estudos do Lazer (ANPEL). Atua na área de Educação Física, com ênfase em: Atividades de Aventura, Lazer, Recreação, Educação Ambiental, Jogos e Brincadeiras de Sensibilização Ambiental.

# 2.4 COMUNICAÇÕES ORAIS ONLINE

## COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 1

### UMA VIVÊNCIA DE JOGOS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UMA CORRIDA ORIENTADA

Leandro Santos Andrade

Universidade Tiradentes

E-mail: leandrotocador@hotmail.com

**Introdução:** O presente estudo teve em suas pretensões mostrar a introdução de jogos de aventura na Educação Física Escolar ao público de estudantes de uma instituição federal de Sergipe, com intuito de proporcionar uma prática nunca vista por eles, isto é, quebrando um paradigma nesse contexto em que até presente momento a turma vivenciou atividades voltadas para os esportes, jogos, brincadeiras, dentre outras. **Objetivo:** Esse estudo teve como objetivo relatar o processo de adaptação dos jogos de aventura aplicados para os pesquisados e a forma de execução teórica sobre o assunto abordado. **Método:** A pesquisa teve caráter normativo de campo sobre as ações dos participantes entorno dessa prática e a metodologia de ensino na aplicação desse conteúdo Jogos de Aventura aos estudantes do ensino básico dessa escola Federal da cidade de São Cristóvão/SE. Foi traçada inicialmente a abordagem teórica de forma expositiva em sala por meio de slides e textos informativos acerca desse assunto, em seguida foi mostrada a atividade que seria executada nessa aula que seria a corrida orientada, no entanto, essa atividade seria realizada sem o uso de bússolas e mapas, ou seja, diante dessa realidade o docente adaptou as duas seguintes variáveis: antes da aula o orientador mapeou o espaço escolar para esta prática criando uma planilha contendo todos os requisitos para sua execução, a saber, os postos de Controle (Pcs) e as senhas com as palavras-chave para preenchimento de controle e andamento da atividade. O mediador propôs no final da planilha a sequência dos (Pcs) em que cada grupo tinha que seguir uma determinada quantidade de passos substituindo assim, o uso da bússola e por fim, suas orientações finais sobre o objetivo da aula, sendo vencedor o grupo que fizesse todos os (Pcs) em menos tempo. O universo amostral foi de 24 estudantes com faixa etária entre 13 e 16

anos, 08 meninos e 16 meninas do 8º ano A do Ensino Fundamental de uma Escola Federal de São Cristóvão/SE. Apenas 13 alunos do grupo amostral participaram dessa experiência, pois os demais chegaram atrasados nessa aula. **Resultados e discussão:** Em resumo, a proposta pedagógica de vivência e aplicação desse conhecimento foi bastante proveitoso, ou seja, além do assunto passado e a forma que os estudantes vivenciaram esta prática de aventura de maneira adaptada, sendo ela coletiva dos grupos em que um era responsável em contar os passos, o outro localizar os (Pcs) e outro anotar as senhas nos P(cs) fizeram que esta prática culminasse de forma conjunta em sua ação e a outra observação feita nesse estudo que além de uma prática não comum, esta também serviu de atividade física sem eles perceberem, unindo o útil ao agradável nesse processo. **Conclusão:** Nesse sentido, os estudos mostraram que além do conhecimento ministrado de maneira teórica e a sua execução prática fizeram com que os estudantes experimentassem uma atividade diferenciada no seu contexto.

**Palavras-chave:** Corrida Orientada, Educação Física, Jogos de Aventura.

Agência de fomento: Programa de bolsas de mestrado/doutorado - FAPITEC/SE.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 2

## PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE AS TEMÁTICAS GÊNERO E MULHER NOS ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA

Renata Laudares Silva[1]

Elisangela Gisele do Carmo[1]

Nara Heloisa Rodrigues[1]

Giselle Helena Tavares[1 e 2]

Gisele Maria Schwartz[1]

[1]LEL – Laboratório de Estudos do lazer, DEF/IB/UNESP-Rio Claro, São Paulo, Brasil

[2]Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

E-mail: renata.laudares@gmail.com

**Introdução:** Atualmente, nota-se a crescente produção científica nas temáticas que envolvem a participação da mulher no mundo esportivo e, mais especificamente, em atividades de aventura na natureza, práticas estas que permeiam os conteúdos físico-esportivos no lazer. No entanto, ainda que se reconheçam os esforços acadêmicos direcionados a essas questões, não se sabe ao certo, sobre a produção de conhecimento que aborda a participação da mulher nas atividades de aventura no âmbito das reuniões e eventos científicos, haja vista ser este um espaço de divulgação de inovadoras práticas e descobertas científicas. **Objetivo:** Este estudo, de natureza qualitativa teve como objetivo analisar as ocorrências das temáticas, mulher e as questões de gênero, em trabalhos publicados nos Anais do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA) em todas as suas edições (2006 à 2016). **Método:** Por meio de pesquisa exploratória, buscou-se, nos anais, pelos termos “mulher/mulheres”, “gênero” e “feminino/feminina”. Como critérios de inclusão, os termos deveriam estar contidos nos títulos ou resumos e que os trabalhos versassem sobre a temática da mulher. Como critérios de exclusão, foram descartados as pesquisas repetidas e que não tinham relação direta com a temática. **Resultados:** Do total de 609 trabalhos, entre resumos e artigos completos, aplicou-se os critérios de inclusão, resultando em 107 trabalhos. Destes, 94 trabalhos foram excluídos por não atenderem aos critérios preeterminados, resultando, assim, 13 estudos amostrais. Os dados foram analisados sob a

técnica de análise de conteúdo, com a elaboração a *posteriori* de 3 categorias, a saber: 1) aspectos psicológicos (n=6), 2) aspectos ligados ao treinamento, antropometria e fisiologia (n=5) e 3) aspectos históricos e sociais (n=2). Os resultados indicaram que a categoria 1) tiveram como pontos centrais de discussão: os motivos que levam à prática do paraquedismo, a aderência aos diversos tipos de atividades de aventura, o risco inerente à prática do mergulho em apnéia, o preconceito em relação às mulheres *skatistas* e praticantes do *parkour*, as diferenças entre os gêneros no bóia-*cross* em relação aos estados emocionais. Na categoria 2), os elementos identificados foram aqueles relacionados à frequência e intensidade de treinamento, ao índice de massa corporal, ao treinamento com peso de atletas da corrida de aventura e à frequência cardíaca em passarelas suspensas, como temas centrais dos estudos. Quanto à categoria 3), foi abordada a questão do imaginário social de mulheres *skatistas* em relação aos anseios paternos desejados para meninas e meninos, a inserção da mulher no surfe e o rompimento de barreiras ligadas à hegemonia masculina no esporte. **Conclusão:** Observou-se que os temas recorrentes apontados nestes estudos são atuais, porém ainda estão relacionados com poucas facetas, abrangendo, ainda, um número reduzido de espaços em que estes temas são discutidos. Conclui-se, com este estudo, a existência de uma lacuna em relação à produção do conhecimento acerca dos estudos de gênero no âmbito dos Anais do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. Tornam-se prementes novos olhares sobre esta temática, procurando promover melhor configuração destas temáticas relacionando as atividades de aventura e gênero.

**Palavras-chave:** Gênero, Atividades de Aventura, Produção Científica.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 3

## A INFLUÊNCIA DO TREINADOR NO DESEMPENHO DE ATLETAS DE ESCALADA ESPORTIVA, NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE BOULDER

Diogo Henrique Lima Prado

Dimitri Wuo Pereira

E-mail: diogoprado13@gmail.com

**Introdução:** A escalada em paredes artificiais é uma prática nova no Brasil, tendo surgido no início dos anos 1990. Em Tóquio nos Jogos Olímpicos de 2020, ela será inserida como demonstração. Conforme surgiram mais adeptos no esporte, também cresceu a procura por profissionais para atuarem desde a iniciação ao alto rendimento. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é verificar a experiência dos atletas na escalada. **Método:** Foi realizada uma pesquisa descritiva exploratória com a aplicação de um questionário em escaladores participantes do Campeonato Brasileiro, modalidade Boulder em 2018. A pesquisa aprovada no comitê de ética da UNINOVE, contou com a participação de 47 atletas, sendo 32 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Os atletas foram divididos em 2 grupos: Grupo Finalista (GF) com aqueles que participaram da etapa final e Grupo Geral (GG) com aqueles que não foram para a final. **Resultados:** Após análise, a idade média do GF masculino foi 24,6 anos e do GG foi 30,8 anos, a idade média do GF feminino foi de 31,5 anos e no GG foi 29,7 anos. Em todos os grupos a idade aparece bastante avançada em comparação com os resultados de atletas finalistas do campeonato Mundial de Escalada de 2018, em que a idade média ficou 22,7 anos para os homens e 21,8 anos para as mulheres. O tempo de prática dos atletas brasileiros revela que no GF masculino 83% e no GF feminino 100% praticam há mais de 5 anos o esporte. Entre os atletas do GG 77% no masculino e feminino praticam há mais de 5 anos a escalada. **Conclusão:** Os dados mostram que nossos atletas são experientes, porém que não há renovação entre os principais competidores nacionais. Os melhores escaladores de competição do mundo conseguem se destacar bem jovens, enquanto aqui, os mesmos continuam a subir no pódio, revelando necessidade de difundir e dar oportunidade aos mais novos. Começar cedo a prática da escalada parece importante para a obtenção de resultados nas competições.

**Palavras-chave:** Escalada, Esporte, Desempenho, Competição.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 4

## O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O CONTEÚDO DAS ATIVIDADES DE AVENTURA

Mayllena Joanne Fernandes de Carvalho

Alexander Klein Tahara

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) - Ilhéus/BA

E-mail: may.edfisica@gmail.com

**Introdução:** É notório que as atividades de aventura estão disseminadas em nossa sociedade atual, seja num viés mais ligado ao lazer e turismo ou ao esporte e competições das distintas práticas, além de um viés direcionado ao âmbito educativo e pedagógico. Em relação a este último, o conteúdo ligado à aventura está elencado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como algo a ser tratado e problematizado junto aos alunos no Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano. **Objetivos:** Identificar e analisar as possibilidades, bem como os principais desafios e dificuldades ao se inserir as atividades de aventura como um conteúdo a ser trabalhado em aulas de Educação Física escolar. **Método:** A pesquisa de natureza qualitativa se deu por intermédio de um relato de experiência em uma escola da rede pública de ensino, na cidade de Itabuna-BA, com 35 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II. Foram realizadas oficinas pedagógicas das seguintes práticas: Trilhando desafios nos Patins *in-line*; *Skate* em ação; *Slackline* e o trato pedagógico; *Parkour* e um caminho de possibilidades. Para cada temática foi trabalhado junto aos alunos os aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais destas atividades. **Resultados:** Com base nos instrumentos utilizados e nos relatos dos alunos e percepções da professora e pesquisadora, o processo de inserção das atividades de aventura permitiu enxergar que: as principais dificuldades em aulas estão relacionadas à estrutura física da escola, onde não há espaços apropriados para as aulas de Educação Física, a não ser um pátio que não oferece as estruturas mínimas necessárias, além da carência de recursos materiais destinados às aulas. Quanto às possibilidades, este conteúdo aventura ampliou o leque de conhecimentos dos alunos, demonstrando integração e envolvimento nas atividades propostas, a percepção de um conteúdo “novo” e até então nunca abordado nas aulas, o interesse e a curiosidade dos estudantes nos debates e durante as

vivências; a preocupação em ventilar questões ligadas à segurança por conta da disposição ao risco. **Conclusão:** A escolha pelo conteúdo das Atividades de Aventura foi uma oportunidade de romper com o tradicionalismo esportivo vigente na instituição de ensino, oportunizando aos alunos aquisição de novas situações de aprendizagem. Além de perceber que em um ambiente escolar estas atividades podem e devem ser adaptadas às condições físicas e realidade de cada local de docência do professor, uma vez que nesta pesquisa pode ser constatado o desejo do aluno em experimentar uma aula lúdica, inovadora e aventureira na Educação Física escolar.

**Palavras-chave:** Educação Física, Escola, Atividades de Aventura.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 5

## ATIVIDADES DE AVENTURA E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ATUAL CENÁRIO CIENTÍFICO

Lais Mendes Tavares

Nathália Maria Resende

Raoni Perrucci Toledo Machado

Universidade Federal de Lavras (UFLA)

E-mail: laismtavaress@gmail.com

**Introdução:** As pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) possuem *déficits* nas habilidades de comunicação e interação social, com comportamentos restritos, repetitivos e estereotipados, o que influencia diretamente na vida cotidiana desses sujeitos. Nas últimas duas décadas estão sendo estudados tratamentos não medicamentosos que melhorem o desenvolvimento geral das pessoas com TEA, sendo a prática regular de atividades físicas um deles. As atividades de aventura podem ser desenvolvidas de forma individual e/ou em conjunto, estimulando assim, o convívio social, bem-estar, imprevisibilidade e o risco controlado, a qual, os praticantes podem se superar e vencer os seus próprios desafios. **Objetivo:** Este trabalho teve como objetivo realizar uma revisão da literatura sistematizada sobre programas de intervenções envolvendo atividade de aventura em crianças com TEA. Mais especificamente, identificar o atual cenário científico sobre esta temática e compreender as potencialidades das atividades de aventura para crianças com TEA. Trata-se de um estudo de análise bibliométrica sistematizada e foram utilizados os bancos de dados: PUBMED (*US National Library of Medicine National Institutes of Health*), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*). Para isto, foram usados os cruzamentos dos seguintes descritores, em idioma português e seus respectivos termos em inglês: Autismo e Atividade de Aventura, Autismo e Atividade ao ar livre, Autismo e Escalada *Indoor*, Autismo e *Slackline*, Autismo e Caminhada Ecológica e por fim, Autismo e Atividade Física. O presente trabalho utilizou recomendações propostas no guia *Preferred Reporting/items for Systematic Reviewsand Meta-Analyses* (PRISMA), ferramenta criada para auxiliar os pesquisadores de revisões no campo da saúde, com finalidade

de deixar as informações mais claras e completas. Foram considerados critérios de inclusão: Artigos primários, completos, realizados com humanos, pulicado nos últimos 12 anos (2007–2018) os quais ocorreram intervenções envolvendo atividade física, mais especificamente as atividades de aventura, que envolvia pessoas com TEA. Foram excluídos após a leitura do título e resumos os artigos que não enquadravam nos critérios de inclusão. Não foi feito restrição quanto ao *qualis* e idiomas dos artigos, a fim de contemplar um maior número de trabalhos. **Resultados:** Não foi possível encontrar artigos originais que trouxessem a temática das atividades física por meio da atividade de aventura no Brasil, ficando limitado a apenas 1 artigo em Zerafin, Israel, todavia, estão sendo realizadas pesquisas analisando intervenções de atividade física em pessoas com TEA, os quais foram encontrados 14 artigos, sendo 1 em português. **Considerações Finais:** A partir desses levantamentos, entendemos que são limitadas as pesquisas que analisam programas de intervenções de atividade de aventura para pessoas com TEA, contudo o programa de intervenção encontrado há grandes potencialidades para o desenvolvimento geral dos autistas, principalmente na redução das características do TEA, como, na interação e comunicação social.

**Palavras-chave:** Aventura, Autismo, Prisma.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 6

## ATIVIDADES DE AVENTURA E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ANALISANDO OS ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE DE AVENTURA

Lais Mendes Tavares

Raoni Perrucci Toledo Machado

Universidade Federal de Lavras (UFLA)

E-mail: laismtavaress@gmail.com

**Introdução:** A prática adaptada das atividades de aventura, que ampara as pessoas com deficiências (PcD), estão em crescente desenvolvimento em diversos estados brasileiros, sendo incentivados pelo Ministério do Turismo, o qual em 2012, criou o Programa de Turismo Acessível, afim de fomentar a inclusão social de PcD, permitindo o alcance e a utilização de serviços, edificações e empreendimentos turísticos com segurança e autonomia. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, que afeta principalmente a interação social e a comunicação, que de acordo com a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, são consideradas PcD, para todos os efeitos legais, gozando assim de todos os direitos e políticas públicas igualitariamente. O Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura (CBAA) é um dos principais eventos científico propulsor da área. **Objetivo:** A partir disso, este trabalho objetiva verificar a produção científica, relacionando as atividades de aventura e pessoas com TEA, nos anais do CBAA. **Metodologia:** Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com base nos anais do CBAA, desde a edição inicial até a última (2006 – 2016), a princípio foram analisados os títulos e identificados todos os trabalhos envolvendo PcD, a partir disso, foi feito a leitura do resumo e verificado os trabalhos referentes ao TEA. **Resultados:** Foram encontrados 600 resumos em 9 edições, sendo apenas 19 trabalhos envolvendo PcD e nenhum trabalho relacionado ao TEA. Destes 19 trabalhos, envolvem deficiência física (3), deficiência intelectual (3), deficiência visual (2), síndrome de down (2), deficiência visual, física e audiovisual (1) e os outros (8) não especificaram a deficiência. A relação de publicações por edição segue a seguinte trajetória: na 1ª edição não foi encontrado nenhum trabalho; 2ª e 3ª edição, 1 trabalho por edição, 4ª e 5ª; 4 e 2, respectivamente; 6ª

edição, 2 trabalhos; 4 e 3 trabalhos submetidos na 7ª e 8ª edição respectivamente e por fim na 9ª edição, 2 trabalhos. **Considerações Finais**: A partir desses levantamentos, podemos ressaltar que, mesmo tendo um avanço na perspectiva adaptada das atividades de aventura, ainda são precárias as pesquisas envolvendo essa temática para PcD no Brasil, mais especificamente o TEA, nesse sentido, cabe-nos, a responsabilidade de desenvolvermos trabalhos, corroborando com a inclusão de PcD na prática das atividades de aventura e no turismo, sabendo que o lazer e atividade física são direitos de todos.

**Palavras-chave:** Autismo, Atividade de aventura, Pessoas com deficiência.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 7

## ATIVIDADES DE AVENTURA NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA PROPOSTA POSSÍVEL

Meire Cláudia dos Santos

Amanda Mayara do Nascimento-Cardoso

Diego Catão dos Santos Santana

Kelly Cristina do Amaral

Universidade do Estado de Minas Gerais- Unidade Divinópolis-Mg-UEMG

E-mail: m.eyre.cl@hotmail.com

**Introdução:** Dentre os objetivos da educação física escolar tem-se como foco o alcance do desenvolvimento integral do aluno. No entanto, durante a adolescência os alunos tendem a perder o interesse pelas aulas de educação física devido a diversos fatores, entre eles a exagerada busca por diversas mídias digitais provenientes da sociedade atual (PEREIRA, 2010). Desta forma as atividades de aventura se tornam uma ótima opção para que o professor possa motivar os seus alunos a participarem de suas aulas. **Objetivo:** Neste sentido o objetivo deste estudo foi mostrar a possibilidade de aplicação de algumas modalidades das atividades de aventura no contexto escolar e verificar o interesse dos alunos após a prática das mesmas. **Método:** Trata-se de um estudo de natureza qualitativa com desenho exploratório, realizado com 123 alunos de 8 turmas diferentes estudantes do ensino fundamental II, da Escola Estadual Martin Cipryen da cidade de Divinópolis-MG. Participaram da pesquisa os alunos cujos pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa consistiu na aplicação de dois questionários em dois momentos diferentes. O primeiro foi aplicado logo no início do estudo para verificar o conhecimento dos alunos sobre o tema referente às atividades de aventura. Em seguida foram oferecidas aos alunos a prática de 4 modalidades de atividades aventura sendo elas: Arco e flecha, Slackline, Montanhismo e Corrida de orientação. Por fim, após a prática das atividades foi aplicado o segundo questionário para verificar se houve aprendizado e analisar as experiências vividas por eles após a prática das atividades. **Resultados:** Os resultados mostraram que os alunos gostaram de experimentar novas atividades, aprenderam sobre o tema, e tiveram boas experiências a partir das práticas das atividades de aventura, saindo do cotidiano das aulas que estão acostumados a ter. **Conclusão:** A partir das respostas dos alunos foi possível concluir que é importante a incorporação de novos

conteúdos na educação física escolar e que as atividades de aventura podem ser uma ótima opção para tal. Além disso, verificou-se que os alunos viveram experiências que os mesmos julgaram como sendo benéficas, apreciaram diversas sensações, e puderam vivenciar novas possibilidades de aprendizado. Ainda, embora os resultados tenham sido positivos é necessário maiores estudos sobre o tema, a fim de viabilizar aos professores a introdução definitiva dessas atividades nas aulas de educação física.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar, Atividades de Aventura, Ensino Fundamental II.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 8

## MAPAS E TRAÇADOS: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PARKOUR E CORRIDA DE ORIENTAÇÃO

Roberto do Valle Mossa

Debora Helenise Lemes de Paula

Vera Luiza Moro

Universidade Federal do Paraná

E-mail: robertomossa87@gmail.com

**Introdução:** Visando romper com práticas que enfatizam apenas os gestos motores e treinamento esportivo no ambiente escolar, realizamos algumas ações pedagógicas com saberes do Parkour e da Corrida de Orientação, as quais apresentavam-se como inovadoras para os estudantes do 6° ao 9° ano de uma Unidade de Educação Integral da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. Buscamos ampliar seus repertórios corporais e culturais, e, de alguma forma, tornar possível a apropriação e aproveitamento do máximo possível do pouco e escasso espaço da Unidade, composta por apenas duas pequenas salas de aula, sala de materiais, sala da pedagoga, banheiros, cozinha, refeitório e pequenas áreas de cimento, gramado e parquinho, totalizando cerca de 200m². **Objetivos:** Relatar a experiência de uma prática pedagógica construída por um acadêmico bolsista, por uma professora supervisora e uma professora coordenadora do Projeto PIBID Educação Física da UFPR, pertencentes ao subprojeto “Experiências Sociocorporais e Educação Física Escolar: à docência que se constrói na escola”, embasado pelo conceito de Experiências Sociocorporais (FIGUEIREDO 2004; 2008), através do Parkour e dos conhecimentos da Corrida de Orientação, escolhidos para serem oportunizados aos estudantes dentro da mencionada realidade escolar. **Método:** A partir de uma pesquisa participante (GIL, 2002), com anotações de campo, e sob as características básicas da Corrida de Orientação e do Parkour, organizamos algumas aulas para que os estudantes pudessem experimentar as práticas propostas. O trabalho com o Parkour já estava sendo desenvolvido há 6 meses quando escolhemos associá-lo aos conhecimentos da Corrida de Orientação. Sendo assim, iniciamos o trabalho trazendo o conceito de busca, onde os estudantes deveriam, para cumprir as tarefas, utilizar os elementos do Parkour. Num segundo

momento, trabalhamos a ideia de planta baixa, visando que cada estudante fosse capaz de desenhar, visualmente, a planta da Unidade, fazendo-os refletir sobre os espaços. **Resultados:** A partir do processo de construção das plantas, foi possível notar que, apesar do espaço da Unidade ser pequeno, os estudantes não o reconheciam com propriedade, havendo, ao final, melhora na apropriação do espaço, além da descoberta sobre novas possibilidades e práticas no local a partir dos conhecimentos corporais supracitados. Analisando um mapa oficial de Corrida de Orientação, os estudantes conheceram símbolos usuais na modalidade e posteriormente criaram seus próprios, relacionando esses símbolos aos movimentos do Parkour e, posteriormente, inserindo-os na planta desenhada, criando circuitos destinados aos demais colegas, instigando-os a explorar locais pouco acessados durante as brincadeiras cotidianas. **Conclusão:** À luz de Bracht (2003), a Educação Física Escolar não excepcionalmente se defronta com problemáticas de indisponibilidades de materiais e espaços para realização das aulas, assim como a manutenção das quadras ou mesmo a construção de espaços adequados e diferenciados das outras disciplinas. A partir de práticas refletidas pelo bolsista, supervisora e coordenadora, a Corrida de Orientação e o Parkour se mostraram duplamente propícios aos estudantes, tanto no conhecimento das modalidades, quanto na possibilidade de exploração do pequeno espaço disponível.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar, Corrida de Orientação, Parkour.

Agência de fomento: CAPES/PIBID-UFPR.

## COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 9

# PARKOUR COMO ESTRATÉGIA DE TRABALHO NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Igor Roberto Schmitz Santos

Luciano Pereira Marotto

Leandro Mendes de Carvalho

Veronica Ester Tapia

Friedrich Richter

FAD – Faculdade Diadema

E-mail: igor_verdao2008@hotmail.com

**Introdução:** O presente trabalho relata a importância da prática do *Le Parkour* nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Hoje ainda é um tabu a prática de esportes de aventura na escola, segundo Bracht (1999), os professores normalmente mais experientes, com formação mais antiga, seguem paradigmas esportivistas. É preciso sair do tradicional, o *Parkour* possibilita um trabalho diferenciado, podendo usar como base de recursos algumas práticas da Ginástica e das lutas. *Parkour* é uma atividade que não necessita de materiais e recursos específicos, e nem mesmo de estrutura específica. É uma prática que pode ser aplicada em diversos locais, e de diversas formas. **Objetivo:** O presente trabalho tem como objetivo elucidar como a pratica do *Parkour* pode beneficiar o desenvolvimento motor, cognitivo e sócio afetivo nos anos iniciais do ensino fundamental, podendo vir a ser excelente método de trabalho, apresentando-se como ferramenta, consistente e embasada cientificamente, na diversificação e motivação nas aulas de educação física escolar, contribuindo para a adesão e participação dos alunos. **Método:** Este trabalho consiste em revisão bibliográfica através de artigos científicos, livros e sites sobre a prática do *Parkour*, considerando todos os seus benefícios quando praticado na Educação Física escolar nos anos iniciais do ensino fundamental. A seleção dos materiais utilizados foi baseada no objetivo do trabalho. **Resultados:** Por meio das pesquisas realizadas, pode-se verificar que o *Parkour* contribui no desenvolvimento de variáveis físicas e fisiológicas essenciais para faixa etária dos anos iniciais do ensino fundamental, além de ajudar em mudanças educacionais, quebrando paradigmas. **Conclusão:** Infelizmente hoje pode-se ver que os esportes competitivos e, buscando o alto rendimento, são muito fortes e frequentes nas escolas, esquecendo o lado lúdico das crianças. Os

esportes e atividades de aventura urbana vem se popularizando cada vez mais, junto o *Parkour*, no qual se é esperado que o mesmo possa crescer dentro das escolas durante as práticas das aulas de Educação Física. Por fim, se nota a importância da prática do *Parkour* nas aulas da Educação Física escolar dos anos iniciais do ensino fundamental, quando associado o conceito cientifico relacionados ao desenvolvimento motor elaborado nas fases e estágios relatados por Gallahue e Ozmun, e Jean Piaget.

**Palavras-chave:** *Parkour* na escola, Aventura urbana, Educação Física escolar.

## COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 10

# GESTÃO DE RISCOS EM ESPORTES DE AVETURA: PROPOSIÇÃO DE UM MODELO DE RELATÓRIO PARA ABERTURA DE PONTOS DE RAPEL E VIAS DE ESCALADA

Raimundo Erick de Sousa Agapto

Janiara Maria Silvino Amorim

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFCE) Campus Canindé

E-mail: raimundo.agapto@ifce.edu.br

**Introdução:** Apesar de ser um conceito recente, os esportes de aventura surgiram há bastante tempo como prática. Considerando especificamente as atividades que são usualmente reconhecidas como esportes na natureza, DIAS et all (2007), destacam a criação em 1857, do clube de excursionismo britânico, e de outros que surgiram à época. Dias, ainda ressalta que a organização de clubes é uma das marcas do desenvolvimento do campo esportivo, mesmo que não seja a única a ser considerada. Com o crescimento do turismo e do turismo de aventura no Brasil, vimos na década de 2000 um forte aumento na procura por essas modalidades, tendo como destaque o rapel, a escalada e o voo livre, modalidades que se espalharam por vários estados do país. Os esportes verticais são atividades vinculadas a aventura, modalidades esportivas e de lazer que despertam no praticante emoções distintas, desde superação do medo ao prazer pelo risco. São exemplos dessas modalidades esportivas: a Escalada, o Rapel e o Arvorismo. A escalada é uma técnica de ascensão em rochas que pode ser praticada de diversas formas, no que melhor agradar o praticante, seja em ambiente natural ou artificial, enquanto que o rapel é uma técnica de descidas por cordas, que exige o manuseio de equipamentos específicos. Por ser o risco um fator preponderante nessas atividades, são necessárias ferramentas de gestão que atuem como medida preventiva de riscos, proporcionando melhores condições de uso para futuros exploradores de espaços destinados a prática de esportes de riscos. **Objetivo:** Propor um modelo de relatório como ferramenta de gestão de riscos para abertura de pontos de rapel e escalada. **Método:** Esta pesquisa é de natureza qualitativa**,** desenvolvido com base em pesquisas bibliográficas. **Resultados:** Os riscos inerentes a prática de esportes verticais são muitos, dentre eles destacam-se quedas e traumas psicológicos, com isso as técnicas de segurança devem ser respeitadas pois

o despreparo pode acarretar acidentes. Conforme Buckley e Uvinha (2011), a segurança pode ser aprimorada através de pequenos detalhes na criação do produto. **Proposta para Modelo de Relatório:** Qual o nome do ponto de rapel ou escalada? Quantos metros de descida ou ascensão? Qual o tipo de ancoragem utilizada? Quantos metros de corda são necessários? Qual o tipo de rocha? Qual a distância do ponto de rapel/escalada para hospitais e sedes das equipes de socorros e resgate? Qual a distância do último ponto de apoio até o topo da rocha? Qual a distância do centro da cidade até o último ponto de apoio? Quais os principais riscos que o espaço apresenta? Quais as características do ponto de apoio? Foi possível envolver a comunidade nas atividades de rapel/escalada? **Considerações Finais:** Acreditamos que esse documento ajudará no desenvolvimento da prática das atividades de aventura, e atuará na prevenção de riscos para o praticante e para quem ofertar tais atividades como produtos turísticos ou de lazer.

**Palavras-Chave:** Esportes Verticais, Riscos, Prevenção.

## COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 11

# PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DOCENTES NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DO MUNICÍPIO DE CANINDÉ-CE

Raimundo Erick de Sousa Agapto

Tiago Gomes Pires

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFCE) Campus Canindé

E-mail: raimundo.agapto@ifce.edu.br

**Introdução**: O trato dos Esportes de Aventura enquanto conteúdo da Educação Física escolar é uma prática docente que vem se fortalecendo há alguns anos no Brasil. A partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a temática ganhou força para a sua inclusão no currículo da disciplina. A BNCC ao apresentar os Esportes de Aventura enquanto conteúdo da Educação Física Escolar, propõe uma nova nomenclatura surgindo assim as Práticas Corporais de Aventura. O tema aparece subdividido em: 01 Práticas Corporais de Aventura na Natureza, e 02 Práticas Corporais de Aventura Urbanas. Para esta pesquisa optamos por utilizar o termo Práticas Corporais de Aventura – PCAS. Diante desta indicação nos cabe refletir sobre a atuação do professor de Educação Física no trato desses conteúdos considerando a realidade das escolas brasileiras. Desta forma a presente pesquisa tem como **Objetivo:** Analisar o trato das Práticas Corporais de Aventuras no currículo das Escolas de Ensino Médio do município de Canindé – Ce. **Método:** A pesquisa se caracteriza como qualiquantitativa de natureza exploratória, onde visa analisar o trato das PCAS como conteúdo da Educação Física Escolar. População e amostra: Professores de Educação Física que atuam nas Escolas de Ensino Médio do Município de Canindé-CE. Procedimento para coleta de dados: Para a coleta de dados será entregue um termo de Consentimento Livre e Esclarecido– TCLE, apresentando os objetivos da pesquisa e as questões legais para divulgação, em seguida será aplicado o questionário semiestruturado contendo 08 questões objetivas e subjetivas. **Resultados:** Com o desenvolvimento desse artigo a expectativa é fazer uma análise do trato das práticas dos Esportes de Aventura nas escolas de ensino médio do município de Canindé, assim tomando base da realidade dessas modalidades dentro da escola e a difusão de suas práticas para o

ensino metodológico dos Esportes de Aventura. **Conclusão**: Acreditamos que a aplicação desse questionário ajudará a compreender como os professores têm explorado as PCAS nas suas aulas, como também poderá nortear futuras propostas de formação continuada para os docentes.

**Palavras Chaves:** Práticas Corporais de Aventura, Educação Física, Ensino Médio.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 12

## RELATO DO PROJETO CORPO E MOVIMENTO NA ESCOLA ESTADUAL ALBERTINO FERREIRA DRUMONT EM SANTANA DO PARAÍSO – MG

Josué Falcim Lima de Oliveira

SEE MG

E-mail: josueflimaeducador@gmail.com

**Introdução:** O projeto teve como conteúdo diversas práticas corporais de aventura e circenses bem como boas práticas ambientais, paralelamente desenvolvido com as oficinas do tempo integral, foi reservado um dia na semana a cada 15 dias para que o projeto fosse executado, seguindo sempre o tema proposto e apresentado aos alunos no decorrer dos 15 dias, as atividades foram trabalhadas de forma interdisciplinar consequentemente a sua realização. **Objetivo:** Desenvolver com os alunos diversas práticas corporais de movimento aplicado ao meio ambiente e cultura regional, explanar sobre a importância da prática esportiva na natureza. **Metodologia:** O projeto teve a sua realização no ambiente escolar e ao entorno da escola, e teve como práticas corporais o slackline, trekking com auxílio da bussola que foi abordado o caça ao tesouro, escalada adaptada em arvore “pinheiro” de top rope e escada de corda, skate e longboard, parkour no pátio da escola, tecido acrobático e trapézio de circo. O projeto discutiu sobre práticas corporais de aventura e práticas circenses. **Resultados:** Com a realização do projeto observou que a equipe ouve uma aproximação da educação integral com a escola regular, com a exposição das atividades a cada quinze dias foram feitas diversas apresentações. **Conclusão:** O projeto teve a participação de 100% dos alunos da educação integral integrada, no entanto a escola adotou uma data especifica para caminhada ecológica.

**Palavras-chave:** Práticas Corporais de Aventura, Ambiente Escolar, Meio Ambiente.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 13

## ANÁLISE DA FORÇA DE PREENSÃO MANUAL E ASPECTOS TREINÁVEIS NA ESCALADA ESPORTIVA

Andrew Louis de Oliveira

FUNVIC – Faculdade de Pindamonhangaba

E-mail: contatoandrew@outlook.com

**Introdução:** A escalada esportiva é uma modalidade do montanhismo, cujo objetivo é subir em paredes de altura variada às vezes com mais de 50 metros de altura com grande dificuldade técnica, força e controle mental. As amostras foram divididas em dois grupos (GEA (10) e GEI (13)) classificados conforme o tempo de prática na modalidade com **Objetivo:** Analisar e comparar entre os grupos a força da preensão manual e teste de 1RM, bem como a antropometria, que são fatores preponderantes no esporte. **Método:** Pesquisa de campo quantitativa e qualitativa descritiva, através de questionário, coleta de dados antropométricos (altura, envergadura, MCT, %G, Perimetria dos membros) e testes de 1RM em barra fixa (hangboard) posteriormente ao teste da força de preensão manual em dinamômetro eletrônico manual, executados na mão dominante (FPMD) e não dominante (FPMND) do participante alternadamente. Analisados por médias ± desvio padrão. O teste T para medidas independentes foi utilizado na comparação entre os grupos. O nível de significância foi fixado em 5% ($p < 0,05$). Para a análise estatística foi utilizado o software STATISTICA 6.0 (StatSoft, Inc., Tulsa, OK, USA). **Resultados:** A média do MCT entre o grupo GEA é de 75,100 kg e a %G. é de 15%. No grupo GEI o MCT 66,06 kg e a %G.12,9%; no teste de 1RM foi onde obteve diferença significativa entre os grupos GEA=31,0(±5,1) e GEI=23,5(±9,9); na força de preensão manual: GEA FPMD=45,6(±8,7), FPMND=43,5(±8,5); GEI FPMD=42,9(±9,9), FPMND=39,5 (±11,0); essa aproximação entre os resultados indica que a escalada esportiva entre eles é recreativa. Os grupos de escaladores esportivos também responderam um questionário que contém uma pergunta fechada sobre o acompanhamento técnico durante a prática e treinamento e o resultado foi de 100% dos pesquisados acreditam ser positivo. **Conclusão:** Tal proposta de avaliação bem como treinamento específico trará uma perspectiva que possibilite a identificação dos aspectos treináveis, acompanhamento em um programa de treinamento complexo que contemple o

mental, físico, técnico e tático, com isso possibilitará aumentar e ou melhorar de forma gradual e consistente a performance, através do treinamento desportivo específico. A elaboração de um programa de treinamento com avaliações prévias específicas bem como treinamentos periodizados possibilitará ao praticante e ao treinador uma melhora de seu desempenho, evitar lesões e fazer a manutenção dos logros da prática. Vale salientar também que o treinamento rigoroso nem sempre será aceito por praticantes que buscam apenas a recreação. É preciso respeitar a individualidade, e fomentar a qualidade de vida. A escalada como manifestação cultural pode e deve participar dos processos de ensino e aprendizagem dentro e fora das escolas, um sonho diga se de passagem. A relação com o meio ambiente e a integração social faz com que este esporte transcenda as barreiras na pós-modernidade.

**Palavras-chave:** Escalada esportiva, Treinamento, Avaliação física.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 14

## O LAZER NÁUTICO NA REGIÃO DE BELO HORIZONTE: UM RELATO SOBRE A APRENDIZAGEM DO WINDSURF

Randley Ray de Castro Cruz

José Alfredo Oliveira Debortoli

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: randleycastro@ufmg.br

**Introdução:** O windsurf, esporte caracterizado pela combinação da prancha de surf com a vela, é uma das práticas corporais de aventura que, embora encontre um número superior de praticantes no litoral, consegue obter boas condições climáticas em algumas lagoas e represas de Minas Gerais, de modo que num raio de 400km de Belo Horizonte é possível identificar oito locais adequados para sua prática. A presença deste esporte numa região não litorânea valida indagações sobre o contexto social em que ele surge e sobre seus sujeitos, uma vez que são através destes engajamentos práticos, sociais e de entrelaçamento das habilidades técnicas e culturais que as pessoas são construídas e sustentam sua forma de habitar o mundo. O projeto aqui apresentado é um recorte do trabalho que está sendo gestado no Núcleo de Estudos sobre Aprendizagem Na Prática Social (NAPrática), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG e se norteia pelo aprofundamento nos sentidos da prática do windsurf nas imediações da capital mineira, constituindo-se num exercício de compreender as singularidades dos modos de viver dos moradores locais dentro da perspectiva do esporte e do lazer na natureza. **Objetivos:** O presente estudo busca entender os significados atribuídos por praticantes de windsurf à sua vivência nas águas abertas das proximidades de Belo Horizonte. **Método:** Durante seis meses os pesquisadores realizaram uma observação participante na Lagoa dos Ingleses, no município de Nova Lima – MG, onde tem sede um clube náutico e uma escola de windsurf. A observação constituiu na produção de vínculo com o cenário de prática desse esporte através da matrícula de um dos pesquisadores no curso ofertado pela escola. Seus registros geraram um relatório, o qual subsidiará a elaboração de uma entrevista semiestruturada com os sujeitos envolvidos numa próxima fase da investigação. **Resultados parciais:** A prática regular da modalidade deixou evidente

as dificuldades de acesso do praticante à natureza em seu tempo de lazer e impôs desafios de ordem física, emocional, ambiental e de relações interpessoais ao pesquisador. A aprendizagem do windsurf mostrou-se mobilizadora de habilidades e técnicas corporais específicas, adquiridas no exercício prático com a mediação de um artefato e de forças da natureza. O desenvolvimento de uma sensibilidade corporal e sinestésica e uma leitura e interpretação adequadas do vento, das águas e de outros itens constituintes do cenário natural revelou-se imprescindível para o desfrute do esporte. **Conclusão:** Os resultados observados evidenciaram a indisponibilidade da natureza para o cidadão comum, já que seu pleno usufruto exige, grande parte das vezes, a posse de facilitadores de mobilidade, como o automóvel. As dificuldades no aprendizado do windsurf encontradas no seu cotidiano de experimentação permitiu desmistificar o romantismo culturalmente associado à natureza e às práticas corporais nela realizadas, de forma que a realidade da natureza enquanto espaço social mostrou-se menos acolhedora que as idealizações produzidas sobre ela pelo senso comum. A sequência da pesquisa aponta para problematizações acerca do lazer na natureza e para aprofundamentos teóricos no campo da aprendizagem, da técnica e da habilidade na abordagem antropológica do movimento humano.

**Palavras-Chave:** Windsurf, Lazer, Belo Horizonte.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 15

## EDUCAÇÃO PARA SAÚDE E MOVIMENTO

## "SKATE NA ESCOLA"

Claudio de Souza

Universidade do Vale do Itajaí – Campus Biguaçu

E-mail: sonhadorclaudio@gmail.com

**Introdução:** A partir do eixo Educação para Saúde e Movimento, de abordagem qualitativa, buscou-se entender o desenvolvimento de mobilização comunitária da cultura do skate enquanto prática corporal contemporânea para dentro da escola, analisando essa construção da identidade dos praticantes e das representações sobre ele produzidas na sociedade na qual estão inseridos. **Objetivo:** Promover a discussão entre a prática do skate e o trabalho pedagógico escolar**. Método:** O projeto de extensão UNIVALI em Movimento - Campus de Biguaçu, foi realizado através de intervenções que aconteceram na EEB Tânia Mara Faria & Silva Locks, no Bairro Bom Viver, no Município de Biguaçu, Santa Catarina. As aulas ocorreram a partir do método de ensino, que utilizavam, jogos e brincadeiras adaptadas para iniciação à prática do skate na educação física escolar e no contra turno. As atividades aconteceram durante o ano de 2017, todas as quintas-feiras, nos períodos matutino e vespertino, das 08h às 17h, com alunos do ensino fundamental I e II. Por meio desse método desenvolvido para o ensino dessa prática corporal de aventura, participaram das atividades aproximadamente cem alunos. **Resultados:** Durante o decorrer do projeto, fizemos algumas avaliações com os alunos, pais, professores (as) e a direção da escola, por meio de rodas de conversa e a partir da produção de um vídeo. Tínhamos como objetivo de retorno, avaliar o desempenho dos alunos após o início das aulas de skate na escola. Alguns pais, disseram que seus filhos tiveram melhora ao participar das aulas, nos quesitos desempenho escolar, resoluções de problemas ligados ao cotidiano escolar e na área cognitiva, motora e social. Outro ponto positivo foi o pedido para que o projeto tivesse continuidade na escola do bairro, até mesmo nos finais de semana, pois há uma carência de espaços e atividades com esse esporte. Além desses depoimentos, foram realizados dois eventos com intuito de divulgar a prática do skate no bairro. Um na semana do dia internacional do skate (21/06/2017) e o outro no encerramento das atividades do projeto

(02/12/2017), tendo grande participação da comunidade, como pais de alunos e outros moradores, que pediram a realização de mais eventos como esses. Outros resultados foram que os alunos aprenderam a andar de skate e puderam fazer uma relação não antes estabelecida, e sobre essa possibilidade na educação física escolar. **Conclusão:** A experiência mostrou que é possível trabalhar com skate na Educação Física escolar, identificando a pluralidade de ideias que a cultura do skate traz consigo. E ainda assim, os alunos tiveram um contato inicial com um esporte de aventura no contexto urbano, onde os mesmos vivenciaram outras práticas corporais dentro da escola.

**Palavras-chave:** Escola, Educação Física, Skate.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 16

## O SKATE NA IGREJA: TRANSFORMANDO VIDAS ATRAVÉS DO RADICAL

Bruno Kirmes Viguini[1]

Aline Soares Dantas[2]

Universidade Vila Velha[1]

Universidade Estácio de Sá[2]

E-mail: brunokirmes@hotmail.com

**Introdução:** Reconhecido como esporte olímpico, pelo Comitê Olímpico Internacional, a partir de 2016, o skate sai de condição de marginalizado a protagonista social. Associado ao vandalismo e a contracultura rebelde, a prática do skate, que já foi proibida em cidades do Brasil, passa a ser compreendida como um fenômeno capaz de contribuir no processo de transformações positivas de cidadãos, na superação de desafios, estimular capacidades físicas e cognitivas bem como ser utilizado como uma ferramenta de inclusão social. O Projeto Vida Ativa oferecido pela Fundação Beneficente Praia do Canto fundada e administrada pela Primeira Igreja Batista da Praia do Canto, na cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo oferece uma oficina de skate, há mais de três anos para crianças e adolescentes. Situada no Bairro São Pedro, considerado como área de alto risco social com índices elevados de abandono escolar e associação ao tráfico de drogas a oficina de skate oferecida pela fundação é um exemplo da compreensão da importância do skate como ferramenta educadora e transformadora. **Objetivos:** Tendo a oficina de skate existente nessa fundação nossos objetivos foram identificar o motivo pelo qual o skate desperta o interesse das crianças e adolescentes em participar do projeto bem como o mesmo contribui para a educação e transformação de seus participantes. **Método:** Com métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos utilizamos a pesquisa exploratória e entrevistas abertas com questionários semiestruturados e a observação participante coletamos os dados que foram fornecidos pelo gestor do projeto, a professora da oficina (autora deste trabalho) e os pais e alunos participantes a fim de compreendermos as transformações percebidas após seis meses de intervenções. **Resultados:** Os resultados obtidos registraram 120 crianças que participam do projeto e existe uma lista de espera que já ultrapassa 300 inscritos em fila de espera por uma vaga. O perfil dos participantes são crianças e adolescentes, entre oito e dezesseis anos, desde as que estão em liberdade assistida até as que moram

em abrigos sociais devido aos conflitos familiares que perpassam por diversos tipos de assédios e agressões. A oficina de skate é ministrada por uma acadêmica de Educação Física e atleta de skate assessorada por uma equipe multidisciplinar que controlam questões como: projeto político pedagógico, avaliações psicológicas e levantamento das condições sociais dos participantes. Valores como cordialidade, coletividade e respeito ao próximo bem como talentos esportivos foram identificados e são constantemente estimulados entre os participantes sem nenhuma influência da doutrina religiosa. Todos os alunos estão dentro dos pré-requisitos de regularidade estudantil e residentes do bairro, mas apenas 10% dos participantes frequentam a igreja responsável pela Fundação. A permanência dos participantes no projeto se dá, principalmente, pela simpatia a modalidade esportiva oferecida demonstrando que o skate desperta o interesse em sua prática. Conclusão: Nossa conclusão é que o skate pode ser usado como uma ferramenta transformadora e contribui no desenvolvimento de valores e princípios éticos e morais na busca por um cidadão cada vez mais consciente de seu papel na família e na sociedade.

**Palavras-chave:** Skate, Igreja, Cidadania.

Agência de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 17

# DIAGNÓSTICO SOBRE A ABORDAGEM DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM ILHÉUS/BA

Maria Luiza Azevedo Nunes

Alexander Klein Tahara

Universidade Estadual de Santa Cruz

E-mail: malununes69@gmail.com

**Introdução:** A predominância dos esportes enquanto conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física escolar é um assunto que vem sendo discutido há considerável tempo. Diante das possibilidades que a cultura corporal do movimento apresenta, torna-se necessário contribuir para que haja uma diversificação nos conteúdos trabalhados pelo professor, afim de estimular os alunos para a vivência de novas experiências e aprendizagens. **Objetivo:** Esta pesquisa qualitativa teve como fim realizar um diagnóstico junto aos professores de Educação Física da rede municipal e estadual de ensino de Ilhéus/BA a respeito da abordagem do conteúdo referente às atividades de aventura, avaliando suas opiniões sobre questões que tangenciam o processo de inserção nas aulas. **Método:** Como instrumento para coleta dos dados, foi utilizado uma entrevista semiestruturada contendo 4 questões, aplicada a 18 professores (10 homens e 8 mulheres), com faixa etária de 25 a 57 anos), os quais ministram aulas em âmbito escolar para o Ensino Fundamental II, 6º e 7º anos, que compreendem a inserção das atividades de aventura urbanas conforme determina a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), todos docentes com formação acadêmica em Educação Física. Os dados foram analisados descritivamente, por meio da técnica de Análise de Conteúdos. **Resultados:** A partir de análises observa-se que sete participantes comentaram ter conhecimento sobre as atividades de aventura, ao passo que três disseram conhecer um pouco tais atividades e outros oito mencionaram não possuir nenhum tipo de conhecimento a respeito. Para alguns, este conteúdo foi pouco abordado durante sua formação na graduação e estes praticamente não tinham conhecimento algum para ministrar este tipo de aula para seus alunos; esta questão referente à formação inicial e o desconhecimento do próprio professor, se torna um dos principais fatores que tendem a inviabilizar e dificultar o processo de conseguir oportunizar aos

alunos a vivência e o aprendizado do conteúdo relacionado à aventura. Somente 4 professores já inseriram tal conteúdo em suas aulas, reproduzindo as atividades de aventura de forma adaptada, transformadas didática e pedagogicamente, para que sejam tematizadas nas aulas de Educação Física; entretanto, mesmo diante de entraves apresentados, como carência de recursos, formação inicial deficitária, risco e perigo nas atividades, entre outros, a maioria dos professores apontam que existe a viabilidade em pensar estratégias para que haja a inserção dessas práticas. **Conclusão:** Fundamentando os resultados vistos nesta pesquisa, percebeu-se que o conteúdo referente às atividades de aventura ainda é incipiente nas escolas públicas da cidade de Ilhéus/BA. Torna-se necessário que haja um maior conhecimento por parte dos professores no sentido de conseguirem visualizar situações que permita aos alunos conhecer e vivenciar determinadas práticas que podem, e devem ser exploradas e adaptadas ao contexto das aulas de Educação Física escolar.
**Palavras-chave:** Educação física, Atividade de aventura, Professores escolares.

Agência de fomento: Iniciação científica ICB-UESC.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 18

## ESPORTES DE AVENTURAS: UM FACILITADOR NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Jayme Rissato Vieira

Daniel Simões Rebello

Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

E-mail: rjayme.rissato@gmail.com

**Introdução:** Este trabalho foi realizado em uma Obra Social São João Bosco, na cidade de Campinas/SP, e contou com uma amostra de 50 crianças. A proposta foi que as crianças tivessem a vivência pratica de Escalada, Slackline, Surfe, Stand-up Padlle, Canoagem e Skate, a fim de contribuir para o conhecimento de novas modalidade esportiva para que elas pudessem ter novas experiências esportivas. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho, é proporcionar práticas de atividades de aventura, como a Escalada, utilizando materiais alternativos e equipamentos de segurança, além da pratica de Slackline que consiste em andar em cima de uma fita se equilibrando, Surfe, Stand-up Padlle, Canoagem tendo como auxilio alguns skates, para a adaptação da pratica das seguintes modalidades, além de ter uma vivencia no skate e adequando as atividades ao espaço físico da Obra social. Além de despertar o interesse das crianças para a prática de novas atividades. **Método:** Pesquisa de Campo do tipo Exploratória realizada na Obra Social São João Bosco, da cidade de Campinas/SP, com uma amostra de 50 crianças que frequentam a Obra Social. Em um primeiro momento foi realizado uma explanação para as crianças sobre as atividades que seriam realizadas: Escalada, Slackline, Surfe, Stand-up Padlle, Canoagem e Skate, sendo assim utilizado apenas o espaço físico da Obra Social. Materiais utilizados: 20 pneus de motocicleta, 10 engradados de garrafas, cordas, cadeirinha de escalada, mosquetões, fitas tubulares, proteção de corda, corda de escalada, fita própria para a pratica da Slackline, além de 8 skates long board, cabo de madeira. **Resultados:** Pode-se observar que a expectativas das crianças com a prática foram a alcançadas, pois todos participaram das atividades propostas, e todos os materiais foram de fácil adaptação. Em um feedback com as crianças atendidas na obra, foi questionado se os mesmos já haviam experimentado alguma vivência dessas modalidades, no qual a maioria respondeu que nunca havia tido uma experiência como esta. **Conclusão:** Com base nas observações e resultados, percebemos a importância de aproximar as crianças de atividades que elas nunca experimentaram, para

assim que elas possam ter vivencias diferenciadas das quais estão acostumadas. Auxiliando-as também em seu desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo-social afim de ampliar o seu repertorio de conhecimentos, mostrando novas possibilidades de esportes em que, quando adultas, possam escolher para a sua prática de vida.

**Palavras-chave:** Atividade de Aventura, Obra Social, Transformação Social.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 19

## RADICALIZANDO NA ESCOLA: RELATANDO EXPERIÊNCIAS DE INCLUSÃO

Welder Rossini dos Santos Buzato[1]

Estevão Kwane de Souza Leitão[1]

Matheus Pereira de Oliveira[1]

Lucas Borges Soeiro[1]

Walk Loureiro[2]

Universidade Federal do Espírito Santo[1]

Fundação Oswaldo Cruz (Bolsista CAPES)[2]

E-mail: welder_buzato@hotmail.com

**Introdução:** A Base Nacional Comum Curricular entende as práticas corporais de aventura como uma unidade temática que tem por finalidade explorar expressões e formas de experimentação corporal que envolva situações de imprevisibilidade apresentando um ambiente desafiador aos alunos nas aulas de Educação Física (EF). Apesar de algumas dificuldades, especialmente quanto ao elevado preço dos materiais e a falta de apoio de alguns gestores das escolas, temos buscado materializar essa unidade temática em nosso fazer docente. **Objetivo:** Relatar parte das experiências obtidas por meio de um evento intitulado *Radicalizando na Escola*, ocorrido em uma escola pública da Rede Estadual do Espírito Santo, situada na periferia da cidade de Serra, durante o ano letivo de 2017, que correspondeu à culminância das práticas corporais de aventura trabalhadas durante o segundo trimestre do referido ano e em comemoração ao dia do estudante. **Método:** Durante um trimestre inteiro o professor de Educação Física da referida escola vinha trabalhando as práticas corporais de aventura tais como slackline, tirolesa, falsa baiana e carro de rolimã com seus alunos nos Ensinos Fundamental I e II, nos turnos matutino e vespertino. Vendo o interesse dessas práticas por parte dos alunos das turmas para as quais ele não dava aula, o mesmo decidiu organizar o "Radicalizando na Escola", estendendo a oportunidade aos alunos da Educação de Jovens Adultos do turno noturno. Para tanto ele solicitou o apoio de acadêmicos dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) que participaram com enorme desenvoltura no evento. **Desenvolvimento:** Os alunos experimentaram as práticas corporais de aventura

supracitadas organizadas em circuito. Todos que quiseram participaram do evento independente de tamanho, cor, peso, preferências até mesmo de suas deficiências, incluindo aqui alunos com síndrome de Down, autistas e outro com múltiplas deficiências (cadeirante, deficiente intelectual, com sonda no abdômen), indicando assim um forte caráter inclusivo das práticas corporais de aventura trabalhadas. Esse fato ficou ainda mais nítido diante de toda a mobilização que foi gerada entre os alunos do noturno para que aquele colega com múltiplas deficiências pudesse ser içado para participar da tirolesa. **Conclusão:** O evento em questão não ocorreu de modo isolado, foi uma prática pedagógica tratada ao longo do trimestre e que teve a culminância no referido evento. O trato dessa unidade temática numa perspectiva mais avançada é possível e as participações efetivas de colaboração dos alunos nos dão pistas para composições. Por fim, é possível apontar as práticas corporais de aventura como muito propícia para desenvolver a inclusão no espaço escolar, apesar de compreendermos que uma aula de Educação Física inclusiva depende muito mais da postura do professor e de sua metodologia de trabalho do que propriamente dos conteúdos trabalhados.

**Palavras-chave:** Esportes radicais, Educação Física, Inclusão.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 20

## GÊNERO NA CORREDEIRA

Marília Martins Bandeira

Fernando Vilela Filho

Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Avançado de Governador Valadares

E-mail: mariliamartinsbandeira@gmail.com

**Introdução:** O *rafting* é a prática de navegação em rios de corredeira e transposição de pequenas cachoeiras, com botes infláveis e remos, que é comumente utilizada para passeios turísticos e, no contexto esportivo, como prática exploratória ou competitiva. Os *rafteiros*, como se autodenominam os praticantes, devem ser aptos a interpretar os desafios impostos pelo curso d'água que se propõem a navegar, para que possam tomar decisões técnicas que mantenham os tripulantes e a si mesmos em segurança e atingir maior velocidade nas provas. O rio de águas brancas é visto no senso comum como um ambiente natural perigoso pela possibilidade de choque com as pedras quando há queda do bote e pelo comportamento variável da correnteza. Especialmente em época de chuva, quando o volume de água é maior e a correnteza mais forte, o *rafting* é como uma modalidade que demanda grande força física e coragem, características creditadas em nosso país ao universo masculino. A literatura científica sobre esportes de aventura e gênero mostra que apesar de algumas modalidades mistas terem colocado valores alternativos em circulação, outras continuam reproduzindo preconceitos sexistas. Especificamente a suposta "fragilidade" das mulheres na exposição aos ambientes naturais mais incontroláveis. **Objetivos:** Contribuir com o debate acerca da desigualdade de gênero nos esportes de aventura e registrar um olhar feminino sobre um ambiente de prática de *rafting* predominantemente masculino. **Método:** Este estudo foi fruto de pesquisa etnográfica da primeira autora com imersão total no trabalho turístico, treinamento de equipes competitivas e em uma escola para iniciação ao *rafting*, por 8 meses, como única mulher. A experiência com mulheres já inseridas no esporte deu-se durante o campeonato brasileiro do ano de estudo. **Resultados:** Apesar de o prêmio do campeonato ser igual entre sexos, foi observado um forte discurso masculinizante no contexto geral da prática de *rafting* que, como consequência, cria um ambiente machista, supervalorizando as diferenças biológicas entre homens e

mulheres, situando-as como incapazes de realizar as ações da condução de turistas e reforçando o discurso da natureza como local mais adequado à performance masculina. A prática como forte dispositivo de construção e reafirmação da masculinidade dos sujeitos observados, enaltecia aqueles capazes de superar receio, medo, dor, lesões e cansaço excessivo, mesmo que o resultado desta superação tivesse consequências permanentes, como lesões. Também foi observado um padrão galanteador na comunicação com mulheres tratado como “brincadeira”, mesmo por aqueles que não o reproduziam, além da utilização de termos como “mulherzinha” de forma pejorativa, estimulando o desrespeito e o preconceito com o ser feminino. **Conclusão:** Dinâmicas sexistas também permeiam a prática dos esportes de aventura e, no contexto do *rafting,* não é diferente. Com isto, mostra-se necessária a discussão sobre questões de gênero nas práticas corporais alternativas, a fim de identificar padrões de comportamento preconceituosos, que possamos suprimir para garantir um ambiente respeitoso e acolhedor e possibilitar a inclusão das mulheres.

**Palavras-chave:** Gênero, Esportes de aventura, Rafting.

Agência de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 21

## O MOVIMENTO DE REMADA NO SKATE SOB A PERSPERCTIVA DE PRATICANTES

Liciane Vanessa de Oliveira Mello Corrêa

Juliana Dias Breves

Érika Fernandes de Almeida Arruda

Pedro Paulo Deprá

Giuliano Gomes de Assis Pimentel

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

E-mail: liciane.vomc@gmail.com

**Introdução:** O skate é um fenômeno cultural complexo, com realidades desviantes até olímpicas. Em geral, os praticantes são autodidatas, o que gera muita exclusão de quem precisa de mediação para aprender. Por isso, vimos investigando formas de ensino dos movimentos, a começar pela Remada. Esse termo nomeia a ação de realizar impulsionamentos sobre o solo com um dos pés, enquanto o outro se estabiliza sobre o shape. Devido à carência de estudos sobre a remada, entendemos haver uma lacuna sobre sua natureza. Para a presente abordagem, elegemos conhecer a remada a partir da percepção do praticante autodidata. **Objetivos:** Descrever o conhecimento que skatistas possuem sobre a remada; e, validar questionário sobre a percepção dos skatistas acerca da Remada. **Método:** Caracteriza-se como uma pesquisa descritiva de caráter exploratório. No estudo piloto, foram entrevistados 26 skatistas, com idade entre 10 e 25 anos, sem distinção de gênero, participantes do 1º Festival do Skate em Maringá. O questionário constituiu-se de cinco questões, abertas e fechadas, referentes a: 1) Tempo de experiência e tipo de modalidade; 2) Posicionamento preferencial para a base e execução do fundamento (*Goofy* ou Regular); 3) Influência da Remada sobre o resultado das manobras; 4) Principal erro; e, 5) Percepção do movimento. Os dados encontrados foram submetidos ao percentual de ocorrência. **Resultados:** Identificamos na amostra uma heterogeneidade em relação ao tempo, 4 meses a 13 anos de prática, e uma homogeneidade em relação ao estilo *Street,* atingindo 93%. A questão dois, pareceu confusa, pois em alguns casos, o entrevistado realizava o movimento para responder assertivamente. Houve uma paridade acerca do apoio realizado e apenas um registro de posicionamento Mongo na Remada. A influência da Remada demonstrou um consenso afirmativo, contudo,

uma possível influência pode ter ocorrido, necessitando a revisão do conteúdo da questão. O principal erro de performance obteve 35% de relatos sobre a Remada em Mongo, seguidos por 31% de desequilíbrio, 15% alternância de pernas, 11% tocar o solo com pé cheio e 4% falta de confiança, um sujeito não soube ou não quis responder (4%). No tocante a percepção muscular exigida no movimento, alguns mencionavam o lado da base, outros o lado da Remada, ou a região do corpo sem distinguir a lateralidade. Assim coxas e pés obtiveram (21%); tronco, joelhos e panturrilhas com (14%); quadril 9% e pernas 7% com essa representatividade temos a totalidade das diferentes situações.

**Conclusão:** A aplicação do estudo piloto demonstrou que a Remada, segundo os praticantes, é um elemento importante e que necessita de boa execução, pois possibilita diferentes manobras. Entretanto, para fins de universalização do conhecimento, este material deve ser utilizado com cautela, pois constatamos a necessidade de adequação do questionário, para alcançarmos respostas mais consistentes e precisas.

**Palavras-chave:** Skateboard, Locomoção, Questionário.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 22

## ATIVIDADES DE AVENTURA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: VISÃO DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Viviane Kawano Dias[1' 2' 3]

Maicon Francisquini de Queiroz[2]

Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro[3]

Antônio Aparecido Lázaro[1' 2]

Janaína Monteiro Marques de Aquino[2]

Centro Universitário de Jales, SP, Brasil[1]

Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul, SP, Brasil[2]

LEL - Laboratório de Estudos do Lazer - IB -DEF/UNESP- Rio Claro, SP, Brasil[3]

E-mail: vivikdias@yahoo.com.br

**Introdução:** Atualmente, tem-se discutido muito a respeito de quais conteúdos curriculares devem ser abordados nas aulas de Educação Física Escolar. A prática das atividades de aventura, tem-se mostrado conteúdo interessante, dentro do contexto educacional. No entanto, tem-se dúvida se os estudantes dos cursos superiores de Educação Física, futuros professores, têm essa percepção. **Objetivo:** Este estudo, de natureza qualitativa, teve como objetivo analisar a visão de estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física sobre a utilização das atividades de aventura como conteúdo curricular nas aulas de educação física escolar. **Metodologia:** Primeiramente, foi realizada uma revisão bibliográfica, e posteriormente, uma pesquisa exploratória, utilizando-se como instrumento um questionário estruturado, com questões abertas, pertinentes ao objetivo, aplicado a 32 sujeitos, de ambos os sexos, com média etária de 21,1 anos, estudantes de licenciatura em educação física, da cidade de Santa Fé do Sul, selecionados intencionalmente, pelo fato de todos terem participado de um minicurso intitulado Atividades de Aventura na Escola, o qual mostrou possibilidades de vivências de atividades de aventura no contexto escolar. **Resultados:** Os dados analisados descritivamente, pela Técnica de Análise de Conteúdo indicam que dentre os sujeitos, 59,4% não possuíam conhecimento sobre a prática de atividades de aventura na escola, enquanto 40,6% tinham algum

conhecimento, 65,6% nunca praticaram atividades de aventura e 34,5 % já praticaram. Para todos os sujeitos é possível a inserção de atividades de aventura como conteúdo curricular na educação física escolar, pelo fato, principalmente, destas atividades propiciarem novas experiências, serem mais dinâmicas, diferentes, divertidas, inovadoras, fora do cotidiano escolar, além do fato de auxiliarem na aprendizagem e melhorar a cultura corporal de movimento. 87,5% relataram sentirem-se confortáveis para trabalharem com as atividades de aventura na escola, pois os alunos iriam gostar e estão aprendendo este conteúdo no curso. Já 12,5% não se sentem confortáveis, uma vez que não têm conhecimento adequado sobre o assunto. Dentre as principais barreiras ou dificuldades que enfrentariam para inserirem estas atividades na escola estão falta de materiais (37,5%), local inadequado (34,4%), medo das crianças se machucarem (25%), consentimento dos pais e diretor da escola (18,8%), insegurança para a elaboração das atividades (12,5%), tempo das aulas (9,4%) e outros (9,4%). No entanto, todos notam benefícios em relação à prática dessas atividades no âmbito escolar, tanto em termos físicos, cognitivos, sociais e pedagógicos. **Conclusão:** A inserção das atividades de aventura como conteúdo curricular na educação física escolar mostra-se viável e positiva, na visão dos estudantes, desde que se tenha estrutura material e espacial, segurança, consentimento dos responsáveis, maior tempo de aula, melhor conhecimento acerca das atividades, fato que demonstra a complexidade que cerca essas práticas no contexto escolar, assim como, a atenção que o assunto merece. Denota-se, nesse sentido, a necessidade de se investir maior esforço, tanto da área acadêmica, redimensionando as grades dos cursos de formação superior, implantando uma disciplina capaz de possibilitar aos alunos maior conhecimento sobre estas atividades, como governamental, oferecendo melhores condições de trabalho aos professores nas escolas, no que diz respeito, aos materiais, ambiente, segurança, capacitação, entre outros.

**Palavras-chave:** Atividades de aventura, Conteúdos curriculares, Estudantes de Educação Física.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 23

## ESCALADA EM ROCHA EM MONTES CLAROS COMO MANIFESTAÇÃO DE ESPORTE, AVENTURA E LAZER

Jarbas Pereira Santos

FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, Brasil/UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Marilda Teixeira Mendes

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Michela Abreu Francisco Alves

FUNORTE – Faculdades Unidas do Norte de Minas, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Gislane Ferreira de Melo

UCB – Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Patrícia Aparecida Antunes Alves

FUNORTE – Faculdades Unidas do Norte de Minas, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

E-mail: jarbas.edfisica@gmail.com

**Introdução:** O Brasil oferece uma diversidade de possibilidades para as práticas de esportes e atividades de aventura, que vêm crescendo, ganhando espaço e obtendo adeptos, que se lançam em novas vivências, experiências, representações, valores e significados inseridos no âmbito da aventura e do desconhecido. Dentre as possibilidades de prática de atividades de aventura, a escalada em rocha é um dos fenômenos que atraem indivíduos pela possibilidade de contato e interação com a natureza, de busca pelas mais variadas paisagens, climas, culturas e atrativos naturais. **Objetivo:** O estudo teve como objetivo analisar a escalada em rocha como manifestação cultural de esporte, aventura e lazer no município de Montes Claros - MG. **Método:** Pretendemos caracterizar os setores de escalada através de georreferenciamento via GPS (*Global Positioning System*) por coordenadas geográficas (Latitude, Longitude e Altitude) no formato DMS (Graus, Minutos e Segundos). A amostra contou com 32 escaladores (20 do sexo masculino e 12 do sexo feminino), com idades entre 16 a 50 anos, das mais variadas profissões. Tratou-se de uma pesquisa de caráter

qualitativo descritivo, com revisão bibliográfica sobre a temática, a fim de constituir um referencial teórico para as posteriores discussões. O instrumento de coleta de dados foi um questionário confeccionado a partir do *Googledocs*, com questões fechadas e abertas, para melhor captar a tradução individual dos participantes em relação à prática da escalada em rocha aplicados via *E-mail* através de *link* de direcionamento, respondidos de acordo com a disponibilidade de tempo dos escaladores. **Resultados:** Como resultados verificamos que a região possui grande potencial de vias, formações rochosas e possibilidades de aberturas de diversos setores de escalada. Os escaladores são das mais diversas áreas de formação, com crescente participação de adolescentes, jovens e adultos, onde a prática oportuniza a criação de laços, busca de conhecimento, troca de experiências, experimentação e pertencimento pelas atividades de aventura. Destacamos ainda a crescente participação feminina na escalada em rocha na região, antes considerado atividade do público masculino. A escalada em rocha relatada pelos entrevistados estreita a relação do homem com a natureza e as relações de preservação, interação, respeito, liberdade, reconexão, contemplação, fuga da rotina, possibilidade de prática familiar, prazer, bem-estar e descompromisso com o tempo. O levantamento da localização geográfica dos setores de escalada (CEP – Campo Escola Pedreira, Setor Fazendinha, Setor Vieiras, Serra dos Urubus, Setor Tia Tina, e Setor Zuculin) se deu em campo, através do aplicativo *Get Geo-Coordinates*, onde os dados coletados passaram por confirmação de localização no *Mapszoom* - Mapa do Mundo *Online* e plataforma do *GoogleEarth*. **Conclusão:** A escalada em rocha vem crescendo a mais de três décadas na cidade de Montes Claros e não pode ser analisada somente pela ótica da prática do exercício em si, mas pelos aspectos, fatores, valores, significados, códigos e linguagens (oral e corporal) que permeiam o envolvimento, pertencimento e permanencia do escalador na atividade de aventura. concluimos que a escalada em rocha pode ser considerada como uma manifestação cultural de esporte, aventura e lazer no município de Montes Claros - MG.

**Palavras-chave:** Escalada em rocha, Atividades de Aventura, Georreferenciamento dos setores.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 24

## *CAVING*: POTENCIALIDADES PARA O APRENDIZADO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Marilda Teixeira Mendes

Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais

Michela Abreu Francisco Alves

FUNORTE - Faculdades Unidas do Norte de Minas

Jarbas Pereira Santos

Graduado Licenciatura e Bacharelado em Educação Física – FUNORTE/MG.

FUNORTE - Faculdades Unidas do Norte de Minas

Patrícia Aparecida Antunes Alves

FUNORTE - Faculdades Unidades do Norte de Minas

Gislane Ferreira de Melo

Universidade Católica de Brasília – UCB/DF

E-mail: mteixeiramendes@yahoo.com.br

**Introdução:** As experiências no lazer em ambiente de caverna traduzem, em suas vivências, uma complexidade de situações, as quais são apoiadas nas relações do ser humano com o ambiente cavernícola. Essas relações fortalecem sentimentos de respeito, objetivando a preservação e conservação do patrimônio espeleológico. Desenvolvem-se também relações sociais, relações interpessoais, troca de experiências profissionais, experiências pessoais, experiências espirituais e de experiências religiosas. Essas relações é que fortalecem os laços de amizade. Este estudo permitiu dialogar com espeleólogos e agentes ambientais, compreender por meio do cotidiano das práticas espeleológicas, as inter-relações entre eles mesmos e o ambiente de cavernícola. **Objetivo:** O estudo teve como objetivo analisar se o *caving* configuram-se como potencialidades para o aprendizado da educação ambiental. . **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida junto ao Espeleogrupo Peter Lund e a Associação de Agentes Ambientais do Vale do Peruaçu com 30 indivíduos. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, processados no IRAMUTEQ e a análise de similitude feita. Os resultados foram comentados a partir da abordagem estrutural da compreensão do *caving* enquanto potencialidades para o

aprendizado da educação ambiental, e posteriormente, apresentar-se-á a análise do corpus das entrevistas, com base na análise da similitude. Os resultados analisados foram estruturados com base nas entrevistas. **Resultados:** Os resultados encontrados mostraram que a educação ambiental, por meio da prática de *caving,* na caverna pode ser experimentada enquanto atividade prática que promove a sensibilização, conhecimento, em um ambiente que aguça a percepção, por meio dos sentidos corporais na relação do ser humano com a natureza. Também ficou evidente a importância da interpretação ambiental como uma forma do ser humano se relacionar com a natureza. **Conclusão:** Concluiu-se que a prática espeleológica como potencialidade para o aprendizado da educação ambiental revelou que o *caving* oferece possibilidades para a vivência da educação ambiental. Ficou evidente que a espeleologia é uma forma de educação ambiental fundamentada nos princípios do ecoturismo como a sustentabilidade, a conservação e a interpretação ambiental. Nesse sentido, é importante resgatar o papel da educação ambiental na redefinição de nossa afetividade com a natureza. Uma educação que possa ser permeada pela emoção, o que faz com que as pessoas vivenciem experiências, sejam elas por meio do *caving* ou não, possibilitando a formação de cidadãos responsáveis com a sustentabilidade da vida. No *caving* tanto a emoção, quanto os processos cognitivos têm função de gerar uma relação que promova uma educação pautada na ética e no respeito, quando se tem uma relação reflexiva consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Ficou evidente que a educação ambiental, por meio do *caving,* pode ser vivenciada como atividade física que promove a sensibilização e conhecimento em um ambiente que estimula a percepção por meio dos sentidos corporais. Também foi revelada a importância de a interpretação ambiental como uma forma do ser humano interagir com a natureza.

**Palavras-chave:** Caverna, *Caving*, Educação Ambiental.

## COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 25

# ATIVIDADES DE AVENTURA COM CARRINHO DE ROLIMÃ: RISCANDO O ASFALTO

Jarbas Pereira Santos

FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, Brasil

UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Marilda Teixeira Mendes

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Michela Abreu Francisco Alves

FUNORTE – Faculdades Unidas do Norte de Minas, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Gislane Ferreira de Melo

UCB – Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Patrícia Aparecida Antunes Alves

FUNORTE – Faculdades Unidas do Norte de Minas, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

E-mail: jarbas.edfisica@gmail.com

**Introdução:** A aventura é algo inerente ao ser humano, desde o início da sua existência, como forma de sobrevivência, superação dos próprios limites e enfrentamento dos possíveis desafios. Ao longo do tempo, surgiram novas formas de se aventurar, e os esportes e atividades de aventura a cada dia se recria e reinventa, atraindo cada vez mais adeptos. O surgimento provável do carrinho de rolimã, também conhecido em algumas regiões do Brasil como carrinho de rolimã, carrinho de rolamentos, carrinho de rodagem ou carrinho de lomba (ladeira), se deu na década de 1950, época marcada pela modernização da sociedade e urbanização acelerada, assim como a chegada do automóvel, instalações de fábricas, escoamento da produção e asfaltamentos das ruas das capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, com topografias íngremes. **Objetivo:** Este relato de experiência propõe reflexões sobre os carrinhos de rolimã como ferramenta de educação, dentro dos esportes e atividades de aventura, das práticas corporais e pedagogia da aventura. **Método:** Ao verificar todo o contexto e possibilidades educacionais em torno de um brinquedo que atravessa décadas e une gerações, observamos que poderíamos implantar um trabalho interdisciplinar dentro do ambiente escolar acerca das práticas corporais e da aventura, envolvendo as

disciplinas como Educação Física, História, Ciências, Geografia, Matemática, Física, Artes, Língua Portuguesa, entre outras, baseados em experiências em outras escolas. **Resultados:** Em 2015 iniciamos o trabalho na Escola Estadual Professora Marilda de Oliveira, distrito de Nova Esperança, município de Montes Claros – MG, com a apresentação nas aulas de Educação Física dos carrinhos de rolimã aos alunos do Proeti – Projeto Educação em Tempo Integral, posteriormente em 2016 e 2017 aos alunos do turno Matutino (6º ao 9º ano – Ensino Fundamental Anos Finais) e Vespertino (1º ao 5º ano – Ensino Fundamental Anos Iniciais). Atualmente o carrinho de rolimã faz parte do conteúdo das aulas de Educação Física, onde desenvolvemos o projeto Festival Escolar de Carrinhos de Rolimã de Montes Claros, em sua segunda edição. O projeto foi realizado em 03 etapas: apresentação dos carrinhos de rolimã construídos pelas equipes de alunos aos professores; exposição na Feira de Ciências e encerramento com a Corrida de Carrinhos de Rolimã. **Conclusão:** O ato de construir o próprio brinquedo, baseado na pesquisa historiografia, cálculo e desenho do projeto de carrinho, discussões de aerodinâmica, tamanho dos rolamentos, design e pintura, sistemas de frenagem, material a ser utilizado, construção, equipamentos de proteção individuais, até a vivência da prática em si, com a descida da ladeira, acabam por agregar valores e significados aos alunos, professores, familiares e comunidade, onde os saberes se complementam e difundem, na troca de experiências e aproximação de gerações. Percebemos que ao resgatar o carrinho de rolimã na comunidade, não o deixando desaparecer como um todo, imprimimos um (re)significado e novas possibilidades de manifestações culturais de lazer, dos esportes e atividades de aventura, das práticas corporais e pedagogia da aventura, em que estabelecemos ligações em torno de um brinquedo construído e popular que até hoje desperta o desejo nas pessoas de todas as idades.

**Palavras-chave:** Carrinhos de rolimã, Atividades de Aventura, Pedagogia da aventura.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 26

## AS CARACTERÍSTICAS DA INTERVENÇÃO PROFISSIONAL DE TREINADORES DE ESPORTES DE AVENTURA

Vinicius Zeilmann Brasil[1]

Valmor Ramos[2]

Jéssica Dias Cardoso[2]

Filipy Kuhn[1]

Juarez Vieira do Nascimento[1]

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC[1]

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC[2]

E-mail: vzbrasil@hotmail.com

**Introdução:** A intervenção pedagógica para iniciação e treinamento esportivo tem sido uma demanda recorrente nos esportes de aventura. A instabilidade do ambiente natural, o risco constante e a especificidade dos equipamentos, são alguns dos elementos que acrescentam complexidade à intervenção do treinador de esportes de aventura (TEA). **Objetivo:** Analisar as características do contexto de intervenção profissional de TEA. **Método:** Realizou-se uma pesquisa qualitativa, por meio de procedimentos de Estudo de Casos Múltiplos de três TEA experientes, do estado de Santa Catarina (2 de surf e um de windsurf/kitesurf). Os dados foram obtidos por meio de observação participante e entrevista semiestruturada. As observações ocorreram durante o dia-a-dia de trabalho dos TEA e as informações registradas em diário de campo. As entrevistas foram realizadas em momentos previamente agendados e em conveniência com a disponibilidade e motivação de cada TEA. As informações foram captadas por meio de gravadores digitais, armazenadas em microcomputador e transcritas literalmente. A técnica de Análise Temática foi utilizada na análise dos dados, com auxílio do programa QSR Nvivo 1. **Resultados:** Verificou-se que os três TEA investigados atuavam em instituições privadas, especializadas no ensino/treino do surf (T1 e T2) e do windsurf/kitesurf (T3). Esses locais foram denominados pelos próprios TEA como “escolas”, comercializando (venda e aluguel) e fornecendo suporte para manutenção de equipamentos. A intervenção de T1 e T2 (surf) está vinculada a área da Educação Física

(CREF/SC), sendo que, no caso do windisurf/kitesurf não há uma delimitação clara. O foco da intervenção dos TEA recai sobre a instrução para a "vivência" de turismo e para iniciação esportiva de crianças, jovens e alunos, de ambos os sexos. Todos os TEA mencionaram, atuações esporádicas na preparação de jovens atletas para competições. A busca pelos cursos de iniciação é motivada pelo desejo dos alunos de aprender a prática esportiva e experimentar um "*lifestyle*" ligado à essas modalidades. Os três TEA desenvolvem o ensino/treino como atividade profissional exclusiva, durante todos os meses do ano. Contudo, a sazonalidade da região em que atuam, foi mencionada como uma característica que gera certa instabilidade no trabalho, o qual, é mais frequente no período dos meses de novembro a maio. O local de realização das aulas compreende a praia (T1 e T2) e a lagoa (T3), no qual a escola está localizada. Todos os TEA mencionaram possuir contato com o lugar de trabalho desde a adolescência, os possibilitando uma compreensão profunda sobre o local de intervenção. Os TEA, mencionaram ainda, as relações sociais estabelecidas nesses locais, com outros comerciantes, praticantes assíduos, com os salva-vidas e outros profissionais que atuam com essas modalidades. **Conclusão:** O campo de intervenção dos TEA parece atender uma demanda recente de prática dos esportes de aventura. As instituições compreendem um tipo de "núcleo", frequentado por pessoas que possuem interesses nessas modalidades (alunos, praticantes, treinadores, vendedores de equipamentos, e etc.). A intervenção desses TEA, oscila entre os focos de turismo e iniciação esportiva. Eles atuam, exclusivamente, no ensino/treino, ensinando mais do que esporte, mas um estilo de vida ligado a essas modalidades.

**Palavras-chave:** Esportes de Aventura, Intervenção Profissional, Educação Física.

Agência de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 27

## ATIVIDADES DE AVENTURA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Hani Zehdi Amine Awad

Centro Universitário FAG/ Universidade Estadual de Maringá/ Grupo de Estudos do Lazer, GEL/UEM

E-mail: hani@hani.com.br

**Introdução:** Em busca de oferecer vivências corporais que transcendam os habituais conteúdos trabalhados nas aulas de Educação Física, relata-se a realização dos “Seminários Temáticos de Aventura” para o Ensino Médio, como atividade de formação para acadêmicos do curso de licenciatura. Todavia, não se têm ciência se as atividades de aventura trabalhadas foram incorporadas pelos graduandos em suas práticas de estágio curricular junto aos alunos do Ensino Médio. **Objetivo:** Averiguar a inserção de atividades de aventura *Parkour*, *Slackline* e *Skate* como prática de intervenção pedagógica dos estagiários no Ensino Médio. **Método:** Este estudo caracteriza-se como documental descritivo. Utilizou-se como fonte para coleta de dados os relatórios de Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Educação Física de uma instituição privada do Ensino Superior, situada na cidade de Cascavel – PR. Os relatórios analisados foram aqueles apresentados no período compreendido entre 2015 a 2017 em colégios públicos, empregando-se como critério de inclusão a participação do estagiário no “Seminário Temático de Aventura”. Este estudo justifica-se na medida em que pode colaborar com a avaliação das atividades que são ofertadas durante o processo de formação de professores. **Resultados:** Dos 114 relatórios analisados, foram encontrados 17 que apontam a presença das atividades de aventura vivenciadas nos seminários e aplicadas para estudantes do Ensino Médio. Destas, 11 referem-se às atividades relacionadas ao *Slackline*, 5 ao *Parkour* e 2 ao *Skate*. Ainda, encontrou-se a corrida de orientação, atividade não trabalhada no Seminário e presente em 2 relatórios. **Conclusão:** Os relatórios apontam que 16,6% dos estagiários promoveram atividades de aventura nos colégios e as práticas foram claramente apreciadas pelos alunos, pois estimularam o desejo de superação e causaram inovação nas aulas. Apesar do modesto percentual, sinalizam que as atividades de aventura, quando encorajadas e realizadas adequadamente, podem constituir-se como importante instrumento

pedagógico de ensino-aprendizagem das aulas de Educação Física. Entretanto, o estudo limitou-se a identificar a presença das atividades de aventura no Ensino Médio. Como desdobramento, seguirá analisando a qualidade pedagógica das atividades de aventura aplicadas no âmbito educacional.

**Palavras-chave:** Atividades de aventura, Formação de professores, Currículo.

## COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 28

# LA ORIENTACIÓN DEPORTIVA COMO AGENTE PROMOTOR DE LA SALUD Y BIENESTAR HUMANO

Fernanda Cordero-Tapia

Franklin Castillo-Retamal

Universidad Católica del Maule, Talca-Chile

E-mail: fdacorderotapia@gmail.com

**Introducción:** Desde hace algunos años ha aumentado el desplazamiento del hombre hacia la naturaleza buscando la aventura y lo desconocido, lo que se traduce en realizar actividades culturales, sociales, recreativas y deportivas asociadas al uso del tiempo libre. El ser humano está vinculado al medio ambiente desde siempre, por lo que reencontrase con este medio y volver a sus orígenes antropológicos y enfrentarse a sí mismo es una necesidad. Para Gómez, Luna y Zorrilla (1996), el hombre desde sus inicios ha necesitado saber orientarse para desplazarse de un lugar a otro. El comienzo de la Orientación como deporte se remonta al siglo XIX con la aparición en Escandinavia de los primeros planos topográficos modernos. Según Pinos (1997), la orientación deportiva se originó en los países nórdicos y desde ahí se extendió al resto del mundo debido a su atractivo para los amantes de las actividades en la naturaleza y que, a su vez, tiene un gran potencial educativo como también de promoción de la salud. **Objetivos:** Conocer las características de la práctica de la orientación deportiva y su asociación con hábitos de vida saludable. **Métodos:** Se adoptó un trabajo cualitativo de naturaleza básica tratando de generar conocimientos nuevos y útiles sin necesidad de una aplicación práctica inmediata (Engel y Tolfo, 2009), teniendo como procedimiento el análisis de documentos y la investigación bibliográfica, entendidos respectivamente, según Silva y Muszkat (2005), como aquel elaborado a partir de materiales sin tratamiento analítico y aquella elaborada a partir de material publicado respectivamente. **Resultados:** La actividad física está referida a las posibilidades de movimiento que cada persona hace en mayor o menor intensidad, pasando por las actividades físicas moderadas intencionadas, los ejercicios físicos estructurados y repetitivos y los deportes recreativos o alternativos (OMS, 1997). La finalidad de la actividad física puede clasificarse de diferentes maneras según Sheppard (1994),

una de ellas es la utilitaria, que involucra las actividades laborales, tareas domésticas, de tiempo libre (recreativas) y las de educación física, que son de carácter educativo. En este sentido, la actividad deportiva de orientación es una alternativa para alcanzar los fines en relación a la promoción de la salud. **Conclusión:** Según Freire (2011), el medio natural favorece el desarrollo emocional, afecta directamente al vigor físico, mejora el sistema inmunitario y factores psicológicos como autoestima, autoconfianza, autonomía, la capacidad de hacer juicios o de asumir riesgos. Desde esta perspectiva se puede decir que el desarrollo actividades en el medio natural son beneficiosas para la formación integral del ser humano, entendiéndose como aquella que lleva al individuo a una integralidad armónica que permite un conocimiento desde lo personal hacia lo social. (Castillo, 2010). En este sentido, la orientación deportiva es uno de los deportes que se realiza al aire libre y es una alternativa para el desarrollo de ciertas habilidades y conductas asociadas al cuidado de la salud y del medio ambiente, toda vez que desde su práctica es posible potenciar conductas de autocuidado y hábitos de vida saludables.

**Palabras clave:** Orientación deportiva, Calidad de vida, Promoción de la salud.

# COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 29

## ESPORTE E DIVERSÃO: O SLACKLINE NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Lucas Fraga Pereira

Mauricio Santos Oliveira

Estêvão Kwame de Souza Leitão

Mateus Pereira de Oliveira

Universidade Federal do Espírito Santo

E-mail: lucas_fraga92@hotmail.com

**Introdução:** Dentre as atividades de aventura contemporâneas, podemos caracterizar o slackline, um esporte praticado sobre uma fita de nylon ou poliéster, a qual é ancorada entre dois pontos fixos, o que possibilita aos praticantes trabalhar diferentes capacidades físicas, destacando-se o equilíbrio. Essa modalidade esportiva atrai, cada vez mais, a atenção de um público jovem interessado em esportes não convencionais. Nesse contexto de inovação, surgiu o "Projeto Slackline" na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Salientamos que nesse projeto os conteúdos, conceitos, processos de ensino-aprendizagem, aspectos teóricos e metodológicos que permitam a consagração do esporte como possibilidade de prática no âmbito da área foram abordados com o intuito de apoiar a formação inicial dos acadêmicos de Educação Física. Além dos discentes dos cursos de Educação Física, o projeto buscou atender os alunos dos demais cursos de graduação da UFES e a comunidade externa, propiciando aos interessados a oportunidade de vivenciar a experiência de praticar uma nova modalidade esportiva no Centro de Educação Física e Desportos (CEFD). **Objetivo:** Aproximar o slackline do curso de Educação Física e, por conseguinte, tratar esse conteúdo de forma contextualizada enquanto prática da cultura popular e da cultura corporal de movimento. **Método:** Em nossos encontros semanais, os praticantes vivenciaram a modalidade de Slackline mais praticada atualmente: o Trickline. Essa modalidade, mundialmente disseminada, adquire um número maior de praticantes a cada ano. Trata-se de uma prática realizada em praias e parques tendo como foco o lazer. No trickline o indivíduo realiza manobras em cima da fita que pode variar de 30cm a 150cm de altura, dependendo do nível do praticante. Algumas manobras iniciais foram apresentadas aos alunos do projeto, como: footplant,

dropknee, doubledropknee, budha, kisstheline. Essas manobras são denominadas estáticas, pois não há deslocamento do centro de massa. O praticante deve partir da posição em pé sobre o slackline e de forma controlada deve executar a manobra a fim de estabilizá-la. Os alunos também foram encorajados a cooperar com o aprendizado de seus pares e, em colaboração, criar novos movimentos. Para o enriquecimento da prática, ao longo do semestre os alunos redigiram um diário de campo com registros das aulas. Cada participante produziu um relato, a partir das suas experiências no projeto, com narrativas, fotos e vídeos. Dessa forma, buscamos proporcionar a realização de uma atividade extracurricular que contemplasse, além do lazer para a comunidade externa, apoiar a formação acadêmica dos alunos envolvidos. **Resultados**: O projeto apresentou grande impacto no CEFD/UFES, o qual pode ser medido ao analisarmos o número de participantes. Foi perceptível o interesse dos graduandos em educação física em ampliar os seus conhecimentos sobre novas práticas corporais, visto que o slackline demonstra ser uma excelente ferramenta pedagógica no campo da Educação Física podendo ser explorado nos eixos da saúde, do esporte e do lazer. **Conclusão:** Constatamos que o projeto colaborou com a produção do conhecimento, na qual a troca de saberes sistematizados com a sociedade permitiu a democratização do conhecimento gerado no meio universitário, ao mesmo tempo em que a participação da comunidade propiciou a reflexão e o estabelecimento de novos conhecimentos resultantes dessa interação.

**Palavras-chave:** Slackline, Universidade, Extensão.

## COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 30

# O DESENVOLVIMENTO DA DIMENSÃO ATITUDINAL EM AULAS DE ATIVIDADES DE AVENTURAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Érika Fernandes de Almeida Arruda

Liciane Vanessa de Oliveira Mello Corrêa

Katharine Aguiar Tolomeotti

Giuliano Gomes de Assis Pimentel

Universidade Estadual de Maringá (GEL/UEM)

E-mail: erikaferalmeida81@gmail.com

**Introdução:** As Atividades de Aventura, praticadas durante o lazer, passam também a serem demandadas no ambiente escolar. Com as mudanças apresentadas em 1998 pelos PCN's a educação física passou a ser estruturada sobre três dimensões conceitual, procedimental e atitudinal. Numa perspectiva da educação pelo lazer, o Colégio de Aplicação Pedagógica possui um projeto voltado ao ensino de aventura no ensino fundamental. Considerando a realidade concreta, o projeto leva em conta que a dimensão atitudinal fará com que a criança reconheça suas capacidades, respeite seus limites, desenvolva a autonomia, a cooperação, e a participação social. O caráter lúdico vem concomitante à gestão do risco e, ao mesmo tempo, garantimos a fruição e o desenvolvimento de potencialidades motoras. **Objetivos:** Analisar o comportamento das crianças sobre a ótica da dimensão atitudinal durante as aulas; compreender a atitude que cada criança transparece ao realizar as atividades e; Identificar a percepção dos professores no aprendizado do tema gerador e no comportamento global das crianças durante as aulas. **Método:** Trata-se de uma pesquisa-ação, pois possibilita aos pesquisadores produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo. A base empírica foi obtida dos relatórios construídos pelos próprios ministrantes. A amostra constituiu-se de duas turmas do primeiro ano do ensino fundamental, cada uma com vinte e cinco crianças que foram divididos em cinco grupos de cinco crianças. Cada turma teve uma aula por semana de 50 minutos. As atividades ministradas de forma cruzada com o tema gerador provindo da disciplina matemática foram: parkour, skate, slackline, escalada e orientação. **Resultados:** A análise decorreu de 10 aulas no período de dois meses, todos os

grupos das duas turmas tiveram aulas de três modalidades neste período da coleta. Fazendo a comparação das duas turmas o comportamento da turma 1 apresenta-se de uma forma mais desobediente do que a turma 2, fazendo a análise por criança obtivemos um resultado de melhora entorno de 40% no comportamento segundo os relatórios de ambas as turmas. No relato da primeira aula de cada modalidade mais de 70% demostraram maior interesse por ser um conteúdo que demostra novidade e apenas 30% se sentiram menos estimulados pela mesma situação. Percebemos em todos os relatos que há um espírito de solidariedade entre as crianças na hora das aulas, pois quem tem mais facilidade em realizar as atividades tenta ajudar o outro, independente do incentivo dado pelo professor. **Conclusão:** As crianças demonstram mais interação e participação após as aulas, promovendo assim o desenvolvimento de autoestima e autoconfiança. Por estarem em um processo de interações, compreendemos que, em todas as aulas, as atividades devem ser realizadas de uma forma mais lúdica. Normalmente os conteúdos de matemática são trabalhados de uma forma mais peculiar e assim damos a oportunidade de gerar outras possibilidades de aprendizagem. Contudo através dessas vivências e modelo de aprendizagem elas demostraram estar mais focadas, tranquilas e confiantes, atingindo melhores resultados educacionais.

**Palavras-chave:** Educação física, Crianças, Ensino fundamental.

## COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 31

# DINÂMICA LÚDICA E NATUREZA: EDUCAÇÃO FÍSICA NO PARQUE CINTURÃO VERDE (CIANORTE/PARANÁ)

Fernanda Herran Fernandes

Thiago Barbosa da Silva

Isabel Cristina Martines

Giuliano Gomes de Assis Pimentel

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Grupo de Estudos do Lazer (GEL/UEM)

E-mail: fernanda_herran@hotmail.com

**Introdução:** Consideramos o lazer como tema imprescindível a ser debatido em Educação Física, no sentido de promover uma educação para e pelo lazer. Quando a prática de atividades físicas está aliada à utilização de espaços naturais, seus benefícios na vida da população em geral se tornam muito mais efetivos. Essa premissa orienta nosso olhar sobre a atividade de aventura, a qual pode ser prenunciada por meio de micro aventuras, ou seja, jogos e brincadeiras que ensejem a dinâmica lúdica na natureza. Por isso, consideramos importante mediar o processo de ensino-aprendizagem na Educação Física Escolar no sentido de promover aos alunos um processo de uma educação para o lazer. **Objetivos:** Desta forma, foi desenvolvido um projeto cujo objetivo foi apresentar aos alunos de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental as possibilidades de realização de atividades físicas, sobretudo de jogos e brincadeiras, nos espaços públicos naturais disponíveis na cidade de Cianorte - Paraná, em especial no Parque Cinturão Verde, reconhecido como a segunda maior floresta urbana do Brasil. Destacamos a importância da manutenção e preservação da fauna e flora de nosso parque municipal desenvolvendo o sentimento de pertencimento e valorização desses espaços, para que as próximas gerações também possam desfrutar desta satisfação. **Método:** Para isto, os alunos assistiram vídeos que subsidiassem conhecimentos introdutórios sobre o Parque e como agir durante a permanência nele. Realizaram passeios em dois dos módulos de preservação do Parque Cinturão, onde as atividades que desempenhadas se pautaram em jogos e brincadeiras dirigidas e livres, aproveitando dos espaços já

disponíveis para o lazer da comunidade. Os alunos também vivenciaram piquenique e trilha ecológica nas permanências de preservação da Trilha das Perobas. **Resultados:** Os momentos lúdicos proporcionaram às crianças a possibilidade de refletir sobre o como, onde e de que forma se divertir, tendo o mínimo de impacto possível na natureza. Foi proporcionado a elas experiências inéditas e significativas, podendo ser observado a diversão e o prazer que demonstravam, ao mesmo tempo, que se preocuparam com a conservação do meio ambiente, isto é, estando no espaço natural, criando um vínculo com ele e sentindo prazer em atividades que o conservem. **Conclusão:** Ainda que seja uma cidade pequena e com poucas opções de acesso ao lazer para a população, os relatos das crianças demonstraram que as famílias não possuem o hábito de aproveitar os espaços naturais e de lazer disponíveis à comunidade. Este projeto cumpriu com objetivo de apresentar aos alunos algumas possibilidades de lazer na cidade onde moram, podendo então dialogar com suas famílias quanto à importância da dinâmica lúdica na natureza.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar, Lazer, Natureza.

## COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE 32

# CAMINHO DA MATA ATLÂNTICA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AVENTURA E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

Juliana de Paula Figueiredo[1]

Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi[1]

Isabelle Meireles Vieira[2]

Ricardo Garcia[3]

Alcyane Marinho[1, 2]

Universidade Federal de Santa Catarina[1]

Universidade do Estado de Santa Catarina[2]

Federação de Montanhismo e Escalada de Santa Catarina[3]

E-mail: julianapfig@hotmail.com

**Introdução:** A conservação ambiental é um tema transversal nas discussões sobre as atividades de aventura na natureza, fazendo parte do cotidiano dos aventureiros. O "Caminho da Mata Atlântica" foi criado com a missão de engajar a sociedade na conservação e na recuperação desse bioma, fomentando o desenvolvimento socioeconômico inclusivo e a valorização dos patrimônios natural e cultural, por meio do contato direto com a natureza, promovendo a importância das áreas protegidas para a economia, o lazer e a saúde no país. Sob a liderança da WWF-Brasil, trata-se de uma trilha de longo percurso que conecta trilhas, caminhos e travessias dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro, somando 3.000 Km ao longo de 70 áreas protegidas. **Objetivo:** Esse trabalho tem como objetivo relatar e refletir sobre a experiência na implementação de parte dessa trilha, no município de Florianópolis e região. **Método:** Este estudo configura-se como descritivo, relatando a vivência advinda das ações envolvidas a partir de março de 2018 até a presente data. Os autores deste trabalho participaram ativamente destas ações: três como voluntárias, um como coordenador e uma como orientadora de pesquisa. As reflexões apresentadas tiveram por base conversas informais entre os autores e observações participantes. **Resultados:** Até o momento, foram realizadas sete ações, durante as quais os voluntários realizam trabalhos de mapeamento,

reconhecimento, manutenção e sinalização de trilhas, por meio de registro no sistema de posicionamento global (GPS), adesivagem, limpeza e recolocação de indicadores e placas na trilha, corte de excesso de arbustos/galhos e retirada da espécie pinus, que não é nativa do Brasil, contribuindo com o conhecimento que possuem e adquirindo novas aprendizagens. O quadro de voluntários conta com 31 pessoas engajadas, tanto homens quanto mulheres, incluindo jovens, adultos e idosos. Contudo, durante cada ação, a média de participantes tem sido de 10 pessoas, o que corrobora, inclusive, com os pressupostos de conservação ambiental, a fim de reduzir o impacto nas trilhas, prezando por um número reduzido de pessoas no mesmo local. Na primeira saída a campo, o grupo de voluntários foi acompanhado e instruído por uma bióloga da Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis (FLORAM), a qual explicou sobre a fauna e a flora local, assim como a importância dos cuidados a serem tomados durante a manutenção das trilhas, embasando as ações realizadas posteriormente. Ressalta-se que o grupo pertencente à cidade de Florianópolis é um dos que realizou mais ações até o momento, encontrando-se em fase final de cumprimento das demandas do projeto. **Conclusão:** A experiência advinda da participação nesse projeto contribuiu para ampliar nossos conhecimentos relativos às características ambientais locais, bem como despertou o interesse em realizar maiores ações em prol da natureza, como a proteção de uma trilha na região da Grande Florianópolis, que vem sendo explorada inadequadamente. Ademais, representou uma forma de sociabilidade e intensificação da realização de trilhas, ao criar uma rede de amigos para a prática das mesmas e cultivar o bem-estar coletivo decorrente do contato direto com a natureza.

**Palavras-chave:** Meio ambiente, Atividades de aventura na natureza, Conservação ambiental.

# PARTE 3

## CAPÍTULOS REFERENTES AOS ESTUDOS PARTICIPANTES

# CAPÍTULO 1

## ATIVIDADES DE AVENTURA: UM OLHAR A PARTIR DOS EVENTOS CBAA/CIAA

José Pedro Scarpel Pacheco[1]

Renata Laudares Silva[1]

Nara Heloisa Rodrigues[1]

Gisele Maria Schwartz[1]

[1]LEL – Laboratório de Estudos do Lazer, DEF/IB/UNESP-Rio Claro, SP

A procura pela emoção, por atividades que promovam sensações diferenciadas, quebrando os padrões urbanizados, tem aumentado potencialmente na última década, principalmente, ao se tratar de atividades *in loco* nos ambientes naturais, incluindo as atividades de aventura. Os motivos que levam o ser humano a buscar essas experiências distintas das demais atividades desenvolvidas no cotidiano, como por exemplo, as atividades físicas, as atividades diárias, ou as atividades programadas, estão associados à vivência de emoções, as quais promovem sensações únicas em diferentes níveis, sejam eles, físicos ou intelectuais. As atividades de aventura ainda promovem outros efeitos considerados radicais ou arriscados, como a vertigem, sendo que, quando praticadas, por exemplo, em grandes altitudes, podem estar associadas à superação de limites. O indivíduo que a pratica está sempre em busca do prazer e do sentimento de liberdade (LAVOURA; MACHADO, 2018).

Diversas áreas dedicaram esforços para desenvolver conhecimentos científicos sobre o campo das atividades de aventura no Brasil, nos últimos anos, sendo apontado em diversos estudos acadêmicos (DIAS; SCHWARTZ, 2018). Como por exemplo, na Psicologia, onde, em um estudo de Lavoura e Machado (2018), os autores analisaram a influência do medo nas atividades do contexto esportivo e a interferência do treinamento psicológico no mesmo, e na Sociologia, tal como Cotes et al. (2018), que propuseram uma análise do perfil sociodemográfico, acadêmico e profissional dos condutores de trilhas de longa duração ou na Educação, tal com o estudo de Bungenstab et al. (2017) que analisou as interfaces do ensino das atividades de aventura, nas aulas de Educação Física, no ensino médio.

Entretanto, para que haja uma gestão eficiente da informação e do conhecimento, é necessário dispor de ferramentas e mecanismos que possibilitem a troca e disseminação destas informações. Porém, ficam notórias lacunas no que tange à gestão do conhecimento e da informação sobre esta temática. É de suma importância organizar, sistematizar e disseminar as pesquisas produzidas pelos diversos grupos de pesquisa sobre atividades de aventura no país. Na maioria das vezes, os estudos sobre a gestão da informação e do conhecimento, encontrados, tanto na literatura nacional, quanto na internacional, centram a atenção nas organizações empresariais. Entretanto, uma adequada gestão das informações e do conhecimento relativo ao campo das atividades de aventura, podem ampliar a difusão da produção acadêmico-cientifica, conferindo maior visibilidade ao assunto (DIAS; SCHWARTZ, 2018; TROTTMANN et al., 2017; COSTA; LEITE, 2017).

Desta forma, é imprescindível que os conhecimentos adquiridos por meio das pesquisas e estudos, sejam difundidos, tanto no ambiente cientifico, quanto para os profissionais e indivíduos que vivenciam as atividades de aventura na prática, tornando possível a utilização e a proteção desse conhecimento, com possibilidade de agregar valor e consolidar o tema (HUGOS, 2018; CASSOTTA et al., 2017). Na tentativa de minimizar tais lacunas, o LEL – Laboratório de Estudos do Lazer, do Departamento de Educação Física, do Instituto de Biociências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus Rio Claro, propôs a criação do **CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura**, evento que tem como objetivo congregar pesquisadores, acadêmicos, alunos e praticantes, como também, órgãos dos primeiro, segundo e terceiro setores, que tenham interesse nas atividades de aventura e seus mais diversos vieses.

O **CBAA** se caracteriza como um evento científico itinerante, e sua primeira edição se deu no ano de 2006, em Balneário Camboriú, no estado de Santa Catarina, com uma parceria entre o LEL e a Federação Catarinense de *Mountain Bike*, abordando a temática: “A aventura no Brasil”. A segunda versão deste congresso ocorreu no ano de 2007, em Governador Valadares, no estado de Minas Gerais, com uma parceria entre o LEL e a UNIVALE – Universidade Vale do Rio Doce, Curso de Educação Física, sendo a temática do evento: “Atividades de Aventura e Desenvolvimento Regional”.

Já a terceira edição ocorreu em 2008, na cidade de Santa Teresa, no estado do Espirito Santo, contando com uma parceria entre o LEL, o NUAr - Núcleo Universitário de Ar Livre e a ESFA - Escola Superior São Francisco de Assis, e teve como temática abordada: “Conquistando Novas Vias”. A quarta edição, que aconteceu em 2009, se deu na cidade de Mucugê, estado da Bahia, e contou com uma parceria entre o LEL, a Rede de Ensino da Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC, a Prefeitura Municipal de Mucugê, os

colegiados de cursos das Unidades da FTC - Vitória da Conquista/Itabuna-BA e o Programa FTC Verde e teve como temática principal: “Nas Trilhas do Conhecimento sobre Aventura”.

Em sua quinta edição, ocorrida em 2010, no município de São Bernardo do Campo, estado de São Paulo, o evento contou com uma parceria entre o LEL e a Prefeitura de São Bernardo do Campo e teve como temática norteadora: “Entre o Urbano e a Natureza: a Inclusão na Aventura”.

Em sua sexta edição, o **CBAA** ocorreu em 2011, na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul e teve como temática: “Esporte e Turismo: Parceiros da Sustentabilidade nas Atividades de Aventura”, e contou com uma parceria entre o LEL e várias entidades de ensino da cidade de Pelotas, entre elas a UFPEL – Universidade Federal de Pelotas, UCPEL – Universidade Católica de Pelotas, Faculdade Anhanguera de Pelotas, FURG – Universidade Federal do Rio Grand e o IFSul – CAVG – Instituto Federal Sul-Rio-Grandense.

Já na sétima edição, o **CBAA**, pela primeira vez, trouxe uma proposta de Internacionalização do conhecimento, criando, assim, o **CIAA – Congresso Internacional de Atividades de Aventura**. Essa edição ocorreu no ano de 2012, na cidade sede do LEL, o município de Rio Claro, estado de São Paulo e contou com uma parceria entre o LEL, a Universidade Estadual Paulista – UNESP, o Serviço Social do Transporte – SEST e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte – SENAT, abordando a temática: “Tecnologias e Atividades de Aventura”.

A partir de 2012, o **CBAA** e o **CIAA** passaram a ser bianuais, e a oitava edição do **CBAA**, juntamente com a segunda edição do **CIAA**, ocorreram na cidade de Vila Velha, no estado do Espirito Santo, no ano de 2014. Os eventos contaram com uma parceria entre o LEL, o NRL – Núcleo de Recreação e Lazer e a UVV – Universidade de Vila Velha, tendo como tema principal: “Dimensões, Avanços e Legados”. Já no ano de 2016, o **CBAA** ocorreu na cidade de Lavras, estado de Minas Gerais, contando com uma parceria entre o LEL e a Universidade Federal de Lavras, tendo como tema abordado: “Uma aventura olímpica”.

Nesta decima edição, pela primeira vez, com a intenção de trazer o conhecimento de forma massiva e gratuita, os eventos **CBAA** e **CIAA** contaram com duas versões. Uma versão presencial, a qual ocorreu na cidade de Diamantina, estado de Minas Gerais, com uma parceria entre o LEL e a Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri, tendo com temática: “Aventura e Saúde: Desafios e Possibilidades", e, concomitantemente, também, uma versão *online* e gratuita. A motivação para aderência a esta nova forma de evento se deu pelo fato de que o LEL e seus membros acreditam que toda forma de conhecimento deve ser difundida a todos, sem restrições, facilitando, assim, a disseminação e a apropriação da informação e do

conhecimento, minimizando as barreiras nos contextos dos estudos sobre atividades de aventura e lazer, no Brasil e no exterior.

Para tal, nesta publicação especial do **CBAA**, comemorando a décima edição do maior Congresso de Atividades de Aventura do Brasil, o LEL e seus diversos parceiros, os quais ajudaram a escrever a história do **CBAA**, trazem o conhecimento em formato de *e-book*, no sentido de apresentar uma forma agregada de conhecimento e difundir a expansão das atividades de aventura no meio acadêmico. Este e-*book* aborda as atividades de aventura em seus mais diversos vieses, tais como: as atividades de aventura e o público idoso, as questões de gênero, a promoção da saúde, os jogos virtuais na aventura, estratégia de conteúdo no contexto escolar, treinamentos corporativos ao ar livre e empresas no âmbito da aventura, entre diversos outros enfoques. Sintam-se convidados a explorar o mundo da aventura, sob o olhar acadêmico. Confiram!

O presente capítulo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (CNPq) - Processo 133114/2017-1.

**REFERÊNCIAS**

BUNGENSTAB, G. C.; SANTOS, W. M.; SILVA, L. T.; SANTOS, R. M. A.; SILVA HOLANDA, G. I.; RAMOS, J. S. D.; SILVA GUEDES, D. G. Educação Física no Ensino Médio: Possibilidades de Ensino das Práticas Corporais (de Aventura). **Revista Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 21, n. 3, p. 29-40, 2017.

CASSOTTA, M. L. J.; LUCAS, A.; BLATTMANN, U.; VIERA, A. F. G. Recursos do conhecimento: colaboração, participação e compartilhamento de informação científica e acadêmica. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 17-34, 2017.

COSTA, M. P.; LEITE, F. C. L. **Repositórios institucionais da América Latina e o acesso aberto à informação científica.** 1 ed. Brasília: IBICT, 2017. 178 p.

COTES, M.; NEVES SALLES, W.; BRASIL, V. Z.; IHA, T.; SCHIAVETTI, A.; NASCIMENTO, J. Perfil Sociodemográfico, Acadêmico e Profissional de Condutores de Trilhas de Longa Duração em Parques Nacionais Brasileiros. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 167-177, 2018.

DIAS, V. K.; SCHWARTZ, G. M. Sites das Empresas de Atividades de Aventura e Inclusão de Idosos: Mapeamento e Gestão da Informação. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 326-363, 2018.

HUGOS, M. H. **Essentials of supply chain management.** 4 ed. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2018. 355 p.

LAVOURA, T. N.; MACHADO, A. A. Investigação do medo no contexto esportivo: necessidades do treinamento psicológico. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 1-29, 2018.

TEIXEIRA, F. A.; MARINHO, A. Atividades de aventura: reflexões sobre a produção científica brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 536-548, 2010.

TROTTMANN, P.; CORRÊA, V.; SOUZA COELHO, F.; SARTI, F. M. A produção científica em Políticas Públicas no Brasil Descrição e análise de alguns resultados de uma investigação sobre a primeira década dos anos 2000. **Agenda Política**, São Carlos, v. 1, n. 2, p. 223-253, 2017.

# CAPÍTULO 2

## ATIVIDADES DE AVENTURA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AS POSSIBILIDADES PARA SUA INSERÇÃO NO ÂMBITO ESCOLAR

Bruno Wilwert Tomio[1]

Giovanni Dascastagné[1]

Alexander Klein Tahara[2]

[1]Universidade Regional de Blumenau, SC.

[2]Universidade Estadual de Santa Cruz - Ilhéus, BA.

### INTRODUÇÃO

As Atividades de Aventura se caracterizam como propostas emergentes e contemporâneas, presentes em vários espaços e contextos de nossa sociedade. Tais práticas vêm sofrendo crescimento desde a década de 1990, principalmente no ramo de atividades esportivas e de lazer. O crescimento dessas manifestações ocorre devido a fatores como: divulgação midiática, inserção no universo esportivo e de alto rendimento, expansão da oferta de serviços de lazer e de turismo na natureza e também do comércio de acessórios e equipamentos destinados às suas diferentes modalidades (BETRÁN, 2003, PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

Embora seja crescente a presença das Atividades de Aventura em nossa sociedade, são poucas as vezes que estas têm sido utilizadas como conteúdo ou possibilidade educacional no âmbito escolar (ARMBRUST; SILVA, 2012, FRANCO, 2013). As pesquisas de Capaverde, Medeiros e Alves (2012) e Tomio et al. (2016) apresentaram como um dos objetivos verificar se estas práticas de aventura estavam sendo abordadas no espaço escolar, e como resultado indicaram que raramente elas eram vivenciadas como conteúdo educacional no contexto escolar.

O desconhecimento e a falta de qualificação dos professores (problemas encontrados nas duas pesquisas mencionadas) podem, de certo modo, serem justificados devido a (pouca) presença das Atividades de Aventura no currículo dos Cursos de Educação Física (INÁCIO et al., 2016), assim como, segundo Tahara

e Darido (2015), pela escassa produção científica relacionada a essas práticas de aventura, principalmente relacionadas à inserção como conteúdo escolar.

Diante do exposto, o objetivo deste texto é relatar uma experiência de inserção de Atividades de Aventura como conteúdo escolar em aulas de Educação Física de uma escola da rede pública de ensino do município de Gaspar/SC, destacando as possibilidades e benefícios que foram vivenciados no contexto educacional.

**METODOLOGIA**

A experiência docente presente neste relato foi vivenciada em aulas de Educação Física de três turmas dos anos finais (2 turmas de 8º ano e uma turma de 9º ano, com média de 30 alunos cada) do Ensino Fundamental, de uma escola municipal da cidade de Gaspar/SC. A definição das Atividades de Aventura desenvolvidas como conteúdo nas aulas se deu a partir de um processo pedagógico inclusivo e democrático. Em conjunto com os alunos, decidiu-se perante um processo de votação, que o Parkour, Slackline, Skate e Bike seriam as Atividades de Aventura exploradas como conteúdo educacional.

Nas aulas, buscou-se explorar de forma crítica as dimensões conceituais, atitudinais e procedimentais que os referidos conteúdos podiam oferecer. Procurou-se não restringir apenas à parte procedimental, e também não abordar e desenvolver a parte conceitual de forma superficial, sem problematizar os aspectos históricos e sociais que são inerentes a qualquer prática cultural. A proposta inicial foi de abordar e desenvolver as dimensões conceituais dos conteúdos, onde por meio de vídeos, pesquisas, apresentações e debates, exploramos fatos, conhecimentos e os benefícios das práticas de aventura. No momento seguinte, desenvolvemos as dimensões procedimentais desses conteúdos, reconhecendo, por meio de aulas práticas, recomendações e conceitos abordados e elaborados no momento anterior. As aulas práticas ocorreram através de um processo pedagógico de vivências e experimentação de movimentos e situações mais fáceis e adaptadas, progredindo, para movimentos mais complexos e desafiadores, para que os alunos usufruíssem de uma prática eficiente, significativa e segura. Por fim, realizou-se um processo atitudinal e de avaliação, onde os alunos apresentaram suas percepções, valores, sugestões e críticas a respeito das experiências e conhecimentos obtidos.

**POSSIBILIDADES E BENEFÍCIOS**

Foi possível perceber e vivenciar várias possibilidades e benefícios que as Atividades de Aventura podem oferecer quando inseridas como conteúdo educacional nas aulas de Educação Física.

Primeiramente, torna-se importante mencionar que a possibilidade de abordar tais práticas no âmbito escolar já foi apresentada e defendida por diferentes autores, tanto pelo fato destas práticas pertencerem à Cultura Corporal do Movimento (PEREIRA; ARMBRUST, 2010; TAHARA; DARIDO, 2016), como também pela possibilidade de serem discutidas e abordadas como temática relacionada ao meio ambiente e à Educação Ambiental (ROSA; CARVALINHO, 2012; TOMIO et al, 2016). Vale também ressaltar que a presença dessas práticas no contexto escolar é legitimada e respaldada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual preconiza em suas diretrizes que as práticas de aventura urbanas e na natureza sejam um conteúdo desenvolvido em aulas escolares junto aos alunos.

Diante da curiosidade dos alunos, a inserção dessas práticas adquiriu um caráter inovador, que, segundo eles, jamais haviam experimentado nas aulas de Educação Física; e muitos nem ao menos pensavam nessa possibilidade. A inserção da aventura como conteúdo rompeu com a dinâmica tradicionalmente utilizada em aulas de Educação Física da instituição, como comentam Darido e Rangel (2005), citando que o Futebol, o Vôlei, o Handebol e o Basquete são consideradas práticas constantemente hegemônicas nas aulas escolares.

Vale destacar que a conquista de superar determinado obstáculo não foi, na maioria das vezes, uma conquista exclusivamente individual, mas sim de um coletivo de alunos que desejavam, incentivavam e comemoravam a cada desafio vencido, independente de quem o conquistava, enaltecendo dessa forma a união e o companheirismo do grupo. Tal experiência demonstra como as Atividades de Aventura podem contribuir para o aumento da cooperação, solidariedade, autoconfiança e realização dos alunos envolvidos, algo muito importante e necessário, ainda mais considerando a faixa etária do grupo envolvido.

No Skate e Parkour foram problematizadas com questões relacionadas aos preconceitos e a marginalização que estas práticas sofrem perante as influências culturais e sociais das mesmas, que são evidenciadas constantemente nas expressões linguísticas, vestimentas e no estilo de vida dos praticantes. Também foi discutido o processo de esportivização e comercialização que sofreram e vem sofrendo as práticas, atualmente mais presente nos meios midiáticos.

Nas aulas em que se desenvolveu o conteúdo referente à bicicleta, foi possível contextualizá-la nas suas diferentes dimensões, possibilidades e contextos, não se limitando apenas às dimensões esportivas e recreativas, mas também a problematizando como um modal de trânsito, onde se discutiu as possíveis

oportunidades que ela pode oferecer como estratégia de transformação social e ambiental frente a algumas das crises e tendências globais. Para o desenvolvimento desse conteúdo, contamos com a contribuição do Projeto Conhecer Pedalando (TOMIO; DALCASTAGNÉ, 2017) que por meio de sua proposta pautada na Educação Ambiental Crítica, fomentou discussões a respeito das possibilidades de interação e reflexão com e sobre o meio ambiente que a bicicleta (e o Cicloturismo) podem oportunizar aos indivíduos.

Perante o exposto, é possível perceber as possibilidades e benefícios que as Atividades de Aventura podem oferecer quando inseridas como conteúdo educacional nas aulas de Educação Física. Contudo, pode haver resistências de diferentes ordens na inserção e desenvolvimento da Aventura no âmbito escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência apresentou possibilidades e benefícios que as Atividades de Aventura podem oferecer quando inseridas como conteúdo educacional nas aulas de Educação Física, principalmente quando desenvolvidas por meio de uma perspectiva educacional ampla e crítica, na qual permita abranger e envolver as diferentes dimensões, variáveis e áreas do conhecimento que o conteúdo pode oportunizar.

Porém, várias resistências e dificuldades podem estar presentes durante o processo de inserção dessas práticas no âmbito escolar, como o desconhecimento dos professores em relação ao conteúdo, a falta de materiais e espaços físicos adequados, além da restrição e proibição por parte das direções pedagógicas.

Entretanto, mesmo com as adversidades, vale ressaltar que as Atividades de Aventura tendem a dar uma nova perspectiva às aulas de Educação Física, acarretando aos alunos a apropriação de conhecimentos e conteúdo que possam contribuir para uma formação crítica e para uma prática social transformadora dos e pelos sujeitos que dela fazem parte.

Diante do exposto, espera-se que haja produção de conhecimento referente aos benefícios que as Atividades de Aventura podem oportunizar enquanto um conteúdo educacional, contribuindo para uma postura crítica diante das dificuldades que podem estar presentes no processo de inserção dessas e de outras práticas inovadoras no âmbito escolar.

## REFERÊNCIAS

ARMBRUST, I; SILVA, S. A. P. S. Pluralidade cultural: os esportes radicais na Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 281-300, jan./mar. 2012.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular - MEC. Brasília, DF, 2017.

CAPAVERDE, M. R.; MEDEIROS, T. N.; ALVES, S. L. C. Esporte de aventura nas aulas de educação física: uma alternativa ao alcance dos profissionais? **Vento e Movimento**, Osório, v. 1, n. 1, p. 49-59, 2012.

DARIDO, S. C.; RANGEL, C. A. (Org.). **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FRANCO, L. C. P. Atividades físicas de aventura nas escolas. In: BERNARDES, L. A. (Org.). **Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física**. São Paulo: Phorte, 2013. p. 207-226.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da aventura**. Jundiaí: Fontoura, 2010.

ROSA, P. F.; CARVALINHO, L. A. D. A educação ambiental e o desporto na natureza: Uma reflexão crítica sobre os novos paradigmas da educação ambiental e o potencial do desporto como metodologia de ensino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 259-280, jul/set de 2012.

TOMIO, B. W.; DALCASTAGNÉ, G. Projeto Conhecer Pedalando: Uma aventura em busca de conhecimentos e possibilidades. **Revbea**, São Paulo, v. 10, n. 4 – Caderno II - Anais do IX FBEA, 2017.

TOMIO, B. W. et al. Os Esportes Radicais como conteúdo interdisciplinar no contexto escolar. **Conexões**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 104-129, jan/mar. 2016.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Diagnóstico entre a relação das práticas corporais de aventura e a educação física escolar. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 19, n. 1, p. 01-10, jan/abr 2015

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Práticas Corporais de Aventura em Aulas de Educação Física na escola. **Conexões,** Campinas, SP v. 14 n. 2 p. 113-136 abr./jun. 2016.

# CAPÍTULO 3

## ESTADOS EMOCIONAIS E ATIVIDADES DE AVENTURA: ASPECTOS MOTIVACIONAIS ENVOLVIDOS

Amanda Mayara do Nascimento-Cardoso[1,2]

Nara Heloisa Rodrigues[2]

Raiana Lídice Mór Fukushima[2]

[1] Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Divinópolis, MG.

[2]LEL - Laboratório de Estudos do Lazer, DEF/IB/UNESP - Rio Claro, SP.

As atividades de aventura vêm se difundindo cada vez mais, sendo, hoje, praticadas por uma parcela significativa da população, a qual é constantemente atraída pela vivência de emoções propiciadas por essas práticas (PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2008). Segundo Marinho (2008, p.189), essas atividades são dotadas de "[...] um forte sentido de risco [...]" e "[...] incerteza [...]", diferenciando-se dos demais esportes tradicionais, devido à constante busca e valorização pelo imprevisível. Estas atividades podem ser atraentes para públicos de diferentes idades, embora acabe sendo preferida e direcionada, muitas vezes, principalmente ao público jovem (DIAS; SCHWARTZ, 2018).

Os praticantes dessas atividades, geralmente, procuram novas emoções, que sejam diferentes das vivenciadas em seu cotidiano, instigando o enfrentamento de desafios e a transposição de limites pessoais. Estas emoções podem ser denominadas de estados emocionais, as quais podem influenciar a prática de atividades físicas e esportivas. Sendo assim, pode-se pressupor que, nas atividades de aventura, essas mesmas emoções podem ser vivenciadas em uma escala ainda maior, devido ao fato de essas atividades apresentarem características específicas, tais como, o risco controlado e a vertigem. Além disso, nas modalidades praticadas no meio natural, diferentes emoções são propiciadas pelas situações e experimentações que ocorrem da interação entre o ser humano e a natureza (LAVOURA; MACHADO, 2006).

Como na prática de outras atividades físicas, nas atividades de aventura, os fatores motivacionais relacionados à prática mostram-se como elementos de grande influência à sua realização. Inclusive, podem representar um fator de extrema importância, tanto para a sua adesão, como para a manutenção da prática.

A motivação, segundo Samulski (2009), se caracteriza como um processo ativo, intencional e dirigido para uma determinada meta, estando interligada e dependente da interação de elementos, tanto pessoais (intrínsecos), quanto ambientais (extrínsecos). De acordo com esse modelo teórico, a motivação engloba uma variável determinante energética (nível de ativação) e uma determinante de direção do comportamento (intenções, interesses, motivos e metas).

Nessa mesma perspectiva, Weinberg e Gould (2017) conceituam a motivação como um processo complexo, o qual organiza e encaminha a direção e a intensidade dos esforços realizados pelas pessoas. O aspecto relacionado à direção do comportamento corresponde à ação do indivíduo em agir de modo a enfrentar ou evitar algum tipo de situação. Por outro lado, a intensidade está associada ao nível de esforço aplicado pela pessoa na realização de determinado tipo de comportamento. Esses autores descrevem três visões da motivação: a visão centrada no traço, a visão centrada na situação e a visão interacional, sendo esta última a de maior utilidade para orientar a ação profissional.

A motivação extrínseca está relacionada à conduta adotada em resposta a fatores externos à tarefa, atuando como um aspecto importante, quando se visa conseguir algum tipo de recompensa material ou social, reconhecimento, como finalidade para se acatar pressões advindas de alguma outra pessoa, ou, ainda, para evidenciar determinados valores ou competências.

O fator intrínseco de motivação está associado ao envolvimento das pessoas em determinadas atividades por sua própria causa, por entendê-las como interessante e como capaz de propiciar algum tipo de satisfação, que faz sentido ao enredo psíquico do próprio sujeito. Como salienta Nascimento-Cardoso (2014), a motivação intrínseca compreende uma determinada tendência de ação natural, na qual existe a busca por vivências novas e desafiantes com vista a alcançar e a desenvolver as capacidades individuais. Estas características estão muito presentes nas práticas das atividades de aventura, as quais, geralmente, buscam o prazer e a satisfação por meio da superação.

Além disso, a motivação intrínseca representa a forma mais autônoma de motivação e se refere a uma característica inerente a todos os seres humanos, a procura por novidades e desafios, a fim de exercitar e aumentar as suas capacidades, bem como, para explorar e aprender (RYAN; DECI, 2000). Uma pessoa

que persegue um objetivo ou atividade porque é agradável ou intrinsecamente cativante, demonstra um fator de motivação intrínseca (KOESTNER; LOSIER, 2002).

Estes aspectos intrínsecos da motivação permeiam as práticas das atividades de aventura, as quais podem permitir a satisfação dos desejos dos indivíduos por novas experiências. Além disso, muitos são os motivos que levam as pessoas a escolherem estas atividades de aventura, dentre os quais, pode-se citar o desejo de maior aproximação com a natureza. Isso também ocorre, porque as atividades de aventura fornecem a possibilidade de experimentação de sentimentos de prazer e bem-estar, devido às suas características, que aguçam e propiciam o aumento do sentimento de liberdade (TAHARA; CARNICELLI; SCHWARTZ, 2006; VISCARDI, et al., 2018)

O comportamento das pessoas, quando intrinsecamente motivado está associado ao prazer na realização da atividade, propiciando ao indivíduo o sentimento de envolvimento, para, cada vez mais, vivenciar as diferentes experiências com um nível maior de desafio. Assim, desenvolve-se um misto de emoções, formando um ambiente de mudanças constantes, pois, a todo o momento, a atividade é alterada por fatores naturais e sociais (MASSARELLA, 2008).

Nesta mesma direção, Gutierrez (2001) afirma que o prazer é o fator fundamental relacionado às atividades do contexto do lazer, o que poderia incluir também as atividades de aventura, praticadas predominantemente neste contexto, elucidando que essas atividades acontecem permeadas pela expectativa de vivenciar alguma forma de prazer. Ainda, o mesmo autor expõe algumas emoções sentidas após a prática dessas atividades, a saber: o alívio, o relaxamento, o bem-estar geral, a felicidade e a realização.

Assim, a prática de atividades de aventura está pautada na busca por prazer e emoções estimulantes. Isto demonstra que a superação de limites e o desejo de experimentar o novo, com emoções marcantes, parece ser uma característica motivacional para os praticantes. Além dos aspectos físicos e fisiológicos que envolvem as referidas práticas, uma atenção especial deve ser dada para os fatores emocionais, os quais são capazes de motivar as pessoas a aderirem à prática e, a partir desse vínculo, conquistar benefícios físicos e psicológicos, contribuindo significativamente para a melhoria nos níveis qualitativos de sua vida.

Quando se trata da prática das atividades de aventura, parece ser reconhecida a importância da motivação, tendo em vista que, principalmente quando o indivíduo apresenta esta motivação de modo intrínseco, estas práticas podem ser ainda mais prazerosas e satisfatórias, podendo gerar um ciclo progressivo pela busca por atividades cada vez mais desafiadoras.

**REFERÊNCIAS**

DIAS, V. K.; SCHWARTZ, G. M. Sites das Empresas de Atividades de Aventura e Inclusão de Idosos: Mapeamento e Gestão da Informação. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 326-363, 2018.

GUTIERREZ, G. **Lazer e prazer questões metodológicas e alternativas políticas**. São Paulo: Edusp, 2001.

KOESTNER, R.; LOSIER, G. F. Distinguishing three ways of being internally motivated: A closer look at introjection, identification, and intrinsic motivation. In: DECI, E. L; RYAN, R. M. (Org.). **Handbook of self-determination**. Rochester, NY: University of Rochester Press, 2002, p. 101-121.

LAVOURA, T.; MACHADO, A. Esporte de aventura de rendimento e estados emocionais: relações entre ansiedade, autoconfiança e auto eficácia. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 2, p. 143-148, 2006.

MARINHO, A. Lazer, Aventura e Risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento,** Porto Alegre, v. 14, n. 02, p. 181-206, mai./ago. 2008.

MASSARELLA, F. L. **Motivação intrínseca e estado mental de flow em corredores de rua**. 2008. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

NASCIMENTO-CARDOSO, A. M. **Fatores motivacionais associados a prática regular de exercícios físicos**. 2014.122f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade)-Universidade Estadual Paulista/UNESP, Rio Claro, 2014.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I.; RICARDO, D. P. Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características. **Revista Corpoconsciência**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 35-56, jan./jun. 2008.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Self-determination theory and facilitation of intrinsic motivation, social development and well-being. **American Psychologist,** Washington, v.55, n.1, p. 68-78, 2000.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte**: conceitos e novas perspectivas. 2.ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI-FILHO, S.; SCHWARTZ, G. M. Meio ambiente e atividades de aventura: significados de participação. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 59-64, jan./abr. 2006.

VISCARDI, A. A. F.; SANTOS, P. M.; MAZO, G. Z.; MARINHO, A. Percepções de idosos sobre atividades de aventura na natureza. **Licere**, Belo Horizonte, v.21, n.2, p1-25, jun. 2018.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

# CAPÍTULO 4

## A GESTÃO DA INFORMAÇÃO SOBRE TREINAMENTOS CORPORATIVOS AO AR LIVRE: ANÁLISE DE VÍDEOS DO *YOUTUBE*®

Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro[1]

Viviane Kawano Dias[1]

Gisele Maria Schwartz[1]

[1]LEL-Laboratório de Estudos do Lazer-DEF/IB/UNESP, Rio Claro – SP.

Na atualidade, muitas exigências têm permeado o ramo empresarial, principalmente, as relacionadas com a qualidade no trabalho, contribuindo para o crescimento da área de Treinamento e Desenvolvimento (T&D). O T&D configura-se como uma ferramenta voltada para ações organizacionais, com intuito de promover aprendizagens, focalizando o aperfeiçoamento pessoal e técnico de trabalhadores (ARAÚJO, 2005). O treinamento tem a finalidade de auxiliar pessoas, visando ao aperfeiçoamento do conhecimento e de habilidades, por meio de diferentes ações, como programas de educação, cursos, oficinas, palestras e vivências práticas (SILVA, ROTHERMEL, PEREIRA, 2016; VARGAS; ABBAD, 2006). Para Pellizzaro et al. (2014) não se encontram pessoas com todas as capacidades requeridas por uma empresa, já na contratação, e, por isso, o treinamento para desenvolver competências pode ser um importante recurso.

Empresas buscam cada vez mais a consolidação de equipes de trabalho e a utilização de recursos e metodologias como o *Team Building*, visando à formação de uma equipe eficiente e a integração de diferentes pessoas em um só grupo. Os treinamentos voltados para o *Team Building* analisam pontos fortes e fracos de uma equipe de trabalho, para que estes possam ser ajustados, por meio de ações e estratégias específicas (ANDRADE, 2011). Entre os diversos recursos utilizados para a área de T&D encontram-se os treinamentos realizados ao ar livre, nos quais permeiam ações envolvendo jogos, dinâmicas de grupo e as atividades de aventura na natureza.

O *Outdoor Training*, amplamente difundido nos Estados Unidos após a segunda guerra mundial, e, no Brasil, na década de 1990, é um exemplo de treinamento corporativo ao ar livre, o qual busca o

desenvolvimento de competências, por meio de atividades na natureza. Essas atividades, muitas vezes de aventura, estimulam grupos a assumirem riscos, integrando equipes, para as quais são exigidas resoluções de problemas e gestão de conflitos, aproximando-se da realidade vivenciada no ambiente de trabalho (MOREIRA; MUNCK, 2010).

Um exemplo de treinamento que une educação empresarial e práticas na natureza é o Treinamento Experiencial ao Ar Livre (TEAL®) (DINSMORE, 2004). O TEAL® é uma marca registrada, criada por Paul Campbell Dinsmore, com o objetivo de alterar comportamentos, despertando a coragem e reforçando a confiança mútua, em busca dos aprimoramentos pessoal e coletivo, com o auxílio de técnicas verticais, jogos estratégicos, escaladas, *rapel*, entre outras (DINSMORE, 2004).

Outro exemplo, é o *Outdoor Education*, Educação ao ar livre, comumente utilizado como recurso pedagógico em países como Inglaterra, Canadá, Austrália e Estados Unidos, desenvolvido tanto em escolas e universidades, quanto em empresas. No Brasil, a *Outward Bound*, fundada em 2000, oferece programas de educação ao ar livre para empresas, divididos em quatro tipos: o desenvolvimento de equipes, o desenvolvimento de líderes, o desenvolvimento de pessoas e a integração e motivação, compostos por desafios na natureza, nos quais a metodologia está voltada para ação e reflexão dos envolvidos (OUTWARD BOUND BRASIL, 2018).

Embora tenha aumentado o número de empresas que oferecem este tipo de atividade ao ar livre para o setor corporativo e, também, tenha ampliado a adesão de organizações para este tipo de treinamento, poucas são as informações disponibilizadas nas mídias, como os *sites* específicos para esta finalidade. De acordo com os estudos de Teodoro (2017) e Teodoro et al. (2017), as divulgações de informações nos *sites* de empresas que oferecem atividades de aventura para o âmbito corporativo, associadas à Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) e à Associação das Empresas de Turismo de Brotas (ABROTUR), são limitadas.

No estudo de Teodoro et al. (2017), após análise realizada nos *sites* das empresas associadas à ABETA e à ABROTUR, que ofereciam treinamentos organizacionais, foram encontradas seis terminologias diferentes para objetivos semelhantes, ligados ao contexto de treinamentos corporativos, tais como: treinamento empresarial, treinamento humano e empresarial, treinamento experiencial, treinamento motivacional, treinamento corporativo e dinâmicas para grupos empresariais. Além disso, este estudo revelou falhas na divulgação em seus respectivos *sites*, sobre o conteúdo desses treinamentos, a falta de preços e orçamentos e poucos recursos visuais, como vídeos e fotos sendo utilizados. Já o estudo de Teodoro (2017),

o qual também analisou os *sites* das empresas associadas à ABETA que ofereciam treinamentos corporativos, revelou que a maioria não fornece informações sobre avaliações prévias ou posteriores ao treinamento, bem como, a emissão de relatórios. Além disso, este estudo apontou que nenhuma empresa esclarece informações sobre a duração do treinamento, ou seja, não constam informações, nos *sites*, sobre a carga horária necessária para a realização do treinamento.

O *site* interativo *YouTube*®, que engloba conteúdo variado, por meio de vídeos postados por diversas pessoas e instituições, pode representar um importante meio de disseminação sobre treinamentos empresariais ao ar livre, porém, resta saber se as empresas que oferecem este tipo de treinamento adotam este tipo de mídia como recurso de *marketing*. Além disto, quais tipos de informações são divulgadas? Será que são suficientes e esclarecedoras? Ao realizar uma pesquisa exploratória neste *site*, no dia 29 de outubro de 2018, visando identificar o que vem sendo difundido no *YouTube*® sobre treinamentos corporativos ao ar livre, verificou-se que a gestão da informação sobre treinamentos ao ar livre, ainda é precária neste tipo de mídia. Para a realização da coleta dessa pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, foram utilizados como critérios de busca dos vídeos, os termos “Treinamento experiencial ao ar livre” e o filtro “Este ano”, contemplando somente os vídeos postados no ano de 2018. Ao término da busca, foram encontrados 61 vídeos. Como critérios de inclusão, foram considerados somente vídeos em língua portuguesa e que abordavam a temática pretendida, sendo excluídos os vídeos em outros idiomas e fora do assunto pesquisado. Baseado nesses critérios, foram considerados para análise documental videográfica 38 vídeos e, associado à Técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), foram definidas, *a posteriori*, três categorias: duração do vídeo, propaganda e recursos visuais.

Na Categoria 1 - Duração do vídeo, foi possível identificar que o tempo médio de duração dos vídeos analisados é de 3 minutos e 40 segundos, sendo que o vídeo mais curto tem 11 segundos e o mais longo, 8 minutos e 4 segundos. Na Categoria 2 - Propaganda, foram evidenciados que todos os vídeos tinham como objetivo a divulgação da empresa que oferece este tipo de treinamento, sendo que, entre os 38 vídeos analisados, 20 foram postados por uma mesma empresa. Por meio da Categoria 3 - Recursos Visuais, foi possível verificar que a maioria dos vídeos, 23 deles, mostrava imagens das vivências ao ar livre já ofertadas pelas empresas que prestam este tipo de serviço, entretanto, sem descrição detalhada e sem qualquer tipo de fala, somente fotos e vídeos com títulos ou frases motivacionais e música de fundo. Em 11 vídeos, além das imagens das vivências, títulos, frases motivacionais e música e falas dos participantes em determinados momentos das atividades realizadas, incluindo depoimentos. Um vídeo mostrava as imagens das vivências,

sem música, sem descrições por escrito e sem falas. Um vídeo continha apenas o logo da empresa, sem qualquer exemplo de vivências de fundo, apenas com a fala sobre o que a empresa oferece de treinamento. Um vídeo fazia a propaganda da empresa e explicava o que é o treinamento experiencial ao ar livre, porém, sem demonstração das vivências e outro vídeo continha apenas o depoimento de uma pessoa, sobre a experiência vivenciada no treinamento.

Empresas que desejam formalizar contratos de treinamentos ao ar livre para seus funcionários buscam informações sobre este tipo de treinamento na *internet*, e, por isso, necessitam de dados mais concretos. Sendo assim, a gestão da informação por parte das empresas que oferecem este tipo de treinamento se torna indispensável. No caso do *YouTube*®, a pesquisa realizada permitiu concluir que, por mais que a maioria das empresas poste vídeos de propaganda, as informações contidas nos mesmos são insuficientes. Entre os 38 vídeos analisados, apenas um definiu o que é treinamento experiencial ao ar livre e nenhum informou sobre objetivos do treinamento, preços, avaliações e carga horária. Portanto, torna-se necessário que as empresas de atividades de aventura que ofertam este tipo de treinamento se preocupem mais com o que vem sendo veiculado nos *sites* e que considerem a gestão da informação um ponto primordial para divulgação de sua marca, disponibilizando o maior número de informações sobre esta prática e com qualidade.

Entre as limitações do presente estudo encontram-se a coleta, a qual foi realizada apenas com uma terminologia, entre as inúmeras existentes, no caso, Treinamento Experiencial ao Ar Livre e a delimitação de apenas o ano de 2018, para análise. Como sugestão para novos estudos, evidencia-se a necessidade da ampliação dos termos dos filtros de busca e aumento dos períodos pesquisados.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. S. V. **Team building em Portugal e sua importância na motivação das equipas.** 2011. 90 f. Dissertação (Mestrado em Continuidade em Gestão) - Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE *Business School*, Departamento de Gestão, Lisboa, 2011.

ARAÚJO, M. F. **Impacto de treinamento e desenvolvimento:** uma análise integrada quantitativa e qualitativa. 2005. 250 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições70, 2016.

DINSMORE, P. C. (Org.) **TEAL, Treinamento Experiencial ao Ar Livre:** uma revolução em educação empresarial: dicas de treinamento experiencial para revolucionar os negócios, cases de mudanças nas empresas, atividades experienciais ao ar livre, depoimentos marcantes. Rio de Janeiro: Editora SENAC Rio, 2004.

MOREIRA, C. E. R.; MUNCK, L. Estilos de aprendizagem versus treinamento vivencial ao ar livre. **Revista de Administração UFSM**, Santa Maria, v. 3, n. 1, p. 9-25, jan./abr., 2010.

OUTWARD BOUND BRASIL. Programas. **Customizado para empresas,** 2018. Disponível em: <https://www.obb.org.br/2017/programas/item/12-empresas>. Acesso em: 29 out. 2018.

PELLIZZARO, R.; ALVES, J. N.; RIBAS, F. T. T.; BALSAN, L. A. G. A percepção dos colaboradores em relação ao processo de treinamento e desenvolvimento: um estudo de caso**. Revista UNIABEU,** Belford Roxo, v. 7, n. 15, p. 305-319, jan./abr., 2014.

SILVA, K. S.; ROTHERMEL, L. A.; PEREIRA, J. Métodos de treinamento: um estudo feito na empresa de transporte de passageiro e *Express*. **Nativa – Revista de Ciências Sociais do Norte do Mato Grosso**, Guarantã do Norte, v. 5, n. 1, p. 1-10, 2016.

TEODORO, A. P. E. G. **PILAC:** Programa de Intervenções Lúdicas no Âmbito Corporativo. 2017. 262 f. Tese (Doutorado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

TEODORO, A. P. E. G. et al. Gestão da informação sobre treinamentos corporativos ao ar livre: análise das empresas associadas à ABETA e à ABROTUR. In: Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana;

Simpósio Paulista de Educação Física, 10.; 16., 2017, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: UNESP, 2017, p. 1-2.

VARGAS; M. R. N.; ABBAD, G. S. Bases conceituais em treinamento, desenvolvimento e educação – TD&E. In: BORGES-ANDRADE, J. E.; ABBAD, G. S.; MOURÃO, L. (Org.). **Treinamento, desenvolvimento e educação em organizações e trabalho:** fundamentos para a gestão de pessoas. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 137-158.

# CAPÍTULO 5

## ATIVIDADES DE AVENTURA E ESTADOS EMOCIONAIS

Elisangela Gisele do Carmo[1,2]

Reisa Cristiane de Paula Venancio[1]

[1]LEL – Laboratório de Estudos do lazer, DEF/IB/UNESP - Rio Claro, SP.

[2]Apoio CAPES

As emoções desempenham um papel essencial na vida cotidiana dos indivíduos e é considerada, particularmente relevante para o bom funcionamento psíquico e físico (IZARD, 2009). Os estados emocionais estão intimamente ligados com as emoções e são amplamente explorados como coadjuvante nas atividades de aventura. Tais atividades, além de favorecerem a prática de atividade física, contribuem para alavancar o setor do turismo e apresentam ressonâncias na convivência em grupo e na ressignificação de percepções, podendo influenciar nos estados emocionais dos indivíduos (HUDSON, 2012).

A experiência de determinados estados emocionais pode levar aos adeptos de atividades de aventura a ampliar o interesse por outras atividades, cada vez mais arriscadas, sob o ponto de vista do enfrentamento do risco e da superação de limites, consistindo em estados emocionais positivos, devido à adaptação do indivíduo aos estímulos ambientais externos (BRYMER; SCHWEITZER, 2017). Ademais, conforme citado anteriormente, outra razão pela busca por estas atividades é o melhor desempenho físico, o qual influencia na *performance* individual, não somente de profissionais da área, como de adeptos destas práticas (BRYMER; SCHWEITZER, 2017).

O impacto das atividades de aventura nos estados emocionais dos indivíduos é tão significativo, que o comportamento de risco apresentado associa-se à ansiedade de vencer este desafio (BRYMER; SCHWEITZER, 2012). Outra sensação apresentada é a do medo, muitas vezes, extremamente intenso, o qual resulta no interesse por atividades de aventura que consigam sintetizar, no comportamento destes indivíduos, uma perfeita experiência de fundo existencial e autêntico (BRYMER; SCHWEITZER, 2012; TOFLER, HYATT, TOFLER, 2018).

Desta forma, conforme Van Voorst (2018) afirma, os praticantes de atividades de aventura, atingem a superação do medo e dos próprios limites. Van Voorst (2018) ainda complementa que o interesse pelas atividades de aventura atinge diversas faixas etárias, como uma forma de experimentar sensações, as quais trazem à tona emoções fortes e duráveis, diferenciadas das que normalmente são vivenciadas no cotidiano.

Essa interação humana com a natureza, por meio das atividades de aventura, é abordada como temática e tem se destacado em diversas pesquisas com foco nos estados emocionais. Um destes estudos, o de Tofler, Hyatt e Tofler (2018), analisou três casos de praticantes assíduos de atividades de aventura, com enfoque naquelas que envolviam risco de vida, concluindo que os indivíduos se sentem motivados pelos fortes estados emocionais vivenciados, denotando um comportamento, muitas vezes, de dependência emocional. Outros estudos, como o de Brymer e Oades (2009), focalizaram o impacto que as atividades de aventura têm na humildade e na coragem, denotando percepções positivas destes indivíduos, os quais, após as experiências destas atividades, sentiam-se mais confiantes, determinados, humildes e com a coragem ampliada, especialmente com relação a superação de seus medos.

Bortoli et al. (2015) pesquisaram sobre os estados emocionais de praticantes de uma modalidade de *ecofitness*, e afirmaram que o fato de uma atividade ser específica em um ambiente ao ar livre e em contato com a natureza, já predispõe o indivíduo a expressivas mudanças emocionais, apenas pelo fato de ser fora de seu cotidiano. Mackenzie, Hodge e Boyes (2013) observaram que existe um fluxo direcional para determinados estados emocionais emergirem em praticantes de *surf*, o que supõe ser uma atividade atrativa para ampliar a motivação e diminuir a ansiedade.

Holmbom, Brymer e Schweitzer (2017) analisaram as respostas emocionais dos participantes de *wingsuit*, concluindo que as habilidades vivenciadas durante esta atividade de aventura foram refletidas no dia a dia dos indivíduos, além disso, outros aspectos, antes não percebidos na personalidade dos participantes, foram florescidos e influenciaram no comportamento e no senso de identidade de cada um, ditando um estado emocional mais positivo. Outro estudo também analisou a mesma modalidade de atividade de aventura, em que Arijs et al. (2017) citam o fato do *wingsuit* ser responsável pelo maior conhecimento a si mesmo, de suas habilidades, do ambiente em que vive e de dominação do ego, transformando-o em algo bom.

Hodgson et al. (2009) estudaram a escalada como um meio eficaz na minimização de sintomas de ansiedade e de aumento na autoestima. Kleinstäuber et al. (2017) afirmam que a escalada também beneficia indivíduos com diagnóstico de depressão. Neste contexto, Tsaur, Yen e Hsiao (2012) concluem que

praticantes de escalada em montanhas, tendem a experimentar sensações de felicidade com mais intensidade, além do fato de que, quando conseguem chegar ao destino final da escalada, os alpinistas alcançam a plenitude emocional e a mantém como sendo uma meta conquistada, levando como ressonância para seu cotidiano.

Já, Crawford et al. (2016) analisaram o maior interesse e participação de pacientes que superaram o câncer em atividades de aventura, devido ao incentivo de vivências positivas, proporcionando novas emoções e contemplando os anseios de uma vida renovada pela cura alcançada. Por fim, Clough, Mackenzie e Brymer (2016) demonstraram os resultados positivos, nos âmbitos individual e coletivo, que as atividades de aventura repercutem nos indivíduos em nível psíquico, enfatizando a importância de tais atividades na sociedade.

As pesquisas demonstraram que as atividades de aventura promoveram reações químicas, como adrenalina, podendo, ao mesmo tempo, desencadear sintomas de ansiedade, medo, mas, também, de prazer. Satisfação, alegria, bom humor, euforia, autoestima e sensação plena de felicidade, são alguns dos estados emocionais positivos que essas atividades de aventura desencadeiam nos indivíduos, conforme os estudos.

As atividades de aventura, cada vez mais, são elencadas como promotores de aspectos benéficos aos indivíduos, devendo ser incentivadas em qualquer faixa etária, uma vez que podem desempenhar um papel importante no contexto da saúde em geral, trazendo, como consequência, a melhoria da qualidade de vida, vinculada aos estados emocionais positivos que a prática desta modalidade proporciona. Além disso, a socialização se torna um coadjuvante neste processo, dinamizando ainda mais esse benefício em médio e longo prazos.

**REFERÊNCIAS**

ARIJS, C. et al. ‘Leave Your Ego at the Door’: A Narrative Investigation into Effective Wingsuit Flying. **Frontiers in Psychology**, Lausanne, v. 8, n.1, p. 1-10, 2017.

BORTOLI, R. et al . Alterações do estado de humor em praticantes de ecofitness. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 16, n. 2, p. 164-173, 2015.

BRYMER, E.; OADES, L. G. Extreme sports: A positive transformation in courage and humility. **Jornal of Humanistic Psychology**, Thousand Oaks, v. 49, n. 1, p. 114-126, 2009.

BRYMER, E.; SCHWEITZER, R. **Phenomenology and the extreme sport experience.** Abingdon-on-Thames: Routledge, 2017. 194 p.

CLOUGH, P.; MACKENZIE, S. H.; BRYMER, E. Adventurous physical activity environments: a mainstream intervention for mental health. **Sports Medicine**, Nova Iorque, v. 46, n. 7, p. 963-968, 2016.

CRAWFORD, J. J. et al. Extreme sport/adventure activity correlates in gynecologic cancer survivors. **American Journal of Health Behavior**, Oak Ridge, v. 40, n. 2, p. 172-181, 2016.

HODGSON, C. I. et al. Perceived anxiety and plasma cortisol concentrations following rock climbing with differing safety rope protocols. **British Journal of Sports Medicine**, Londres, v. 43, n. 7, p. 531-535, 2009.

HOLMBOM, M.; BRYMER, E.; SCHWEITZER, R. D. Transformations through proximity flying: a phenomenological investigation. **Frontiers in Psychology**, Lausanne, v. 8, p. 1-9, 2017.

HUDSON, S. **Sport and adventure tourism**. Abingdon-on-Thames: Routledge, 2012. 346 p.

IZARD, C. E. Emotion theory and research: Highlights, unanswered questions, and emerging issues. **Anual Review of Psychology**, Palo Alto, v. 60, n. 1, p. 1-25, 2009.

KLEINSTÄUBER, M. et al. Rock climbing and acute emotion regulation in patients with major depressive disorder in the context of a psychological inpatient treatment: a controlled pilot trial. **Psychology Research and Behavior Management**, Auckland, v. 10, n. 1, p. 277-281, 2017.

MACKENZIE, S. H.; HODGE, K.; BOYES, M. The multiphasic and dynamic nature of flow in adventure experiences. **Jornal of Leisure Research**, Abingdon-on-Thames, v. 45, n. 2, p. 214-232, 2013.

TOFLER, I. R.; HYATT, B. M.; TOFLER, D. S. Psychiatric aspects of extreme sports: three case studies. **The Permanente Journal**, Portland, v. 22, n.17, p. 1-6, 2018.

TSAUR, S.-H.; YEN, C.-H.; HSIAO, S.-L. Transcendent Experience, Flow and Happiness for Mountain Climbers. **International Journal of Tourism Research,** Hoboken, v. 15, n. 4, p. 360-374, 2012.

VAN VOORST, R. **Fear!**: Extreme Athletes on How to Reach Your Highest Goals and Conquer Fear and Self-Doubt. Carlsbad: Motivational Press, 2018. 170 p.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E trata-se de um recorte do trabalho apresentado no IX Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura (CBAA) e o III Congresso Internacional de Atividade de Aventura (CIAA) no ano de 2016.

# CAPÍTULO 6

## MEMÓRIAS DE ATENAH:

## TRAJETÓRIAS DE MULHERES BRASILEIRAS NA CORRIDA DE AVENTURA

Fabiana Duarte e Silva[1]

Ludmila Nunes Mourão[1]

Marília Martins Bandeira[1]

[1]Universidade Federal de Juiz de Fora – MG.

### INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A corrida de aventura (CA) pode ser definida como uma competição multiesportiva que combina trechos de *mountain bike*, *trekking,* canoagem, técnicas verticais e orientação cartográfica. Ainda é um esporte pouco conhecido e de pouca divulgação na mídia. Acredita-se que isto ocorra devido a uma logística complexa, ao fato de se desenvolver em ambientes selvagens e com provas de longa duração.

A CA, normalmente é praticada em equipes de duas à quatro pessoas. O quarteto misto, formação exigida no campeonato mundial, tem a obrigatoriedade de ter pelo menos um membro de sexo oposto aos demais. A formação com três homens e uma mulher, é a mais tradicional nas principais competições do Brasil e do mundo. Por esse motivo, Joanne Kay e Suzanne Laberge (2004), sugerem que o campo da CA se constitui em um lugar de legitimação da dominação masculina no esporte, a partir do momento em que as equipes são formadas em conformidade mínima com a regra de gênero, na configuração de apenas uma mulher, e nunca de três mulheres e um homem, por exemplo.

Entretanto, neste esporte dominado por homens, uma equipe chamou atenção. Esta pesquisa investigou a trajetória de vida das mulheres, atletas de corrida de aventura, integrantes da equipe Atenah, única de que se tem notícia no Brasil, até hoje, formada exclusivamente ou em maioria por mulheres.

Este estudo se insere na categoria dos estudos de Gênero, que contribuem para desconstruir o chamado determinismo biológico, que, em muito, dificulta e restringe a prática de esportes considerados viris, de força e de contato, por parte das mulheres (GOELLNER, 2013). Segundo Barbara Humberstone (2001),

na natureza, comumente, as hierarquias de gênero tradicionais são reforçadas. Mas, também pode, em alguns casos, oferecer oportunidades de transgressão, resistência e desafio de ideologias.

## MÉTODO

Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de mestrado, qualitativa de caráter descritivo, que segue os princípios dos estudos de histórias de vida/trajetórias (MONTAGNER, 2007). A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, elaborada sob os preceitos da história oral temática (MEIHY, 1994). As entrevistadas foram realizadas com cinco 5 (cinco) mulheres integrantes da equipe Atenah, que competiram em nível nacional e internacional.

Como as atletas residem em lugares diferentes, duas em São Paulo, uma na França, uma na Nova Zelândia e outra na Espanha, optou-se em realizar as entrevistas por meio de chamada de vídeo no WhatsApp, aplicativo que permitiu pesquisadora e informante se ver e ouvir em tempo real, porém, somente o áudio das entrevistas foram gravados, com uso de um gravador da marca Olympus, modelo VN-6200 PC. Embora haja algumas desvantagens de entrevistar por este meio, como eventuais problemas técnicos, são vantagens de entrevistas *on-line*, a capacidade de alcançar informantes distantes, permitir espaço seguro e conveniente para os participantes (como sua própria casa) e a abertura para repetir respostas e perguntas (SEITZ, 2016).

As entrevistas foram transcritas de acordo com o Manual Básico do Centro de Memória do Esporte (GOELLNER, 2012) e analisadas a partir dos preceitos da Análise de Conteúdo (AC) (BARDIN, 2008).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Encontramos nas narrativas quatro eixos principais: experiências esportivas na infância e juventude; surgimento/ formação da equipe Atenah; dificuldades enfrentadas no esporte e estratégias utilizadas para superá-las e, por fim, a dispersão da equipe.

As atletas entrevistadas relataram que na infância e juventude praticaram diversos esportes, convencionais e ao ar livre, além de atividades na natureza, como campismo hipismo e outras. Todas as informantes obtiveram apoio e incentivo da família à prática esportiva, o que parece ter sido de fundamental importância para suas trajetórias na corrida de aventura, como demonstra o trecho abaixo:

> E.A.: Ah, sempre gostei de esporte. Quando eu era pequena meu pai tinha uma fazenda então eu vivia sempre *outdoor*, sempre me aventurando [...] nadava, de pequena... Bicicleta e... Sempre gostei de estar ao ar livre, praticando atividade física, acampando [...]

O desejo de formar uma equipe exclusiva de mulheres surgiu pelo descontentamento delas com o desempenho dos homens. Ironicamente, constituindo um paradoxo com o histórico da participação das mulheres na maioria dos esportes de aventura na natureza, nos quais, comumente, elas são vistas como mais fracas e menos competentes que os homens.

> S.G.: [...] no final de 99 os franceses vieram pro Brasil pra anunciar [...] uma corrida que teve em 2000 [...] uma prova francesa que teve no nordeste. E aí eles vieram conversar com a gente, eu estava com um monte de amigas, a gente reclamando dos homens na corrida né, tipo, ah os caras tem bolhas, os caras não aguentam [...] E eles falaram assim "porque vocês não montam uma equipe feminina?" [...] A gente virou e falou assim: É, mas pode? Pode só de mulher? Ele falou: "Na minha prova pode" Aí a gente falou, nossa, vamos fazer [...]

Quando questionadas se sofreram preconceitos pelo fato da equipe ser formada exclusivamente por mulheres, a maioria das atletas relatou que não perceberam preconceito direto, exceto no início, em casos isolados.

> E.A.: Não... Ah, no começo tinha é, um pouco, de "ah, é mulher" [...] quando nós formamos a Atenah [...] as equipes de apoio durante o evento, durante a prova, faziam apostas pra quando a equipe, a nossa equipe ia desistir [...]
>
> S.G.: Então, no comecinho também teve uma corrida que a gente ganhou e aí rolou uma mentirada, assim, a galera começou a dizer que a gente estava pagando pra alguém mostrar caminho. Teve uma vez, que foi, uma corrida só, que foi a segunda corrida que a gente ganhou de todas as equipes, só com uma mulher [...] a galera saiu matando, assim, os atletas mesmo, dizendo que a gente estava roubando... Que não era possível a gente ter ganhado... Enfim, mas depois a gente provou que a gente ganhou mesmo [risos].

As narrativas corroboram com os achados de Joanne Kay e Suzanne Laberge (2004), em estudo denominado "*Mandatory Equipment: Women in Adventure Race"*. As pesquisadoras utilizam as concepções de 'campo' e 'poder simbólico' de Pierre Bourdieu como arcabouço teórico para explicar a CA como processo social dotado de um sistema simbólico construído simultaneamente por discurso e prática. Conquanto a regra da competição garante a permanência das mulheres no esporte, enredada por um discurso igualitário, na prática, a naturalização da diferença-fraqueza das mulheres e o privilégio da força física (atribuída aos homens) como 'capital dominante no campo' legitimam a dominação dos homens na CA.

Entretanto, enquanto nos estudos de Kay e Laberge (2004) as mulheres de equipes tradicionais utilizavam-se de "estratégias de conservação" para acumular diferentes formas de capital simbólico (físico, social, cultural, econômico etc), reificando sua própria subordinação, as atletas da Atenah, ao formar uma equipe exclusiva de mulheres, utilizaram-se de "estratégia de subversão", travando, mesmo que inconscientemente, uma luta por poder, no campo da CA.

Segundo Bourdieu, mesmo que essas estratégias sejam orientadas por interesses, elas não são o resultado da escolha racional e sim, gerados pelo que o sociólogo chamou de "sentido prático" ou "sentir pelo jogo", ou seja, a forma prática como os agentes sociais respondem às oportunidades e restrições de uma determinada circunstância de acordo com sua posição de poder, em um campo (Bourdieu, 2012). Portanto, a formação da Equipe Atenah foi possível pois as atletas gozavam de capital simbólico (físico, financeiro, cognitivo e social).

É curioso observar que existe um paradoxo nas estratégias utilizadas pela equipe Atenah. Ao mesmo tempo em que elas utilizaram uma "estratégia de subversão'' na formação da equipe exclusiva de mulheres, elas também utilizaram "estratégias de conservação", com objetivo de se manterem no esporte, legitimando assim, sua subordinação. Este fato fica claro no trecho de entrevista a seguir:

> M.T.: [...] Tiveram várias etapas de remo na Croácia e [...] remo é uma modalidade que pra mulher é muito difícil [...] A gente chegou... na verdade a gente chegou em terceiro lugar, mas eles arrumaram um jeito de dar uma zona lá nos resultados e colocar a gente em quarto, pra não pagar premiação, mas a gente foi super bem e... Apesar dessa limitação. Era tipo sessenta e cinco por cento da prova era remo. Então... A gente fez um milagre, sabe?

> F.S.- Mas você acredita... Nessa questão do resultado. Você acredita que foi pelo fato de serem mulheres? Uma equipe exclusiva de mulheres? (Fabiana Silva – Pesquisadora).
>
> M.T.- Não. Eu acho que... Ele convidou, na verdade a equipe, então ele deu a inscrição pra gente então... É... Eu acho que ele queria premiar em dinheiro aqueles que tinham pago... É... Pagado pra fazer a prova, sabe? Então... A gente... A gente foi lá mais por *marketing,* que ele não convidou nenhuma outra equipe. Todas as outras pagaram pra fazer inscrição. Mas foi super legal. Foi fantástica a experiência. Pra nós quatro. Foi demais.

Segundo Joanne Kay e Suzanne Laberge (2004), a CA constitui um sistema simbólico de classificação social, servindo como instrumento de dominação, legitimando a hierarquização social, estimulando, como explica Bourdieu, os dominados a aceitar as hierarquias existentes no campo. Desta forma, pelo discurso das atletas, é possível observar que elas jogam o jogo da CA, ao não perceber, ou fingir não perceber as regras da manutenção da hierarquia de gênero, pormenorizando as dificuldades enfrentadas, frente às experiências positivas vividas no esporte.

Sobre o fim da equipe, as atletas apontaram algumas questões individuais de suas vidas, como mudança de país, falta de recursos financeiros para continuar competindo, como a falta de patrocínio, necessidade de trabalhar, entre outras. Porém, os motivos que apareceram com maior frequência foram o casamento e o nascimento dos filhos, como observado nos trechos de entrevistas:

> S.G.: Cada uma foi pra um canto, daí todo mundo foi ter filho. Eu tive filho, a Nora teve filho [...] Mas a gente em breve vai fazer uma reedição da Atenah, agora que os filhos estão crescendo [...] Eu demorei até... Eu acho que eu casei tarde por causa disso, corrida de aventura [risos]. Certeza [risos]. Passei muito tempo rodando o mundo aí em vez de procurar marido [risos].
>
> K.L.: Porque a vida... A gente... Envelheceu, começou a ter filho... A Nora foi morar na Nova Zelândia, ela conheceu um neozelandês... Eu vim morar na França... E a Shubi ficou no Brasil [risos] [...]

Pesquisa com abordagem feminista pós-estruturalista, investigou mães praticantes de *snowboard*, mostrando que elas superaram as expectativas sociais criadas pelo que os autores chamaram de “ideologia da maternidade” e redefiniram o significado de “boa mãe”. Também encontrou que o apoio de parceiros e membros da família é essencial para a permanência das mães neste esporte (Spowart, L.; Burrows, L.; Shaw, S.,2010).

Esses achados sugerem que o casamento e a maternidade podem estar relacionados a dificuldades de mulheres se manterem competitivas na CA.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Atenah* transgrediu a norma, num esporte dominado por homens. Com uma equipe só de mulheres competindo contra equipes formadas majoritariamente por homens, derrubou o determinismo biológico conquistando pódios e chegando ao topo dos *rankings*.

Mas por mais que tenham sido pioneiras, transgressoras e excepcionais no seu esporte, a análise dos motivos que levaram ao fim da equipe sugere que o engajamento da mulher na corrida de aventura pode ser ameaçado pelas instituições do matrimônio e da maternidade.

Entretanto, há necessidade de novos estudos para investigar a relação de gênero, maternidade e envolvimento de mulheres neste esporte.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 226p.

BOURDIEU, P. (1930-2002) **O Poder Simbólico**/ Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portigal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 322p.

GOELLNER, S. V. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da educação física. *In:* DORNELLES, P.G.; WERNETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Org.). **Educação Física e Gênero**: Desafios educacionais. Ijuí: Editora Unijuí, 2013. p. 23-43.

GOELLNER S. V. Projeto Garimpando Memórias: **Manual Básico do Centro de Memória do Esporte**.

Porto Alegre, 2012.

HUMBERSTONE, B. ‘Transgressões de gênero e naturezas contestadas’. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.28, n.3, p.21-38, 2007

KAY J.; LABERGE S ‘Mandatory equipment. Women in adventure racing. In: Wheaton, B **Understanding lifestyle sports.** Consumption, identity and difference. London: Routledge, 2004. p.154-174.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 2005. 290p.

MONTAGNER, M.A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias** [online]. 2007, n.17, p.240-264

SEITZ, S. Pixilated partnerships, overcoming obstacles in qualitative interviews via skype: A research note. **Qualitative Research**, 2016, n.16, p.229–235.

SPOWART, L.; BURROWS, L.; SHAW, S. Snowboarding mums carve out fresh tracks: Resisting traditional motherhood discourse? **Annals of Leisure Research**, 2008, v. 11, n.13, p.187-204.

# CAPÍTULO 7

## "A VERDADEIRA AVENTURA":

## RELATO DE UMA MÃE-ATLETA DE CORRIDA DE AVENTURA NA ETAPA DO CAMPEONATO MUNDIAL

Fabiana Duarte e Silva[1]

Ludmila Nunes Mourão[1]

Marília Martins Bandeira[1]

[1]Universidade Federal de Juiz de Fora – MG.

### INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Esta pesquisa analisa a narrativa de uma mãe atleta de corrida de aventura (CA), sobre sua participação na etapa do campeonato mundial da modalidade. As narrativas são usadas constantemente por pesquisadores que se dedicam às investigações qualitativas para observar os processos vividos pelos envolvidos, pois tratam da representação da realidade dos sujeitos, constituindo assim, rico material para pesquisa sócioantropológica (CUNHA, 1997).

A CA pode ser definida como uma competição multiesportiva em que participam equipes formadas, na maioria dos eventos, por mulheres e homens, sendo exigência da regra ao menos uma pessoa de gênero distinto dos demais membros de sua equipe. A CA tem como objetivo percorrer longas distâncias em diferentes modalidades esportivas tal como *mountain bike, trekking,* canoagem, técnicas verticais e orientação cartográfica, no menor tempo possível, exigindo o máximo de resistência física e psíquica, por passar em locais selvagens (TOGUMI, 2017).

Estudo anterior que investigou uma equipe de CA composta exclusivamente por mulheres, ou que, em alguns eventos, participou com três mulheres e apenas um homem, sugere que o engajamento da mulher na corrida de aventura pode ser ameaçado pelas instituições do matrimônio e da maternidade. Discursos culturais sobre maternidade, relacionados ao esporte, podem interferir nas identidades de mães atletas ao

produzir diferentes efeitos resultantes, como por exemplo, sofrimento, melhoria/ redução psicológica e de desempenho e desengajamento esportivo (MCGANNON; MCMAHON; GONSALVES, 2018).

Entendemos que as práticas esportivas não podem ser um espaço regido por normas comportamentais de masculinidade e feminilidade, tampouco um espaço de reprodução de papéis sociais culturalmente relacionados a homens e mulheres (LOURO, 1995). Os estudos feministas e de gênero, negam binarismos e exaltam as diversas formas de masculinidades e feminilidades (GOELLNER, 2013).

## MÉTODO

Esta pesquisa qualitativa foi realizada por meio de análise de narrativa pessoal de Camila Nicolau, publicada no Blog da assessoria esportiva da própria atleta e de seu marido, que também é praticante de CA.

Camila produziu o relato após participação em uma etapa do campeonato mundial de CA, no Paraguai, onde, juntamente com seu marido Guilherme Paul, competiu completando o quarteto da equipe espanhola 'Columbia'. Seria apenas mais uma prova importante para o experiente casal de atletas, não fosse o fato da companhia de seu filho Kilian, na ocasião com oito meses de vida. A análise dos relatos da atleta foi descritiva e apresentou os seguintes resultados.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Fica claro na narrativa abaixo que a mãe atleta vive um dilema entre priorizar a *performance* esportiva e manter os cuidados com o filho recém-nascido.

> "Aceitar o desafio de correr com uma das melhores equipes do mundo, a Columbia [..], já seria motivo suficiente para muita ansiedade e euforia. No entanto, esse seria também o meu retorno, após a gravidez, às provas de expedição e por isso, me questionei por alguns meses se seria mesmo capaz de dar conta desse time.
>
> Brigar pela vitória e amamentar nas áreas de transição de modalidade durante a prova são coisas completamente antagônicas. Priorizar meu filho em meio a competição poderia ser trágico para a nossa *performance*, mas mesmo assim, minha vontade era grande e esse era um time dos sonhos! Acreditei que daria certo". (Relato de Camila Nicolau, disponível na íntegra em: http://oficinamultisport.com.br/blog/18/a-verdadeira-aventura. Acesso em: 06 de julho de 2018).

Estudos evidenciam que normas culturais de ‘boa mãe’ e cuidados ideais com os filhos, podem dificultar o engajamento em atividade física das mulheres. Essas perspectivas normativas enfatizam que as mulheres devem cuidar das crianças e colocar as necessidades da família acima das suas próprias (MILLER & BROWN, 2005).

Em outro trecho da narrativa, fica claro seu sentimento de culpa em relação à dedicação ao esporte.

> Logo após a largada me bateu um sentimento de “o que que eu estou fazendo aqui?!”. Me senti um pouco culpada, tipo a mãe desnaturada que abandona o filho, mas estava tudo muito bem combinado com o Arnaldo e qualquer coisa grave que acontecesse, o Kilian era prioridade.

Pesquisa que investigou mães praticantes de *snowboard*, mostrou que elas superaram as expectativas sociais criadas pelo que os autores chamaram de “ideologia da maternidade” e redefiniram o significado de “boa mãe”. Também encontrou que o apoio de parceiros e membros da família é essencial para a permanência das mães neste esporte (SPOWART; BURROWS; SHAW, 2010). Camila Nicolau também consegue redefinir o conceito de ‘boa mãe’, provando que é possível assumir identidade de mãe e atleta de alto rendimento, contando com o apoio e cooperação da família (no caso, o marido, que competia junto dela) e do amigo Arnaldo, que se encarregou dos cuidados com o bebê, enquanto mãe e pai competiam.

A complexidade das estratégias (“logística com o Kili”) utilizadas pela mãe atleta para desempenhar a dupla função, pode ser sintetizada neste trecho da narrativa:

> A logística da prova estava relativamente simples e nos organizamos facilmente para a largada. O mesmo não pude dizer da **logística com o Kili**. Começando porque não pude congelar meu leite no freezer do primeiro hotel que ficamos e todo ele descongelou [...] A logística da prova estava realmente fácil perto dessa outra... (Grifo nosso).

Estudo sugere que mães precisam fazer ‘malabarismos’ para manter a prática esportiva, o trabalho e os cuidados com os filhos. (MCGANNON; MCMAHON; GONSALVES, 2018).

Emma Belforth (2013) estudou mães atletas de elite em esportes de *endurance.* Os dados foram analisados utilizando Boudieu e seu conceito de ‘*Habitus*’ e ‘Campo’. Concluiu que as mães têm um forte *‘habitus’* esportivo, mas dividem partes de suas identidades do esporte, já que este não é mais o único capital social; o amor e a relação com os filhos é um importante capital social e contribui de uma forma positiva para

o seu campo nos esportes. Camila também demonstra encontrar motivação no filho, sabendo que o encontraria nas áreas de transição (AT) da prova, como observamos no trecho a seguir:

> Eu os veria uma vez ao dia para amamentar e movida a esse encontro diário me motivei mantendo o foco e em boa sintonia com o time[...] Ao escurecer do primeiro dia havíamos deixado pra trás 11km de canoagem, 7km de orientação a pé, mais 20km de canoagem e 42km de trekking num total de 80km. No final do trekking de 42km encontrei pela primeira vez com o Kili e ele mamou vorazmente meus dois peitos que estavam bem empedrados do leite parado lá por muito tempo, foi um alívio!

A equipe de Camila venceu a prova, e a mãe atleta fez história ao subverter a norma, provando que é possível conciliar maternidade e esporte de alto rendimento.

> Sem pressa, pude amamentar e relaxar. Tudo havia passado e de agora em diante voltava para a verdadeira aventura da minha vida que é ser mãe.

De acordo com os estudos de Emma Belforth (2013), seu filho Kilian, e seu novo papel em seu novo campo de mãe, conferiram à Camila um novo 'capital simbólico' (Bourdieu, 2012). Ela agora possui alto capital simbólico em dois campos e seu desafio é equilibrá-los.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de Camila Nicolau demonstra que, apesar de ser possível conciliar maternidade e esporte de *endurance* de alto rendimento, há muitas barreiras a serem enfrentadas pelas mães atletas nesta sociedade patriarcal em que vivemos. Para que isto se torne possível, o apoio do companheiro, família e amigos é fundamental nesse processo.

Embora alguns atletas provem que é possível voltar a competir no nível de elite após o parto, e fazê-lo com ótimos resultados, representam uma minoria. A maioria das atletas prefere não retornar aos esportes de elite depois de dar à luz (BELFORTH, 2013).

Entretanto, há necessidade de novos estudos para investigar mães atletas e até mesmo mulheres que optaram em abandonar o esporte competitivo após o parto, para maior conhecimento neste campo.

## REFERÊNCIAS

BELFORTH, E. The elite endurance athlete as a mother - A case study of four elite endurance sporting women. **Göteborgs universitets publikationer - elektroniskt arkiv**, 2013. p. 43. Disponível em: <https://gupea.ub.gu.se/handle/2077/34408>. Acesso em 29 de julho de 2018.

BOURDIEU, P. (1930-2002) **O Poder Simbólico**/ Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portigal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 322p.

C U N H A, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **R. Fac. Educ**, São Paulo, v.23, n.1/2, p.185-195, jan./dez. 1997.

GOELLNER, S. V. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da educação física. *In:* DORNELLES, P.G.; WERNETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Org.). **Educação Física e Gênero**: Desafios educacionais. Ijuí: Editora Unijuí, 2013. p. 23-43

LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, v.20. n.2, p.101-132, jun./dez. 1995.

MCGANNONA, K. R; MCMAHONB, J.; GONSALVESA, C.A. Juggling motherhood and sport: A qualitative study of the negotiation of competitive recreational athlete identities. **Psychology of Sport & Exercise**, Tasmania, v. 36, p.41–49, 2018.

MILLER, Y. D.;BROWN, W. J. Determinants of active leisure for women with young children - an “ethic of care” prevails. **Leisure Sciences**, v.27, 405 – 420, 2005

SPOWART, L.; BURROWS, L.; SHAW, S. I just eat, sleep and dream of surfing: When surfing meets motherhood. **Sport in Society**, 2010, n.13

TOGUMI, W. A corrida de Aventura. In. FONSECA, C. **Corrida de Aventura**: A natureza é nosso desafio. São Paulo. Editora Labrador, 2017. p.13-25.

# CAPÍTULO 8

## SK8 4 FUN[1]! E PARA A SAÚDE TAMBÉM!

Flávio Antônio Ascânio Lauro

Pesquisador Autônomo

### INVENÇÃO E EVOLUÇÃO DA PRÁTICA DE SKATE

Há indícios de que os primeiros skates teriam surgido nos Estados Unidos (EUA) a partir de uma versão alternativa e artesanal de patinetes no início do século 20 (BROOKE, 1999).

No Brasil, os primeiros exemplares de skates apareceram em meados da década de 1960 na cidade do Rio de Janeiro e eram industrializados e importados ou construidos artesanalmente, segundo o relato de um skatista veterano (CHAVES, [2000).

O skate e a sua prática passaram por várias fases de altos e baixos desde a sua invenção (BRITTO, [2000]; BROOKE, 1999) e pesquisas apontam para o grande número de praticantes de skate em todo o mundo atualmente. Provavelmente, Brasil e Estados Unidos (EUA) sejam os países com mais skatistas no mundo. Em pesquisa presencial realizada pelo Instituto Datafolha no ano de 2015 indicou a possível existência de quase 8,45 milhões de skatistas no Brasil (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE, 2016). Nos EUA por intermédio de pesquisa *online*, a empresa Statista previu que existiam por volta de 6,38 milhões skatistas em 2017 (STATISTA, 2017).

Desde o final do século passado a prática de skate tem conseguido se manter estável e numa posição de destaque. De uma prática marginalizada e até mesmo proibida, andar de skate se tornou algo bem popular, muito bem aceito e desejado por vários setores da sociedade (LAURO, 2011). Entre eles o Comitê Olímpico Internacional, que em 2016 anunciou oficialmente a entrada da modalidade skate no programa dos Jogos Olímpicos de Verão de Tóquio (Japão) em 2020 nas provas de *Street* e *Park* com as competições masculina e feminina (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2016).

[1]A expressão *"SK8 4 Fun"* ou *"Skate for Fun",* que em tradução livre para o português significa "Ande de Skate para se Divertir", é muito popular entre os skatistas do mundo inteiro desde os anos 1980.

### POSSIBILIDADES DA PRÁTICA DE SKATE

A prática do skate começou e continua sendo principalmente como uma forma de lazer. Mas com o decorrer do tempo, houve o processo de esportivização com a busca do alto rendimento, criação de regras para as competições e os competidores, a formação das organizações esportivas de vários níveis, entre outras transformações (BASTOS; STIGGER, 2009).

Uma outra possibilidade para a prática de skate é como meio de transporte, que além de não poluir o ar, pode ajudar a diminuir o trânsito e colaborar para o aumento do nível de atividade física e exercício físico diário e, consequentemente, diminuir o sedentarismo e suas repercussões na saúde da população. Entretanto, a legislação brasileira ainda não considera o skate como um veículo (BRASIL, 2010).

Seja por lazer, esporte ou meio de transporte, andar de skate é atividade física e exercício físico e poderia contribuir para a aquisição, manutenção ou melhoria da saúde da população. Diversas instituições e pesquisadores importantes ligados às diversas áreas da saúde recomendam em qualquer fase da vida, entre outras atitudes, uma vida com mais atividades físicas e exercícios físicos para se obter saúde, melhoria na qualidade de vida e longevidade (CHODZKO-ZAJKOCITAÇÂO, 2009; GARBER, 2011).

## BENEFÍCIOS FÍSICOS E FISIOLÓGICOS DA PRÁTICA DE SKATE

Apesar de existir há bastante tempo e possuir um grande número de adeptos em todo o mundo, ainda são poucas as publicações científicas sobre os efeitos positivos da prática de skate no organismo humano.

Para a realização da análise de possíveis benefícios físicos e fisiológicos da prática de skate em algumas das capacidades físicas do condicionamento físico ligadas à saúde foram realizadas duas pesquisas bibliográficas[2]. Uma de forma *online* em periódicos dos principais bancos de dados ligados à saúde (LILACS, SciELO e PubMed) em 27 de outubro de 2018 e outra em consulta aos anais dos encontros anuais do Colégio Americano de Medicina Esportiva de 1996 a 2013. Foram encontrados mais de 1.300 estudos, mas selecionados apenas seis estudos que atenderam aos objetivos da análise proposta. Foi incluída também nesta análise uma reportagem em revista de senso comum especializada na prática do skate (Revista Tribo Skate) por atender aos objetivos propostos.

Ascânio (1992) relatou de forma geral os principais resultados da bateria de testes físicos e medidas corporais com sete skatistas brasileiros competitivos. Todos eles obtiveram ótimos resultados na capacidade aeróbia (bem acima da média populacional). A maioria deles apresentou valores abaixo da média da população para força muscular de membros superiores e abdominal e de flexibilidade de quadril. Alguns estavam com percentual de gordura corporal acima do ideal.

O estudo com 13 skatistas brasileiros competitivos nos testes em dinamômetro isocinético apresentou resultados acima da população em geral nos níveis de (1) força e (2) resistência dos músculos extensores e flexores dos joelhos dos dois lados, no (3) equilíbrio muscular (extensores vs. flexores) adequado para o mesmo lado do corpo e (4) contralateralmente (extensores direitos vs. extensores esquerdo; flexores direitos vs. flexores esquerdo) também (LAURO et al., 1999).

Quatro estudos envolveram testes ergoespirométricos: Lauro et al. (2000) com 19 skatistas brasileiros competitivos; Hunt et al. (2003) com cinco skatistas (duas mulheres e três homens) de níveis variados de habilidade; Hetzler et al. (2011) com dez skatistas (duas mulheres e oito homens) com nível seguro de habilidade; Board et al. (2014) com 15 skatistas experientes de *longboard*. Independentemente das características específicas de cada estudo, todos demonstraram valores e comportamentos de consumo de oxigênio interessantes para a saúde em termos de capacidade aeróbia e consumo energético. Adicionalmente, os estudos de Hunt et al. (2003), Hetzler et al. (2011) e Board et al. (2014) que utilizaram o skate nos testes, apontaram também para a possível utilização do skate como meio de transporte.

Furr et al. (2018) analisaram o comportamento da frequência cardíaca, a duração e as distâncias percorridas por 71 skatistas recreativos jovens (63 do sexo masculino e 8 do sexo feminino com idades entre 6 e 17 anos) durante a prática de skate em parques de skate de suas comunidades. Os resultados sugeriram que as intensidades e duração das práticas de skate dos voluntários estão de acordo com as recomendações do Colégio Americano de Medicina Esportiva e Associação Americana do Coração para a capacidade aeróbia na juventude.

[2]Os termos corretos para a pesquisa bibliográfica são "*skateboard*" (o equipamento) e "*skateboarding*" (a prática em si). Entretanto, na maioria dos países (inclusive nos EUA) costuma-se coloquialmente utilizar apenas a palavra "skate" nas duas situações.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar dos poucos estudos encontrados sobre os efeitos físicos e fisiológicos da prática de skate em importantes parâmetros ligados à saúde e o condicionamento físico, os resultados destes estudos foram positivos e servem de estímulo para os skatistas e não skatistas. Estes resultados se mostraram benéficos para a saúde e obtenção de bons níveis de alguns dos componentes ligados ao condicionamento físico, os quais favorecem diretamente a melhoria na qualidade de vida, a longevidade e o desempenho físico. Como o número de skatistas mundialmente é grande e, provavelmente, poderá aumentar pela inclusão do skate nos

próximos Jogos Olímpicos de Verão de Tóquio no Japão em 2020, torna-se ainda mais importante e urgente a maior compreensão das repercussões da prática do skate no organismo humano, quer seja para a saúde ou o alto rendimento,

**REFERÊNCIAS**

ASCÂNIO, F. Avaliando o skate. **Revista Tribo Skate**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 19, 1992.

BASTOS, B. G.; STIGGER, M. P. O Segredo do sucesso: apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n.3, p. 163-186, jul./set. 2009.

BOARD, W. J.; BROWNING. Self-selected speeds and metabolic cost of longboard skateboarding. **European Journal of Applied Physiology**, n. 114, p. 2381-2386, ago. 2014.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Código de Trânsito Brasileiro.** Brasília: Câmaras, 2010. p. 62-64.

BRITTO, E. [Ed.]. **A Onda Dura:** 3 décadas de skate no Brasil. São Paulo: Parada Inglesa, [2000]. 112p.

BROOKE, Michael. **The Concrete Wave:** the history of skateboarding. Toronto: Warwick, 1999. 197p.

CHAVES, Cesinha. In: BRITTO, Eduardo [Org.]. **A Onda Dura:** 3 décadas de skate no Brasil. São Paulo: Parada Inglesa, [2000]. p. 12-29.

CHODZKO-ZAJKO, W. J.; PROCTOR, D. N.; FIATARONE SINGH, M. A.; MINSON, C. T.; NIGG, C. R.; SALEM, G. J.; SKINNER, J. S. AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE position stand. Exercise and physical for older adults. **Medicine & Science in Sports & Exercise**, Baltimore, v. 41, n. 7, p. 1510-1530, jul. 2009.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **COI admite cinco novos esportes no Programa Olímpico.** Brasília: COB, 2016. Disponível em: <http://www.cob.org.br/pt/noticia/coi-admite-cinco-novos-esportes-no-programa-olimpico>. Acesso em 27 out. 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE. **Pesquisa Datafolha 2015.** São Paulo: CBSk, 2016. Disponível em: <http://umti.com.br:8040/eventos/pesquisa-datafolha-2015>. Acesso em 27 out. 2018.

FURR, H. N.; NESSLER, J. A.; NEWCOMER, S. C. Characterization of heart rate responses, duration, and distances traveled in youth participation in recreational skateboarding at community skateparks. **The Journal of Strength & Conditioning Research**, no prelo, jun. 2018.

GARBER, C. E.; BLISSMER, B.; DESCHENES, M. R.; FRANKLIN, B. A.; LAMONTE, M. J.; LEE, I. M.; NIEMAN, D. C.; SWAIN D. P. AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE position stand. Quantity and quality of exercise for developing and maintaining cardiorespiratory, musculoskeletal, and neuromotor fitness in apparently healthy adults: guidance for prescribing exercise. **Medicine & Science in Sports & Exercise**, Baltimore, v. 43, n. 7, p. 1334-1359, jul. 2011.

HETZLER, R.K.; HUNT, I; STICKLEY, C. D.; KIMURA, I. F. Selected metabolic responses to skateboarding. **Research Quartely for Exercise and Sport**, v. 82, n. 4, p. 788-793, dez. 2011.

HUNT, I. K.; MARTIN S; HETZLER, R. K. Metabolic responses to skateboarding. In: AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE ANNUAL MEETING, 50., 2013, San Francisco. **Anais...** Baltimore: Lippincott Willians & Wilkins, 2013.

LAURO, F. A. A. Skate: de vilão a mocinho. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA - Entre o Urbano e a Natureza: a inclusão na aventura, 2010, São Bernardo do Campo. **Coletânea...** São Paulo: Lexia**,** 2011. p. 69-73.

LAURO, F. A. A.; DANUCALOV, M. Á. D. O elemento aventura no meio universitário: a formação acadêmica pelos esportes de prancha. In: UVINHA, Ricardo Ricci (Org.). **Turismo de Aventura:** reflexões e tendências. São Paulo: Aleph, 2005. p.103-136.

LAURO, F. A. A.; SHINZATO, G. T.; SAMPAIO, I. C. S. P.; GONÇALVES, A.; BATTISTELLA, L. R. Concentric knee isokinetic strength and power of Brazilian professional skateboarders. In: AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE ANNUAL MEETING, 46., 1999, Seattle. **Anais...** Baltimore: Lippincott Willians & Wilkins, 1999.

LAURO, F. A. A.; SILVA, P. R. S.; GONÇALVES, A. F.; DOURADO, M. P.; BATTISTELLA, L. R. Maximal oxygen uptake of Brazilian professional skateboarders. In: AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE ANNUAL MEETING, 47., 2000, Indianapolis. **Anais...** Baltimore: Lippincott Willians & Wilkins, 2000.

STATISTA. **Hobbies.** New York: 2017. Disponível em: <http://www.statista.com/statistics/191308/participants-in-skateboarding-in-the-us-since-2006/#0>. Acesso em 26 out. 2018.

# CAPÍTULO 9

## ATIVIDADES DE AVENTURA NA PERSPECTIVA MULTIDIMENSIONAL DOS VIDEOGAMES

Guilherme Augusto Rinck[1]

Amanda Mayara do Nascimento Cardoso[2]

Gisele Maria Schwartz[2]

[1]Licenciando em Matemática, IGCE/UNESP – Rio Claro, SP.

[2]LEL - Laboratório de Estudos do Lazer, DEF/IB/UNESP – Rio Claro, SP.

A gamificação representa um processo de utilização de técnicas, mecânicas e dinâmicas relacionadas aos jogos, nos âmbitos social, educacional e profissional (LANDERS et al., 2018). Entre os principais objetivos da inserção da gamificação, estão a melhoria do aprendizado, a ampliação da eficiência em diversas tarefas, o aumento da curiosidade, do interesse, da criatividade, da motivação para novas ações, nos ambientes fora do contexto do entretenimento. As características desse processo, voltadas a novas conquistas, com metas bem definidas, seduzem os participantes e a utilização de jogos para além da vertente de diversão foi amplificada, devido ao avanço dos dispositivos eletrônicos móveis e de tecnologias, como os videogames.

O potencial dos videogames, conforme evidenciam Granic et al. (2014), afeta as dimensões motivacional, social, emocional e cognitiva, conforme o modo como estes são apropriados. Assim, muitos estudos já apontam o potencial dessas mídias nos contextos da educação, do trabalho e, também, no âmbito terapêutico, envolvendo a saúde.

Para garantir que determinado videogame afete uma ou mais das quatro dimensões, os desenvolvedores de jogos procuram criar um ambiente projetado com elaborada produção artística, para oferecer uma experiência marcante. Estas obras artísticas incorporam mensagens subliminares, capazes de promover os substratos e aguçar os sentidos afetivos. Isto ocorre, inclusive, no tocante aos temas relacionados com as atividades de aventura.

Na evolução histórica dos videogames, é consenso entre os historiadores que o primeiro jogo foi criado por Willy Higinbotham, em 1958, o qual trabalhava no Brookhaven Nacional Laboratories, no estado de Nova York (REIS, 2005). O primeiro jogo eletrônico memorável foi o “Tennis Programming”, simulando uma partida de tênis reproduzida em um osciloscópio e era jogável com dois controles de alumínio. Seu produtor adaptou-o para ser exibido em monitores, batizando o novo projeto de “Tennis for two”. Mais tarde, o projeto foi vendido a uma empresa que possibilitou sua comercialização.

Outro grande projeto, o qual causa divergências históricas quanto ao primeiro jogo eletrônico já produzido, é o “Spacewar”. Criado no ano de 1962, o jogo utilizava conceitos reais da física, como aceleração e gravidade, para estimular os visitantes a ingressar no mundo da informática (REIS, 2005).

O primeiro protótipo de videogame patenteado foi o “Brown Box”. Em 1968, Ralph Baer apresentava um aparelho doméstico de baixo custo, o qual, por meio de um aparelho televisor, poderia entreter o consumidor. Já o primeiro videogame patenteado foi o “Odyssey 100”, também desenvolvido por Ralph Baer. Lançado em 1972, o aparelho possuía jogos como “Ski” e “Soccer”.

Em 1985 e 1986 são lançados o Nintendo NES e o Megadrive (SEGA), respectivamente, disputando mercado com outros jogos. Os carros-chefes dessas empresas eram, respectivamente, *Super Mario* Bros e *Sonic the Hedgehog,* clássicos jogos de aventura. A disputa continuou no ano de 1988, quando a SEGA lança o Genesis e em 1990 a Nintendo lança o SNES. Já em 1994, a Sony lança o videogame mais popular da história, o PlayStation (atualmente PlayStation One, ou PSOne). Jogos como *Tony Hawk’s Pro Skater 2* e *Winning Eleven 3,* foram, ambos, sucesso de venda. Em março de 2000, a Sony lança seu sucessor, o Playstation2, console que passa a trazer conexão com a internet e leitor de DVD. Este possuía títulos *NBA 2K8* (simulador de partidas de basquete), *FIFA Street 2* (simulando partidas de futebol em ambiente urbano e *Ico* (jogo de aventura ambientado em castelos e colinas, onde surgem desafios de quebra-cabeças e movimentação).

O GameCube é lançado em 2001 pela Nintendo e, diferente do PlayStation2, a empresa não deu muita ênfase em jogos *online* (REIS, 2005), mas preferiu investir na eficácia da conexão entre seu console e seu portátil, criando possibilidades interativas, com o uso do cabo Game Link e o inovador controle sem fio. Esse console tinha jogos com diferentes temáticas, esportivos e de aventura, como por exemplo: *Mario Golf: Toadstool Tour*, *Disney Sports Basketball* e *Madden NFL 2003* (simulador de futebol americano). Também em 2001, a Microsoft oferece o lançamento do X-Box. Entre seus jogos pode ser citado *SX Super Star* (corrida de motos em estrada de terra).

Em março de 2005, a Microsoft lança seu sucessor, o Xbox 360. Para tal console, existem mais de 1400 jogos. De acordo com a loja virtual da Microsoft (MICROSOFT MARKET PLACE, 2018), estão listados 450 jogos de aventura e 108 de esporte e recreação. Em 2006, ocorrem dois lançamentos importantes, envolvendo o PlayStation 3 pela Sony e o Nintendo Wii, pela Nintendo. Esse último foi considerado revolucionário, pois, com seu controle e com o sensor incluso no console, o jogador poderia realizar movimentos com o corpo, os quais seriam reconhecidos. Esse console trouxe novas possibilidades para os jogos, como simular uma atividade de remo, dentro das atividades de aventura. Vários jogos fizeram bom uso desse recurso, como o Mario Kart Wii, em que o jogador controla os volantes por meio do movimento do controle, ou como em Just Dance, em que o jogador realiza passos de dança, acompanhando acompanhar o dançarino personagem no jogo.

A Microsoft traz, em 2010, o Kinect, sensor que era conectado ao Xbox 360, o qual reconhecia movimentos, assim como o controle da Nintendo, porém, utilizando somente o corpo. *Kinect Sports* traz diversas atividades, como remo, escalada e outros, possibilitando novas investidas nas atividades de aventura, como em Kinect Adventures, por meio do qual o jogador passa por corredeiras e por testes de reflexos, tampando vazamentos com os braços. Em paralelo, também em 2010, a Sony lança no mercado o PlayStation Move, um controlador para o PlayStation 3, utilizado juntamente com o PlayStation Eye (câmera digital utilizada no console, permitindo que o jogador se comunicasse com outros jogadores, por meio da rede e, também, interações nos jogos). Este tinha o funcionamento parecido com o controlador do Nintendo Wii, já que exigia um controlador em mãos para a realização dos movimentos.

Em 2012, a Nintendo lança o Wii U. Este console prometia uma nova revolução no mercado, trazendo uma tela em seu controlador. Entre os jogos, estavam *Mario Sports Mix* (jogo com várias modalidades esportivas) e *Kirby and the Rainbow Curse* (jogo de aventura, onde o personagem enfrenta várias fases, por meio do caminho construído pelo jogador).

Em 2013, a Microsoft e a Sony lançam seus novos videogames, o XboxOne e o Playstation 4, respectivamente. A Microsoft continua na aposta do Kinect, trazendo melhorias, como maior campo de visão do sensor, melhor resposta com os movimentos do usuário e usabilidade dos jogos. Entre eles, são representatives jogos como: *Xbox Fitness, Zumba Fitness World Party, Dance Central Spotlight.* Já a Sony, continua com o uso do controlador PlayStation Move, porém, em 2016, apresenta o PlayStation VR, que é um conceito utilizado para jogos no PlayStation 4, com base na realidade virtual. No jogo *Robinson: The Journey*, o jogador é inserido em um ambiente contendo ficção científica e dinossauros, no qual deve explorar

o planeta misterioso, em uma espécie de interseção com o clássico da literatura *Robinson Crusoé,* escrito por Daniel Defoe (1719).

A realidade virtual e a realidade aumentada trazem uma nova ambientação para o usuário, utilizando o espaço real no qual ele se encontra e aquele ao qual pretende estar inserido. Como citam Kirner e Kirner (2011), nesse espaço, o usuário atua de forma multissensorial, explorando aspectos deste ambiente, por meio da visão, audição e tato. Em relação específica aos *games* de aventura com realidade ampliada, quando esta é associada à adição de movimentos físicos interativos, pode-se aumentar o impacto no desenvolvimento de aspectos coordenativos e de diversas habilidades motoras. As emoções desencadeadas por meio da prática de atividades de aventura virtuais, reiteram os processos de *feedback*, além de favorecerem o contágio emocional e a dimensão motivacional é ativada pela atratividade do *design*, das músicas e das imagens veiculadas em cada jogo (LORENTZ, 2017).

A dimensão social também é evidenciada em determinadas situações dos jogos, pela oportunidade de exercitar a sociabilidade envolvida em muitos jogos, assim como ocorre nos esportes coletivos, apresentando uma forma colaborativa para se alcançar uma meta em comum (ISBISTER , 2016). Um ambiente agradável, associado à possibilidade de condução e gerenciamento de um avatar, pode acelerar o processo de ligação entre os participantes. O avatar, por representar uma *persona* virtual, permite o aumento da sensação de emoções, por projeção. Isbister (2016) ainda ressalta que este processo é visceral, envolvendo a fantasia e os aspectos cognitivos e sociais.

Classificar os videogames de atividades de aventura entre os diversos tipos de mídias que desenvolvem essa temática, ou entre nos gêneros ou categorias nas quais eles podem se inserir, conforme o tipo de tecnologia adotada, não parece ser tão importante, quanto a valorização dos benefícios para as dimensões que eles podem suscitar. Além disto, Lorentz (2017) também ressalta que os videogames que denotam o esporte não representam, apenas, simulações desses esportes, mas, segundo o autor, representam uma variante dos esportes, devendo, portanto, ser tratados dentro dessa categoria e absorvendo toda a potencialidade que os jogos presenciais ou virtuais possuem, de afetar as dimensões humanas. Certamente, estas e outras discussões ainda vão receber muita atenção, para que o potencial dos videogames possa ser efetivamente aceito e valorizado, inclusive no tocante às atividades de aventura, pelos inúmeros aspectos positivos a eles associados.

**REFERÊNCIAS**

DEFOE, D. The life and strange surprising of **Robinson Crusoe**. 1ª ed. Londres: W. Taylor, 1789.

GRANIC, I.; LOBEL, A.; ENGELS, R. C. M. E. The benefits of playing video games. **American Psychologist**, Washington, v. 69, n. 1, p. 66-78, 2014.

ISBISTER, K. **How games move us**: Emotion by design. Cambridge: The MIT Press, 2016.

KIRNER, C.; KIRNER, T. G. Evoluções e Tendências da Realidade Virtual e da Realidade Aumentada. In: LIVRO DE PRÉ-SIMPÓSIO DE REALIDADE VIRTUAL E AUMENTADA, 13., 2011, Uberlândia. **Anais eletrônicos...**Uberlândia: Editora SBC, 2011. 10-25. Disponível em: <http://www.de.ufpb.br/~labteve/publi/2011_svrps.pdf>. Acesso em: 8 out. 2018.

LANDERS, R. N.; AUER, E. M.; COLLMUS, A. B.; ARMSTRONG, M. B. Gamification science, its history and future: Definitions and a research agenda. **Simulation & Gaming**, Thousand Oaks, v. 49, n. 1, p. 315-337, 2018.

LORENTZ, P. Playing videogames: The multidimensional media experience. **New Media & Society**, Tousand Oaks, v 19, n. 9, p. 1498-1504, 2017.

MICROSOFT. **Market Place.** Loja de jogos de Xbox 360. Disponível em: <https://marketplace.xbox.com/pt-BR/Games/All>. Acesso em: 22 out. 2018.

REIS, G. **Videogame: história, gêneros e diálogo com o cinema**. 2005. 190 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, educação e turismo, Universidade de Marília, Marília, 2005.

# CAPÍTULO 10

## PSICOLOGIA POSITIVA E LAZER: A MEDITAÇÃO ALVITRADA

Mateus Tofoli Corrêa[1]

Gabriella Plens Kurnich[1]

Ivan Fortunato[1]

[1]Instituto Federal de São Paulo, campus Itapetininga

> [...] a Psicologia Positiva não pretende criticar as tradicionais correntes da psicologia ou negar a patologia, o sofrimento humano e os aspectos 'negativos' de suas experiências, características e instituições. Propõe, sim, que também seja abordado o outro lado, os seus aspectos positivos, proporcionando um equilíbrio na abordagem psicológica da experiência humana [...] (CINTRA; GUERRA, 2017, p. 506).

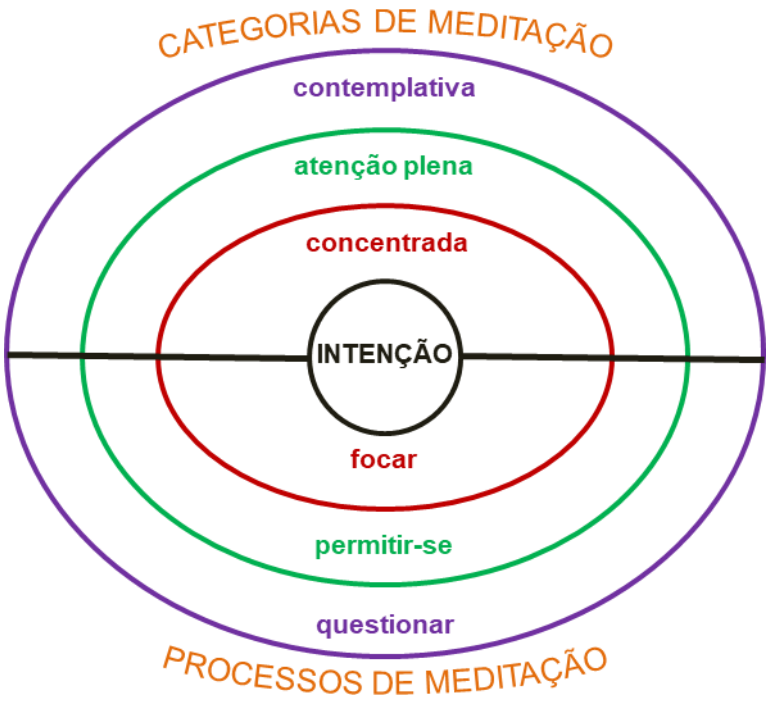
É com esse trecho que iniciamos a nossa discussão sobre Psicologia Positiva e lazer, trespassada pela prática da meditação. O que apresentamos neste capítulo é resultado da experiência recente, que combina as descobertas da Psicologia Positiva com a prática da meditação. Se a Psicologia Positiva possibilita ver o lado mais prazeroso, saudável e interessante da vida, a meditação auxilia no relaxamento e no processo de autoconhecimento, permitindo reconhecer a qualidade de suas próprias características. A combinação de ambas pode ajudar as pessoas a direcionarem sua vida para o lado positivo.

Com Ryff e Singer (1988) aprendemos que o bem-estar diz respeito à mente, ao corpo, mas principalmente suas interconexões. Notamos que essas podem ser mais facilmente estabelecidas, reestabelecidas, ou identificadas pela prática da meditação. Com Daniels (s.d.), reconhecemos que meditar implica direcionar o foco da consciência para si mesmo, possibilitando reconhecer o próprio corpo, a própria mente e como ambos se relacionam. Segundo Shapiro, Schwartz e Santerre (2009) a meditação pode ser definida como conjunto de técnicas, cujo objetivo não é outro senão a busca intencional pela concentração de, em e para si. Os autores chamam a atenção para a meditação como um *processo*, e não como metas a serem alcançadas. Ou seja, não há nenhum objetivo a ser alcançado com a meditação, pois a meditação é o

próprio objetivo. Em outras palavras, isso quer dizer que ao meditar, alguém pode se dar ao luxo *curtir* o momento, focando no movimento da respiração, conectando-se com o próprio corpo, experimentando a descontração dos músculos...

Sabe aquela velha história: “entendeu ou precisar desenhar?”. Shapiro, Schwartz e Santerre (2009) resolveram o problema, ao esboçar uma mandala sobre categorias e processos de meditação, a qual adaptamos e reproduzimos aqui na figura 01.

**Figura 01.** Mandala da meditação




**Fonte:** adaptado (Shapiro; Schwartz; Santerre, 2009, p. 633).

No centro da mandala, temos a INTENÇÃO, o que significa realizar a meditação pela meditação, ou seja, sem nenhum outro propósito que não seja meditar. Mas, não se deve pretender alcançar a INTENÇÃO logo no primeiro momento em que se arriscar a meditar. Tampouco deve se desistir se não for capaz nem de “questionar” na primeira tentativa. Meditar é processual e acarreta, junto de seu significado, o prazer. A meditação, com o decorrer do tempo, tende a se tornar prazerosa e a trazer satisfações internas, que ajudam no autoconhecimento. O lazer e o prazer podem se conectar quando meditamos. Podemos, de acordo com o que vimos na mandala, aprender, relaxar, concentrar e até esvaziar os pensamentos para se livrar das coisas complicadas de um “dia mais difícil”, focalizando nas coisas boas desse mesmo dia. Quando isso acontece, é porque alcançamos a intenção da meditação.

Eis um bom momento, portanto, para tratarmos sobre como meditar. Qual é o primeiro passo para quem quer experimentar? Existem técnicas corretas? Como é o ambiente correto? Essas são algumas das dúvidas mais comuns que ouvimos, sempre que apresentamos a meditação como uma forma de lazer e autoconhecimento, as quais podem ser sintetizadas em uma única pergunta: afinal, como é que faz pra meditar?

A respeito da primeira pergunta, um curioso pode buscar informações na internet – *dar um google*, como se costuma dizer. Esse curioso irá encontrar inúmeros *sites*, com receitas e/ou dicas para se aprender a meditar. A verdade é que a meditação é algo bastante pessoal, sendo que a melhor maneira para meditar só pode ser qualificada pelo próprio praticante. Mas, é claro, temos algumas sugestões para que o curioso se torne iniciante e, com a prática, alguém que faça da meditação um caminho para se conhecer melhor e para identificar os aspectos positivos da vida. Espera-se, conforme Shapiro, Schwartz e Santerre (2009, p. 634), que "a prática formal de mediação se infiltre na vida cotidiana, trazendo maior consciência a tudo que se faz, sente e experimenta[14]".

Assim, a primeira sugestão é respirar de forma intencional, pois a respiração calma e correta é essencial para a meditação, sendo necessário levar o ar para o pulmão e devolvê-lo ao ambiente com calma. Respirar intencionalmente é prestar atenção ao ar que entra e ao ar que sai dos pulmões. Alguns, inclusive, recomendam inspirar pelo nariz e expirar pela boca, outros, ainda, reconhecem diferentes funções para respiração pela narina esquerda, direta ou ambas (DAVICH, 2007). Mas, lembre-se: não há modo correto de respirar, exceto aquele que a própria pessoa identifique como o mais confortável. Não obstante, pode-se considerar conforme anotou Goleman (1999, p. 27): "Enquanto medita, você só precisa prestar atenção nela [na respiração]... Quando você perceber que sua mente dispersou, traga-a suavemente de volta para a respiração".

Além da respiração, outro elemento fundamental para a prática da meditação é o ambiente, especialmente quando se está iniciando. Experientes na meditação conseguem meditar em qualquer local, mas, a maioria dos praticantes de meditação precisa de um ambiente calmo, seja silencioso ou com uma música relaxante, instrumental ou mantras. Pode-se preparar o lugar com velas, incensos e/ou mandalas, fazer uso de colchonetes, almofadas etc. Goleman (1999) explica que as mais variadas formas e tradições de meditação exigem diferentes lugares, seja no contato com a natureza, seja na montanha, no templo... bem

[14] Texto original em inglês: "The formal mediation practice seeps into daily life, bringing greater nonjudgmental consciousness to everything that one does, feels, and experiences".

como divergem na questão de se meditar em isolamento ou em companhia. Mas, nada disso é o essencial para meditação, pois é bastante sentar-se ou deitar-se confortavelmente, respirar e iniciar a meditação, questionando-se, permitindo-se, focando-se.

Resumindo: a meditação começa com a busca de um local confortável. Feito isso, basta iniciar algo, como a leitura de um texto, a observação de uma obra de arte, as lembranças do dia-a-dia, concentrar-se nos dedos do pé, ou apenas tentar não pensar em nada. Na sequência, pode se fechar os olhos, atentar-se para a respiração, pensar sobre tudo ou sobre nada. Pode-se buscar a meditação para aliviar as dores ou stress, mas, sobretudo, como uma forma de lazer para potencializar os aspectos positivos da vida. Pelo menos é assim que fazemos.

**REFERÊNCIAS**

CINTRA, C. L.; GUERRA, V. M. Educação Positiva: A aplicação da Psicologia Positiva a instituições educacionais. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 505-514, 2017.

DANIELS, R. E. A meditação. **Antiga e Mística Ordem Rosacruz.** Disponível em <https://www.amorc.org.br/a-meditacao/>, acesso 23 out. 2018.

DAVICH, V. N. **O melhor guia para a meditação**. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Pensamento, 2007.

GOLEMAN, D. **A arte da meditação**: um guia para a meditação. Trad. Domingos DeMasi. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

RIFF, C. D.; SINGER, B. Human Health: new directions for the next millennium. **Psychological Inquiry**, v. 9, n. 1, p. 69-85, 1998.

SHAPIRO, S. L.; SCHWARTZ, G. E. R.; SANTERRE, C. Meditation and Positive Psychology. In: SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. (org.) **The Oxford Handbook of Positive Psychology**. New York: Oxford University Press, 2009. p. 632-645.

# CAPÍTULO 11

## AS MULHERES E OS ESPORTES AÉREOS

Luana Mari Noda[1]

Silvana dos Santos[1]

Alessandra Fernandes[1]

[1]Universidade Estadual de Maringá – PR.

O fenômeno social ainda estabelece barreiras na participação da mulher nas mais diversas esferas sociais, a exemplo da empregabilidade, fator econômico, e também no esporte. Tal fenômeno está relacionado às desigualdades geradas culturalmente, na qual posicionam a mulher como um ser "inferiorizado" em relação a virilidade masculina, atribuindo desta forma, tarefas peculiares à sua feminilidade, concebida enquanto natural. Assim, as mulheres que, ao longo da história foram representadas pela sociedade como frágeis e fisicamente nobres, destinada à função reprodutiva, viviam com o ideário de que a prática da atividade física não era apropriada para corpos tão sensíveis (ABDALAD e COSTA, 2009).

Como toda instância social, o esporte articula um conjunto de características que, conforme seu desenvolvimento, associam-no à virilidade e ao masculino, tornando mais um campo limitante para o acesso e a participação da mulher. Logo, o esporte rege-se por uma forma particular de reserva masculina, visto que suas características estão próximas de atributos que foram vinculados ao masculino, tais como força, virilidade, risco, busca por novos limites, entre outras (ELIAS e DUNNING, 1992). Em decorrência desse contexto, Goellner (2005) anuncia que a participação feminina possui um reconhecimento restrito como atletas, estendendo também aos cargos deliberativos.

A representação da mulher como "sexo frágil" implicou no "controle" dos seus corpos, a fim de que ela fosse "protegida" para preservar sua função reprodutiva (ALEXANDRINO, LIMA e FERREIRA, 2009). Portanto, elas foram proibidas e desestimuladas para participar/ocupar de determinadas práticas sociais, dentre elas o esporte e o lazer. Conforme Summerfield (1990), muitas mulheres, como parte do processo de socialização, foram ensinadas que participar de certas práticas corporais, como esportes e atividades ao ar livre, é inadequado e inaceitável.

Especificamente nos esportes de aventura, a mulher passa por enfrentamentos constantes, conforme verificado nos estudos de Oliveira et al (2008); Valporto (2006), os quais abordam o desrespeito à inserção feminina. Le Breton (2006; 2007), corrobora com a discussão ao apontar que o esporte de modo geral se caracteriza como enfrentamento de situações-problemas vinculados ao âmbito do domínio do desconhecido e da presença constante de desafios ligados à natureza. Enquanto Schwartz (2006) associa o fenômeno às questões sociais, visto que a mulher socialmente é tida como um ser frágil para determinadas práticas. Além disso, Kidder (2017) verifica que os jovens são mais incentivados pelo seu entorno social a vivenciar atividades de risco, enquanto a participação de mulheres é geralmente regulamentada ou inibida.

Um contexto que diferencia entre os esportes aéreos e os demais esportes de aventura é a dimensão do espaço, visto que as práticas consideradas e tidas como esporte de aventura em sua maioria são realizadas por homens, deste modo, o espaço ocupado para essas práticas se favorecem da presença masculina, restringindo e intimidando a participação feminina. Todavia, os esportes aéreos, embora se estabeleça com muitas características das práticas de aventura mantém sua especificidade no que tange a ocupação do espaço. Nas modalidades áreas a ocupação do espaço se faz de forma igualitária, sem distinção de categorias competitivas, gênero ou raça, conforme estabelecido pelo livro que regulamenta as competições da modalidade.

Diante disso, os esportes de aventura, como os esportes aéreos, constituem uma espécie de fuga das normatividades do cotidiano (LE BRETON, 1996), assim, contribuem para uma vivência na qual as mulheres percebem-se livres de seus papéis e representações sociais. Abdalad e Costa (2009) alega que, por meio dessas práticas, as mulheres “escapam” rumo à liberdade que renova.

Nos esportes aéreos a FAI- *Fédération Aéronautique Internationale* consciente de que as mulheres são sub-representadas nos esportes aéreos nos diferentes níveis de prática, procura incentivar a participação das mulheres nas competições. Diante dessa proposta, a FAI desenvolveu a série *Women With Wings* (mulheres com asas) com o objetivo de promover as mulheres que praticam as modalidades aéreas e encoraja-las a incentivar outras a se envolverem. O desenvolvimento de espaços, ações e programas com tal finalidade constitui uma estratégia produtiva para desafiar a lógica predominante ou interromper as maneiras pelas quais os homens definem, usam e controlam as práticas sociais (WHEATON, 2016).

Para a FAI (2018) desde as primeiras conquistas mundiais, as competições e recordes, as mulheres foram pioneiras ao longo da história da aviação e dos esportes aéreos. De Amelia Earhart, a primeira mulher a voar sozinha pelo Oceano Atlântico, e Amy Johnson, a primeira mulher a voar sozinha da Inglaterra para a

Austrália, para a Seiko Fukuoka, duas vezes campeã mundial de parapente da FAI e recordista mundial, as mulheres podem e estabelecem patamares memoráveis na história do aerodesporto.

Além da iniciativa da FAI existem outras manifestações para valorizar a prática do aerodesporto por mulheres, a FLYDONNA é um dos encontros aeronáuticos femininos no cenário internacional. Com a participação de mulheres que praticam as mais diversas especialidades aeronáuticas, aviação militar, o voo livre, ultraleves, planadores, paraquedas e balões. um evento de dois dias para pilotos do sexo feminino e entusiastas de esportes aéreos, combinando shows aéreos e entretenimento com discussões em rede e mesa redonda para promover a participação feminina na aviação.

Para a organizadora do evento que em 2018 foi realizado na Itália, Margot Acquaderni Caraffini o evento é uma possibilidade de congregar as pilotos de qualquer modalidade aérea e discutir a participação e a promoção desses esportes para o público feminino. Como parte da FAI *Women with Wings* a discussão da Mesa Redonda na FlyDonna deste ano foi *Women with Wings: Living your Passion (*FAI, 2018).

Posicionamentos similares aos da FAI em que incentivam e estimulam a participação da mulher nas práticas esportivas devem ser disseminados, pois, a presença feminina nas diferentes práticas esportivas, inclusive nos esportes de aventura, se consolidará no momento em que os espaços ocupados por grupos masculinos forem livres para que qualquer adepto à modalidade se estabeleça também como praticante, livre de pré-conceitos frutificados socialmente.

**REFERÊNCIAS**

ABDALAD, L. S.; COSTA, V. L. M. A participação das mulheres nos esportes de vôo livre: um estudo sobre as práticas de aventura e risco. **Revista Gênero**, v. 10, n. 1, p. 121-145, 2009.

ALEXANDRINO, D. F. L.; LIMA, C. L.; FERREIRA, M. E. A case study of masculinization of the feminine body and the incessant search for the perfect body. **The FIEP Bulletin**, v. 79, p. 515-517, 2009. ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FAI - FÉDÉRATION AÉRONAUTIQUE INTERNATIONALE. **Women With Wings.** Disponível em: <https://www.fai.org/women-wings>. Acesso em: 30 out. 2018.

FLYDONNA. **8th International Meeting Ladies Pilots.** Disponível em: <http://www.flydonna.it/eng/index.php?SMExt=SMPages&SMPagesFilename=Informazioni>. Acesso em: 30 out. 2018.

GOELLNER, S.V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v. 8, n. 1, p.85 - 100, 2005.

KIDDER, J. L. **Parkour and the city**: risk, masculinity, and meaning in a postmodern sport. United Kingdom: Rutgers University Press, 2017.

OLIVEIRA, G; CHEREM, E. H. L.; TUBINO, M.J.G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008.

SUMMERFIELD, L. M. Women and physical recreation: a brief summary of research. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, v. 61, n. 1, p. 57-59, 1990.

VALPORTO, O. **Atleta, substantivo feminino**: as mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

LE BRETON, D. **L'aventure – la passion des détours**. Paris: Autrement, 1996.

_____. Aqueles que vão para o mar: o risco e o mar. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 28, n. 3, p. 9 – 19, 2007.

_____. Risco e lazer na natureza. In: MARINHO, A; BRUHNS, H. T. (Org.). Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza. **Manole**, p. 94-117, 2006.

SCHWARTZ, G. M. (Org.) **Aventuras na natureza:** consolidando significados. Jundiaí: Fontoura, 2006.

WHEATON, B. Parkour, gendered power and the politics of identity. In: THORPE, H.; OLIVE, R. **Women in Action Sport Cultures**. Londres: Palgrace Macmillan, pp. 111-132, 2016.

# CAPÍTULO 12

## IMAGINA A AVENTURA NAS CAVERNAS:

## ESPELEOTURISMO ENTRE A RAZÃO E A PAIXÃO

Luiz Afonso V. Figueiredo[1]

[1]Centro Universitário Fundação Santo André (FAFIL/FSA)

### INTRODUÇÃO

Imagina a aventura se a gente fosse adentrar uma caverna, talvez a gente ficasse imóvel por um instante, podendo contemplar a paisagem. E como diria o Leonardo Da Vinci ficaríamos perplexos pela mistura de medo e desejo, medo da ameaçadora obscuridade e desejo de encontrar algo de milagroso (DEMATTEIS, 1975).

A aventura na caverna também está associada à ideia de conhecer a paisagem em sua intimidade, estimulada pela busca de novas experiências de vida ou até enfoques educativos, podendo tornar uma forma de sair do lugar-comum, do *status quo*, e retirar os indivíduos da massificação e hipnotismo tecnológico e do isolamento pessoal e promover um mergulho sensorial no mundo subterrâneo.

Quando pensamos em visitar cavernas algumas questões se destacam: Por que turismo e aventuras em cavernas? O que atrai pessoas para cavernas? O que diferencia essa de outras práticas de aventura, como o montanhismo, mergulho, canionismo, mountain biking, tantas outras, ou mesmo das atividades de ecoturismo em geral. De que forma essas atividades foram influenciadas pelo imaginário e as imagens arquetípicas da caverna. Qual o papel da educação ambiental nisso tudo?

Eis aqui as provocações que perpassam o presente artigo, nem todas puderam ser investigadas ou registradas nesse momento, mas, sem dúvida contribuíram para a construção do fio condutor da análise das práticas espeleológicas e do fenômeno espeleoturístico e suas relações com as atividades de aventura.

### AVENTURAS NA NATUREZA: REFLEXÕES E CONCEITOS INICIAIS

A aventura humana é muito mais do que a busca pela sobrevivência, muito mais do que a mera aventura singular de cada um de nós. Ela decorre de uma da necessidade de diminuir o abismo existente

entre o real e o imaginário, entre o objetivo e o subjetivo, cuja história todos nós estamos vivendo e ajudando a construir em planos de mais alto grau de complexidade e cada vez mais amplos, envolvendo uma escala planetária. (GRECO, 1984).

A sociedade contemporânea tem reconstruído essa aventura, criando novos espaços para redefini-la, explorando potencialidades e subjetividades. Nesse sentido, o turismo e o lazer como fenômenos sociais complexos são decorrentes da melhoria das relações de trabalho, do aumento do tempo livre e da insatisfação sobre a situação de baixa qualidade de vida nas áreas urbanas, entre outros aspectos. Entretanto, são também práticas sociais incorporadas e transformadas pela lógica de mercado. (FIGUEIREDO, 2010).

A satisfação e os sentimentos surgidos pelo ato de viajar, em busca desses espaços naturais, dependem de uma leitura da paisagem, entretanto, "...ler a paisagem é muito mais complexo do que ver e perceber a paisagem. Envolve uma visão de mundo, consciente e inconsciente, sempre subjetiva e permeada pelo imaginário." (RODRIGUES, 1997, p. 47)

As atividades de aventura estão muitas vezes associadas aos espaços de lazer e às práticas ecoturísticas ou de turismo de aventura e possuem aproximações também com aspectos de motricidade humana, tendo estreitas ligações com os chamados esportes de aventura ou esporte radicais. Mas, e como fica o papel da emoção?

> Quem não se viu de alma lavada ao sair de uma cachoeira? Quem não retornou de uma viagem por lugares ainda desconhecidos com planos de mudar de vida, mudar de trabalho, mudar o mundo? Quem não se deixou invadir pela alegria ao conquistar o topo de uma montanha ou ao chegar ao fim de uma difícil trilha? Quem não se surpreendeu com a simplicidade de um caboclo, a sabedoria de seus pensamentos diante de nossa vida tão complicada? (LESSA DA FONSECA; ZOLINO, 2008, p. 19).

Da mesma forma, as viagens à natureza, vistas não só como atividades esportivas, são consideradas por Bruhns (2003) como uma aproximação aos rituais de purificação, substituindo os sentimentos de provação, mas também como experiência estética de distanciamento da vida cotidiana, configuradas por outras temporalidades, outras espacialidades, muitas vezes assemelhando-se aos ritos de passagem. Bruhns (1999, p. 127) fala de uma "ociosidade sadia", bastante pertinente ao conceito de "ócio criativo", conforme apresentado por De Masi (2000).

Observa-se de um lado a influência do ambientalismo enquanto movimento crítico-social estimulando a busca pela natureza e pela melhoria da qualidade de vida, refletindo sobre o modo de vida da sociedade contemporânea, de outro a procura de situações para o extravasamento do estresse e a sensação de instabilidade como fonte de prazer, atraindo a componente aventura e de inusitado nas atividades turísticas, ainda que focado na espetacularização da natureza. (BRUHNS, 2009).

Questionam-se as transformações da realidade humana, presentes na paisagem sonora da sociedade moderna, na qual o silêncio passa a ser visto como opressor, mortal e deprimente. E ao mesmo tempo em que o artificial vai eliminando os riscos, os perigos, vai eliminando os conflitos, as contradições, as durezas, o inesperado e as emoções. Mas isso não seria uma eliminação da aventura da vida e do reencontro consigo mesmo. (BRUHNS, 1999, p. 130-136).

Ao mesmo tempo o espírito de aventura impregna as lógicas urbanas, estimulando a busca do contato com a natureza e a "...procura apaixonada por novas emoções nas quais a sensação de risco faz parte cada vez maior (...)". (LE BRETON, 2009).

Na busca de uma maximização dos sentidos e do reconhecimento do próprio corpo, visando criar oportunidades para experiências mais íntimas e intensas com o meio ambiente, Marinho (2003, p. 24) destaca alguns aspectos sobre o contexto em que ocorrem essas práticas corporais e as sensações corpóreas observadas, tais como fadiga, exaustão, diferenças de temperatura até sensações de prazer e alegria. O corpo passa a ser um lugar de mediação do contato com a natureza.

Em outro artigo, Marinho (2009, p. 39-40) fala da demarcação de pontos de referência completamente distintos entre os praticantes, pois enquanto alguns procuraram cada vez mais o risco, a excitação e a adrenalina, outros estão à procura atividades mais tranquilas que lhes proporcione paz e silêncio, e outros ainda podem nem saber ainda o que procuram tamanha quantidade de possibilidades. Mas, sem dúvida, essa nova postura de aventura, errante, imaginária, é uma expressão perseguida de desconhecido, inusitado e a surpresa.

Costa (2000, p. 7-21) considera paradoxal que a busca por essas práticas de contato com a natureza destaquem exatamente a busca de incertezas, do risco e de emoções, quando tem imperado como princípio regulador a segurança. Apesar disso, predominam no imaginário e nas ações desses neoaventureiros a perseguição do sentimento de vertigem ou queda livre (*ilinx*), *"por meio de um pânico voluptuoso"*, que permite ao mesmo tempo um enfrentamento da morte e uma revalorização da vida, permeando o engajamento no desconhecido.

Mesmo do ponto de vista teórico a aventura não é considerada por Swarbrooke et al. (2003, p. XV) como um conceito absoluto, mas algo totalmente a mercê da experiência e da personalidade de quem assume seus significados em suas ações, assim, o que é incomum para alguém pode ser uma atividade corriqueira para outro.

Entre as características essenciais da aventura os autores destacam itens que estão muitas vezes interligados ou interdependentes, são eles: resultados incertos, perigo e risco, desafio, expectativa de recompensas, novidade, estímulo e entusiasmo, escapismo e separação, exploração e descoberta, atenção e concentração, emoções contrastantes. (SWARBROOKE et al., 2003, p. 9).

Quanto à personalidade desses novos turistas, Swarbrooke et al. (2003, p. 59) destacam que eles não são mais homogêneos e previsíveis como antigamente, pois são mais experientes, mais independentes, mais flexíveis, buscam novos valores e possuem outros estilos de vida.

Segundo Ramos (2005, p. 470-475), não há dúvida que existe um vínculo e suas metamorfoses entre o turismo de aventura e o ecoturismo, no caso a descrição como atividade turística decorre da sua relação com o *trade*, envolvendo operadoras, transporte, guias, entre outros aspectos. Apesar de não ser possível diferenciar com exatidão essas atividades, o autor destaca o papel da motivação.

Uvinha (2003, p. 16-17) demonstra por meio da fala de praticantes de atividades de aventura, que a visão de *ação* é predominante nos discursos, no entanto, o termo radical, preferido dos praticantes mais veteranos, tem sido abrandado pelo segmento de mercado a fim de obter uma conotação mais “light”, evitando perder um público que ainda não está familiarizado com a questão do risco. O autor ainda reforça três elementos básicos do turismo de aventura: risco, tecnologia e ecologia e defende que essas atividades estão muito próximas dos chamados esportes radicais.

Do ponto de vista das territorialidades dessas novas práticas corporais de atividades de aventura, Mascarenhas de Jesus (2003, p. 88-89) nos chama a atenção para a ressignificação social da paisagem e as formas de desfrutá-las. O autor questiona ainda os motivos que alteraram as relações com os elementos da paisagem, que sempre estiveram presentes, mas muitas vezes foram vistos como obstáculos ou perigosos, tais como rios, corredeiras, cachoeiras, grutas e paredões rochosos, agora passem a ser socialmente valorizados.

## PRÁTICA ESPELEOLÓGICA, TURISMO E AVENTURA

A produção social da espeleologia, como ciência, esporte, lazer e turismo tem sua gênese relacionada com descoberta das cavernas por pessoas aficionadas pelas aventuras em trilhas, florestas, montanhas e outros ambientes naturais. Isso ocorre em meio à um fenômeno mundial dentro de um contexto socioeconômico e ambiental favorável. A busca de situações inusitadas permite um contato íntimo e direto com as paisagens naturais, sendo que no Brasil isso ocorreu principalmente durante os anos 1960, no entanto, sua força maior aconteceu nos anos 1980. Nessa busca pela natureza e aventura foram sendo descobertas cavernas pelo caminho.

Esses gruteiros/cavernistas, entusiasmados com a experiência, voltavam ao local, sempre trazendo novos interessados no assunto, constituindo-se, assim, um fluxo específico para esse fim, inicialmente como atividade recreativa e de lazer, mas prosseguindo, muitas vezes, para um caráter técnico, para a ação ambientalista ou mesmo como assunto de produção científica. Alguns polos de realização de práticas espeleológicas foram sendo constituídos em todo o Brasil, destacando-se os estados de Minas Gerais e São Paulo, principais berços da Espeleologia no país.

O aumento da visitação em cavernas determinou a necessidade de melhorar estradas, criar meios de hospedagem, locais de alimentação, etc. Assim, vai se compondo uma estrutura básica que dará origem ao espeleoturismo.

No âmbito mundial, os deslocamentos para cavernas, sejam no âmbito religioso ou contemplativo, remontam as atividades dos viajantes e naturalistas, mas ganham um enfoque espeleoturístico somente a partir do século XVIII. Observa-se isso também no âmbito nacional.

As cavernas estão presentes em toda a trajetória humana, seja como habitação, local de rituais, primórdios artísticos, está presente nos mitos, contos, nos personagens de histórias em quadrinhos, imortalizados inadequadamente pelo cinema, com seus vampirismos e opressões. (FIGUEIREDO, 2010).

Bachelard em seus estudos sobre o imaginário poético resgata, de outra maneira, o lado simbólico das cavernas e suas relações com a idéia de morada, repouso e tranqüilidade. (BACHELARD, 1990). Esse tipo de paisagem com forte conotação simbólica nos convida a um mergulho nas profundezas de nosso íntimo. Permite-nos, ainda, refletir sobre o eterno conflito entre o bem e o mal, perigo-riqueza, mistérios-prazeres.

A atividade espeleológica e espeleoturística surge nas interfaces entre o ecoturismo, o geoturismo e o turismo de aventura, com focos no turismo alternativo e sustentável. Entre os ingredientes necessários para a criação de um bom roteiro de turismo em cavernas estão a riqueza e diversidade da paisagem cárstica ou dos sítios espeleológicos, temperado com o sabor da aventura e diversos aspectos psicológicos, além das

subjetividades, mas, para que isso ocorra sem colocar os visitantes em problemas de segurança, devem-se controlar os fatores de risco.

Os primeiros contatos com cavernas ocorrem na maioria das vezes associados com excursões promovidas por espeleólogos ou grupos de espeleologia, outras vezes realizadas por escolas da educação básica ou instituições de ensino superior, sejam as atividades de estudo do meio, estudos de campo ou excursões didáticas.

No geral, as atividades espeleoturísticas atraem menos os interessados em aprofundamento na espeleologia, entretanto, podem ser ponto de partida para a promoção de aproximações com a prática espeleológica.

Para o aprimoramento das habilidades em cavernas, os espeleólogos irão estabelecer ações em parceria com os neófitos, relacionadas aos levantamentos sistemáticos por todo o território nacional. Esses estudos, baseados em projetos intergrupos ou promovidos por grupos espeleológicos, fornecerão condições para que os iniciantes, em graus diferentes de participação, descubram seus limites e as motivações para continuarem envolvidos com a espeleologia. (FIGUEIREDO, 2010)

Na caverna é comum observamos pessoas enlameadas, entretanto reenergizadas. O ambiente telúrico é provocador desses sentimentos de intimidade e reconexão com a mãe-Terra.

Aplicamos esses princípios nos programas de formação de monitores ambientais do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira e Parque Estadual da Caverna do Diabo nos anos 1990. A ideia é sugerir estratégias de visitação que valorizam mais do que a informação, mas também os sentimentos, sensações e os aspectos simbólicos. (FIGUEIREDO, 2017).

A associação da atuação de membro de grupos de espeleologia, no meu caso relacionada com uma entidade que sou fundador (Grupo de Estudos Ambientais da Serra do Mar-GESMAR), e a interação com o Espeleo Grupo de Rio Claro (EGRIC) na Serra do Itaqueri (SP) ou mesmo em parceria com a Tabatinga-Ecoturismo e Aventura em Luminárias (MG), permitiu colocar em prática a perspectiva das subjetividades como elemento integrador do espeleoturismo, demonstrando a riqueza dessa prática quando permite interação razão e paixão. (FIGUEIREDO et al., 2011; FIGUEIREDO, 2016; 2017).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse momento reflito como ambientalista, educador e pesquisador sobre a seguinte questão: o que nos torna amantes da adrenalina, que trocam a esterilidade, a impermeabilidade e a hipocrisia urbana pelo

contato direto, íntimo e poético com a poeira, a umidade, o piso lamacento, a paisagem natural e cultural, a rusticidade e a sabedoria do povo humilde desse imenso território brasileiro?

O impacto visual da paisagem cavernícola no visitante e o estímulo aos sentimentos envolvidos é um aspecto muito forte nas práticas espeleoturísticas e pode potencializar as visitas em cavernas.

Destacaram-se nessas viagens as possibilidades educativas e espeleoturísticas, contribuindo para a formação dos espeleólogos e para a divulgação da espeleologia e o desenvolvimento de novas estratégias de produção do espeleoturismo. Entre racionalidades científicas e o imaginário poético vai sendo construída a reflexão sobre a atividade espeleológica, e com isso vai sendo construído um espeleoturismo alternativo, onde educação, cultura, ambiente e sustentabilidade estejam se aproximando na busca de melhor sintonia.

**REFERÊNCIAS**

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BRUHNS, Heloisa Turini. O corpo visitando a natureza. In: SERRANO, Célia M. T.; BRUHNS, Heloisa Turini (org.). **Viagens à natureza**: turismo, cultura e ambiente. São Paulo: Papirus, 1999.

BRUHNS, Heloisa Turini. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini (org.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003.

BRUHNS, Heloisa Turini. **A busca pela natureza**: turismo e aventura. Barueri, SP: Manole, 2009.

COSTA, Vera Lucia de Menezes. **Esportes de aventura e risco na montanha**: um mergulho no imaginário. São Paulo: Manole, 2000.

DE MASI, Domenico**. O ócio criativo**. Rio de Janeiro; Sextante, 2000.

DEMATTEIS, Giuseppe. **Manual de la espeleología**. Barcelona (Espanha): Editorial Labor, 1975.

FIGUEIREDO, Luiz Afonso V. **Cavernas como paisagens racionais e simbólicas**: imaginário coletivo, narrativas visuais e representações da paisagem e das práticas espeleológicas. Tese (Doutorado em Ciências, área de Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FIGUEIREDO, L.A.V.; SOUZA, L.D.; CARVALHO, A.M.; LIMA, J.N.; MIRANDA, F.D. Iluminando Luminárias (MG): práticas espeleoturísticas e de Educação Ambiental integrando aventura, natureza e cultura. **Revista Brasileira de Ecoturismo,** São Paulo, v.4, n.4, p. 563, 2011.

FIGUEIREDO, L.A.V. Espeleoturismo e as contribuições da educação ambiental: aspectos históricos e relatos de experiências formativas no Brasil e no México. **Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas**, Campinas, SP, v.9, n.1, p. 63-81, 2016.

FIGUEIREDO, Luiz Afonso V. (Com)vivências nas cavernas e trilhas por uma educação geopoética: experiências formativas em São Paulo e Minas Gerais. In: FÓRUM BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 9, 2017, Balneário Camboriú. **Anais...** Balneário Camboriú: REBEA; UNIVALI, 2017
.

GRECO, Milton. **A aventura humana entre o real e o imaginário**. São Paulo: Klaxon, 1984.

LE BRETON, David. **Condutas de risco:** dos jogos de morte ao jogo de viver. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

LESSA DA FONSECA; Flávio; ZOLINO, Sérgio. **A cultura da aventura na natureza**. São Paulo: Instituto Peabiru; Ministério da Cultura, 2008.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini (org.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003.

MARINHO, Alcyane; UVINHA, Ricardo (org.). **Lazer, esporte, turismo e aventura**: a natureza em foco. Campinas: Alínea, 2009.

MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. A leviana territorialidade dos esportes de aventura: um desafio à gestão do ecoturismo. MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. (org.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri, SP: Manole, 2003.

RAMOS, Marcos Valente. Aventura e turismo de aventura: faces mutantes. In: TRIGO, Luiz G.G. et al. (eds.) **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

RODRIGUES, Adyr A. Balastreri. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SWARBROOKE, John; BEARD, Colin; LECKIE, Suzanne; POMFRET, Gill. **Turismo de aventura**: conceitos e estudos de caso. Rio de Janeiro: Elsevier; Campus, 2003.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Turismo de aventura**: uma análise do desenvolvimento desse segmento na Vila de Paranapiacaba. 2003. 184 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação, área Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicação e Artes; Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

# CAPÍTULO 13

## ATIVIDADES DE AVENTURA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Maria Luiza Azevedo Nunes[1]

Alexander Klein Tahara[1]

[1]Universidade Estadual de Santa Cruz – BA.

### INTRODUÇÃO

As argumentações que abordam questões referentes ao meio ambiente, à natureza e às atividades de aventura vem consolidando-se em diferentes âmbitos nos últimos anos, até mesmo na Educação Física. Sendo assim, faz-se necessário promover discussões e reflexões para que haja, crescentemente, a inserção destas atividades em aulas escolares. A utilização das atividades de aventura na escola, conforme evidenciam Rodrigues e Darido (2006), caracteriza-se como uma proposta pedagógica a ser trabalhada dentro do tema transversal “Meio Ambiente”, o qual manifesta numerosas possibilidades de debates e vivências durante o desenvolvimento das aulas.

Entretanto, há entraves para tal implementação, sendo alguns deles, inexperiência dos professores com a modalidade, ausência de materiais necessários para prática e predominância de determinados conteúdos conhecidos como “quarteto fantástico” (futebol, voleibol, basquetebol e handebol). Além do que, os docentes têm preferência a ministrar unicamente os conteúdos que possuem maior domínio, o que torna as aulas de Educação Física reduzidas, muitas vezes, aos esportes coletivos, desfavorecendo os demais segmentos pertinentes da cultura corporal de movimento.

Para que haja mudança deste cenário, é indispensável a superação de barreiras atribuídas ao longo da história, como a tradição das práticas esportivas, a qual é uma das mais expressivas. Além disso, as atividades de aventura têm muitas potencialidades e vantagens, como a vivência de práticas que envolvem desafios e superação de limites, autonomia e controle de situações, o desfrutar da natureza, entre outros. Nesta perspectiva, é crucial ações educacionais que propiciem sua inserção durante as aulas.

### MÉTODOS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, visto que a intenção foi suceder uma pesquisa bibliográfica sobre a relação das atividades de aventura e a educação física escolar. Thomas, Nelson e Silverman (2007), expressam que um aspecto significativo da pesquisa qualitativa é o conteúdo interpretativo e o destaque na natureza do fenômeno, buscando alcançar o significado de uma experiência dos participantes, em um ambiente específico, assim como o modo como os componentes se fundem para formar o todo.

Para isto, foi feito uma busca na base de dados online de periódicos nacionais na área da educação física, todos admitidos pelo portal QUALIS/CAPES, aspirando obter estudos que discutem e relacionam as atividades de aventura e a educação física escolar.

A importância da realização desta pesquisa bibliográfica sobre as atividades de aventura e a educação física escolar deve ser imputada, assim como evidenciam Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2001), a uma revisão crítica de teorias e pesquisas no processo de produção de novas reflexões e pensamentos, sendo aspecto essencial na construção de conhecimentos, capazes de influenciar e contribuir no desenvolvimento teórico-metodológico da área de estudo.

## POSSIBILIDADES PARA INSERÇÃO DE ATIVIDADES DE AVENTURA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Tendo em vista a variedade de conteúdos na área da Educação Física que poderiam ser ministrados em aulas escolares, torna-se nítido que os alunos deveriam ter a garantia de explorar a cultura corporal de movimento e suas inúmeras abordagens, contribuindo, deste modo, para seus entendimentos, novas maneiras de enxergar o mundo e outras formas de experimentação de práticas para uma maior aproximação com esse universo.

De modo geral, as aulas de Educação Física escolar desenvolvem suas propostas visando as competições e o treinamento esportivo, em detrimento das demais modalidades. Este hábito, pode ocasionar a desmotivação para as aulas, assim como a exclusão, visto que, apenas os mais habilidosos se destacam durante as práticas. Os conteúdo da Educação Física devem ser aplicados para além dos esportes, num formato diversificado, pautados em propostas transversais, atendendo às expectativas dos alunos, ampliando o conhecimento para além do desenvolvimento de habilidades motoras.

Franco, Cavasini e Darido (2014) apontam que inexistem fenômenos da Educação Física tão próximos das abordagens associadas à Educação Ambiental quanto as atividades de aventura. Destaca-se a importância da utilização desses conteúdos, tornando possível relacionar as atividades de aventura com o

tema transversal Meio Ambiente. Estas práticas podem motivar discussões alusivas à sustentabilidade, reutilização de materiais, impactos ambientais, ações indesejadas feitas pelo ser humano perante o meio, levando os alunos a refletirem e debaterem sobre os preceitos da educação ambiental.

Fazendo referência as atividades de aventura, Pereira e Armbrust (2010) preconizam que estas, quando abordadas, devem considerar as três dimensões do conhecimento, conceitual, procedimental e atitudinal, com a finalidade de permitir uma prática pedagógica coerente, que acarrete o aprendizado concreto pelos alunos.

A dimensão conceitual preza por abordar os aspectos históricos das modalidades, equipamentos, atletas famosos, principais locais de prática, além de discussões respeitantes às questões ambientais. Na dimensão procedimental, é possível enfatizar as técnicas de movimentos e de segurança, adaptações necessárias das modalidades para cada faixa etária, condições da escola para possíveis improvisos que viabilizem a prática, entre outros. Por fim, relativo a dimensão atitudinal, discute-se valores formativos como, ética nas modalidades, cooperação, coragem, liderança, resolução de problemas, dentre outros.

## DIFICULDADES RELACIONADAS À INSERÇÃO DAS ATIVIDADES DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Embora as pesquisas citadas anteriormente demonstrem claramente muitos benefícios acerca da participação em práticas corporais de aventura no ambiente escolar, ressalta-se que existem também outros estudos que evidenciam alguns entraves para plena inserção destas práticas como um conteúdo da Educação Física a ser desenvolvido durante as aulas escolares.

Capaverde, Medeiros e Alves (2012) elaboraram uma pesquisa com a finalidade de averiguar se as atividades de aventura são abordadas nas aulas de Educação Física na cidade de Osório/RS. Os resultados desta análise apontam que, embora alguns professores almejassem executar algumas destas atividades, os mesmos fundamentam impedimentos como, inviabilidade econômica na compra de materiais e a estrutura física inapropriada das escolas. Além disso, os autores fundam que falta uma qualificação profissional e interesse em inovar conteúdos educacionais para seus alunos. (CAPAVERDE; MEDEIROS; ALVES, 2012).

Estes, de fato, são grandes inconvenientes ao projetar a inserção das atividades de aventura nas aulas, bem como as dificuldades relacionadas à formação inicial em cursos de graduação (INÁCIO *et al*. 2016, SEVERINO; PEREIRA; SANTOS, 2016). Estas práticas passaram a ser tratadas no campo acadêmico-

científico há pouco tempo, quando comparado a outros fenômenos da área, sendo assim, muitos professores que atuam em âmbito escolar não tiveram em sua formação inicial disciplina que ponderasse essas práticas.

Mesmo diante de tais problemas, quando avaliamos os propósitos e benefícios que tangem a relação entre as atividades de aventura e as aulas de Educação Física na escola, torna-se viável pensar em mecanismos e elaboração de planos de aula que possam oportunizar diferentes vivências, reflexões e novos aprendizados por parte dos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, é evidente que há viabilidade em oportunizar atividades de aventura aos alunos, visto posto que tais práticas podem ser realizadas, na natureza ou em meio urbano, compreendendo uma série de modalidades. Além disso, existem diversas possiblidades de proporcionar adaptações de determinadas práticas, considerando a realidade local da instituição.

Ademais, há uma disparidade entre as escolas, principalmente públicas, quanto a estrutura física, disponibilidade de materiais, professores capacitados e envolvidos, no que tange a atualização dos conteúdos de ensino da Educação Física escolar.

Todavia, ainda que os alunos não tenham a oportunidade de vivenciar as atividades de aventura como uma prática extracurricular ou no período regular de ensino, o fator relevante é que esta experiência possa progressivamente serem oportunizadas a crianças e adolescentes enquanto um possível conteúdo emergente na área da Educação Física.

## REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

CAPAVERDE, M. R.; MEDEIROS, T. N.; ALVES, S. L. C. Esporte de Aventura nas aulas de Educação Física: uma alternativa ao alcance dos profissionais? **Vento e Movimento**, Osório, v. 1, n. 1, p. 49-59, 2012.

FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Lutas, Capoeira e Práticas corporais de aventura***:* práticas corporais e a organização do conhecimento. Maringá: Eduem, 2014. p. 101-135.

GUIMARÃES, S. S. M.; MARTINS, I. C.; LUCENTINI, L.; CARBINATTO, M. V; MOREIRA, W. W; SIMÕES, R. Educação Física no Ensino Médio e as discussões sobre Meio Ambiente: um encontro necessário. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 157-172, maio 2007.

INÁCIO, H. L. de D.; CAUPER, D. A. C.; SILVA, L. A. de P.; MORAIS, G. G. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios – reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, Florianópolis, v.28, n.48, p.168-187, 2016.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST I. **Pedagogia da Aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí: Fontoura, 2010.

RODRIGUES, L. H.; DARIDO, S. C. Educação Física escolar e Meio Ambiente: reflexões e aplicações pedagógicas. **Lecturas**: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, v.11, n.100, p.1-6, 2006

SEVERINO, A. J.; PEREIRA, D. W.; SANTOS, V. S. F. dos. Aventura e Educação na Base Nacional Comum. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n.41, p.107-125, set./dez. 2016.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J**. Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

# CAPÍTULO 14

## ATIVIDADES DE AVENTURA E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Nara Heloisa Rodrigues[15,2]

Amanda Mayara do Nascimento Cardoso[2]

Renata Laudares Silva[1,2]

José Pedro Scarpel Pacheco[1,2]

[2]LEL – Laboratório de Estudos do Lazer/DEF/IB/, UNESP – Rio Claro

Ao longo dos anos, a Educação Física escolar perpassou por longos processos, histórico e cultural, os quais implicaram na transformação de seus conteúdos, incluindo a perspectiva higienista, a militarista, a dos métodos ginásticos, a esportivista e a recreacionista. Posteriormente, modelos importantes, como a psicomotricidade, a construtivista, as abordagens críticas ou a desenvolvimentista foram elaborados na tentativa de romper com estas perspectivas tradicionalistas, consideradas mais individualizadas da Educação Física escolar e contribuíram para que a área pudesse progredir rumo a um caminho mais abrangente e significativo (DARIDO; RANGEL, 2011; ROCHA et al., 2015).

Embora a Educação Física escolar ainda hoje, não tenha alcançado sua legitimação como componente curricular efetivo e seja considerada uma prática docente que tem dificuldade de ser pensada, refletida, desenvolvida, e ainda esteja trabalhando para isso, é reconhecida toda sua trajetória evolutiva (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2010). Um destes progressos trata-se da reestruturação de seus conteúdos e a inserção das atividades de aventura ou práticas corporais de aventura como recursos estratégicos para que a cultura corporal do movimento seja disseminada.

No contexto acadêmico, a preocupação em inserir atividades de aventura junto aos conteúdos disseminados nas aulas de Educação Física, inclusive como parte da grade de conteúdo a serem ofertados na escola, esteve presente em discussões e reuniões científicas, ao longo dos anos. Esta necessidade surge

[1] “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”

justamente do reconhecimento do valor educativo presente nessas práticas, desenvolvidas em diferentes contextos, como o do lazer e, as possibilidades de mudanças atitudinais perante a relação criada entre o meio ambiente e o ser humano (MARINHO; SCHWARTZ, 2005). Diante da gama de opções de conteúdos temáticos que podem ser explorados no ambiente escolar, especificamente nas aulas de Educação Física, as atividades de aventura podem ser consideradas pertencentes ao universo da cultura corporal de movimento e ser aplicadas em diferentes níveis de ensino, sob diferentes enfoques, promovendo estímulos variados e contribuindo assim, para o desenvolvimento de maneira integral do aluno (TAHARA; DARIDO, 2016).

Um documento importante que permeia o cenário educacional atual, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, reconhece estas atividades como práticas corporais de aventura no contexto escolar, a serem trabalhadas como um dos conteúdos da disciplina Educação Física. Este documento teve sua primeira versão disponibilizada para consulta pública no ano de 2015 e atualmente encontra-se na terceira edição. Nele, as práticas corporais de aventura são abordadas como atividades que despertam e instigam o aluno a buscar meios de superar seus limites, de provocação das situações de instabilidade e de exploração de incertezas que são instigantes, devendo ser simuladas e adequadas às condições de cada escola e ao nível de desenvolvimento do aluno. Neste documento, há a previsão destas práticas serem abordadas como um dos conteúdos da Educação Física no terceiro e quarto ciclos do ensino básico, representando assim, os 6º, 7º, 8º e 9º anos escolares, bem como, no quinto ciclo, 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio (BRASIL, 2017).

Na BNCC, estes conteúdos são dispostos de formas diversificadas de acordo com os ciclos da educação. Para o terceiro ciclo, são sugeridas que sejam desenvolvidas como práticas corporais de aventura urbanas, sendo citados, por exemplo, o respeito ao meio ambiente e o reconhecimento da cidade como espaço para estas atividades. No quarto ciclo, são enfatizadas as práticas corporais de aventura na natureza, destacando-se o respeito ao patrimônio natural, por exemplo. Já no quinto ciclo, há o estímulo às práticas corporais de aventura diversificadas (urbanas ou na natureza), porém com foco na autonomia e na criatividade (BRASIL, 2017).

Após a estruturação, elaboração e divulgação da BNCC e esta ter sido disponibilizada, já incluídas as práticas de aventura, algumas propostas começaram a ser desenvolvidas para tematizar pedagogicamente esta prática cultural, como por exemplo, a da criação de unidades didáticas de modalidades específicas, de modo a respaldar as ações do professor no âmbito escolar. Moura e Henriques (2017), por exemplo, focalizam o *parkour* e ressaltam a importância de serem discutidas, planejadas e conhecidas as atividades que serão

desenvolvidas pelos profissionais de Educação Física atuantes na escola, acerca desta modalidade, os autores apontam sugestões que podem auxiliar os professores no desenvolvimento deste conteúdo. Bungenstab et al (2017) trazem a proposta do desenvolvimento deste conteúdo previsto na Base, por meio da elaboração de uma unidade temática mais ampla, e não baseada em uma única modalidade de aventura, na qual sejam vivenciadas diferentes atividades que utilizam o equilíbrio, como habilidade principal, incluindo portanto, modalidades de aventura praticadas na água, terra e ar, como o *slackline*, o surfe e o *skate*.

Estas iniciativas foram provenientes da divulgação da Base no cenário educacional. Todavia, há algum tempo, estes esforços já vinham sendo disseminados na área da Educação Física na tentativa de auxiliar a inserção das atividades de aventura no âmbito escolar e ajudar o professor na construção de aulas cuja temática perpassa a aventura, quer seja ela experimentada na natureza, no meio urbano ou em espaços *indoor.* Pereira e Armbrust (2010), por exemplo, no referido ano, abordaram as atividades de aventura para a escola, com sugestões de vivências que perpassam as três dimensões do conhecimento, conceitual, procedimental e atitudinal. Neste livro, são propostas diferentes atividades, para primeira e segunda infância e também, para a adolescência, incluindo por exemplo, a escalada e a corrida de aventura.

Outros exemplos práticos acerca da inserção das atividades de aventura como propostas no âmbito escolar, podem ser visualizadas na obra de Figueiredo et al (2018), resultante de um trabalho desenvolvido no LEL - Laboratório de Estudos do Lazer da UNESP de Rio Claro. Neste livro, os autores trazem um repertório de atividades, contemplando todas as faixas etárias, explicadas de maneira clara e objetiva, facilitando a apropriação do conteúdo das atividades de aventura para professores e outros públicos. Estas atividades são propostas de forma simulada, ou seja, as atividades de aventura são apresentadas para serem desenvolvidas como jogos ou brincadeiras, com materiais adaptados e até reciclados. Um exemplo pode ser o Fuga Ball, jogo adaptado do *Paintball*, com a utilização de caixas de papelão, pneus, bancos, cadeiras, almofadas grandes ou cunhas de espuma. Outro, é o Esqui na Grama, adaptado do Esqui *Cross-Country* à realidade brasileira e, portanto, feito na grama ou quadra, para o qual podem ser desenvolvidos esquis de garrafas PET e bastões de cabo de vassoura, por exemplo (SILVA; RODRIGUES; BELINI, 2018).

Ainda que estas iniciativas possam servir de base para a atuação dos professores durante o desenvolvimento destas atividades ou práticas corporais de aventura, as dificuldades de aplicação deste conteúdo como possibilidade pedagógica no contexto escolar, ainda persistem como barreiras, relatadas por muitos profissionais de Educação Física, tendo em vista este ser ainda um conteúdo inovador e instigante (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013). Além disso, por vezes, este conteúdo acaba sendo deixado de lado

principalmente pela justificativa da ausência de materiais adequados à prática, por exemplo, ainda que se reconheçam os diversos benefícios que podem propiciar aos alunos, bem como, as possibilidades de adaptação destas atividades.

Direcionamentos importantes como estes podem contribuir para que estas práticas no contexto escolar sejam cada vez mais requisitadas como aliados benéficos no processo educacional e ao ensino da cultura corporal do movimento. As conquistas da Educação Física escolar muito contribuíram para que ela passasse a ser vista não apenas como uma disciplina que desenvolve os aspectos físicos do aluno, mas que também se preocupa com a cultura corporal, na qual, podem ser utilizadas diferentes estratégias, como por exemplo, as atividades de aventura.

A partir delas, muito além dos benefícios físicos e fisiológicos, o aluno poderá compreender a realidade que o rodeia, se colocar em situações de instabilidade temporária desafiadora, o que pode contribuir para sua capacidade de resolução de problemas, além de construir uma visão crítica sobre a natureza e sobre o meio ambiente. A disseminação dessas práticas pode ainda, favorecer a identificação de aspectos importantes relacionados aos valores éticos e morais, permitir a compreensão dos motivos pelos quais essas atividades começaram a ser praticadas em um contexto histórico, cultural e porque devem ser agora incorporadas no contexto escolar, promovendo inclusive uma conscientização do meio ambiente e novas possibilidades de escolhas conscientes, de uma prática benéfica e prazerosa no cotidiano para além do escolar.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base (BNC) . Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Ministério da Educação, 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>.Acesso em 15 out. 2018.

BUNGENSTAB, G. C. et al. Educação Física no ensino médio: possibilidades de ensino das práticas corporais (de aventura). **Revista Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 21, n. 3, p. 29-40, 2017.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Orgs.) **Educação física na escola:** implicações para a prática pedagógica. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

FIGUEIREDO, J. P.; et al (Orgs). **Atividades de Aventura:** vivências para diferentes faixas etárias. São Paulo: Editora Supimpa, 2018.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de formação RBCE**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 10-21, 2010.

MARINHO, A.; SCHWARTZ, G. M. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. **Lecturas: Educación Física y Deportes,** Buenos Aires, v. 10, n. 88, p. 1-8, 2005.

MOURA, D. L.; HENRIQUES, I. A. D. Saltando na escola: uma proposta de unidade didática de parkour nas aulas de Educação Física. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 31-44, 2018.

PEREIRA D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da Aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí: Fontoura, 2010.

ROCHA, M. A. B., et al. As teorias curriculares nas produções acerca da educação física escolar: uma revisão sistemática. **Currículo sem Fronteiras**, [S.I.], v. 15, n. 1, p. 178-194, 2015.

SILVA. R. L.; RODRIGUES, N. H.; BELINI, B. Atividades de aventura para crianças: fase II – 6 a 11 anos. In: FIGUEIREDO. J. P. et al. (Orgs). **Atividades de aventura:** vivências para diferentes faixas etárias. São Paulo: Supimpa, 2018. p. 34-45.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivos de ciências do esporte**, Uberaba, v. 1, n. 1, p. 60-66, 2013.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola. **Conexões,** Campinas, v. 14, n. 2, p. 113-136, 2016.

# CAPÍTULO 15

## A PRÁTICA DO SLACKLINE NA EXTENSÃO DA UFRN

Priscilla Pinto Costa da Silva[1]

Italo Fonseca de Oliveira[1]

João Leandro de Melo Araújo[1]

Elmir Henrique Silva Andrade[1]

[1]Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN.

PROEX - UFRN

**INTRODUÇÃO**

A prática do slackline possibilita uma amplitude pedagógica no que diz respeito às novas formas de ensino, aprendizagem e avaliação (PEREIRA, 2013). Além disso, Santos e Marinho (2014) apontam que o slackline pode ser também uma prática no contexto do lazer e da aventura, pois exige concentração e auxilia no desenvolvimento da consciência corporal, autoconhecimento e autosuperação, isso porque a prática é caracterizada por elementos como a incerteza e o desafio enfrentado a cada vivência dessa atividade.

Estudos (KELLER et al., 2012; SCHÄRLI et al. 2013; DONATH, et al. 2016) apontam a importância do slackline para a o desenvolvimento do controle postural em crianças, adultos e idosos, pois a superfície instável ou de conflito sensorial estimula as condições de se manter em equilíbrio, e também para a estabilidade articular do joelho, o que pode ser induzido pelo fortalecimento muscular de membros inferiores (GRANACHER, et al. 2010; PFUSTERSCHMIED et al. 2013).

A Educação Física em sua amplitude de conhecimento, permite reestruturar os parâmetros tradicionais e pensar novos caminhos educacionais provenientes dos contextos sociais, culturais e da saúde frente a uma nova realidade. Além disso, o Colégio Americano de Medicina do Esporte (2011) aponta a importância da prática de atividade física regular e orientada como forma de redução do sedentarismo, melhora na qualidade de vida, bem-estar, sentimento de energia e função cognitiva.

Referente ao contexto da educação física escolar, as práticas corporais de aventura ganham destaque, uma vez que estas foram inseridas na Base Nacional Comum Curricular como conteúdo do

componente curricular da educação Física a partir do 6º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio (BRASIL, 2016). Desta forma, a experiência da extensão para os estagiários, alunos dos cursos de educação física, torna-se relevante por vivenciar experiências no campo de atuação profissional, em que será organizado todo o processo de planejamento, ação e avaliação da prática.

Diante deste cenário, questiona-se: Como articular a universidade com a sociedade? Como transformar contexto sociais em espaços favoráveis as experiências no campo da Educação Física, por meio da extensão de forma indissociável? Entender que a extensão universitária, não limita a um trabalho fora do ambiente universitário ou apenas por oferecer serviços de assistência a população, mas como um universo de possibilidade acadêmica, a qual favorece a articulação da aprendizagem, produção e aplicação a prática, em benefício ao desenvolvimento de uma comunidade. A partir da relação dialética entre a universidade e a comunidade, a troca de saberes contribui para experiências da realidade, em que os saberes acadêmicos de forma sistematizada, sejam aplicados com base e justificativas discutidas nas áreas de ensino e pesquisa.

Acredita-se que extensão universitária apresenta uma parcela importante para a melhoria de comunidades, concomitante a possibilidade de ações pedagógicas de professores e alunos. O fórum de Pró-reitores das Universidades Públicas Brasileiras em 1987, apontou que a universidade consiste no “processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e a sociedade”. Assim, a indissociação da pesquisa, ensino e extensão, possibilita a produção de saberes sistematizados, a acadêmicos e também populares que resultam a realidade crítica de uma sociedade, por meio da articulação universidade e comunidade. O objetivo desse estudo é relatar sobre a extensão universitária Slackline: um equilíbrio entre a aventura e a emoção.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A extensão Slackline: um equilíbrio entre a aventura e a emoção, funciona desde o primeiro semestre de 2017, tendo como público alvo estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a comunidade da cidade do Natal. As práticas são realizadas no Departamento de Educação Física da UFRN, com frequência de duas vezes por semana. As aulas são planejadas e executadas, no contexto do lazer, por alunos bolsistas e voluntários de diferentes cursos de graduação, mas principalmente do curso de educação física.

Os relatos aqui a serem apontados consiste desde o planejamento da proposta da extensão de slackline até o desenvolvimento das práticas e as formas de avaliação, referente aos anos de 2017 até outubro de 2018.

**ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DA EXTENSÃO**

O projeto foi organizado para atender a comunidade universitária e externa a UFRN, de forma que pudesse inserir os alunos do curso de educação física a ter aproximações e vivências com o slackline, visto que as práticas corporais de aventura estavam sendo trabalhadas de forma limitada no curso de educação física. Além disso, os projetos no contexto do lazer oferecidos pelo DEF não contemplava as atividades de aventura. Foi realizado a seleção de alunos do curso de educação física que tinham interesse em ser extensionistas, sendo bolsistas e voluntários. Após a seleção, houve um encontro com os professores colaboradores do projeto, alunos extensionistas e grupos de praticantes de slackline da cidade do Natal para estreitar relações com grupos já existentes, e também para conhecer mais sobre essa prática.

A partir da participação junto aos grupos de praticantes, foi realizada uma roda de conversa sobre a prática do slackline em Natal. Após, um dos integrantes de um dos grupos participantes desenvolveu uma oficina de montagem do equipamento, formas de segurança e gerenciamento de risco. Com base nas orientações introdutórias, iniciou-se reuniões de estudos e planejamento sobre o contexto histórico e noções para a iniciação da prática, afim de desenvolver estratégias metodológicas para o ensino da prática do slackline, de forma lúdica e cooperativa.

Estudos como Pereira (2013), Venâncio et al. (2014), Santos e Marinho (2014), realizados em universidades foram relevantes para o desenvolvimento da extensão, pois a partir de relatos sobre a prática do slackline que estava sendo desenvolvidas em outras instituições universitárias, permitiu nortear o início da extensão no Departamento de Educação Física da UFRN. As atividades realizadas nos estudos citados, auxiliaram a traçar novas estratégias de adaptação de exercícios que colaborassem em melhorias de ações, segurança para os praticantes e funcionalidades da prática.

Nos planejamentos foram realizadas atividades como alongamento e exercícios que auxiliassem a iniciação a prática, focando no equilíbrio e na concentração, na fita e no solo. Atividades pedagógicas realizadas na fita e com o auxílio de outros materiais como bola suíça, TRX, bastão, madeira e cano de PVC, foram utilizados para desenvolver a prática. Estes materiais foram importantes para criar exercícios que

auxiliassem a prática do slackline, uma vez que os recursos foram escassos, mas com o interesse e criatividade dos colaboradores foram desenvolvidos exercícios de grande valia.

Aproximadamente um mês após o planejamento inicial, a extensão foi aberta ao público. O slackline era conhecido por muitos dos alunos, mas nunca praticado pela maioria deles. É comum ver fitas montadas nas praias da cidade e em algumas praças. O interesse foi despertado por ser uma prática já aceita na cidade, e pela curiosidade em conhecer uma atividade nova na prática para os participantes.

Com o desenvolvimento da extensão e dos extensionistas foi possível ir aprimorando as atividades relacionadas a prática do slackline, desenvolvendo jogos educativos que colaboram com a aprendizagem de forma lúdica. Concentração, postura e consciência corporal são habilidades a serem trabalhadas e aperfeiçoadas durante as atividades (SANTOS; MARINHO, 2014).

Em aproximadamente um mês da prática do slackline foi possível perceber melhorias na estabilidade postural e no equilíbrio, assim como ressaltado no estudo de Pfusterschmied et al. (2013). A melhoria na força e a estabilidades dos membros inferiores também foram habilidades percebidas nas primeiras sessões da prática. Além disso, foi percebido aspectos relacionados a afetividade, como a integração, altruísmo e socialidade.

Proporcionar diferentes experiências na prática do slackline, desperta o interesse em superar as dificuldades que são encontradas no decorrer da prática. Destaca-se ainda, que os participantes buscam desenvolver novos movimentos afim de conhecer melhor a si mesmo e descobrir novas ações.

**REFERÊNCIAS**

AMERICAN COLLEGE OS SPORTS MEDICICE. Quantity and quality of exercise for developing and maintaining cardiorespiratory, musculoskeletal, and neuromotor fitness in apparently healthy adults: guidance for prescribing exercise. **Medicine & Science in Sport & Exercise,** 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

DONATH, L.; et al. Slackline training and neuromuscular performance in seniors: a randomized controlled trial. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sport**, v. 26, n. 3, p. 275-283, 2016.

GRANACHER, U. et al. Slackline training for balance and Strength promotion. **International Journal of Sports Medicine,** v. 31, n. 10, p. 717-723, 2010.

KELLER, M. et al. Improved postural control after slackline training is accompanied by reduced H-reflexes. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sport**, v. 22, n. 4, p. 471-477, 2012.

PEREIRA, D. Slackline: Vivências acadêmicas na educação física. **Motriviência,** Ano XXV, n. 41, p. 223-233, 2013.

PFUSTERSCHMIED, J. et al. Effects of 4-week slackline training on lower limb joint motion and muscle activation. **Journal of Science and Medicine in Sport,** v. 16, n. 6, p. 562-566, 2013.

SANTOS, P. M.; MARINHO, A. Slackline e educação física: experiências do projeto de extensão "Lazer e Recreação". **Licere,** Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 306-328, 2014.

SCHÄRLI, A. M. et al. Balancing on a slackline: 8-year-old vs. adults. **Frontiers in Psychology,** v. 4, p. 1-11, 2013.

VENÂNCIO, R. S. et al. Slackline e lazer: contribuições para a formação profissional em educação física. **Anais** do XV Congresso de Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, p. 4074-4080, 2014.

# CAPÍTULO 16

## ATIVIDADES DE AVENTURA E SAÚDE

Raiana Lídice Mór Fukushima[16][2]

Elisangela Gisele do Carmo[1][2]

Reisa Cristiane de Paula Venancio[1][2]

[2]LEL – Laboratório de Estudos do Lazer/DEF/IB/UNESP – Rio Claro

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS (OPAS, 2016) e a Organização Mundial de Saúde - OMS (OMS, 2016), saúde não deve ser entendida apenas como a ausência de doença, trata-se de um conceito mais amplo, o qual envolve o completo bem-estar físico, mental e social de um indivíduo. O conceito de saúde é permeado por questões multidimensionais, as quais, podem variar conforme os aspectos social, econômico, político e cultural (OPAS/OMS, 2016).

Dentre as eficazes estratégias utilizadas para promover a saúde, destaca-se a prática regular de atividade física, a qual pode produzir efeitos positivos, como o tratamento não farmacológico de algumas doenças crônicas não-transmissíveis (DCNT) (GRANGEIRO et al., 2018; AGUIAR et al., 2017). Uma revisão sistemática sobre os benefícios da atividade física para a saúde, foi conduzida por Rhodes et al. (2017), na qual se observou que a prática de atividade física, independente da faixa etária, é uma estratégia preventiva primária e secundária no que se refere às DCNT, além disso, pode produzir efeitos altamente significativos para a saúde e, consequentemente, para a melhoria da qualidade de vida. O crescente número de estudos científicos sobre a prática de atividade física e seus possíveis efeitos positivos, tem contribuído para prescrições de atividade física para diferentes populações. Dessa forma, é possível reconhecê-la como um aspecto importante para a promoção de saúde (ROPKE et al., 2017; KLEIN et al., 2018; SCHWARTZ, 2016).

[16] "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”

Dentre as múltiplas possibilidades de prática de atividade física, evidências científicas demonstram que, nas últimas décadas, indivíduos têm optado por atividades de aventura (SHEPHARD, 2013). Observa-se uma tendência da população adulta em se envolver em atividades de aventura, como por exemplo, *mountain bike* (ASHWELL et al., 2012), *trekking* de montanha (BURTSCHER, 2012; WEINBRUCH; NORDBY, 2010), *snowboard* (HUNTER, 2012), *skate* (HUNTER, 2012), surfe (PIKORA; BRAHAM; MILLS, 2012), windsurfe (PIKORA; BRAHAM; MILLS, 2012), paraquedas (HETLAND, 2012), asa delta (REKAND, 2012), escalada (SCHÖFFL, 2012) e esqui (RUEDL, 2013).

Tal tendência despertou o interesse de vários pesquisadores de diversas áreas. Nessa perspectiva, diversos estudos têm elencado os benefícios da prática dessas atividades para inúmeros aspectos relacionados à saúde global. Li et al. (2018), evidenciaram que as atividades de aventura foram eficazes na promoção de atividade física, redução da fadiga relacionada ao câncer, como também, no aumento da auto eficácia e qualidade de vida em sobreviventes de câncer infantil. Amaral e Dias (2008) observaram benefícios do surfe à saúde, por meio das emoções e sensações que o mesmo proporcionou em uma população de surfistas, com a idade entre 8 e 76 anos. Argibas, Aggon e Hackney (2018), em uma investigação com o objetivo de determinar o efeito do *rafting* e do parapente em lipídios séricos em homens sedentários, observaram uma redução significativa na relação LDL/VLDL, os tipos de colesteróis considerados maus.

Schroeder et al. (2016), evidenciaram que a escalada terapêutica não é apenas segura, mas também, pode melhorar a saúde e o bem-estar das articulações em pacientes com o diagnóstico de hemofilia com artropatias avançadas, sem desencadear o consumo excessivo de fatores de coagulação. Siegel et al. (2015) observaram que três meses de escalada, em 15 jovens com idade entre 8 e 16 anos, mostrou-se positiva para o condicionamento físico. Ainda, em uma revisão sistemática sobre os benefícios da escalada em jovens obesos, concluiu-se que a escalada pode representar um fator motivacional para a prática de atividade física, por parte da população jovem obesa, como também, aumentar o gasto energético e o nível de atividade física, melhorando, assim, a aptidão geral dessa população, contribuindo, assim, para a diminuição na incidência e na prevalência da obesidade em jovens (SIEGEL; FRYER, 2015). Com base na investigação de Burr, Montelpare e Shepard (2013), a qual buscou esclarecer se as atividades de aventura têm algum papel na promoção de saúde, observou-se que as atividades de aventura podem estimular a adesão à prática de atividade física e, em consequência, melhorar a saúde mental e física de forma eficaz, quando comparada à prática de atividade física convencional (BURR; MONTELPARE E SHEPARD, 2013).

De acordo com Schwartz (2018), as vivências relacionadas às atividades de aventuras podem ser desenvolvidas em diferentes ambientes, a saber: natural, artificial e virtual. No ambiente natural, as vivências ocorrem em contato direto com a natureza, a qual pode envolver a terra, a água, e o ar. Alguns exemplos são o arvorismo, o *slackline*, o rapel, o *parkour* (terra), o mergulho e o *rafting*, o windsurfe (água), o paraquedismo e o balonismo (ar). Já no ambiente artificial, as vivências ocorrem em praças construídas, ou em espaços internos específicos *(indoor)*, os quais já contam com equipamentos e materiais projetados para cada finalidade. Alguns exemplos são as rampas de *skate,* patins ou bicicletas e as escaladas *indoor.* Por fim, no ambiente virtual, as vivências ocorrem por meio de jogos virtuais, *exergames* e simuladores, como nos jogos: *Kinect Adventures e Kinect Sports*. Tal diversidade pode proporcionar múltiplas vivências e, assim, atingir todas as faixas-etárias. Vale ressaltar que, embora as atividades de aventura tenham se mostrado benéficas para a promoção de saúde em diferentes populações, é de essencial importância consultar um profissional da área da saúde capacitado para orientar com propriedade as diversas possibilidades de vivências.

Os estudos anteriormente elencados fortalecem a associação entre a prática de atividades de aventura e a saúde. Sendo assim, desfrutar adequadamente das atividades de aventura pode ser uma eficaz estratégia aliada para a promoção de saúde e, consequentemente, otimização da qualidade de vida global da população.

**REFERÊNCIAS**

AGIRBAS, O.; AGGON, E.; HACKNEY, A. C. Accute effect of extreme sports on serum lipids. **International Journal of Scientific Study**, Mumbai, v. 6, n. 1, p. 78-81, jul. 2018.

AGUIAR, D.; LEITE, R.; BELMONTE, L.; BELMONTE, L.; LIMA, I. A influência de um programa de promoção de saúde na qualidade de vida de funcionárias do setor administrativo de uma instituição de ensino superior. **Revista de Fisioterapia e Reabilitação**, Palhoça, v.1, n.3, p. 10-18, dez. 2017.

AMARAL, A. V.; DIAS, C. A. G. Da praia para o mar: Motivos à adesão e à prática do surfe. **Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 1-22, dez. 2008.

ASHWELL, Z.; McKAY, M.; BRUBACHER, J.; GAREAU, A. The epidemiology of mountain bike park injuries at the Whistler Bike Park, British Columbia (BC), Canada. **Wilderness & Environmental Medicine**, Amsterdã, v. 23, n. 2, p. 140-145, jun. 2012.

BURR, J. F.; MONTELPARE, W. J.; SHEPARD, R. J. Do adventure sports have a role in health promotion? **Canadian Family Physician**, Ontário, v. 59, n. 12, p. 1311-1313, dez. 2013.

BURTSCHER, M. Climbing the Himalayas more safely. **BMJ Journal**, Londres, v. 13, n. 344, e3778 p. e3778, jun. 2012.

GRANGEIRO, A.; PEREIRA, F.; SILVA, M.; NEVES, S.; CARNEIR, L. Atividade física e cognição para a promoção da saúde de idosos: um relato de experiência no norte do Tocantins. **Capim Dourado**, Palmas, v.1, n.1, p.13-18, jan. 2018.

HETLAND, A.; VITTERSØ, J. The feelings of extreme risk: exploring emotional quality and variability in skydiving and BASE jumping. **Journal of Sport Behaviour**, Mobile, v. 35, n. 2, p. 154-180, jun. 2012.

HUNTER J. The epidemiology of injury in skateboarding. **Medicine and Sport Science**, Basel, v. 58, n. 1, p. 142-157, jul. 2012.

KLEIN, S.K. et al. Qualidade de vida e níveis de atividade física de residentes m estabelecimentos assistenciais terapêuticos no sul do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 5, p. 1521-1530, jul. 2018.

LI, W.; HO, K.; LAM, K.; LAM, H.; CHUI, S.; CHAN, G.; et al. Adventure-based training to promote physical activity and reduce fatigue among childhood cancer survivors: A randomized controlled trial. **International Journal of Nursing Studies**, Amsterdã, v. 83, n. 1, p. 65-78, jul. 2018.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OPAS/OMS apóia governos no objetivo de fortalecer e promover a saúde mental da população. Brasília, 2016. Disponível em:

<https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5263:opas-oms-apoia-governos-no-objetivo-de-fortalecer-e-promover-a-saude-mental-da-populacao&Itemid=839>. Acesso em: 10 out. 2018.

PIKORA, T.J.; BRAHAM, R.; MILLS, C. The epidemiology of injury among surfers, kite surfers and personal watercraft riders: wind and waves. **Medicine and Sport Science**, Basel, v. 58, n. 1, p. 80-97, jul. 2012.

REKAND, T. The epidemiology of injury in hang-gliding and paragliding. **Medicine and Sport Science**, Basel, v. 58, n. 1, p. 44-56, jul. 2012.

ROHDES, R. E.; JANSSEN, I.; BREDIN, S.; WARBURTON, D.; BAUMAN, A. Physical activity: Health impact, prevalence, correlates and interventions. **Psychology & Health**, Londres, v. 32, n. 9, p. 942-975, ago. 2017.

ROPKE, L. M. et al. Efeito da atividade física na qualidade do sono e qualidade de vida: revisão sistematizada. **Archives of Health Investigation**, Araçatuba, v. 6, n. 12, p. 561-566, dez. 2017.
RUEDL, G.; BAUER, R.; PFANNER, M.; REIN, F.; BURTSCHER, M.; BENEDETTO, K. Causes and risk factors of injuries during winter sport holidays. **German Journal of Sports Medicine**, Augsburg, v. 64, n. 2, p. 52-56, dez. 2013.

SCHÖFFL, V.; MORRISON, A.; SCHÖFFL, I.; KÜPPER, T. The epidemiology of injury in mountaineering, rock and ice climbing. **Medicine and Sport Science**, Basel, v. 58, n. 1, p. 17-43, jul. 2012.

SHEPHARD, R. J. The developing understanding of health and fitness. 7. The Victorian era. **The Health & Fitness Journal of Canada**, Vancouver, v. 6, n. 3, p. 3-83, dez. 2013.

SCHROEDER, C.; KALLENBACH, F.; VOLLAND, L.; BARNES, R.; MORAN, C.; GEYER, C. et al. “Hemophilia vertical”: Effects of therapeutic rock climbing on joint health in hemophilia patients with severe arthropathies. **Blood Journals**, Washington, v. 128, n. 22, p. 4754-4754, dez. 2016.

SCHWARTZ, G. M. Atividades de Aventura: Criatividade, valores, interfaces e possibilidades de vivências. In: FIGUEIREDO, J. P.; DIAS, V. K.; SILVA, R. L.; SCHWARTZ, G. M. (Org.). **Atividades de aventura:** Vivências para diferentes faixas-etárias. São Paulo: Supimpa, 2018. p. 10-21.

SCHWARTZ, G. M. et al. Estratégias de participação da mulher nos esportes de aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 156-162. jun. 2016.

SIEGEL, S. R.; FRYER, S. M. Rock climbing for promoting physical activity in youth. **American Journal of Lifestyle Medicine**, Thousand Oaks, v. 11, n. 3, p. 243-251, jun. 2015.

SIEGEL, S. R.; ROBINSON, J. M.; JOHNSTON, S. A.; LINDLEY, M. R.; PFEIFFER, K. A. Health-related fitness and energy expenditure in recreational youth rock climbers 8-16 years of age. **International Journal of Exercise Science**, Bowling Green, v. 8, n. 2, p. 174-183, abr. 2015.

WEINBRUCH, S.; NORDBY, K. Fatal accidents among elite mountaineers: a historical perspective from the European alps. **High Altitude Medicine & Biology**, Seattle, v. 11, n. 2, p. 147–51, jun. 2010.

# CAPÍTULO 17

## GÊNERO E EMPODERAMENTO FEMININO NO ÂMBITO DAS ATIVIDADES DE AVENTURA

Renata Laudares Silva[17,2]

José Pedro Scarpel Pacheco[2]

Elisangela Gisele do Carmo[2]

Raiana Lídice Mor Fukushima[2]

[2]LEL – Laboratório de Estudos do lazer, DEF/IB/UNESP-Rio Claro, São Paulo, Brasil

A presença da mulher nos diversos contextos da sociedade, como na política, na educação, nas artes, na cultura, e também no esporte, não se deu de maneira tranquila, necessitando um grande empenho, para ter sua voz garantida na sociedade e, há trinta anos, a população feminina tem seus direitos garantidos por meio da Constituição Federal de 1988 (MIRANDA, 2018). No Brasil, em uma trajetória evolutiva, a presença efetiva da mulher no âmbito dos esportes, de maneira geral, pode ser comprovada nas Olimpíadas realizadas em 2016, na cidade do Rio de Janeiro. Silva et al. (2017) relatam que esta edição foi intitulada, pelas diferentes mídias que cobriam o evento, como “Olimpíada das mulheres”. Os autores citam dados expressivos da representatividade feminina neste evento, chegando próximo à meta estipulada na Agenda 2020, pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), que é cinquenta por cento de mulheres atletas. No entanto, a desigualdade de oportunidades entre os gêneros no âmbito esportivo ainda é uma realidade (ALTMANN et al., 2018; ANJOS, et al., 2018).

Quando se focaliza, em específico, a presença feminina nas atividades de aventura, quer sejam elas vivenciadas em ambientes naturais, artificiais ou virtuais (SCHWARTZ, 2018), nota-se a participação crescente da mulher, no entanto, estas ainda precisam superar barreiras que as restringem de vivenciar, de maneira completa, estas experiências (SCHWARTZ et al., 2013; SCHWARTZ et al., 2016). Humberstone (2000) enfatiza, em seu estudo, que uma dessas

[17]O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

barreiras está centrada na desigualdade entre os gêneros, em que a masculinidade hegemônica está presente nas atividades esportivas, sobretudo nas atividades de aventura, legitimando o poder de dominância dos homens e justificando as formas de subordinação sobre as mulheres. A hegemonia masculina enfatiza atributos menos favorecidos à mulher, como a incapacidade ou a falta de qualidades físicas para lidar com situações extremas, como afirma ROCHE (2013).

Outra barreira apontada por Gray (2016) e Jordan (2018) faz relação aos cargos de gestão no contexto das atividades de aventura, os quais são massivamente ocupados pelos homens. Para as autoras, as mulheres se sentem sub-representadas, invisíveis e menos valorizadas, por ocuparem cargos inferiores ou de menos prestígio. Segundo as autoras essa problemática está intimamente relacionada aos aspectos culturais e sociais, os quais ainda fazem perpetuar as desigualdades entre os gêneros.

No entanto, alguns autores evidenciam que as experiências ao ar livre podem proporcionar ferramentas para superar essas barreiras. De acordo com Humberstone (2000), as desigualdades entre os gêneros podem ser trabalhadas e minimizadas por meio do método intitulado pela mesma como *outdoor education*, devido aos valores e objetivos únicos presentes nessa metodologia. Trata-se de um conjunto de técnicas de educação ao ar livre, as quais, dentre outras finalidades, possuem estratégias para minimizar as diferenças de gênero. Geralmente, este método acontece em ambientes naturais, sendo que não suscita implicações importantes apenas para os participantes, mas também, para qualquer análise feita por terceiros (HUMBERSTONE, 2000). Segundo a autora, a educação ao ar livre é uma manifestação das vivências no âmbito do lazer, em seu conteúdo cultural, mesmo tendo propósitos educacionais específicos, tais como o desenvolvimento pessoal, social e a formação em gestão.

De acordo com Smith (2016), a partir dessas experiências, pode vir a ocorrer a quebra da hegemonia masculina, a qual pode ser responsável pela restrição da participação da mulher nos esportes tradicionais, de aventura e nas atividades do contexto do lazer, permitindo, em consequência, uma possibilidade de empoderamento da mulher. Ainda, por meio das atividades de aventura, é possível trabalhar a questão da liderança, a qual poderá auxiliar a mulher a tomar consciência de seus valores, desenvolver a confiança e se autoconstruir de maneira crítica, com segurança emocional. Warren (2016) complementa a autora e enfatiza que as habilidades trabalhadas por meio das atividades vivenciadas ao ar livre, para a população feminina, podem trazer benefícios, pois permitem o despertar para uma pedagogia do sensível, caracterizada pelas experiências pessoais, dinâmicas em grupo, liderança compartilhada, promovendo soluções coletivas.

Nota-se que as transformações que perpassam o universo do empoderamento feminino, como os elementos positivos advindo das vivências e experiências ao ar livre e a aquisição de habilidades e capacidades que as direcionam à maior independência, possibilitam a este público, inclusive, um controle maior sobre suas vidas (SIMARD; LABERGE; DUSSEAULT, 2014; SAMIE et al., 2015). Segundo o estudo de Turner e Maschi (2015), a possibilidade de fazer escolhas

e a autonomia de transformar essas escolhas em ação, adquiridas por intermédio das práticas esportivas em suas inúmeras formas e locais de vivência, fortalecem as mulheres e as tornam perseverantes em suas metas. Essa resistência adquirida, as protegem contra as influências externas negativas e, de posse de um sentimento pessoal fortalecido, se veem seguras para promover mudanças nas estruturas e hierarquias sociais.

Diante do exposto, pode-se enfatizar que as experiências na natureza, sejam elas ativas ou contemplativas, vivenciadas de forma individual ou coletiva, prezando pelo alto rendimento ou buscando diversão, podem vir a atuar como catalisadoras de mudanças atitudinais para a população feminina, no que tange aos aspectos psicológicos, biológicos e sociais. Por fim, há que se salientar que as atividades de aventura, por si só, não podem ser confundidas como paliativos, ou remédios para esses males sociais, os quais afloram da perpetuação de valores incompatíveis com a vida contemporânea, Entretanto, os estudos se multiplicam, avivando o potencial dessas vivências como potencial para o empoderamento feminino, devendo ser valorizadas e difundidas, cada vez mais fortemente, como coadjuvantes para mudanças de atitude na direção da igualdade de oportunidades entre gêneros.

**REFERÊNCIAS**

ALTMANN, H. et al. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-16, 2018.

ANJOS, L. A. et al. Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-16, 2018.

GRAY, T. The "F" word: Feminism in outdoor education. **Journal of Outdoor and Environmental Education**, New York, v. 19, n. 2, p. 25-41, 2016.

HUMBERSTONE, B. The ‘outdoor industry’ as a social and educational phenomena: Gender and outdoor adventure/education, **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, Abingdon, v. 1, n. 1, p. 21-35, 2000.

JORDAN, D. J. **Ongoing Challenges for Women as Outdoor Leaders**. In: GRAY, T.; MITTEN, D. The Palgrave International Handbook of Women and Outdoor Learning. Palgrave Macmillan: Londres, 2018. p. 217-233.

MIRANDA, C. C. **Evolução dos direitos da mulher no Brasil após a Constituição de 1988**. 2018. 40f. Monografia (Especialização em Prática Judiciante) – Escola Superior de Magistratura, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

ROCHE, C. Women Climbers 1850–1900: A Challenge to Male Hegemony? **Sport in History**, Abingdon, v. 33, n. 3, p. 236-259, 2013.

SAMIE, S. F.; JOHNSON, A. J.; HUFFMAN, A. M.; HILLYER, S. J. Voices of empowerment: women from the Global South re/negotiating empowerment and the global sports mentoring programme. **Sport in Society**, Londres, v. 18, n. 8, p. 923-937, 2015.

SCHWARTZ, G. M. **Atividades de Aventura:** criatividade, valores, interfaces e possibilidades de vivências. In: FIGUEIREDO, J. P.; DIAS, V. K.; SILVA, R. L.; SCHWARTZ, G. M. Atividades de aventura: vivências para diferentes faixas etárias. Editora Supimpa: São Paulo, 2018. p. 10-21

SCHWARTZ, G. M. et al. Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina. **Motricidade**, Santa Maria, v. 9, n. 1, p. 57-68, 2013.

SCHWARTZ, G. M. et al. Strategies for the participation of women in adventure sports. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 156-162, 2016.

SILVA, R. L. et al. Corfebol, empoderamento feminino e igualdade de gênero: perspectiva de treinadores do Brasil e de Portugal. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA, SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 10, 15., 2017, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2017. p. 1-2.

SIMARD, S.; LABERGE, S.; DUSSEAULT, M. Empowerment revisited: How social work integrated into a sports programme can make a difference. **Journal of Sport for Development**, Cambridge, v. 2, n. 3, p.1-13, 2014.

SMITH, A. **Feminist outdoor leadership**: Challenging hegemonic masculinity through outdoor education. 2016. Monografia (Bacharel em Artes) – Departamento de Geografia, Universidade de Portland. Disponível em: <https://pdxscholar.library.pdx.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://scholar.google.com.br/&httpsredir=1&article=1285&context=honorstheses>. Acesso em: 08 out. 2018.

TURNER, S. G.; MASCHI, T. M. Feminist and empowerment theory and social work practice. **Journal of Social Work Practice**, Londres, v. 29, n. 2, p. 151-162, 2015.

WARREN, K. **Gender in outdoor studies**. In: HUMBERSTONE, B.; PRINCE, H.; HENDERSON, K. A. Routledge international handbook of outdoor studies. Routledge: Abingdon, 2016. p. 360-368.

# PARTE 4

# DEPOIMENTOS

## 11º ENCONTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFVJM

## 10º CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA

## 4º CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA

## 7 A 10 DE NOVEMBRO DE 2018

## DIAMANTINA - MG

## 4.1. DEPOIMENTOS

I CBAA

Ano: 2006

Local: Balneário Camboriú SC

Organizador(a): Alcyane Marinho

II CBAA

Ano: 2007

Local: Governador Valadares – MG

Organizador(a): Raquel de Magalhães Borges e Maria Terezinha Bertas Vilarino

V CBAA

Ano: 2010

Local: São Bernardo do Campo – SP

Organizador(a): Dimitri Pereira Wuo e Eduardo Tadeu Costa

VI CBAA

Ano: 2011

Local: Pelotas – RS

Organizador(a): Enio Araujo Pereira

VII CBAA e I CIAA

Ano: 2012

Local: Rio Claro – SP

Organizador(a): LEL – Laboratório de Estudos do Lazer

Apresentadora: Viviane Kawano Dias

VIII CBAA e II CIAA

Ano: 2014

Local: Vila Velha – ES

Organizador(a): Danilo Roberto Pereira Santiago, Cristiane Naomi Kawaguti, Marcello Nunes, Murilo Eduardo dos Santos Nazário, Salvador Inácio da Silva

IX CBAA e III CIAA

Ano: 2016

Local: Lavras – MG

Organizador(a): Raoni Machado

# ANAIS

## 11º ENCONTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFVJM

## 10º CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA

## 4º CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA

## 10º EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA

## + 17 CAPÍTULOS SOBRE ATIVIDADES DE AVENTURA DE CONVIDADOS ESPECIAIS

ISBN: 978-65-87625-00-3